

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PRISCILA CAROZA FRASSON COSTA

Os Patamares de Adesão das Escolas à Educação Sexual

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo
2012

PRISCILA CAROZA FRASSON COSTA

Os Patamares de Adesão das Escolas à Educação Sexual

VERSÃO CORRIGIDA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Educação.

Área de concentração: Ensino de Ciências e Matemática

Orientador: Prof. Dr. Alberto Villani

São Paulo
2012

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

377.255 Costa, Priscila Carozza Frasson
C837p Os patamares de adesão das escolas à educação sexual / Priscila Carozza Frasson Costa; orientação Alberto Villani. São Paulo: s.n., 2012.
305 p. ils.; tabs.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Ensino de Ciências e Matemática) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1. Educação sexual 2. Escola pública 3. Avaliação da educação
4. Patamares de adesão 5. I. Villani, Alberto, orient.

Nome: FRASSON-COSTA, Priscila Carozza

Título: Os Patamares de Adesão das Escolas à Educação Sexual

Tese apresentada à Faculdade de Educação
da Universidade de São Paulo para obtenção
do título de Doutor em Educação.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Para meu querido e amado marido Fabiano, por estar comigo nos momentos mais difíceis os quais sequer poderia imaginar viver. Vencemos!

AGRADECIMENTOS

À Deus que é Onipresente e Onisciente.

Quanta ironia do destino...

Tratar de sexualidade sempre foi um tema que me atraiu, acadêmica e pessoalmente, além das questões da saúde sexual e reprodutiva. Então, por surpresa da vida, termino este trabalho de doutoramento, pouco depois de terminar o tratamento de um câncer de mama, que me fez adiar os planos de ser mãe.

Porém, o amor recebido de todos os familiares, mãe Cleuza, pai Valter, irmãs Deborah e Ana Gabriela, sogro Claudionor, sogra Marli, cunhados Claudmar e Luis Gustavo, e em especial de meu marido, Fabiano, me fez forte para que pudesse concluir este trabalho. Agradeço a todos.

Agradeço com muito carinho ao Professor Doutor Alberto Villani, pessoa a qual admiro por sua sabedoria, simplicidade e generosidade, como excelente orientador que foi, me fazendo “quebrar a cabeça” atrás do “tchã” do trabalho, sempre acompanhando seu desenvolvimento. Sobretudo, agradeço por entender minhas razões particulares, com o apoio durante o período de trancamento de matrícula para que pudesse com tranquilidade, realizar o tratamento necessário e obter o pleno restabelecimento da saúde.

Às professoras Doutoradas Vera Paiva e Mirian Albrecht, pelas valiosas contribuições no momento da banca de qualificação. As considerações foram de grande aproveitamento para delinear o trabalho final. Aos membros da banca examinadora pela gentil contribuição.

Aos amigos do Setor de Biologia e do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Norte do Paraná – campus Luiz Meneghel e da Reitoria da Instituição, que fazem parte de minha jornada, agradeço pelos incentivos e pela partilha dos bons e maus momentos. Também agradeço pela liberação parcial que possibilitou a realização deste trabalho.

Aos meus alunos e ex-alunos que participaram das atividades de “Oficina de Sexualidade” e cujos dados constam neste trabalho, agradeço a parceria e o aprendizado compartilhado.

Com carinho lembro de minha ex-orientanda PIBIC, Thais Lemos e agradeço pela dedicação e continuidade das oficinas nas escolas públicas da nossa cidade.

Também à agora formanda, Franciely Paliarin, por ter apostado em outra área inexplorada até então por nós, a Educação Especial frente à Educação Sexual, agradeço por sua coragem em enfrentar os novos desafios.

À Fundação Araucária, pela concessão da bolsa e apoio financeiro durante parte do período do doutorado, que muito auxiliou para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao começar meus estudos,
me agradou tanto o passo inicial,
a simples conscientização dos fatos,
as formas, o poder de movimento,
o menor inseto ou animal,
os sentidos, o dom de ver, o amor
– o passo inicial, torno a dizer,
me assustou tanto,
e me agradou tanto,
que não foi fácil, para mim, passar
e não foi fácil seguir adiante,
pois eu teria querido ficar ali
flanando o tempo todo,
cantando aquilo
em cânticos extasiados.

Walt Whitman

RESUMO

FRASSON-COSTA, P. C. **Os Patamares de Adesão das Escolas à Educação Sexual**. 2012. 305f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

A sexualidade humana desperta interesse, curiosidade e fascínio. Trabalhos sobre avaliação da abordagem da Educação Sexual (ES) no âmbito escolar fornecem informações relevantes para área da sexualidade. Esta tese de doutorado investigou sete escolas da rede pública de Fundamental e Médio de um município do Norte do Paraná; algumas diretoras, professores, pedagogas e alunos; um grupo de licenciandos em Ciências Biológicas de uma Universidade Estadual, no projeto de extensão “Oficinas de Sexualidade”. Os objetivos foram: criar indicadores de adesão à ES, para a compreensão do envolvimento das escolas com a temática; organizar um quadro diagnóstico que apontasse a adesão das escolas à ES; avaliar o comprometimento global das mesmas em relação à problemática da ES. Utilizamos como orientadores na elaboração de indicadores empíricos os Patamares Subjetivos de Aprendizagem de Villani e Barolli (1998; 2000) transformando-os em Patamares de Adesão à ES. São eles: *Rejeição à ES (RES)*, com a recusa da ES; *Adesão Passiva à ES (APES)*, quando a ES não pertence ao currículo escolar; *Adesão Ativa à ES (AAES)*, com o aceite da orientação e prevenção; *Adesão Criativa à ES (ACES)*, com criatividade e objetivo de formação dos alunos para a vivência da sexualidade e o exercício responsável da cidadania. Elaboramos dimensões, subdimensões e categorias, que nos permitiram classificar os relatos dos sujeitos da pesquisa. As categorias de análise corresponderam aos Patamares Fundamentais; a articulação entre as várias classificações nos permitiu delinear o grau de adesão das escolas à ES, e para a classificação final das escolas foram utilizados também Patamares Intermediários, definidos em analogia aos Patamares Intermediários do referencial. Para interpretar os resultados de nossa análise, utilizamos também analogias com as Metas de Realização (MIDGLEY, KAPLAN, MIDDLETON e MAEHR, 1998; BORUCHOVITCH; BZUNECK, 2001), apontando para a motivação da escola para efetuar a ES. Obtivemos um quadro diagnóstico pouco favorável à ES no município, de modo que cinco das sete escolas foram classificadas no *APES* e apenas duas escolas foram classificadas num nível intermediário entre *APES* e *AAES*. Tais resultados, que revelam uma representação social da ES bastante conservadora e com a presença de preconceitos, estão longe do que consideramos ser necessário na ES, com vistas à sexualidade responsável e saudável, que assegure os direitos sexuais e desconstrua a heteronormatividade, conforme inspiração na perspectiva da *Abordagem Emancipatória de ES* (FIGUEIRÓ, 2011; WEREBE, 1982; NUNES, 1996) e no *construccionismo* (WEEKS, 1999; VANCE, 1995; PAIVA, 2000, 2008). Nossas considerações finais apontam que mudanças mais significativas no panorama observado envolveriam intervenções externas ao ambiente escolar, que poderiam acontecer sob a forma de convênios entre a Universidade e a Secretaria de Educação. Estas intervenções serviriam para que os professores capacitados sustentassem mudanças na representação social do fenômeno entre os membros da escola.

Palavras-chave: Educação Sexual. Patamares de Adesão. Comprometimento com a temática.

ABSTRACT

FRASSON-COSTA, P. C. **Adhesion Levels of Sexual Education of the Schools.** 2012. 305f. Ph D. Thesis (Doctor degree) – Faculty of Education, University of São Paulo, São Paulo, 2012.

Human sexuality is object of interest, curiosity and fascination. Works about evaluation of the approaches of Sexual Education (SE) at the schools environment supports important information to sexuality area. This Ph D. thesis research seven schools of the public net of the basic education and high school of one city of the north of Parana; some directors, teachers, educators and students; a group of undergraduates of the biological science of one State University, in the project of extension called “Workshops of Sexuality”. The aim were establish indicators of adhesion of SE, to understand the involvement of the schools with the theme, organize a diagnostic frame that points the adhesion of the schools to SE, to evaluate the total their commitment related to the problematic. We use as guiding to the elaboration of empirical indicators the Subjective Levels of Learning of Villani and Barolli (1998, 2000) transforming them in the Levels of Adhesion to SE. They are: *SE Rejection (SER)*, with the refusal of SE; *Passive Adhesion to SE (PASE)*, when the SE do not belongs of the curriculum of the school; *Active Adhesion to SE (AASE)*, with the acceptance of the orientation and prevention; *Creative Adhesion to SE (CASE)*, with the creativity an aimed the formation of the students to sexuality experience and the responsible exercise of the citizenship. We elaborated dimensions, sub-dimensions and categories that allowed us to classify the reports of the subject of research. The Analyses categories corresponded to the Fundamental Levels; the articulation between the various classifications permitted us to delineate the degree of adhesion of the schools to SE, and to the final classification of the schools also were used Intermediary Levels, defined in analogy to the Intermediary Levels of the referential. To interprets the results, we used the analogies with Realization Goals (MIDGLEY, KAPLAN, MIDDLETON e MAEHR, 1998; BORUCHOVITCH; BZUNECK, 2001), pointing to the motivation of the schools to effect the SE. We obtained a diagnostic frame little favorable to SE in the city, so that five of seven schools were classified in the *PASE* and only two schools were classified in a intermediary level between *PASE* and *AASE*. These results, that reveals a very conservative social representation of SE and with the presence of prejudices, are away of that we consider to be necessary in the SE, to look of responsible and health sexuality, that ensure the sexual rights and deconstructs the heteronormativity, as inspiration in the perspective of *Emancipatory Approach of SE* (FIGUEIRÓ, 2011; WEREBE, 1982; NUNES, 1996) and the *constructionism* (WEEKS, 1999; VANCE, 1995; PAIVA, 2000, 2008). Our final considerations point that more significant changes in the panorama observed would involve external interventions to the school environmental, that could happens as covenants established between the University and Education Secretary. These interventions would serve to that the teachers trained would sustain changes in the social representation of the phenomena among the members of the school.

Key-words: Sexual Education. Adhesion Levels. Theme commitment.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Representação das dimensões, subdimensões e categorias de análise	83
Figura 2 –	Média geral para a percentagem de concordância nas análises por dimensão entre pesquisador e avaliador	88
Figura 3 –	Relações de percentagem de concordância nas análises por dimensão, entre pesquisador e avaliador	88
Figura 4 –	‘Gravidez’ como enfoque na escola	208
Figura 5 –	‘Homossexualidade’ como enfoque na escola	216
Figura 6 –	‘Pedofilia/Prostituição infantil’ como enfoque na escola	223
Figura 7 –	‘Promover ações de Educação Sexual (ES)’ na escola	230
Figura 8 –	‘Promover discussões internas com os professores sobre a temática’ na escola	244
Figura 9 –	‘Promover encontros com os familiares sobre a temática e as oficinas’ na escola	250
Figura 10 –	‘Eventos escolares envolvendo sexualidade’ na escola	255
Figura 11 –	‘Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos na escola	261
Figura 12 –	‘Avaliação externa à escola’	268
Figura 13 –	Panorama geral das escolas investigadas, com as médias finais obtidas ao término das análises	153

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Caracterização das escolas pesquisadas – ano 2010	62
Tabela 2 –	Fonte de dados	66
Tabela 3 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A	89
Tabela 4 –	Médias parciais por agentes da escola e média da avaliação interna da escola A	90
Tabela 5 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação externa da escola A	90
Tabela 6 –	Média final da escola A	91
Tabela 7 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A	278
Tabela 8 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A	278
Tabela 9 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A	278
Tabela 10 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A	279
Tabela 11 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A	279
Tabela 12 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A	279
Tabela 13 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A	280
Tabela 14 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A	280
Tabela 15 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A	280
Tabela 16 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A	281
Tabela 17 –	Indicadores favoráveis e desfavoráveis de adesão por dimensão,	

sintetizados para a escola A	102
Tabela 18 – Média final da escola	281
Tabela 19 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola B	282
Tabela 20 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola B	282
Tabela 21 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola B	282
Tabela 22 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola B	283
Tabela 23 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola B	283
Tabela 24 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola B	283
Tabela 25 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola B	284
Tabela 26 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola B	284
Tabela 27 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola B	284
Tabela 28 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola B	285
Tabela 29 – Indicadores favoráveis e desfavoráveis de adesão por dimensão, sintetizados para a escola B	110
Tabela 30 – Média final da escola	285
Tabela 31 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola C	286
Tabela 32 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola C	286
Tabela 33 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola C	286
Tabela 34 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola C	287

Tabela 35 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola C	287
Tabela 36 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola C	287
Tabela 37 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola C	288
Tabela 38 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola C	288
Tabela 39 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola C	288
Tabela 40 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola C	289
Tabela 41 – Indicadores favoráveis e desfavoráveis de adesão por dimensão, sintetizados para a escola C	117
Tabela 42 – Média final da escola	289
Tabela 43 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola D	290
Tabela 44 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola D	290
Tabela 45 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola D	290
Tabela 46 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola D	291
Tabela 47 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola D	291
Tabela 48 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola D	291
Tabela 49 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola D	292
Tabela 50 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola D	292
Tabela 51 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola D	292

Tabela 52 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola D	293
Tabela 53 – Indicadores favoráveis e desfavoráveis de adesão por dimensão, sintetizados para a escola D	126
Tabela 54 – Média final da escola	293
Tabela 55 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola E	294
Tabela 56 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola E	294
Tabela 57 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola E	294
Tabela 58 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola E	295
Tabela 59 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola E	295
Tabela 60 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola E	295
Tabela 61 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola E	296
Tabela 62 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola E	296
Tabela 63 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola E	296
Tabela 64 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola E	297
Tabela 65 – Indicadores favoráveis e desfavoráveis de adesão por dimensão, sintetizados para a escola E	133
Tabela 66 – Média final da escola	297
Tabela 67 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola F	298
Tabela 68 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola F	298
Tabela 69 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da	

	avaliação interna da escola F	298
Tabela 70 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola F	299
Tabela 71 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola F	299
Tabela 72 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola F	299
Tabela 73 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola F	300
Tabela 74 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola F	300
Tabela 75 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola F	300
Tabela 76 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola F	301
Tabela 77 –	Indicadores favoráveis e desfavoráveis de adesão por dimensão, sintetizados para a escola F	141
Tabela 78 –	Média final da escola	301
Tabela 79 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola G	302
Tabela 80 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola G	302
Tabela 81 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola G	302
Tabela 82 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola G	303
Tabela 83 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola G	303
Tabela 84 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola G	303
Tabela 85 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola G	304
Tabela 86 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da	

	avaliação interna da escola G	304
Tabela 87 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola G	304
Tabela 88 –	Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola G	305
Tabela 89 –	Indicadores favoráveis e desfavoráveis de adesão por dimensão, sintetizados para a escola G	150
Tabela 90 –	Média final da escola	305
Tabela 91 –	Indicadores de adesão à Educação Sexual (ES) presentes nas escolas investigadas	155

LISTA DE SIGLAS

Anped	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
APMF	Associação de Pais, Mestres e Funcionários
CEB	Câmara de Educação Básica
Celem	Centro de Línguas Estrangeiras Modernas
CENP	Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas
Consed	Conselho Nacional de Secretários de Educação
DCE	Diretrizes Curriculares Estaduais
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
Feusp	Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
Iapar	Instituto Agrônomo do Paraná
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INEP	Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
ONG	Organização não Governamental
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCNEM	Parâmetros Curriculares do Ensino Médio
PDE	Programa de Desenvolvimento Educacional
Pibic	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PPP	Projeto Político Pedagógico
SEED	Secretaria de Estado da Educação
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UENP	Universidade Estadual do Norte do Paraná
Undime	União dos Dirigentes Municipais de Educação
UNDP	United Nations Development Programme
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
Unicef	United Nations Children's Fund
Unioeste	Universidade do Oeste do Paraná

Unipar Universidade Paranaense
USP Universidade de São Paulo

LISTA PRÓPRIA DE SIGLAS

AA	Aprendizagem Ativa
AAA	Além da Aprendizagem Ativa
AAAES	Além da Adesão Ativa à Educação Sexual
AAES	Adesão Ativa à Educação Sexual
ACES	Adesão Criativa à Educação Sexual
AOES	Adesão Oscilante à Educação Sexual
APES	Adesão Passiva à Educação Sexual
AR	Aceitação do Risco
DP	Demanda Passiva
DED	Departamento da Diversidade
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
ES	Educação Sexual
GTPOS	Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual
I	Indecisão
IES	Indecisão à Educação Sexual
PC	Pesquisa Criativa
RES	Rejeição à Educação Sexual
RJ	Rejeição Direta
WAS	World Association for Sexology

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	22
1.1	Apresentação.....	22
1.2	A Sexualidade como foco de Pesquisa na Escola e Alguns Estudos que Relacionam a Avaliação sobre a Temática	28
1.3	Objetos, Problemas, Objetivos e Hipótese de Pesquisa.....	35
1.3.1	Objetos de Pesquisa.....	35
1.3.2	Problemas de Pesquisa.....	36
1.3.3	Objetivos da Pesquisa.....	36
1.3.4	Hipótese de Pesquisa.....	36
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	38
2.1	A Educação Sexual (ES) nas Escolas Brasileiras e os Documentos Oficiais.....	38
2.1.1	Alguns Marcos da Educação Sexual (ES) nas Escolas Brasileiras	38
2.1.2	Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).....	41
2.1.3	As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN).....	44
2.1.4	As Diretrizes Curriculares Estaduais (DCE).....	46
2.1.5	Educação Sexual (ES): o Papel da Escola e do Educador.....	48
2.1.6	A Educação Sexual (ES) e a Formação Inicial.....	52
2.1.7	Pesquisas que Envolveram a Temática da Sexualidade em Escolas.....	55
3	O CAMPO DE PESQUISA.....	62
3.1	As Escolas Pesquisadas.....	62
3.2	População Pesquisada e Ambientes Institucionais.....	63
3.3	A Construção das “Oficinas de Sexualidade”.....	66
3.4	Descrição dos Monitores e as Entrevistas.....	67
3.5	Expectativas dos Licenciandos.....	69
3.6	Dados Fornecidos pelos Licenciandos.....	70
4	REFERENCIAL TEÓRICO PARA A ANÁLISE DOS DADOS.....	72
5	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	81

5.1	Análise dos Dados – Procedimento.....	84
5.2	Construção do Esquema para a Organização dos Dados.....	91
6	CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA PESQUISADAS.....	93
6.1	Caracterização da Escola A.....	93
6.1.1	Descrição da Escola.....	93
6.1.2	Categorização da Escola.....	94
6.1.3	A Escola e a Adesão à Educação Sexual (ES).....	103
6.2	Caracterização da Escola B.....	104
6.2.1	Descrição da Escola.....	104
6.2.2	Categorização da Escola.....	105
6.2.3	A Escola e a Adesão à Educação Sexual (ES)	111
6.3	Caracterização da Escola C.....	112
6.3.1	Descrição da Escola.....	112
6.3.2	Categorização da Escola.....	112
6.3.3	A Escola e a Adesão à Educação Sexual (ES).....	118
6.4	Caracterização da Escola D.....	119
6.4.1	Descrição da Escola.....	119
6.4.2	Categorização da Escola.....	120
6.4.3	A Escola e a Adesão à Educação Sexual (ES).....	127
6.5	Caracterização da Escola E.....	128
6.5.1	Descrição da Escola.....	128
6.5.2	Categorização da Escola.....	129
6.5.3	A Escola e a Adesão à Educação Sexual (ES).....	134
6.6	Caracterização da Escola F.....	135
6.6.1	Descrição da Escola.....	135
6.6.2	Categorização da Escola.....	136
6.6.3	A Escola e a Adesão à Educação Sexual (ES).....	141
6.7	Caracterização da Escola G.....	142
6.7.1	Descrição da Escola.....	142
6.7.2	Categorização da Escola.....	144
6.7.3	A Escola e a Adesão à Educação Sexual (ES).....	152
7	SÍNTESE DA AVALIAÇÃO DAS ESCOLAS	

	INVESTIGADAS E AS POSSIBILIDADES DE TRABALHAR A EDUCAÇÃO SEXUAL (ES).....	153
7.1	Panorama Geral das Escolas Investigadas.....	153
7.2	Avaliação da Adesão das Escolas e os Níveis de Comprometimento com a Educação Sexual (ES).....	154
7.3	As Possibilidades de Trabalhar a Educação Sexual (ES) nas Escolas Investigadas.....	166
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	171
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	176
	APÊNDICES	194
APÊNDICE A	Roteiro Semiestruturado para as Entrevistas com os Professores das Escolas.....	195
APÊNDICE B	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	196
APÊNDICE C	Questionário Aplicado aos Professores das Escolas Investigadas..	197
APÊNDICE D	Apreciação do Comitê de Ética na Pesquisa.....	199
APÊNDICE E	Roteiro para as Oficinas.....	200
APÊNDICE F	Entrevista com as Alunas que Tiveram Experiência de Gravidez na Adolescência.....	206
APÊNDICE G	Indicadores de Adesão e Categorização dos Dados, a partir das Análises dos Participantes das Escolas de Educação Básica.....	207
APÊNDICE H	Lista de Tabelas Relacionadas à Escola A.....	278
APÊNDICE I	Lista de Tabelas Relacionadas à Escola B.....	282
APÊNDICE J	Lista de Tabelas Relacionadas à Escola C.....	286
APÊNDICE K	Lista de Tabelas Relacionadas à Escola D.....	290
APÊNDICE L	Lista de Tabelas Relacionadas à Escola E.....	294
APÊNDICE M	Lista de Tabelas Relacionadas à Escola F.....	298
APÊNDICE N	Lista de Tabelas Relacionadas à Escola G.....	302

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

Meu interesse pela área da Educação surgiu desde pequena, porque me lembro que uma das brincadeiras de que mais gostava era “escolinha” e ao brincar com as crianças da rua e com minha irmã do meio (a outra irmã só veio tempos depois), eu sempre queria ser a professora para escrever no quadro de giz, passar atividades e tarefas “aos meus alunos”.

Acredito que a admiração que tinha pela profissão também se devia ao fato de ser a profissão dos meus pais, professores de Ensino Fundamental e Médio, hoje já aposentados. Então, desde cedo vivi a rotina de ver minha mãe, sempre muito dedicada, preparar aulas, corrigir provas, participar dos eventos promovidos pela escola em que trabalhava, além dos comentários em casa entre meus pais sobre os outros professores, os alunos, a escola em si. Aquilo me fascinava e eu sentia que um dia também seria professora, embora minha mãe me aconselhasse a não ser professora de Ensino Básico, porque “sofria muito”. Se quisesse ser professora universitária, isso poderia...

Sempre fui muito determinada em minhas escolhas. Acredito que a determinação também veio em partes, pela cobrança que havia de meus pais por ser a primeira filha, por ter que dar exemplos, por ter que ser responsável e não decepcionar. Até os meus 13 anos éramos somente eu e minha irmã do meio, três anos mais nova, e então veio outra irmã, novidade que abalou um pouco as estruturas de casa, em termos financeiros e porque não havia esta expectativa; afinal, meus pais já estavam com mais de 40 anos. Para mim foi um fato inusitado, que causou muita emoção e espanto, porque ingenuamente, não acreditava que meus pais faziam sexo!

Com relação às conversas sobre sexo e sobre a orientação para a sexualidade que tive em casa, lembro-me que com oito ou nove anos, minha mãe apresentou um livro que contava muito didaticamente como era o corpo dos homens, das mulheres, como os bebês eram feitos, como nasciam etc. Depois que fiz a leitura, vieram as explicações sobre menstruação, sobre as modificações que meninos e meninas passam ao longo da vida, como forma de preparar para uma vida saudável. Contudo, não posso deixar de ressaltar que havia uma formação católica que orientava minha família, e mesmo com as noções sobre vida saudável que minha mãe passou, ficava explícito que os relacionamentos sexuais deveriam

acontecer depois do casamento. Na medida em que ficamos maiores e que começamos a sair, havia as recomendações sobre os “bons comportamentos”, porque moças direitas não deveriam ficar expostas com rapazes.

Assim, minha adolescência começou com as responsabilidades em auxiliar no cuidado das minhas irmãs. Meu pai sempre insistiu muito comigo de que eu deveria ser o exemplo para as minhas irmãs, que não deveria fazer nada de errado, que deveria ser estudiosa e até “dar conselhos” sobre alguma situação a qual ele próprio gostaria de alertar, mas não conseguia. Isso acontece até hoje.

Minha formação básica foi feita em escolas particulares e durante todo o período do Ensino Fundamental tive ensino religioso, porque estudei numa escola de freiras, assim como os dois primeiros anos do Ensino Médio em colégio de irmãos, que consolidavam as orientações católicas. Aos 16 anos mudei-me para Londrina-PR, que fica a 500 km de distância de minha cidade natal – Toledo-PR, pois era a cidade que teria mais recursos a oferecer, tendo em vista o sonho de entrar na Universidade Estadual de Londrina, a UEL.

Na 3ª série do Ensino Médio decidi-me por prestar Biologia. Pensava sobre isto desde o 1º ano do Ensino Médio, porque adorava meu professor de Biologia e gostava do conteúdo de Genética, então pensava que pudesse ser geneticista. Meus pais me apoiaram com a perspectiva de que eu me tornasse uma pesquisadora e não professora. Mas a vontade de ser professora falou mais alto e foi o que determinou minha escolha final.

No início de 1996, comecei a cursar Ciências Biológicas integral na UEL, onde fiz estágio na área de Genética no começo da graduação, seguindo meu desejo inicial; porém, a inclinação para a licenciatura se manifestou com maior intensidade no terceiro ano do curso, embora ainda oscilasse na crença de que deveria me tornar uma pesquisadora. Foi assim que no ano de 1998 participei de um projeto de extensão em que trabalhamos numa escola de periferia em Londrina-PR, levando orientações sobre higiene pessoal para crianças de 1ª a 4ª série. Este projeto foi um dos mais significativos para mim, embora gostasse de outras áreas da Biologia. Para experimentar o que seria um instituto tecnológico de pesquisa aplicada, fiz a monografia de bacharelado na área da Microbiologia, desenvolvendo a parte prática no Instituto Agrônomo do Paraná – Iapar, já pensando em fazer um mestrado relacionado.

No ano de 2002, voltei para casa dos meus pais e me inscrevi no Núcleo Regional de Ensino de Toledo, onde então fui contratada como professora temporária para lecionar Ciências no Ensino Fundamental e Biologia no Ensino Médio, assumindo algumas turmas em escolas públicas.

Essas aulas representaram o primeiro contato como profissional com os alunos nas escolas, e ao lembrar das orientações estudadas na graduação sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e o eixos transversais, comecei a perceber que a temática da sexualidade despertava o interesse dos alunos. A mim também chamou a atenção o comportamento da moçada sempre voltado para alguma questão da sexualidade: paqueras, piadinhas, comentários, namoros, meninas grávidas, além do fato de que eu tinha 22 anos e era solteira.

A partir deste momento, entendi definitivamente que queria ser professora e a idealização era trabalhar no Ensino Superior. No meio do ano de 2002, passei em um teste seletivo para lecionar a disciplina de Bioquímica na Universidade do Oeste do Paraná – Unioeste, em Cascavel-PR. Na Universidade estava lecionando para alunos de diversos cursos que tinham minha idade ou eram até mais velhos e as paqueras aconteciam naturalmente, mas para mim, mantinha a separação entre professor e aluno, até porque não gostaria da ideia de comentários incômodos caso viesse a me relacionar afetivamente com um aluno.

Decidi estudar aspectos mais científicos da sexualidade em 2002-2003, quando optei por fazer a monografia final de um curso de especialização *Lato Sensu* em Ciências Físicas, Químicas e Biológicas na Universidade Paranaense – Unipar, com a temática da Educação Sexual (ES). Foi o primeiro contato com a literatura científica e já me instigava a compreensão dos fenômenos da sexualidade no ambiente escolar.

No ano de 2003, fui aprovada no teste da então Fundação Faculdades Luiz Meneghel e que desde 2006 pertence à Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP, localizada em Bandeirantes, Norte do Paraná. Desta forma, na Universidade que é *multicampi*, trabalho com os alunos do período noturno da graduação em licenciatura e bacharelado do curso de Ciências Biológicas na disciplina de Metodologia e Prática de Ensino de Biologia – estágio supervisionado no Ensino Médio.

No ano de 2004, iniciei a pós-graduação *Stricto Sensu* em nível de mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência e o Ensino de Matemática da Universidade Estadual de Maringá (UEM) em Maringá-PR. Já na apresentação do projeto no momento da seleção, manifestei meu interesse em continuar com a temática da sexualidade. Em minha pesquisa realizada sob a orientação da Prof^a Dr^a Luzia Marta Bellini, foi utilizada a teoria da argumentação de Breton para fazer análises de livros didáticos de Biologia do ensino médio quanto às figuras de linguagem que apareciam nos textos sobre AIDS/HIV.

Verificou-se um movimento do discurso científico ao pedagógico nos livros didáticos, que faz com que a linguagem didática dos textos analisados, em parte, permaneça

com argumentos não científicos, comprometendo a informação e a negociação dos sentidos com os alunos. A comunicação fica comprometida pelo excesso de hipérboles que aparecem nos textos dos livros, exprimindo uma morte fatal por um simples ser; pelo excesso de sinédoques que tratam os vírus como uma única categoria de organismo e que aponta um deles, o HIV, como voraz. Tive uma identificação com o tema HIV, porque como percebi em uma rápida entrevista com alunos de escolas públicas do Ensino Médio, o HIV ainda causava medo nas pessoas, o medo também expresso implicitamente por meio das figuras de linguagem nos livros didáticos.

O tema da AIDS estava muito presente para mim, pois no final da década de 80, um amigo da família faleceu, supostamente em função da Síndrome. A história foi abafada, pois tudo indicava que o rapaz era homossexual, fato nunca revelado, já que o preconceito era acentuadíssimo e eu era muito criança para entender qualquer coisa. Contribuiu também para que este episódio não fosse revelado pela família (que tinha forte e atuante participação católica) o fato da cidade ser pequena, de modo que a confirmação das suspeitas poderia trazer exposições e comentários maldosos.

Por tudo isso, ouviam-se críticas quanto às manifestações exacerbadas heterossexuais, sobre as homossexuais ouvia a condenação extrema e a repressão das pessoas as quais convivia na família, no bairro e na escola. Assim, eu também tinha uma visão preconceituosa da homossexualidade, porque reproduzia os padrões aceitos do que seria um relacionamento afetivo saudável e normal. Naquela época, eu não tinha a compreensão sobre atitudes diferentes, pois não era permitido conversar sobre este assunto.

No ano de 2006, comecei a lecionar em uma escola particular de Ensino Médio, que utiliza um dos prédios da UENP – *campus* Luiz Meneghel (CLM). Com estes alunos tive muita proximidade, pois tinham praticamente a mesma idade de minha irmã mais nova e eu podia compreendê-los em suas preocupações, anseios e manifestações da sexualidade dentro da sala de aula e nos corredores. Já com estes alunos, fiz algumas orientações sobre ES, porém foram poucas, uma vez que permaneci pouco tempo na escola.

No ano de 2008, fui aprovada no doutorado *Stricto Sensu*, no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – USP. Do projeto inicial para a tese de doutorado houve modificações, promovidas pelas leituras e discussões com meu orientador, Prof. Dr. Alberto Villani e pelas exposições ao grupo de pesquisa.

Ao ingressar no doutorado, já pretendia trabalhar com os estagiários da Prática de Ensino nas escolas públicas do município em que resido, porém não estava muito definido qual seria o enfoque. Contudo, era de meu interesse perceber como a temática da sexualidade

seria abordada nos ambientes institucionais, pois eu tinha mudado minhas concepções fechadas e proibitivas, que caracterizaram minha formação, e tinha percebido a flexibilização dos comportamentos entre os mais jovens; assim acreditava que a escola não poderia exercer sua função social sustentando padrões estabelecidos e rígidos no campo da sexualidade, cerceando a liberdade de escolha de cada um.

Minha mudança envolveu a percepção de que para a vivência saudável da sexualidade deveria haver a responsabilidade, quando obtive a compreensão do que significou a perda dos jovens que morreram de AIDS na década de 80 e das amigas da escola que engravidaram aos 16 anos. Entendi que deveria compreender os sentimentos e aflições dos homossexuais, vendo-os como seres humanos como todos os outros heterossexuais, quando amigos próximos assumiram suas orientações e promoveram a aceitação. Esta compreensão aconteceu depois da maior aproximação com a literatura sobre sexualidade, gênero e diversidade sexual, e então meus direcionamentos pessoais e profissionais se encaminharam no auxílio dos jovens a tomar medidas de prevenção, para serem satisfeitos em suas escolhas.

Como docente, tenho procurado incitar reflexões com meus alunos da graduação em sala de aula e na orientação/supervisão de estágio, insistindo para que sempre que tenham oportunidade em suas aulas, tratem dos temas transversais nas turmas de estágio, favorecendo a abordagem da Educação Sexual (ES), Educação Ambiental (EA), Ética e Temas de Saúde. Paralelamente, tenho desenvolvido projetos de extensão com meus alunos da graduação na área da sexualidade, sendo que as escolas de Ensino Fundamental I e II sempre procuram apoio para a realização de palestras ou para a intervenção mais pontual.

O ano de 2010, foi especialmente dedicado para minhas reflexões sobre a importância da temática sexualidade na formação inicial. Minha motivação e desejo de que podia fazer algo que intervisse na rotina das escolas para auxiliá-las frente suas dificuldades em lidar com o tema, fez com que motivasse também alguns de meus alunos licenciandos em formação.

A forma que encontrei para dar destaque a este tema com meus alunos foi em forma de projeto de extensão, associado a encontros regulares com discussões, que por vezes foram gravados em áudio ou vídeo, para perceber as opiniões deles, investigando suas origens, seus comportamentos e atitudes, além de levar conhecimentos em forma de artigos como complemento. O projeto de extensão proposto consistia em executar dez sessões de oficinas sobre sexualidade nas sete escolas escolhidas, de modo que os licenciandos foram designados aleatoriamente aos pares, para atuar nas escolas alvo. Desde o início do projeto, fiz exposições orais aos alunos, para apontar os objetivos das oficinas, rever conhecimentos

biológicos e conhecimentos científicos relevantes para a área específica da sexualidade e para o ensino de Ciências.

Antes de visitar as escolas, realizei uma prévia de cada oficina na Universidade, para orientar os licenciandos monitores e sanar dúvidas. Procurei acompanhá-los nas oficinas que aconteciam de segunda à quinta-feira, nos períodos matutino e vespertino, sempre no contraturno às aulas regulares dos alunos das escolas de Ensino Fundamental e Médio.

Para enaltecer e aproximar da realidade a temática em pauta, foi adquirido um kit didático com modelos e álbuns seriados, além de quadros imantados e bonecos, bem como os materiais produzidos pelos próprios alunos, sobretudo as apresentações em slides, para auxiliar nos temas biológicos aplicados, como aparelhos reprodutivos, o corpo feminino e masculino e seu funcionamento fisiológico reprodutivo, menstruação/gravidez/parto, métodos contraceptivos, Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), HIV/AIDS. Os alunos em formação gostaram de manusear os materiais, assim como os alunos das escolas, que apreciaram as novidades didáticas.

Como pesquisadora, nestas escolas em que inseri os licenciandos, já havia feito um levantamento prévio das concepções dos professores e percebido que o cenário era mais para o conservador. Desta forma, busquei avaliar qual seria o nível de adesão das mesmas à ES, levantando os aspectos que acenavam para o maior ou menor comprometimento das escolas com o tema, na expectativa do compromisso pessoal e profissional como cidadã.

Muitos frutos de minha caminhada científica na área do ensino de Ciências aconteceram no decorrer da elaboração da tese, até o presente, como bolsa de iniciação científica Pibic¹, publicações em eventos científicos, orientação de Trabalhos de Conclusão de Curso de graduação e pós-graduação *Lato Sensu* na Universidade.

É motivo de satisfação realizar a orientação de professoras da rede pública de ensino do Estado do Paraná, que participam do denominado Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE², pois aproximo a área de pesquisa em Educação e Sexualidade aos professores da Educação Básica, para que possam aplicar os conhecimentos científicos nas escolas em que atuam e promover mudanças. Também na formação continuada ofereço orientação com a temática em um curso de especialização do Centro de Ciências Biológicas ao qual pertencço.

¹ Pibic – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

² PDE - Política pública de formação continuada aos professores da rede básica de ensino, oferecido pela Secretaria de Educação para professores que já tem de oito a dez anos de serviço e que serve para elevar o nível no plano de carreira.

Assim, após todo o percurso com as leituras, as discussões e concordando com os autores que serão citados no presente trabalho de doutorado, a maior motivação para esta tese partiu do que é considerado como desejável ao desenvolvimento da ES para a Educação Básica, do que é considerado como papel da escola e seu comprometimento frente à temática, bem como na preocupação em relacionar a sexualidade com a cidadania, privilegiando-a no contexto escolar.

A seguir serão apresentadas noções introdutórias, reforçadas no decorrer do trabalho, sobre as condições desejáveis para a discussão e inserção da temática na escola.

1.2 A Sexualidade como Foco de Pesquisa na Escola e Alguns Estudos que Relacionam a Avaliação sobre a Temática

A sexualidade humana é um assunto que desperta interesse, curiosidade e fascínio. Ninguém é capaz de se desvencilhar das questões que envolvem a sexualidade, porque ela faz parte do ciclo vital, seja para vivência dos prazeres que proporciona, seja para reprodução da espécie, no sentido mais biológico, ou ainda, para compor a história dos indivíduos nas diferentes culturas, imersos nos significados e contextos socialmente construídos.

Conforme escreveu Louro (2000), a sexualidade não se restringe à genitalidade, mas envolve aspectos psicossociais que renovam constantemente a vida, sendo singular em cada indivíduo. Por isso, discutir sexualidade implica em incitar debates na sociedade, envolvendo as identidades, práticas sexuais e diversos tipos de conceitos, demandando atenção especial.

Sabemos que a partir do século XIX, a sexualidade humana tornou-se objeto de estudos de diferentes áreas do saber, e inúmeros conhecimentos foram e vêm sendo produzidos (e reproduzidos) nas instituições, na família, na escola, modelando-nos e definindo-nos como sujeitos no dia a dia das relações sociais (CAMARGO; RIBEIRO, 2003).

Sendo a escola o foco de pesquisa, essa instituição que é totalmente envolvida com as formas culturais e sociais de viver e constituir identidades sociais e sexuais, o grande desafio é assumir os embates e divergências de opinião implicados nas vivências cotidianas e que têm relação com os princípios pessoais de cada um.

Para alguns educadores, promover a discussão e a reflexão sobre o assunto faz-se necessária na rotina da sala de aula e é encarada com atitudes positivas, pois são capazes de

tratar com naturalidade as questões levantadas, tendo em vista a promoção do respeito e da solidariedade (GTPOS, 2008).

Para outros educadores, a omissão sobre a temática, com a recusa de intervir, usando-se de subterfúgios como “o assunto não era um ponto previsto para a aula de hoje”, ou “não era um tema para ser discutido ali” ou usar o conflito entre dois alunos para caracterizar indisciplina e excluí-los da sala “encerrando” assim o assunto, são episódios já vivenciados nas escolas, conforme escreveu Furlani (2009).

A mesma autora, ainda, aponta que a opção em não discutir as sexualidades e os gêneros pode ser apoiada pela “providencial” inexistência da temática nos currículos escolares (que justificaria sua recusa nas discussões e o conveniente apego aos conteúdos curriculares propostos). Ou ainda poderia estar favorecida pela ausência da temática nos seus cursos de formação (o que se somaria à admitida dificuldade pessoal com o assunto). (FURLANI, 2009).

Contudo, as necessidades de saber sobre sexualidade, sexo, gênero e diversidade sexual, expressas pelos alunos de Ensino Fundamental e Médio, pertinentes à fase da adolescência e juventude que se encontram, fazem com que manifestem a vontade de falar sobre o assunto e se as oportunidades de diálogo são tolhidas pelos professores, diretores e equipe pedagógica da escola, tais atos acabam sendo percebidos pelos jovens como forma de intransigência pedagógica ou como reflexo do despreparo docente para trabalhar os temas relacionados.

A escola precisa vencer as barreiras que ainda impedem que a temática seja abordada com liberdade para discutir valores, sentimentos e atitudes, sem repressão, controle ou incoerência com o atual momento histórico (FIGUEIRÓ, 2006). Os professores precisam acolher e auxiliar os alunos a refletir e a tomar decisões sobre sua sexualidade, pois todas as questões que envolvem o tema estão relacionadas a si mesmo e aos outros. Sendo assim, não há como pensar em educação sem pensar nas marcas impressas nas pessoas pelo espaço cultural e sem incluir, nos projetos e práticas pedagógicas, as temáticas do corpo, gênero e sexualidade humana (ROCHA, 2009).

Projetos e práticas pedagógicas fazem parte de intervenções, atividades e programas de ES em escolas. Vários teóricos (MELO, 2001; 2004; NUNES, 1996; PIRES, 2003; POLETTI, 2010; RAIÇA; FERNANDEZ, 1985; RIBEIRO, 1990; RIECHELMANN, 1993; WEREBE, 1982 apud FIGUEIRÓ, 2011) têm aderido à *Dimensão Emancipatória da Educação Sexual* que vincula a temática ao compromisso político, cunhada primeiramente pela autora Goldberg (1988) apud Figueiró (2011). Esta abordagem não somente leva em

conta as múltiplas dimensões das intervenções pedagógicas como também procura situar o educando no contexto amplo de seu meio social presente, propiciando questionamentos filosóficos e ideológicos, com vistas a aproveitar e ampliar o registro de suas competências para se realizar e poder atuar como um ser humano completo e lúcido (WEREBE, 1982).

Contudo, como escreveu o autor Ribeiro (2004), por mais que encontremos exemplos adequados e inadequados de propostas que relacionem à temática, não há regras ou propostas prontas aplicáveis a todas as situações. Compreendendo a dinâmica do processo educativo, cada educador deverá encontrar formas próprias e criativas de expressão, desde que se mantenha suficientemente aberto às questões da vida e da sexualidade.

Este autor comunga das opiniões de outros autores (GOLDBERG, 1988; FAGUNDES, 1992; CAVALCANTI, 1993; TIBA, 1994; VITIELLO, 1995; FIGUEIRÓ, 1997; PINTO, 1999 apud RIBEIRO, 2004), no sentido de que partindo do planejamento de um programa de Orientação Sexual (OS), primeiramente deve haver aceitação e colaboração de todos agentes educativos que atuam com o grupo que irá participar do programa, assim como antes de haver a implementação do mesmo em uma escola, devem-se desenvolver debates e discussões com todos os envolvidos: diretores, professores, técnicos, funcionários, com consulta aos pais dos jovens, para promover a integração família-escola.

Complementa a autora Werebe (1998) que a ES informal que se realiza no âmbito da família tem uma importância particular sobre o desenvolvimento da criança e a formação de grande parte de suas ideias sobre a família, sobre o amor e a sexualidade. Porém, nem sempre os pais oferecem aos filhos informações sobre a sexualidade, seja porque não possuem conhecimentos para fazê-lo, seja porque se sentem constrangidos para tratar do assunto. E é aí que a escola desempenha um papel importante na ES dos alunos independente das intervenções formais que possa oferecer neste campo. Esta ação se dá a começar pela aceitação ou não da co-educação.

A escola estará cumprindo com seu papel social, quando adere à ES, não sendo omissa à responsabilidade de esclarecer, orientar, informar e formar a sexualidade dos alunos (LORENCINI JÚNIOR, 1997), mesmo não tendo programas ou atividades específicas, mas podendo contar com professores que tenham habilidade e compromisso constante no dia a dia escolar para tratar dos temas e problemas relacionados à sexualidade.

A presença de indicadores que avaliam ou qualificam a existência de trabalhos de educação e saúde voltados à sexualidade/prevenção/inclusão nas escolas tem sido feita por meio de instrumentos criados por órgãos federais, para obter estatísticas ou levar à construção

de documentos e materiais que ofereçam auxílio ao desenvolvimento de ações que privilegiem a temática em questão.

O Censo Escolar é um levantamento de dados estatístico-educacionais de âmbito nacional, coordenado pelo INEP/MEC³ para obter informações da Educação Básica referentes aos estabelecimentos, matrículas, funções docentes, movimento e rendimento escolar. O objetivo posterior à obtenção dos dados de todas as escolas públicas e privadas do país é efetuar o planejamento do sistema educacional do Brasil, com a definição e monitoramento das políticas públicas para a promoção da qualidade do ensino (BRASIL, 2012).

No ano de 2004, o INEP/MEC com o apoio da UNDP⁴, Ação Educativa, Consed⁵, Undime⁶ e Unicef⁷ elaboraram um material instrumental voltado aos gestores escolares nominado de “Indicadores da Qualidade na Educação”, para ajudar a comunidade escolar a avaliar e melhorar a qualidade da escola. O intuito seria fazer com que a escola ao compreender seus pontos fortes e fracos, tenha condições de intervir para melhorar sua qualidade segundo seus próprios critérios e prioridades (BRASIL, 2004).

Foram criadas *dimensões* a serem consideradas para promover a reflexão de sua qualidade e viabilizar a proposta de avaliação em questão no interior das escolas. Para avaliar as dimensões foram criados alguns sinalizadores de qualidade relacionando importantes aspectos da realidade escolar denominados de *indicadores*. Como metodologia, o material apresenta orientações em forma de perguntas a serem respondidas por participantes da comunidade escolar organizados em grupos que ficariam encarregados de uma dimensão para promover o debate. Haveria um coordenador que ficaria responsável por atentar às questões, buscando chegar a consensos sobre a situação da escola em relação aos indicadores e um relator, que seria encarregado de tomar nota e expor na plenária o resultado da discussão do grupo.

Na dimensão “Prática pedagógica e avaliação”, uma das seis dimensões indicadas pelo material, foram relacionadas a sexualidade e o namoro como temáticas importantes para o processo educativo de adolescentes e jovens, assim como foi pontuada a preocupação com os homossexuais.

A recomendação do instrumento é de que seja utilizado periodicamente, estabelecendo um processo de acompanhamento dos resultados das avaliações, dos limites e

³ INEP – Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. MEC – Ministério da Educação.

⁴ UNDP – United Nations Development Programme.

⁵ Consed – Conselho Nacional de Secretários de Educação.

⁶ Undime – União dos Dirigentes Municipais de Educação.

⁷ Unicef – United Nations Children’s Fund.

das dificuldades encontradas na implementação dos planos de ação da escola, na perspectiva de melhorias que resultariam do esforço coletivo (BRASIL, 2004).

No ano de 2009, o IBGE⁸ em parceria com o Ministério da Saúde e o Ministério de Educação, realizou a denominada Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (Pense), com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre a saúde desta população, gerando evidências para orientar ações de promoção da saúde, revelando assim, hábitos, costumes e riscos vividos pelos estudantes das capitais brasileiras. O enfoque foi nos adolescentes da faixa etária de 13 a 15 anos, estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental de 1.473 escolas públicas e particulares das capitais e do Distrito Federal, que responderam entre outras questões sobre saúde, família, uso de álcool e drogas, algumas relacionadas ao comportamento sexual.

A pesquisa abrangeu 60.973 estudantes e desta amostra, verificou-se que 30,5% já tiveram relação sexual, sendo 43,7% do sexo masculino e 18,7% do sexo feminino. A pesquisa também apontou que embora a maioria (87,5% dos alunos da rede pública e 89,4% da rede privada) tivesse informações sobre AIDS ou outras DST, 24,1% dos estudantes não havia usado preservativo na última relação sexual. Quanto à orientação para prevenção da gravidez, a pesquisa revelou que 82,1% dos alunos de escolas privadas foram atingidos e 81,1% das escolas públicas. A pesquisa ainda revelou que 71,4% e 65,4% dos alunos receberam informações sobre a aquisição gratuita de preservativos, respectivamente, nas escolas públicas e privadas.

A conclusão da pesquisa foi de que o tema tem sido abordado nas escolas, podendo contribuir para a mudança de comportamentos relacionados à sexualidade e torna-se necessário enfatizar ações de promoção da saúde sexual voltadas aos adolescentes, visando minimizar vulnerabilidades (IBGE, 2009).

O documento da Unesco⁹ intitulado “Avaliação das ações de prevenção às DST/AIDS e uso indevido de drogas nas escolas de Ensino Fundamental e Médio em capitais brasileiras” escrito por Rua e Abramovay (2001) apresentaram os resultados da avaliação de algumas das ações do programa brasileiro de prevenção às DST/AIDS, vigentes no cenário brasileiro naquele momento. Tal pesquisa foi realizada em 14 capitais de Estados brasileiros, representativos das regiões geográficas e com diferentes níveis de desenvolvimento econômico e social.

Para a realização da pesquisa foi utilizada a perspectiva da “avaliação de produto”, cuja definição pautou-se em obter instrumentos para a tomada de novas decisões

⁸ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

⁹ Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

e/ou prestar contas das ações desenvolvidas. Foram envolvidos diretores, professores e membros das equipes pedagógicas das 340 escolas pesquisadas, que descreveram os processos adotados na implementação das ações de prevenção de DST/AIDS e de uso indevido de drogas. Também foram analisados os resultados das ações implementadas, com a referência das manifestações dos alunos e pais, além de terem explorado os impactos das ações realizadas sobre os alunos e seus pais.

Como instrumentos para a coleta de dados foram utilizados questionários fechados para alunos, pais e professores; entrevistas em grupos focais com alunos, pais e professores; entrevistas individuais abertas com diretores de escolas, e roteiros de observação das escolas pesquisadas. Foram utilizados dados do Censo Escolar de 1998 para compor o universo dos estabelecimentos de ensino nas capitais onde foi realizada a pesquisa, de modo que foram respondidos questionários por 16.619 alunos, 4.532 pais e 3.055 professores.

Sobre os encaminhamentos resultantes da pesquisa, em primeiro lugar, acerca das críticas, foi levado a efeito um amplo e diversificado leque de ações envolvendo diretores, orientadores educacionais, coordenadores de ensino, professores, pais e alunos. Quanto às ações, tiveram destaque atividades de prevenção de DST e uso indevido de drogas no âmbito da rede oficial de ensino, durante o período de 1994 a 1998, as quais foram desenvolvidas em dez estados selecionados mediante critérios epidemiológicos. Também foram desenvolvidos projetos de fomento, objetivando a formação de professores e alunos como agentes multiplicadores via ensino presencial.

Em segundo lugar, verificou-se que as ações efetuadas exibem efetivo impacto sobre os alunos e pais. No que se refere aos alunos, foi possível constatar que a exposição às ações de prevenção e a intensidade da exposição produzem significativos impactos, especialmente na esfera dos comportamentos e atitudes. Isso ocorre principalmente entre os alunos com vida sexual ativa (entre 31% e 50% dos alunos, conforme as capitais), mas também quando são focalizados os alunos que ainda não iniciaram a vida sexual.

Quanto aos pais, foram constatados aspectos relevantes sobre a disposição para conversar e orientar os filhos sobre os temas da sexualidade, DST/AIDS e uso indevido de drogas e para que usem o preservativo nas relações sexuais. Quanto aos professores, constatou-se a ocorrência de impacto das ações de capacitação sobre a suficiência da sua informação acerca dos temas ligados à sexualidade e à saúde sexual e reprodutiva.

Como conclusão final, o documento aponta para a direção de que as escolas representam uma via privilegiada para os esforços de prevenção de DST/AIDS e de uso indevido de drogas. Tais direcionamentos devem-se pela percepção de que no espaço escolar,

por um lado, os jovens se reúnem, estabelecem e compartilham códigos de comportamento, iniciam namoros e desenvolvem relacionamentos amorosos. Por outro lado, é onde recebem informação, onde podem contar com a possibilidade de tratamento esclarecido e sem preconceitos de temas delicados como a sexualidade, onde podem expressar suas dúvidas com menor constrangimento em espaços coletivos (RUA; ABRAMOVAY, 2001).

No ano de 2004, as autoras Castro, Abramovay e Silva apresentaram os resultados de uma pesquisa em parceria com a Unesco, visando contribuir para o debate sobre as relações existentes entre sexualidade e juventude na escola. O estudo apresentou as percepções de alunos, professores e pais, com enfoque sobre a visão do jovem e suas motivações, códigos de conduta, ideário e perspectivas sobre os seguintes temas: iniciação sexual, *ficar* e namorar, virgindade, afetividade, fidelidade, gravidez, métodos contraceptivos, abortamento, conversas sobre sexualidade, violência sexual, preconceitos e homofobias. O objetivo foi perceber como os pais, professores e jovens vivenciavam a sexualidade e a afetividade.

O estudo envolveu crianças, adolescentes e jovens, perfazendo um total de 16.422 alunos de 11.442 escolas de Ensino Fundamental e Médio em 13 capitais brasileiras e no Distrito Federal. Assim como os alunos, os pais e os professores participaram da pesquisa ao responder a questionários, formar grupos focais para a coleta dos dados, fornecer entrevistas individuais e estarem propensos às observações *in loco*.

Os resultados encontrados indicaram que em falas juvenis, a sexualidade se entrelaça tanto com a afetividade, quanto com a sociabilidade e relações sociais de distintas ordens. Nos discursos de pais e professores verificou-se com mais intensidade os receios, as preocupações e os cuidados. Marcas de gênero foram enfatizadas, não só quanto a percepções e vivências e constituição de individualidades no feminino e no masculino, quanto a alguns diferenciais de situações vividas, como o início da vida sexual e práticas de prevenção. Quanto à iniciação sexual verificou-se que há fronteiras amplas por gênero, de modo que entre os dez a 14 anos chega-se a altos índices de diferenciais: cerca de 4% até 70% mais meninos começaram sua vida sexual antes que as meninas, com diferentes variações nas distintas capitais.

Contudo, não foram notadas diferenças significativas por sexo: quando foi perguntado sobre o uso de métodos contraceptivos, observaram-se os valores extremos registrados entre as cidades estudadas. Tanto entre rapazes como entre moças, mais de 82% declararam utilizar algum método para evitar gravidez, e entre 60% e 81% declararam usar ou solicitar ao parceiro que use camisinha. A prevenção pelo recurso do preservativo também

apresentou nuances que merecem alerta sobre tal prática ou não-prática. Pelos resultados obtidos, o uso da camisinha quando se realiza o ato sexual com uma pessoa desconhecida foi muito mais baixo entre as jovens, o que também poderia estar indicando que fosse menos comum tal situação entre as meninas (5% a 15% – enquanto entre os rapazes variou entre 22% e 40%). Entretanto, mais que os diferenciais por gênero, houve a preocupação que também entre os rapazes fossem encontrados tais percentuais.

Também a preocupação com a recorrência ao aborto, possivelmente em situações de vulnerabilidade negativa pela sua criminalização, foi pontuada nos dados coletados, uma vez que foram percebidas altas taxas entre as alunas e as namoradas dos alunos. Na pesquisa, ressaltou-se a preocupação com a vigência de posturas discriminatórias e expressões de preconceitos, particularmente contra os homossexuais. Teve destaque o índice de diferenciais por gênero, quando foi feita a pergunta para investigar se havia concordância com a afirmativa de que a homossexualidade seria uma doença: pela amostragem percebeu-se que os meninos, mais que as meninas, concordaram com essa afirmação.

Por fim, as conclusões foram de que em muitos temas, alunos, professores e pais se acerbam, como em relação a posições sobre o aborto – com maior aceitação dos casos previstos por lei; relativizando a valorização da virgindade; considerando que os jovens têm amplo conhecimento sobre métodos contraceptivos; que a gravidez juvenil prejudica o bom desenvolvimento dos jovens e sua qualidade de vida, em particular o desempenho e continuidade na escola. Os pais mostraram a tendência em serem mais “conservadores” que os professores, e estes a serem mais “progressistas” do que os alunos, ainda que tais juízos sejam, em si, relativos, pois pedem referências, como se frisou, à diversidade regional de situações e à influência de gênero, entre outras identidades (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004).

Todos esses trabalhos nos incentivaram a focalizar as escolas com as quais temos contato profissional, para verificar as possibilidades de elaborar um diagnóstico mais aprofundado, que envolvesse não somente entrevistas, mas também as respostas das mesmas às iniciativas no campo da ES. A seguir, apresentamos os objetos, problemas, objetivos e hipótese de pesquisa que perseguimos para compor o trabalho.

1.3 Objetos, Problemas, Objetivos e Hipótese de Pesquisa

1.3.1 Objetos de Pesquisa

Para a pesquisa de doutorado, os objetos de estudo foram:

- a) sete escolas da rede pública de Ensino Fundamental e Médio de um município do Norte do Paraná;
- b) algumas diretoras, professoras, coordenadoras pedagógicas e alunos das escolas alvo, no intuito de coletar informações e opiniões pessoais acerca da temática da sexualidade;
- c) um grupo de licenciandos em formação no curso noturno de licenciatura e bacharelado em Ciências Biológicas, que participou de um projeto de extensão nominado “Oficinas de Sexualidade”, composto por dez oficinas temáticas que foram desenvolvidas com os alunos das escolas investigadas nesta pesquisa, para contribuir com a inserção do tema sexualidade no cotidiano das escolas.

1.3.2 Problemas de Pesquisa

Ao chegarmos às escolas para fazer a sondagem com a utilização de entrevistas e perceber o posicionamento de cada uma sobre a temática da sexualidade, lançamos mão de algumas questões orientadoras que nos conduziram aos problemas de pesquisa:

- 1- Qual é o comprometimento das escolas com as várias dimensões da Educação Sexual (ES)?
- 2- Qual é a adesão das escolas à temática da Educação Sexual (ES)?

A partir destas perguntas, pudemos consolidar o trabalho de pesquisa que buscou avaliar e qualificar as escolas investigadas, com relação ao interesse, comprometimento, adesão e motivação das mesmas para a temática da sexualidade.

1.3.3 Objetivos da Pesquisa

Por meio desta pesquisa, tivemos como objetivos:

- criar indicadores empíricos de adesão das escolas, a partir das categorias *a priori* de análise, para a compreensão do envolvimento das escolas com a temática;

- organizar um quadro diagnóstico das sete escolas públicas investigadas do município escolhido, que relacione a adesão das mesmas à Educação Sexual (ES);
- avaliar os níveis de comprometimento das escolas em relação à problemática da Educação Sexual (ES);
- apontar algumas possibilidades de trabalhar a Educação sexual (ES) nas escolas investigadas.

1.3.4 Hipótese de Pesquisa

Consideramos ser possível encontrar indicadores de comprometimento das escolas públicas de Educação Básica para cada dimensão referentes à Educação Sexual (ES) e delinear um quadro avaliativo de sua adesão ao tema.

CAPÍTULO 2 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 A Educação Sexual (ES) nas Escolas Brasileiras e os Documentos Oficiais

2.1.1 Alguns Marcos da Educação Sexual (ES) nas Escolas Brasileiras

A preocupação com a Educação Sexual¹⁰ (ES) nas escolas brasileiras foi verificada desde as primeiras décadas do século passado. Profissionais como médicos, intelectuais e professores, em meados dos anos de 1920 e 1930, já estavam atentos para tais questões no cenário educacional brasileiro, ainda no século XX. No ano de 1933, foi fundado no Rio de Janeiro o Círculo Brasileiro de Educação Sexual (CBES) que produziu um *Boletim*, desde o ano de sua criação até o ano de 1939 (VIDAL, 2002).

Desde o final do século XIX, contrariamente ao que foi habituado a pensar sobre o discurso pedagógico, acerca da ocultação sobre o sexo e as práticas sexuais, tais temas já configuravam as discussões entre médicos e educadores que defendiam a necessidade da educação para a higiene sexual dos jovens. Também foi constatada a existência dos debates entre aqueles que defendiam uma ES baseada em preceitos morais e outros que defendiam uma ES que explicasse cientificamente sobre as funções fisiológicas, com ideias positivistas (CÉSAR, 2008). Sendo assim, os saberes da ciência e da psicologia eram mobilizados para que as crianças e os jovens pudessem ser informados sobre sentimentos, reações endócrino-fisiológicas e, principalmente, sobre o futuro e os procedimentos sexuais para uma vida adulta plena e saudável.

Nas instâncias do Círculo Brasileiro de ES havia a disseminação das ideias sobre sexualidade que faziam parte do contexto da Europa e dos Estados Unidos no período entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. As preocupações mais relevantes

¹⁰ Utilizaremos ao longo de nosso trabalho o termo *Educação Sexual* conforme a definição de Ribeiro (1990, p. 2-3 apud RIBEIRO, 2004, p. 16), com o conceito de que esta abordagem da educação se refere aos processos culturais contínuos, desde o nascimento que, de uma forma ou de outra, direcionam os indivíduos para diferentes atitudes e comportamentos ligados à manifestação de sua sexualidade. Esta educação é dada indiscriminadamente na família, na escola, no bairro, com amigos, pela televisão, pelos jornais, pelas revistas. É a própria evolução da sociedade determinando os padrões sexuais de cada época e, conseqüentemente, a ES que será levada ao indivíduo. O outro termo cunhado pelo autor é a *Orientação Sexual*, que se refere a uma intervenção institucionalizada, sistematizada, organizada e localizada, com a participação de profissionais treinados para este trabalho. Sobre o termo *Orientação Sexual*, preferimos não adotá-lo como distinto do termo *Educação Sexual*, mas agregamos suas definições ao primeiro, já que na realidade das escolas nem sempre haverá profissionais treinados para lidar com as questões da sexualidade e, ainda sim, poderão executar ações efetivas e sistematizadas que contribuirão para a formação dos jovens neste âmbito.

diziam respeito à higiene, aos cuidados com o próprio corpo e do eugenismo. O conceito de eugenismo pode ser atribuído às preocupações com a descendência, a raça e a transmissão das características indesejáveis, que produziria indivíduos inferiores, enfraquecendo toda população. Nessa perspectiva, o eugenismo era o saber que dava suporte ao “novo racismo” que supostamente tinha as suas bases na ciência (CÉSAR, 2009a).

A maior parte dos intelectuais que defendiam a ES da juventude tinha por pressuposto ambos os saberes da época, o higienismo e o eugenismo, embora houvesse filósofos e pedagogos que combatiam o eugenismo e vislumbravam suas terríveis consequências. Complementa o autor Costa (1989 apud RIBEIRO, 2004) sobre a definição da proposta higienista:

A medicina higienista impõe às famílias uma educação física, moral e sexual que será responsável por várias mudanças nos costumes familiares: ... enquanto alterava o perfil sanitário da família, modificou também sua feição social. Contribuiu, junto com outras instâncias sociais, para transformá-la na instituição conjugal e nuclear característica de nossos tempos. Converteu, além do mais, os predicados físicos, psíquicos e sexuais de seus indivíduos em insígnias de classe social. A família nuclear e conjugal [... era] higienicamente tratada e regulada ... (COSTA, 1989, p. 13 apud RIBEIRO, 2004, p. 18).

O importante reformador educacional, Fernando de Azevedo, no ano de 1922, respondeu a um inquérito promovido pelo Instituto de Higiene da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo sobre ES. As ideias defendidas pelo intelectual naquela ocasião davam destaque ao “interesse moral e higiênico do indivíduo” e ao “interesse da raça” (MARQUES, 1994). Neste contexto histórico nascia o interesse da educação nacional pela ES como matéria de ensino nas escolas brasileiras.

Antes do período da ditadura militar, ou seja, entre 1960 a 1963, o Brasil contemplava um momento de renovação pedagógica e o tema da ES retornou aos discursos pedagógicos. Algumas escolas de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte organizaram programas de ES para serem aplicados aos alunos. Nas escolas paulistas destacaram-se as experiências desenvolvidas tanto na *Escola de Aplicação da Universidade de São Paulo* quanto no *Colégio Vocacional* e nos *Colégios Pluricurriculares*. As experiências da década de 1960 foram relatadas em muitos estudos (BARROSO; BRUSCHINI, 1982; GUIMARÃES, 1995 apud RIBEIRO, 2004).

As experiências pedagógicas que relacionavam a ES e todas as outras originadas nas instituições de ensino foram reprimidas e suprimidas, quando teve início a ditadura

militar. Foi então que o interesse crescente pela ES entre os educadores brasileiros levou a deputada federal Júlia Steimbruck a apresentar um projeto de lei no ano de 1968 que propunha a introdução da ES como disciplina obrigatória nas escolas primárias e secundárias do país (WEREBE, 1998). Incidiram sobre o projeto de lei, objeções elaboradas por membros da comissão designada à sua apreciação, com caráter moralista e repressor, compatíveis à própria ditadura militar. No ano de 1965, no começo da era moralista e ditatorial, uma portaria do secretário de Estados dos Negócios da Educação do Estado de São Paulo proibiu professores do Ensino Secundário, em especial os de Biologia e de Sociologia, de exporem nas escolas temas sobre a sexualidade e contracepção (WEREBE, 1998, p. 174).

Como a ditadura pactuou a aliança entre os militares e o majoritário grupo conservador da igreja católica, promovendo um regime de controle e moralização dos costumes, a ES foi banida das discussões pedagógicas por parte do Estado e toda e qualquer iniciativa escolar foi suprimida com rigor. Entretanto, as iniciativas que conseguiram resistir e burlar o controle tornaram-se experiências de resistência, de modo que, nas décadas seguintes, a ES foi tomada como um dos marcos educacionais das lutas pela democratização do país (CÉSAR, 2009b).

No período ditatorial, a ES e os debates sobre gênero ou feminismo apareceram como parte de um projeto de escola e educação que se instaurou nas bases das lutas pela redemocratização do país. Sob a égide dos movimentos sobre os direitos das mulheres, entre as décadas de 1970 e 1980, nas lutas contra a ditadura e durante o processo de redemocratização, as experiências e projetos de ES foram fortemente ligados a intelectuais feministas. Tais iniciativas partiam de uma crítica à hierarquia de gênero que, por sua vez, suprimia os direitos das mulheres de gerirem seus próprios corpos. Entre as principais intelectuais que teorizaram e desenvolveram projetos sobre a ES têm destaque os trabalhos de Carmem Barroso e Cristina Brusquini. Essas autoras, desde o início dos anos de 1970 já realizavam experiências de ES e estudos sobre a condição feminina no Brasil, iniciando uma linha de estudos que se desenvolveu a partir de 1980 (BARROSO; BRUSCHINI, 1982 apud RIBEIRO, 2004).

No âmbito das escolas, no ano de 1980, a Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP) inicia uma experiência piloto de implantação de Orientação Sexual (OS) em seis escolas públicas da capital paulista, utilizando o espaço das disciplinas de Ciências e Programas de Saúde para que o professor trabalhasse a temática sexual. Nos anos de 1984 a 1986, houve a aplicação da segunda etapa do projeto anterior, envolvendo 70 escolas e 11.208 alunos (RIBEIRO, 2004).

A experiência de grande impacto, nos termos de ações de OS em escolas municipais, aconteceu no período de 1989 a 1992, durante a gestão de Luísa Erundina de Souza, do Partido dos Trabalhadores à frente da Prefeitura da cidade de São Paulo, com a participação do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS), a convite do professor Paulo Freire, então secretário municipal de educação, ao GTPOS. Este projeto teve ampla abrangência e relevância, pois objetivava proporcionar ao educando a oportunidade de refletir sobre seus valores e os dos outros, criando condições para uma vida sexual com prazer, amor e responsabilidade (GTPOS, 2008).

O projeto de OS de mais longa duração foi da Prefeitura Municipal de Campinas, que ocorreu de 1984 a 1998, sendo que em 1990 chegou a ser incluído na Lei Orgânica Municipal. Foi promovido um Grupo de Trabalho que formou e capacitou professores e um Encontro Nacional de Adolescentes, em que professores e adolescentes de todo o Brasil, que participavam de trabalhos semelhantes em suas cidades, vinham relatar suas experiências (GALLACHO, 2000).

Numa parceria entre a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e o Ministério da Saúde, iniciou-se no ano de 1996 um projeto que foi aplicado nas escolas oficiais do Estado e que visava à formação de recursos humanos na área da Educação, com a capacitação para que, posteriormente, fossem implementadas ações preventivas em relação às DST, AIDS e uso de drogas nas escolas (APOIO CULTURAL, 1996).

Com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases “Darcy Ribeiro”, em dezembro de 1996, e o estabelecimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN como linhas a serem seguidas para se concretizar a meta da educação para o exercício da cidadania, as questões da sexualidade tiveram um reconhecimento oficial de sua necessidade como ação educativa escolar (RIBEIRO, 2004).

2.1.2 Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)

Com o objetivo de facilitar o trabalho dos professores nas escolas, aprofundar a prática pedagógica com reflexões, aperfeiçoar o planejamento de suas aulas, auxiliar na escolha dos materiais didáticos e recursos tecnológicos e auxiliar na construção do projeto pedagógico da equipe escolar e do sistema de ensino, em 1997-1998, houve por parte do Ministério da Educação – MEC o lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCN, e os Temas Transversais para o nível Fundamental. Os PCN foram elaborados com o

objetivo de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões do país.

A grande pretensão do documento foi criar condições nas escolas que permitissem o acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania, criando nos alunos a consciência de que devem exercer seus direitos e deveres políticos, civis e sociais, com atitudes de solidariedade e respeito, conhecendo a Ciência como um processo de produção de conhecimento e uma atividade humana e histórica.

Com relação à preocupação com a cidadania, a última promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, (Lei Federal nº 9.394) aprovada em 20 de dezembro de 1996, incluiu tal abordagem nos seus primeiros artigos, destacando também o pleno desenvolvimento do educando ao articular vários aspectos, como saúde, sexualidade, vida familiar e social, meio ambiente, trabalho, ciência, entre outros indispensáveis à formação integral do indivíduo, e prossegue no artigo segundo:

Art. 2º A educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1997, p. 47).

Com a proposta de exercício da cidadania expressa já na LDB e também nos PCN, não seria mais possível que fossem trabalhados nas escolas só os conteúdos tradicionais. Os Temas Transversais foram inseridos para promover debates sobre Ética, Meio Ambiente, Saúde, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo e Orientação Sexual.

A proposta de trabalhar questões de relevância social na perspectiva transversal apontava para um compromisso interdisciplinar entre os professores, no sentido de enfrentar os desafios da sociedade que exige dos cidadãos a tomada de decisões, utilizando o diálogo para a tomada de decisões coletivas (FURLANI, 2009).

Os Temas Transversais foram encaixados em eixos temáticos extradisciplinares (preconizados e idealizados pela política educacional brasileira de inclusão), de modo que a OS foi incluída no eixo “Ser Humano e Saúde”, para estabelecer discussões sobre o corpo, a sexualidade humana e as questões de gênero. O documento ainda indica que para trabalhar com a temática reprodução e sexualidade, é essencial que o professor reconheça as representações que os alunos já fazem sobre os sistemas reprodutores humanos masculino e feminino e aspectos psicológicos envolvidos, provenientes de seus comportamentos ao falar,

escrever ou desenhar. Além disso, orientam que sejam feitas referências às emoções envolvidas na sexualidade, aos sentimentos de amor, à amizade, à confiança, à autoestima, ao desejo e prazer, sem fazer prescrição de normas de condutas ou a moralização do discurso. Outra abordagem recomendada se refere às relações entre as pessoas e as identidades e equidades de gênero (BRASIL, 1998, p. 76-77).

No eixo que trata das discussões acerca das Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS, deve-se desvincular a sexualidade dos tabus e preconceitos, focalizando o fortalecimento das condutas preventivas continuadas que oferecem possibilidades de elaboração das informações recebidas e explicitação dos obstáculos emocionais e culturais que impedem a adoção destas condutas. Que o jovem desenvolva atitudes responsáveis que possam garantir a sua integridade física e psíquica e também sentimentos de respeito e solidariedade (BRASIL, 1998, p. 106-107).

Os PCN para a temática da OS consideram que os fatores biológicos, culturais, sociais e de prazer, nas dimensões afetivas, sociais e psíquicas estão intrincadas com a sexualidade humana, ou seja, a sexualidade não está restrita à dimensão biológica, já que envolve um significado muito mais amplo e variado do que somente estar relacionada à reprodução (BRASIL, 1998, p. 47).

Outro aspecto abordado nos PCN sobre a sexualidade é o ensino de atitudes e valores. Os PCN orientam que como parte do processo educacional, das práticas escolares e da postura do professor, valores e posturas sejam promovidos tendo em vista o cidadão que se tem a intenção de formar, deixando de lado estigmas, preconceitos e padrões normativos (BRASIL, 1998, p. 30).

Sobre os Parâmetros Curriculares do Ensino Médio – PCNEM – há algumas discussões relacionadas à sexualidade, contudo, são mais escassas do que as orientações preconizadas para o Nível Fundamental. A sexualidade é citada no volume Bases Legais nos seguintes aspectos: aprender sobre o tema para o exercício de uma liberdade responsável, para embasar decisões pessoais e por se tratar de uma preocupação comum na vida dos/as jovens (BRASIL, 2000). Também é possível verificar em Ciências Humanas e suas Tecnologias mais citações sobre a sexualidade, fazendo relação entre identidade de jovens estudantes e conhecimentos de psicologia, com o intuito de desconstruir certo determinismo frente a papéis sociais a serem desempenhados.

No caderno PCN+ (BRASIL, 2002), na área das Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias aparecem algumas discussões sobre a sexualidade, que destacamos nos seguintes fragmentos:

Um conhecimento maior sobre seu próprio corpo, por sua vez, pode contribuir para a formação da autoestima, como também para o desenvolvimento de comportamentos de respeito ao próprio corpo e aos dos outros, para o entendimento da saúde como um valor pessoal e social e para a compreensão da sexualidade humana sem preconceitos (BRASIL, 2002, p. 34).

Analisar de que maneira textos didáticos, revistas, jornais, programas de tevê e rádio tratam questões relativas à sexualidade como as questões de gênero, as expressões da sexualidade, as relações amorosas entre jovens, as doenças sexualmente transmissíveis, distinguindo um posicionamento isento, bem fundamentado do ponto de vista científico, da simples especulação, do puro preconceito ou de tabus (BRASIL, 2002, p. 38).

Nos PCN para o Ensino Fundamental, as discussões sobre a sexualidade têm a pretensão de ir além do âmbito das Ciências Naturais e já nos PCN+, há poucos trechos que apresentam uma visão de respeito ou de questionamento de preconceitos e tabus, de modo que os trechos existentes encontram-se inseridos em Ciências da Natureza, mas não explicitam a existência de outras sexualidades para além da heterossexual.

Os PCN deixam a desejar a abordagem da diversidade sexual na Educação, diferente do que acontece com a heterossexualidade. Por outro lado, o documento serviu tanto para justificar a abordagem da sexualidade na escola, bem como em algumas dissertações e teses que tomaram por base os PCN sobre OS, buscaram meios de viabilizar discussões sobre diversidade sexual e homossexualidade em sala de aula (VIANNA; RAMIRES, 2009).

Como visto, com maior intensidade nos PCN em Nível Fundamental, um ensino que privilegie a OS como Tema Transversal considera o trato para com a sexualidade de forma a abrir canais de comunicação com os alunos e permitir que haja o diálogo; explicita também que tais orientações não devam ter o caráter apenas informativo, mas que prevaleça o efeito de intervenção no interior do espaço escolar.

2.1.3 As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN)

Outros documentos oficiais sobre política nacional são as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), aprovadas pela Câmara de Educação Básica em 1988. As DCN são o conjunto de definições doutrinárias obrigatórias sobre princípios, fundamentos e procedimentos na Educação Básica, expressas pela Câmara de Educação Básica do Conselho

Nacional de Educação, criadas para orientar as escolas brasileiras na organização, na articulação, no desenvolvimento e na avaliação de suas propostas pedagógicas (CEB, 1998).

As DCN orientam que devem ser as próprias escolas a examinar o que contemplam os PCN e as Propostas Curriculares de seus Estados e Municípios para, posteriormente, elaborar suas propostas pedagógicas, buscando definir com clareza a finalidade de seu trabalho, para a variedade de alunos presentes em suas salas de aula.

Também são orientações do documento que as escolas explicitem em suas propostas curriculares, processos de ensino voltados para as relações com sua comunidade local, regional e planetária, visando aos alunos constituir identidades como *cidadãos em processo*, capazes de ser protagonistas de ações responsáveis, solidárias e autônomas em relação a si próprios, às suas famílias e às comunidades.

Uma diretriz para a Educação Nacional relacionada à temática da sexualidade para o Ensino Fundamental se refere ao reconhecimento de identidades pessoais, no sentido do reconhecimento das diversidades e peculiaridades básicas relativas ao gênero masculino e feminino, às variedades étnicas, de faixa etária, regionais e às variações socioeconômicas, culturais, de condições psicológicas e físicas entre os alunos. A ideia seria intervir no espaço escolar para reverter o quadro de discriminações e exclusões em múltiplos contextos, pelo racismo, ao sexismo e a preconceitos originados pelas situações socioeconômicas, regionais, culturais e étnicas, que deixa graves marcas na população infantil e adolescente, trazendo consequências destrutivas (CEB, 1998).

Como visto, o documento das DCN oferece respaldo aos PCN e deixa livre os Estados e os Municípios a criar seus próprios documentos, para privilegiar situações que melhor se adéquam às suas necessidades. Percebemos que as orientações das DCN são as mesmas dos PCN quanto a formar para a cidadania, com consciência ética, reduzindo preconceitos e discriminações.

Vale ressaltar que há possibilidade das escolas em dialogar criticamente com os dispositivos legais expressos nas orientações obrigatórias das DCN e com as referências dos conteúdos não obrigatórios expressos nos PCN, de modo que possam criar e recriar os currículos, construídos com as equipes pedagógicas e comunidade escolar, considerando suas necessidades e anseios expressas nos projetos pedagógicos.

2.1.4 As Diretrizes Curriculares Estaduais (DCE)

As discussões sobre as políticas para a educação no Estado do Paraná, promovidas pela Secretaria de Estado da Educação – SEED nortearam a construção do documento denominado “Currículo Básico” para o ensino do então 1º grau, na segunda metade de 1980, chegando às escolas no início de 1990, vigorando até o final daquela década. O documento foi resultante de um processo de discussão coletiva que envolveu professores da rede estadual de ensino e de instituições de Ensino Superior. Estava vinculado ao materialismo histórico-dialético como matriz teórica que fundamentava a proposta de ensino-aprendizagem de todas as disciplinas do currículo, vigorando como proposição curricular oficial no Paraná (BRASIL, 2008).

As DCE vigentes, entretanto, foram escritas em 2008 como frutos daquela matriz curricular, mas como metodologia de construção, a discussão maciça dos professores da rede. Buscou-se manter o vínculo com o campo das teorias críticas da Educação e com as metodologias que priorizassem diferentes formas de ensinar, de aprender e de avaliar. Além disso, nas diretrizes a concepção de conhecimento considerou suas dimensões científica, filosófica e artística, enfatizando-se a importância de todas as disciplinas.

Outro aspecto que foi relevante para a constituição das disciplinas escolares do currículo foi a abordagem histórica e crítica, sua relevância e função no currículo. A valorização e o aprofundamento dos conhecimentos organizados nas diferentes disciplinas escolares deveriam estabelecer relações interdisciplinares, entendidas como necessárias para a compreensão da totalidade, levando em consideração, ainda, fatores externos determinados pelo regime sociopolítico, religião, família, além das características sociais e culturais do público escolar.

As Diretrizes defendem um currículo baseado nas dimensões científica, artística e filosófica do conhecimento. A produção científica, as manifestações artísticas e o legado filosófico da humanidade, como dimensões para as diversas disciplinas do currículo, deveriam ser capazes de possibilitar um trabalho pedagógico que apontasse na direção da totalidade do conhecimento e sua relação com o cotidiano, entendendo a escola como o espaço do confronto e diálogo entre os conhecimentos sistematizados e os conhecimentos do cotidiano popular, sendo essas as fontes sócio-históricas do conhecimento em sua complexidade.

Na avaliação da Secretaria de Educação do Estado do Paraná SEED (BRASIL, 2008), os PCN desvalorizaram o Currículo Básico ao contribuir para a perda de identidade das disciplinas, na medida em que parte dos conteúdos mais tradicionais foi englobado pelos

Temas Transversais. Entretanto, as Diretrizes quiseram destacar a importância dos conteúdos disciplinares e do professor como autor de seu plano de ensino, contrapondo-se aos modelos de organização curricular que vigoraram na década de 1990, que de acordo com o documento, “esvaziaram os conteúdos disciplinares” para dar destaque aos Temas Transversais.

Na sua primeira versão, em 2006, as Diretrizes Curriculares de Ciências do Paraná apresentavam como conteúdos estruturantes: Corpo Humano e Saúde; Ambiente; Matéria e Energia; e Tecnologia. Desta forma, neste primeiro conteúdo, temas como a higiene e os cuidados com o corpo, a sexualidade, os problemas relacionados ao uso de drogas e à prevenção, dentre outros, poderiam ser abordados, mesmo marcados por uma visão *médico-biologista*.

Depois de reformulada, na Diretriz Curricular de Ciências, os conteúdos estruturantes são Astronomia; Matéria; Sistemas Biológicos; Energia; e Biodiversidade. Assim, o tema sexualidade deixa de ser contemplado, pois, em sistemas biológicos, aborda-se:

[...] a constituição dos sistemas orgânicos e fisiológicos, bem como suas características específicas de funcionamento, desde os componentes celulares e suas respectivas funções até o funcionamento dos sistemas que constituem os diferentes grupos de seres vivos, como por exemplo, a locomoção, a digestão e a respiração (BRASIL, 2008, p. 84).

Dessa forma, observa-se que no Paraná estabelece-se como objeto de estudo o *conhecimento* que resulta da investigação da Natureza, entendida, na visão científica, como todos os elementos constituintes do Universo. No que se refere à concepção humana, enfocam-se as relações entre os elementos fundamentais, como tempo, espaço, matéria, movimento, força, campo, energia e vida.

A partir de 2007, a SEED passou a contar com a coordenação dos *Desafios Educacionais Contemporâneos*, que faz parte do Departamento da Diversidade (DED). Com isso, tal Departamento produziu uma cartilha com coletâneas de artigos escritos por professores universitários reconhecidos em suas áreas e as distribuíram para os professores das escolas com o propósito de fazer discussões sobre temas escolhidos como *Desafios Educacionais Contemporâneos*, que são sexualidade, drogas, violência e questões étnico-raciais. Dessa forma, as questões relacionadas à sexualidade que nos interessam, deixam de ser incluídas “no currículo, de forma transversal” (FIGUEIRÓ, 2006, p.54) e passam pelo currículo somente como um problema a ser enfrentado pela escola.

Assim, como percebemos, é privilégio do documento contemplar os conteúdos, pois se a escola assumir para si mais demandas além das prioritárias, possivelmente

secundarizará o seu papel essencial: o compromisso com a emancipação humana, pela assimilação dos conhecimentos produzidos historicamente (BRASIL, 2008).

2.1.5 Educação Sexual (ES): o Papel da Escola e do Educador

A temática da sexualidade e o desenvolvimento da ES nas escolas brasileiras de Nível Fundamental e Médio têm sido polêmica. Pelas pesquisas têm-se apontado que muitos ainda consideram a abordagem de questões sexuais na escola como algo não sadio, pois estimularia precocemente a sexualidade da criança e do adolescente. Para outros, a discussão orientada de temas relacionados à sexualidade proporcionaria aos jovens o conhecimento da importância da vida sexual bem mais cedo e com maior profundidade (CAMARGO; RIBEIRO, 1999).

Entendemos que a escola tem o papel essencial de inserir o indivíduo na sociedade, por meio da construção no mesmo, do saber científico relativo às diferentes áreas do conhecimento humano, de forma suficiente e necessária para instrumentalizá-lo na sua relação com a sociedade, em tudo aquilo que a compõe.

Encontramos na dissertação de Terezinha Mariuzzo (2003), intitulada “Formação de professores em orientação sexual: a sexualidade que está sendo ensinada nas nossas escolas”, a definição de Saviani (1997) para a função da escola: “é a transmissão dos instrumentos de acesso ao saber elaborado” (SAVIANI, 1997, p. 21). O “saber elaborado” que Saviani relaciona é a Ciência. Tal saber contempla o que o homem construiu historicamente, por meio das ciências e da cultura.

Como percebemos nas escolas pesquisadas, há diferentes condições socioeconômicas que expressam a origem familiar dos alunos, prevalecendo as baixas classes sociais, o que nos faz constatar que para a maioria das crianças e adolescentes que estudam em escolas públicas, a escola é o único espaço de acesso ao conhecimento sistematizado. Desta forma, acreditamos que a principal função da escola é formar para a cidadania, e ser cidadão significa ser capaz de compreender e explicar o mundo, bem como atuar nele de forma consciente e crítica, no que se refere aos seus direitos e deveres e ir além, ser agente de sua própria transformação.

A escola como instituição para o ensino, aquela que conduz para a educação formal, deve permitir o acesso aos conhecimentos científicos e tecnológicos atualizados, aplicável às necessidades individuais e sociais de cada um, de forma que o aluno consiga

adequar os conhecimentos adquiridos em sua realidade, conseguindo subsídios e argumentos para participar democraticamente de debates éticos e contemporâneos.

A escola comprometida com a formação de cidadãos participantes é aquela que desenvolve as potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, valorizando as formas de convivência entre as pessoas, o respeito às diferenças, os relacionamentos estabelecidos, enfim, questões que são pertinentes ao campo da sexualidade num sentido amplo, para o indivíduo e para a sociedade.

Concordamos com Figueiró (1995 apud FIGUEIRÓ, 2006), quando faz a consideração de que a ES é toda ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja em nível de conhecimento de informações básicas, seja em nível de conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionados à vida sexual e que para ser completa e eficaz deve abranger tanto o componente informativo quanto o formativo (FIGUEIRÓ, 2006, p. 38-39).

Frente à temática em questão, é papel da escola contribuir para uma visão positiva da sexualidade, como fonte de prazer e realização do ser humano, assim como aumentar a consciência das responsabilidades. Ao promover a ES na escola, os alunos poderão repensar seus valores pessoais e sociais, partilhando suas preocupações e emoções.

Contribuem com estas afirmações as autoras Camargo e Ribeiro (2003) ao escreverem que:

O trabalho de Educação Sexual implica a discussão de questões sociais, éticas e morais. Sendo assim, as relações entre liberdade, autonomia e respeito à intimidade devem estar presentes em todo trabalho educativo e, principalmente naqueles que tratam da sexualidade. Estes são alguns dos desafios enfrentados pelos educadores e educadoras, pois a liberdade de ação e decisão é condição fundamental para o homem e a mulher conhecerem as questões decisivas da sua vida e da sociedade na qual estão inseridos. Para compreender a sexualidade humana é essencial que ela possa ser entendida e discutida com liberdade (CAMARGO; RIBEIRO, 2003, p. 40).

No livro “Sexo se aprende na escola”, organizado pelo Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual – GTPOS, (GTPOS, 2008, p. 10-14), algumas considerações são feitas sobre o porquê deve acontecer a discussão da sexualidade na escola. Os tópicos apontados vão ao encontro do que acreditamos ser o papel da escola para o campo dos enfrentamentos da sexualidade humana. As considerações são:

- porque a escola não pode fugir à responsabilidade: se a escola não tratar da questão sexual, estará transmitindo aos alunos a noção de que o assunto é mesmo um tabu, sobre o qual não se pode falar;
- pela falta de informação: ainda há confusão sobre a liberdade sexual, que é confundida com promiscuidade e a informação com instrução sobre movimentos físicos mecânicos; além disso, a ideia é conscientizar os pais sobre a conveniência de que ao fornecer aos adolescentes a informação sexual, será também transmitida a visão da sexualidade como algo natural e bonito;
- para superar medos e preconceitos: pensando na escola como local oportuno para fornecer espaços de discussão, acompanhados por um orientador que ajuda os adolescentes a superar preconceitos que impedem a utilização de informações, a adoção de comportamentos preventivos, o exercício da liberdade e o relacionamento de igualdade entre os gêneros;
- para o bem-estar sexual: abrir espaço na escola para tratar da sexualidade significa oferecer ajuda ao adolescente para que diminua a ansiedade e elabore as angústias decorrentes de conflitos entre as pressões externas e as demandas internas, evitando assim que a desinformação, o medo e a angústia, decorrentes da ignorância, comprometam a capacidade de aprender das crianças e jovens e suas possibilidades de ter uma vida sexual harmoniosa;
- para ajudar na formação de identidade: o ambiente escolar pode ajudar o jovem a descobrir a si mesmo e a inserir-se no seu mundo; pela troca de experiências com as pessoas da mesma idade e a aprendizagem do respeito por posições diferentes, trabalhos de ES oferecem a oportunidade aos adolescentes de um melhor desenvolvimento de si mesmo, tendo o outro como referência;
- para abrir canais de comunicação: ao falar sobre sexo/sexualidade na escola, os alunos se conscientizam de seus temores e passam a lidar com o tema de forma madura, possibilitando maior tranquilidade em meio ao turbilhão da adolescência; outro aspecto relacionado com os trabalhos de ES pode ser o enfoque nas transformações, nos relacionamentos pessoais, aumento na afetividade e naturalidade na troca de ideias, bem como o respeito pela diversidade;
- porque ajuda a repensar os valores: a escola deve contribuir para que o aluno possa desenvolver o pensamento e a capacidade crítica, analisando valores para que então possa aceitá-los ou rejeitá-los; a possibilidade de pensar com liberdade sobre assuntos considerados proibidos por muitos cria espaços mentais que estimulam o jovem a rever outras dimensões privadas e sociais de sua existência.

Sob o ponto de vista das intervenções de ES, a autora Werebe (1998) afirma que é necessário também criar condições para que se possa discutir com os jovens questões controvertidas como a homossexualidade, o aborto, a virgindade, entre outras, além das normas sexuais vigentes.

Para tanto, o educador sexual deve ser uma pessoa comprometida com o ideal de transmitir os conhecimentos científicos, estar livre de julgamentos, deixar de lado seus preconceitos e estar aberto a ouvir.

Em geral, se pensa no professor de Ciências e Biologia para desenvolver o papel de educador sexual, por conta da suposta habilidade com os termos específicos, atualização e facilidade com os conteúdos relacionados; entretanto, outras áreas do conhecimento podem contribuir nos debates com os jovens, já que as explicações biológicas devem ser integradas em contextos de dimensões psicológicas, históricas, culturais, políticas e econômicas.

Como endossa Rosely Sayão (1997), pouco importa a área de conhecimento do professor, o educador sexual deve ter disponibilidade pessoal para se responsabilizar pelo trabalho e deve ser capaz de estabelecer uma relação de confiança com os alunos. O autor Lorencini Júnior (1997) acrescenta outras habilidades que o educador sexual deve ter, como a capacidade de conduzir atividades sobre temas relacionados à sexualidade de modo dinâmico, aplicando diferentes estratégias, como discussões em grupos, jogos e situações simuladas, promovendo um ambiente possível para a busca constante e renovada dos sentidos da sexualidade.

Como crítica às intervenções externas à escola, em trabalhos denominados de “OS”, geralmente feitas em forma de palestras ou exposições pontuais por profissionais competentes para tal fim, em seu livro “Sexualidade – quem educa o educador”, Vitiello (2000) expressa a opinião de que o médico, a enfermeira, o psicólogo ou o assistente social, quando fazem palestras em escolas, não estão exercendo a ES, mas sim funcionando como meros informadores, pois estas atividades são contraproducentes enquanto medidas educadoras. Para o autor, o caminho real para a ES é preparar professores interessados para a tarefa de fazê-la (VITIELLO, 2000, p. 96-97).

2.1.6 A Educação Sexual (ES) e a Formação Inicial

A formação inicial representa uma importante etapa na preparação do professor: um curso de licenciatura deve oferecer os conhecimentos básicos teóricos indispensáveis para

à prática pedagógica, aliados aos conhecimentos de cunho prático, aprendidos com a vivência e que podem auxiliar os futuros professores a solucionar problemas locais que porventura estejam impedindo a educação cidadã.

Como escreveram Freitas, Villani e Pierson (2001), a formação inicial na perspectiva freiriana deve visar o desenvolvimento de profissionais autônomos, capazes de atuar de forma criativa a partir de uma percepção crítica da complexidade do sistema educacional, que inclui os aspectos sociais, políticos, culturais, econômicos, para promover práticas transformadoras na escola pública.

Nesta perspectiva, os autores ainda localizam como meta para a formação inicial a promoção do desenvolvimento de competências adequadas ao compromisso do professor com uma escola que cumpra seu papel social, com a compreensão de que é função prioritária da educação a desmitificação de visões descontextualizadas da realidade e a promoção de uma consciência sobre um mundo que se desvela na sua relação com o homem, valorizando no processo educativo, as relações sujeito/mundo e sujeito/sujeito, buscando um diálogo verdadeiro, em que as palavras e ações procuram ser compatíveis (FREITAS, VILLANI; PIERSON, 2001).

Promover uma formação inicial que tenha elementos que favoreçam a aproximação dos conhecimentos científicos para uma atuação crítica e para a transformação social, visando à educação para a cidadania pode ser feita amparada nos princípios da transversalidade, pois como escreveu Figueiró (2006, p. 66): “[...] é no exercício da transversalidade que os professores podem obter mais chances de ter seu trabalho ligado à vida, promovendo mudanças na prática pedagógica”.

Pensar em transversalidade significa trazer em pauta a sexualidade, e para isso, se faz necessário que os professores em formação tenham conhecimento das propostas transversais para os trabalhos de OS ou ES na escola. Nas nossas aulas de Prática de Ensino de Biologia, são oportunizadas as discussões sobre os PCN e os Temas Transversais, mas como escreveram Felipe e Guizo (2004), nos cursos de formação docente em nível universitário não são contempladas discussões destes temas, uma vez que os currículos ainda não os contemplam de forma abrangente.

Oliveira (2000) problematiza que os cursos de formação de professores desconsideram a sexualidade como um conteúdo que deve ser ensinado, compreendendo que tanto os educadores quanto os alunos conseguem se desvencilhar das suas sexualidades para irem à escola.

Uma maneira de fazer com que seja chamada a atenção para a temática da sexualidade nos cursos de formação inicial é introduzir nos currículos disciplinas relacionadas, como sugeriu Leão (2009), a fim de estimular o repensar dos futuros professores sobre suas crenças, cultura, além de possibilitar que percebam a necessidade de se despir dos ‘pré-conceitos’ para a abordagem da OS nas escolas, salientando a importância disso.

Outros autores realçam a preocupação de que os currículos dos cursos de formação de professores deveriam contemplar discursos e vivências de sexualidade, de modo a despertar nos licenciandos as possibilidades do corpo e dos sentimentos, como escreveram Camargo e Ribeiro (2003).

De acordo com Figueiró (2006, p. 27), o pressuposto essencial é o de que a formação do professor, quando direcionada para a ES, contribui para o desenvolvimento pessoal e profissional docente e para melhoria na qualidade do ensino, podendo ainda contribuir para despertar o educador que vive adormecido em cada professor.

Em momentos de estágio, em um curso de licenciatura, oportunamente podem surgir momentos em que na prática pedagógica de sala de aula seja discutida a temática da sexualidade, mesmo que não esteja diretamente relacionada ao conteúdo que está sendo trabalhado no momento. Nas situações de estágio há orientação aos licenciandos para inserir a temática na vivência da prática, tornando significativa a contribuição do futuro professor também neste âmbito. Para tanto, é importante que tenham preparo para o trato deste assunto.

Conforme problematiza Mirian Silva (2007), em trabalho apresentado na 30ª Reunião da Anped¹¹, a ausência de oportunidades para debater a questão da sexualidade humana nos cursos de licenciatura pode transformar-se em um intenso obstáculo para o futuro professor:

Durante o estágio, os alunos dos cursos de Licenciatura têm a oportunidade de presenciar uma multiplicidade de sexualidades povoando as escolas. A mulher professora/mãe grávida; o adolescente passando por transformações corporais e de comportamento; a criança curiosa em relação ao seu contexto familiar; as mães grávidas esperando os filhos no portão da escola; o(a)s aluno(a)s, na escola, dando o primeiro beijo no(a) primeiro(a) namorado(a); os homossexuais convivendo com a maioria de heterossexuais na escola; o corpo, que o uniforme tenta esconder, despertando o desejo no(a) outro(a); os bilhetes-cartinhas de amor em movimento na escola; a paixão platônica pelo(a) professor(a); as piadas, risadas e a troca de informações e confidências entre colegas (SILVA, 2007, p. 4).

¹¹ Anped – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

A autora expõe que nas discussões e relatos das experiências do estágio tais situações não recebem a atenção devida, como se fosse secundário e desnecessário serem resgatadas.

Portanto, se queremos valorizar a discussão das experiências vividas e formar indivíduos dentro de uma perspectiva na qual o papel da escola é concebido como o de formadora para o exercício da cidadania, é preciso propiciar aos futuros professores uma formação eficaz para atuar com a temática sexual. Reis e Ribeiro (2002) expõem que é essencial possibilitar ao professor acesso ao conhecimento científico que é produzido em torno da sexualidade.

Em razão disso, os autores Nunes e Silva (2000) afirmam que “tratar de sexualidade na escola requer o alicerce de uma concepção científica e humanista desta sexualidade, superando o senso comum, que é o nível primário do conhecimento social”. Não obstante eles observam que:

[...] a maioria dos profissionais aponta a ausência de fundamentos científicos na análise destes comportamentos, baseando-se sempre nos elementos conservadores e tradicionais de uma cultura repressiva e negativista do sexo e suas dimensões, reforçada pela família, pela religião e pela própria escola [...] (NUNES; SILVA, 2000, p. 74).

A partir das emergentes e necessárias transformações institucionais da escola, compete à Universidade a formação de professores consoante à sua vocação institucional de formar cidadãos críticos (NUNES; SILVA, 1999). Na realidade, a formação do professor precisa inserir a compreensão crítica da sociedade em que este profissional está inserido.

De acordo com Werebe (1998), a formação de educadores sexuais deve compreender uma formação pessoal ao lado da formação científica. É indispensável que os educadores possam participar de grupos de discussão, focalizando sua própria sexualidade, seus valores, suas experiências pessoais. É preciso haver um atrelamento entre formação, sensibilidade e a conscientização.

Como na escola de Educação Básica a intenção de trabalhar com a temática recai na maioria das vezes ao professor de Ciências e Biologia, como já escreveram Castro, Abramovay e Silva (2004), a sexualidade vem sendo tratada principalmente como “um conteúdo restrito ao campo disciplinar da Biologia, reificando-se o corpo como aparato reprodutivo, o que molda a compreensão a respeito da saúde e da doença”. No nosso curso de Ciências Biológicas, pretendemos oferecer aos jovens em formação, não só os conceitos biológicos, mas oportunizar a conciliação com os aspectos humanizados, tendo em vista a

responsabilidade de professores que atuem com a sexualidade, como uma questão básica de cidadania.

2.1.7 Pesquisas que Envolveram a Temática da Sexualidade em Escolas

A produção científica expressa no formato de pesquisas que retratam a realidade das escolas com a perspectiva da investigação da temática da sexualidade têm enfoques distintos. Algumas delas observam opiniões, comportamentos e atitudes de professores, outras têm como preocupação os pensamentos e atitudes dos alunos, e outras ainda, têm a preocupação de analisar Documentos Oficiais e/ou Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs) para implicá-los na prática, ou chamar a atenção para que ocorram mudanças nas políticas públicas. Todas são de extrema importância porque olham para o contexto escolar. Alguns exemplos serão trazidos neste tópico, com o intuito de percebermos diferentes recortes e resultados obtidos no nosso campo de atuação.

Em um estudo realizado por Jesus, Temer e Silva (1997), o objetivo foi verificar a opinião dos escolares adolescentes sobre a ES realizada na escola e na família. Numa escola pública da periferia do município de Juiz de Fora-MG, houve a realização desta pesquisa que contou com a participação de 178 alunos que estavam cursando a 6ª série do Ensino Fundamental. As autoras utilizaram para a coleta de dados um questionário semiaberto que buscou caracterizar os adolescentes; suas experiências vividas; o nível de diálogo com os pais e as opiniões sobre a participação da escola na ES. Como resultados foi percebido que os adolescentes demonstraram interesse pelo outro e que receberam as primeiras informações sobre sexo com amigos da mesma idade, haja vista a dificuldade em dialogar com os pais. Para estes adolescentes os pais deveriam conversar sobre assuntos desta natureza, sendo a escola o lugar mais apropriado para complementar as informações recebidas pela família. Eles relataram, ainda, que a escola é o lugar adequado para falar sobre sexo, a despeito do constrangimento entre os colegas para isso.

As autoras Camargo e Ferrari (2009) desenvolveram uma pesquisa com 117 adolescentes da 8ª série de uma escola estadual do município de Londrina-PR, cujo objetivo foi analisar o conhecimento dos adolescentes sobre sexualidade, métodos contraceptivos, gravidez, DST e AIDS, antes e depois de oficinas de prevenção. Houve a utilização de um questionário (pré e pós-teste) para identificar a diferença do conhecimento dos adolescentes. Os resultados indicaram que 28,2% dos adolescentes no pré-teste sabiam do período fértil da

menina; após as oficinas de prevenção, o conhecimento superou 55,8%. Verificaram também que a AIDS foi a DST mais citada no pré-teste; no pós-teste, houve referência a outras doenças (41,1%). Sobre métodos contraceptivos, foram indicados como mais conhecidos o preservativo e a pílula. Com a aplicação dos testes χ^2 e exato de Fisher, foi possível perceber que não houve relevância estatística entre as respostas sobre atitudes de risco para transmissão de DST/AIDS. As autoras concluíram que há necessidade de trabalho sistemático, a médio e longo prazo, sobre sexualidade na escola para os adolescentes.

A pesquisa desenvolvida pela autora Braga (2005), em escolas públicas e particulares da cidade de Presidente Prudente-SP, analisou a percepção do adolescente sobre a importância e a necessidade da introdução da ES na escola. Como fonte de dados, houve a participação de 60 alunos com idades entre 14 e 18 anos, e para coleta das informações foi utilizado um questionário constituído por dez questões fechadas e uma aberta, que abordavam sobre os problemas relativos ao local para o desenvolvimento de trabalhos a respeito de sexualidade, pessoas para realizar a abordagem, e a opinião deles acerca da ES na escola. Os adolescentes que participaram da pesquisa mencionaram que a escola é o local apropriado para que aconteça a orientação. Preferem também que os professores e os pais possam dar esta orientação, revelando o desejo de que haja um espaço no ambiente escolar a fim de que possam discutir sobre sexualidade.

A autora Carvalho (2009) fez um estudo em que contemplou os aspectos de gênero e raça na avaliação escolar. O intuito da pesquisa foi verificar se a definição de objetivos pedagógicos claros e a consequente adoção de critérios de avaliação de aprendizagem bem delimitados poderiam minimizar os desequilíbrios socioeconômicos de sexo e de raça, evidenciados no interior do grupo de alunos indicados para atividades de reforço por nove professoras alfabetizadoras de diferentes escolas públicas na cidade de São Paulo-SP. Foram realizadas observações em sala de aula, entrevistas com as educadoras e formulados questionários de caracterização socioeconômica dos alunos. As conclusões foram que a maior alteração relativa a alunos e alunas de baixa renda se refere ao papel atribuído pela professora à recuperação, que passa a ser considerada não como punição, mas como oportunidade de aprendizagem; a presença majoritária no reforço de crianças percebidas como pretas, pardas e indígenas diminuiu ligeiramente pela melhor definição de critérios de avaliação escolar; é nítido o equilíbrio na indicação de meninos e meninas ao reforço quando se avalia com precisão a aprendizagem e não o comportamento. O trabalho também apresentou indicações para a formação inicial e continuada de educadores/as no que se refere a relações de gênero e de raça.

A autora Gimenes (2001) desenvolveu seu trabalho em uma escola pública com a amostra de oito adolescentes, entre 15 e 18 anos, investigando as concepções que possuíam acerca de seus corpos e da manifestação da sexualidade pelos seus comportamentos e condutas sexuais. Para a obtenção dos dados houve a realização de entrevista semiestruturada, e observação do ambiente escolar. Pelos resultados alcançados observou-se que o discurso dos adolescentes é carregado de valores culturais que reforçam a repressão por mitos, tabus e preconceitos. Observou-se também que os jovens apresentaram informações distorcidas sobre sexualidade, o que pode ser pela falta de orientação e diálogos relacionados à vida sexual. Outro aspecto de destaque foi o apontamento de que a escola é um lugar de referência, sendo um espaço de lazer no qual não há a interferência dos pais.

O autor Júnior (2010), ao realizar sua pesquisa de doutorado, fez a investigação em duas escolas públicas paulistanas sobre as representações que professores/as do Ensino Médio apresentavam sobre homossexualidade e diversidade sexual no cotidiano escolar. Utilizou-se de questionário semiestruturado com questões abertas e fechadas para a coleta de dados. Os dados quantitativos foram apresentados em forma de gráfico comparativo e os dados qualitativos foram divididos em três blocos de interpretação e analisados em três categorias de análise, com base nas falas dos/as professores/as: 1) representações da homossexualidade sob o viés de preconceito evidente; 2) representações da homossexualidade sob o viés de preconceito latente; 3) representações da homossexualidade na perspectiva democrática e inclusiva. Os resultados obtidos permitiram detectar as diferentes formas com que o preconceito a cidadãos não heterossexuais instalam-se na escola. Além disso, os resultados evidenciaram que a conexão entre discriminação e homossexualidade funda-se em uma questão cultural, enraizada em dogmas, crenças e representações construídas socialmente para conservar a hegemonia da heterossexualidade e, por conseguinte, subalternizar e inferiorizar as orientações consideradas não padrão.

A autora Martinez (2003) em seu livro intitulado “Adolescência, Sexualidade, AIDS” apresentou uma investigação de pesquisa desenvolvida nas escolas públicas e privadas da cidade de Assis-SP. Com o objetivo de verificar como os estudantes pensavam a respeito da ES nas escolas, os sujeitos de pesquisa foram 96 professores (58 de escolas públicas e 38 de escolas privadas) e 366 alunos do Ensino Fundamental e Médio (189 de escolas públicas e 177 de escolas particulares), da faixa etária dos 13 e 18 anos. Quanto aos alunos, a metodologia de pesquisa utilizada foi por meio de entrevista fechada e aberta (31 alunos), com o objetivo de perceber como acontecia o recebimento de OS e as fontes em que obtinham

as informações. Também havia o interesse em perceber a avaliação que os alunos faziam em relação aos seus conhecimentos sobre a sexualidade.

Por meio da análise dos dados, a autora percebeu que 99,5% dos alunos de escola pública e 98,8% das escolas particulares consideravam que seria interessante que fosse desenvolvido um programa de ES nas escolas. Diante disso, as recomendações dos adolescentes indicavam que fosse instituído um espaço onde pudessem ser debatidos os aspectos da sexualidade humana, até mesmo os emocionais e afetivos, além das questões sobre prevenção da gravidez e da AIDS. Foi pontuado também pelos adolescentes que a OS na escola traria como benefício não ditar normas a eles, nem interrogatórios acerca do motivo de determinadas dúvidas, proporcionando-lhes a opção de liberdade de escolha, porém, com informações que os auxiliassem em suas decisões. A conclusão da pesquisa apontou para a necessidade de abertura da escola para o trabalho de ES, cuja demanda é recebida dos próprios alunos.

O autor Silva (2009), em sua pesquisa de mestrado, efetuou uma análise das principais atitudes e crenças sobre a temática sexualidade manifestadas por dez professores de escolas estaduais do Ensino Fundamental e Médio. Dentre a amostra pesquisada, três haviam participado de um Grupo de Estudos sobre ES, quatro estavam cursando o mesmo grupo e três nunca tinham participado. Para a coleta dos dados foram realizadas entrevistas diretas, semiestruturadas, que foram submetidas a uma análise de conteúdo, a partir dos pressupostos da modalidade denominada *Temática*, e um questionário semiestruturado, junto a 241 alunos do Ensino Fundamental e Médio.

Após a tabulação dos dados, os mesmos foram analisados com auxílio do programa estatístico SPSS-14, a fim de observar se as atitudes e crenças expressas pelos docentes dos dois grupos coincidiam ou divergiam. Os resultados denotaram que os docentes, apesar de considerarem importante lidar com o assunto sexualidade em sala, manifestaram dificuldade em falar sobre o tema, indicando, inclusive algumas concepções equivocadas, que foram percebidas pelos alunos. Entre estes, também se observou um discurso *médico-biologista* da sexualidade, tal qual o de seus professores. A partir dos resultados obtidos foi possível perceber que se faz necessária a formação continuada, já que foram notadas mudanças de algumas concepções entre os docentes participantes de um Grupo de Estudos sobre ES/UEL/Londrina-PR, mesmo que, para alguns, as mudanças fossem apenas em nível intelectual, ainda não integradas ao modo de sentir e agir.

O autor Silva (2010), em sua tese de doutorado, se propôs a investigar como a noção do respeito aos direitos humanos, presente nas políticas públicas de educação, refletia-

se em relação à garantia do reconhecimento do direito a não discriminação das diferenças sexuais no espaço escolar. A pesquisa examinou o entrelaçamento de duas esferas relacionadas no interior das unidades de ensino: uma – que se referia ao sistema pautado pela legitimidade das diretrizes em defesa da cidadania e do respeito aos direitos humanos, presentes em documentos institucionais, como o PPP e o Regimento Escolar e, a outra – voltada para os alicerces culturais sobre o que se entendia por sexualidade, até então heterossexual e reprodutiva, os quais ainda alimentavam a dinâmica das relações humanas presentes na escola.

O autor utilizou-se de observação etnográfica, entrevistas semiestruturadas e questionários fechados para obter seus dados. Os resultados encontrados evidenciaram dois aspectos: o primeiro foi o de que a noção de direitos humanos se apoiava na ideia de respeito a um sujeito universalizante e abstrato que não se alinhava à cultura da escola estudada, possuindo pouca repercussão no discurso escolar sobre o respeito aos direitos das diferenças sexuais; e o segundo foi o de que essa escola carregava questões estruturais de condições de trabalho, de estrutura de funcionamento e de exigências burocráticas que dificultavam a introdução de algo que fosse diferente desse discurso universalizante.

A dissertação de mestrado da autora Pereira (2003) teve a finalidade de avaliar o nível de informação de uma amostra de estudantes sobre DST e AIDS e sua prevenção, bem como pretendeu traçar um perfil socioeconômico e cultural do grupo estudado. A pesquisa caracterizou-se como um estudo transversal que envolveu 3.275 alunos do Ensino Médio de quatro escolas de um bairro de São Paulo-SP. Houve a aplicação de um questionário sobre conhecimentos de DST, AIDS e prevenção, que comparou os alunos investigados do período diurno com os do noturno.

Para análise dos dados foram utilizadas tabelas de frequências, medidas de tendência central, χ^2 e teste de diferenças de médias de Kruskal Wallis, com nível de significância de 5% para os testes estatísticos.

Os conhecimentos sobre DST e AIDS foram considerados bons, mas identificaram-se algumas noções equivocadas: doação de sangue transmite AIDS (2.795 alunos - 85,6%); hepatite B não foi reconhecida como DST (2.096 alunos - 76,9%); sangue menstrual (1.845 alunos - 62,1%) e barbeador (1.079 alunos - 37,6%) não foram reconhecidos como importantes na transmissão; pílula anticoncepcional evita AIDS e DST (717 alunos - 22,3%). Verificou-se que os estudantes do período diurno (58,3%) possuíam melhor nível de informação que os do noturno e que os pais e amigos eram os interlocutores preferidos para conversar sobre sexo. A média de idade para a primeira relação sexual foi apontada como de

14,3 anos para meninos e 14,9 anos para meninas. Foram identificados alguns fatores de risco ligados aos conhecimentos, sobretudo nos alunos de período noturno, o que sugere que a escola deve estar mais atenta às orientações para levar conhecimento e prevenção aos jovens.

Em pesquisa com 18 gestantes adolescentes e estudantes de uma cidade no interior paulista, com média de 15,3 anos, a autora Bueno (2001) teve como objetivo descrever as variáveis concorrentes para a gravidez na adolescência. Foram utilizadas entrevistas para obtenção dos dados, que contemplaram 14 questões referentes à gravidez na adolescência abrangendo: comportamento sexual, influência da mídia, escola e educação familiar para a ocorrência da mesma. Houve também a aplicação de um questionário semiestruturado em que se buscou investigar, principalmente, os fatores de risco para a gravidez na adolescência relacionada ao conhecimento dos métodos contraceptivos e sua utilização. Como resultados, a autora relacionou o despreparo das participantes quanto às responsabilidades que envolvem a manutenção de uma vida sexualmente ativa e a falta de OS das participantes, mostrando o quanto esta orientação se faz necessária na escola para a prevenção da gravidez na adolescência.

Os dados resultantes desta pesquisa confirmam o que Helena Altmann (2003) declara que a inserção deste tema na escola está associada a uma preocupação com a dimensão epidêmica, e com a alteração nos padrões de comportamento sexual, com uma perspectiva de gravidez mais tardia. Para Maria José Garcia Werebe (1998), o trabalho com a sexualidade no cenário escolar tem sido proposto para enfrentar os problemas relacionados às mudanças nos comportamentos e atitudes dos jovens.

Os autores Soares e Jacobi (2000) desenvolveram um estudo cujo objetivo foi o de analisar um projeto de prevenção de drogas e AIDS que ocorreu nas escolas públicas estaduais de São Paulo. A análise foi feita considerando-se a diversidade e a complexidade do uso contemporâneo de drogas e o papel da escola, como uma agência de socialização, ambos historicamente determinados. Elencando: houve análise das concepções sobre drogas; a relação entre drogas e AIDS – como um dos eventos vinculados ao processo saúde-doença; e concepções e objetivos da prevenção. A análise foi baseada em documentos e nos depoimentos dos supervisores do projeto, professores treinados pelo projeto e estudantes que participaram das atividades. O estudo encaminhou conclusões que implicam o ordenamento das políticas públicas de prevenção relacionadas à droga e à AIDS.

Os autores Jardim e Brêtas (2006) desenvolveram um estudo que teve como objetivo identificar o conhecimento e a atuação em sexualidade de uma amostra de professores de Ensino Fundamental e Médio. Foi um estudo exploratório-descritivo, cujos

dados foram obtidos por meio de um questionário, respondido por 100 professores da rede de ensino público do município de Jandira-SP. Os resultados demonstraram que, apesar de considerarem a importância do tema, a maioria dos professores não dispõe de conhecimentos suficientes para promoverem OS aos adolescentes, atendo-se muito mais no aspecto biológico da sexualidade do que nos sentimentos e valores que a envolvem. As conclusões apontadas acenam para a necessidade na execução de programas de treinamento e capacitação sobre sexualidade na adolescência à população pesquisada.

Todas estas pesquisas, que avaliaram alguma situação escolar envolvendo professores e alunos, nos reportam à ideia que compartilhamos com Figueiró (2003) de que a ES está relacionada com o direito de todo indivíduo receber informações sobre o corpo, a sexualidade e o relacionamento sexual e, também, com o direito de ter várias oportunidades para expressar sentimentos, rever seus tabus, aprender, refletir e debater para formar sua própria opinião, seus próprios valores, sobretudo, que é ligado ao sexo.

Relacionando os documentos legais que asseguram os direitos sexuais dos indivíduos, na China no ano de 2002, foi realizado o XV Congresso Mundial de Sexologia em que foi construída a Declaração Universal dos Direitos Sexuais proclamada pela WAS – World Association for Sexology. De acordo com Fagundes (2007), neste encontro houve a proclamação de que os direitos sexuais devem ser reconhecidos, promovidos, respeitados e defendidos por todas as sociedades do mundo. Os direitos sexuais relacionados foram: liberdade sexual; autonomia sexual; privacidade sexual; igualdade sexual; prazer sexual; expressão sexual; saúde sexual; escolhas reprodutivas livres e responsáveis; educação sexual compreensiva; enfim, há também o direito à informação baseada no conhecimento científico.

Ainda de acordo com a autora Fagundes (2007), no XVII Congresso Mundial de Sexologia, que ocorreu no Canadá em julho de 2005, tais direitos foram atualizados. Neste encontro foram firmados dez aspectos dos direitos, entre os quais se reiterou a importância de informação e educação integral da sexualidade como direito de todo cidadão.

Sendo assim, todas as instâncias devem assegurar o acesso aos conhecimentos e informações sobre a sexualidade, inclusive a escolar. Conforme apontou Figueiró (2007), ao ter o direito e oportunidades de pensar de forma crítica sobre todo o conjunto de valores e normas sociais criados pela sociedade acerca da sociedade, a ES oferecida pela escola contribui para que o aluno forme sua própria opinião com liberdade e responsabilidade, para que construa seus próprios valores, e seja sujeito de sua própria sexualidade.

CAPÍTULO 3 – O CAMPO DE PESQUISA

3.1 As Escolas Pesquisadas

Segue na Tabela 1 a descrição dos dados para caracterizar cada escola pesquisada quanto aos níveis de ensino, sua localização na cidade, quantidade de alunos matriculados, espaço físico, quantidade de docentes e atividade no contraturno referentes ao ano de 2010.

Tabela 1 – Caracterização das escolas pesquisadas – ano 2010

Escolas	Níveis de ensino	Localização	Número de alunos matriculados no ano de 2010	Espaço físico	Corpo docente no ano de 2010	Atividades no contraturno
A	Fund II	Periferia	267 alunos	Compartilha com escola municipal Adequado	31 professores	Salas de apoio de Língua Portuguesa e Matemática
B	Fund II, Médio, Téc em Adm, Téc em Info, Téc em Secretariado	Centro	1.300 alunos	Adequado	77 professores	Programas diversos Salas de apoio de Língua Portuguesa e Matemática Celem ¹²
C	Fund II e Médio	Periferia	350 alunos	Insuficiente	50 professores	Salas de apoio de Língua Portuguesa e Matemática Celem
D	Fund II e EJA	Centro	762 alunos	Adequado	65 professores	Salas de Apoio Sala de Recurso Centro de Atendimento à surdez
E	Fund II e Médio	Periferia	477 alunos	Compartilha com escola municipal. Insuficiente	65 professores	Salas de apoio à aprendizagem Projeto 2º tempo Celem
F	Fund II, Médio, Téc em Açúcar e Álcool e Téc em Segurança	Rural	237 alunos	Compartilha com escola municipal. Necessita reforma	33 professores	Projeto “Viva a Escola na área de Artes” Projeto sexualidade em

¹² Celem – Centro de Línguas Estrangeiras Modernas – oferta extracurricular e gratuita de ensino de Línguas Estrangeiras nas escolas da rede pública do Estado do Paraná, destinado a alunos, professores, funcionários e à comunidade (Disponível em: <<http://www.diaadia.pr.gov.br/celem/>>. Acesso em: 18 out. 2010).

Escolas	Níveis de ensino	Localização	Número de alunos matriculados no ano de 2010	Espaço físico	Corpo docente no ano de 2010	Atividades no contraturno
		do Trabalho				parceria com a UENP Celem
G	Médio e Formação de Docentes da Educação Infantil e Fund I	Centro	1100	Adequado	67 professores	Projetos “Viva a Escola: Matemática” e “Canto coral” Celem

Fonte: Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/>>. Acesso em: 18 out. 2010.

As sete escolas-alvo foram escolhidas dentre as dez escolas de Educação Básica existentes no município em que foi desenvolvida a pesquisa, por serem aquelas que atendem aos alunos da Prática de Ensino de Ciências e de Biologia do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual – campus local. As escolas representam significativamente o município, pois estão localizadas em pontos distintos, oferecendo vagas aos alunos de todos os bairros, do centro, além daqueles que vêm das vilas rurais. Das outras três escolas que não foram incluídas nesta pesquisa, duas são rurais e uma é periférica, estando muito distante do centro, o que inviabilizaria o atendimento das atividades de oficinas que desenvolvemos com os alunos das escolas, pela logística disponível.

As escolas pesquisadas pertencem ao Núcleo Regional de Ensino, distante 30 km do município em questão, de forma que qualquer assunto de ordem burocrática deve ser resolvido naquela instância. Contudo, as escolas têm autonomia para decidir questões pertinentes, pois contam com a Associação de Pais, Mestres e Funcionários – APMF, que funciona como um órgão deliberativo, além da ajuda do Conselho Tutelar.

3.2 População Pesquisada e Ambientes Institucionais

Os dados foram coletados, no período de 2009 a 2011, por meio de entrevistas com uma diretora, uma pedagoga e uma professora de Ciências ou Biologia em cada uma das escolas. Além das conversas e observações informais com outros professores, que não foram inseridos neste trabalho como fonte de dados, foram levadas em consideração as anotações e reflexões pessoais. Tivemos um total de 21 entrevistados, que participaram como sujeitos da pesquisa do que denominamos de avaliação interna, conforme Tabela 2.

Para esta etapa, utilizamos um roteiro semiestruturado que orientava a sondagem (Apêndice A). Para cada entrevistado, surgiram perguntas específicas que não constavam no roteiro, mas relacionadas com o contexto da entrevista ou com o contexto da escola. As entrevistas foram realizadas nas escolas investigadas e a maioria foi gravada em áudio, mas como esperado, houve resistência de alguns participantes ao gravador, então foi tomado nota do que respondiam em um bloco de anotações. Algumas pessoas também não quiseram conceder entrevista. Todos foram informados das intenções de pesquisa e qual a finalidade daquelas informações; talvez por isso mesmo alguns preferiram não conceder a entrevista, com medo de uma suposta exposição de sua pessoa e/ou da escola onde trabalha, embora a todos os entrevistados tenha sido apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que trata da ética da pesquisa e a não divulgação dos verdadeiros nomes dos participantes (Apêndice B).

Propusemos que fosse aplicado o mesmo questionário (Apêndice C) em cada uma das escolas investigadas, para os professores que se dispusessem a responder a fim de obter opiniões de diversas áreas como Português, Inglês, História, Geografia entre outras não contempladas nas entrevistas, para obter mais informações acerca do que pensavam os professores das escolas sobre a temática da sexualidade, em meados de outubro/novembro de 2010.

Ponderando-se o limite das informações obtidas com os questionários, os mesmos foram deixados na maioria das escolas, diretamente com os professores, que receberam as orientações e solicitações dos sigilos das respostas, respondendo-os na presença da pesquisadora. Entretanto, esta situação não ocorreu em todas as escolas, por desencontros e falta de oportunidade. Sendo assim, foi solicitado auxílio às pedagogas para que distribuíssem e acompanhassem o preenchimento dos questionários pelos professores, acondicionando-os em um envelope lacrado para posterior devolução. Foram distribuídos 25 questionários por escola, totalizando em 175 questionários. Deste total, obtivemos o retorno de 88 questionários, que também foram inseridos como fonte de dados para a avaliação interna, conforme Tabela 2.

Optamos por elaborar um questionário com perguntas iniciais objetivas, para que os pesquisados se interessassem da temática, para posteriormente revelarem informações mais consistentes. Desta forma, as questões iniciais buscavam saber se os professores consideravam a temática importante; se havia discussões do tema na escola e se tinham conhecimento de atividades mais direcionadas.

Recebemos poucas contribuições para as questões objetivas, com a possibilidade de considerações em um espaço para escrita, levando em conta a opinião a respeito dos homossexuais. Contudo, as duas questões finais eram abertas; uma delas solicitava que relatassem algum episódio vivenciado na experiência de magistério e a última pergunta solicitava que respondessem o que pensavam sobre a ES na escola, associada com a pergunta mais provocadora, que buscava saber a opinião dos professores, se acaso fosse instalada uma máquina de camisinhas no pátio da escola.

Houve maior manifestação dos investigados para a última questão, que deixaram anotadas opiniões mais concretas do sentido da sexualidade e também expressaram a cultura da escola.

Após submetermos o projeto de pesquisa de doutorado à apreciação do Comitê de Ética na Pesquisa da Feusp¹³, obtivemos o resultado favorável, no parecer sobre aspectos éticos 002/2011 (Apêndice D).

Posteriormente, mobilizada pelas leituras, cursos e discussões de orientação, foi elaborado um projeto de extensão que vinculava alunos licenciandos da graduação em Ciências Biológicas da Universidade Estadual – campus local, para atuar com os alunos das escolas-alvo da pesquisa, com atividades que envolviam metodologias variadas em forma de oficinas, as “Oficinas de Sexualidade” (Apêndice E). No projeto das oficinas, trabalhamos com 13 licenciandos denominados de monitores, fazendo o atendimento a grupos de alunos, em cada escola investigada. Os licenciandos trabalharam em duplas em cada escola, de modo que um monitor aceitou trabalhar em duas escolas, totalizando 14 monitores para as sete escolas. Os licenciandos também forneceram dados à pesquisa, considerando-os como integrantes da avaliação externa, conforme Tabela 2.

Não conseguimos ter um número exato dos alunos das escolas atendidos nas atividades de oficinas, pois houve oscilação de frequência ao longo das sessões. Temos as informações do número mínimo e máximo de alunos que participaram das sessões de oficinas. Alguns deles forneceram informações à pesquisa, que incluímos como dados de avaliação externa, conforme Tabela 2.

No decorrer do processo de inserção nas escolas para apresentar a proposta de desenvolver as oficinas, três meninas da escola “A” que haviam passado pela experiência de gravidez na adolescência foram entrevistadas, por intermédio da professora de Ciências, sendo também incluídas como parte da avaliação externa, conforme é indicado na Tabela 2.

¹³ Feusp – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Às meninas foram feitas algumas perguntas que orientaram a entrevista (Apêndice F), para que pudéssemos perceber se a escola havia oferecido apoio a elas na situação de gravidez. Nas outras escolas não houve entrevistas com meninas grávidas porque as mesmas não se dispuseram, ou a direção não julgou ser conveniente ou porque simplesmente não houve oportunidade, por não haver nenhuma menina grávida na ocasião do período da pesquisa.

Na Tabela 2 são indicadas as fontes de dados das sete escolas que participaram desta pesquisa:

Tabela 2 – Fonte de dados

ESCOLAS	Avaliação Interna		Avaliação Externa		
	Nº DE PROFESSORES ENTREVISTADOS (Diretora, Pedagoga e Professora de Ciências ou Biologia)	Nº DE QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS POR PROFESSORES DE DIFERENTES ÁREAS	Nº DE LICENCIANDOS QUE PARTICIPARAM DE CADA OFICINA	Nº DE ALUNOS DAS ESCOLAS QUE PARTICIPARAM DE CADA OFICINA (mínimo e máximo)	Nº DE MENINAS ENTREVISTADAS - GRAVIDEZ PRECOCE
A	3	15	2	7-13	3
B	3	14	2	3-11	-
C	3	7	2	5-15	-
D	3	18	2	7-12	-
E	3	10	2	6-12	-
F	3	4	2	14-23	-
G	3	20	2	3-16	-
TOTAL	TOTAL	TOTAL	TOTAL	TOTAL	TOTAL
7	21	88	13	Impreciso	3

3.3 A Construção das “Oficinas de Sexualidade”

A coleta de dados para o desenvolvimento desta pesquisa de doutorado deu-se a partir do ano de 2009, com a inserção nas escolas públicas escolhidas, conforme a descrição anterior. Ao entrevistar os professores foram percebidas as dificuldades da escola na abordagem da temática da sexualidade e a reflexão em como poderia auxiliá-las, envolvendo os licenciandos do curso de Ciências Biológicas, o que para eles também poderia ser uma oportunidade de realizar estágio extracurricular na área de ensino.

Após a leitura de textos que tratavam de experiências com trabalhos de ES em escolas (GTPOS, 2008; CIPRIANO e col., 2007; SILVA JUNIOR, 2009), além da leitura do livro “Fazendo Arte com a Camisinha” de Vera Paiva (2000), houve a inspiração para montar o projeto de extensão nominado de “Oficinas de Sexualidade”, que viria a ser implementado no ano seguinte.

No ano de 2010, houve a concretização da parceria entre Universidade – escolas, com a inserção de um grupo de licenciandos do curso de Ciências Biológicas, com o desenvolvimento de atividades contínuas e sistematizadas em um projeto de extensão que abordava a temática da sexualidade.

Os atendimentos dos alunos das escolas nas sessões de “Oficinas de Sexualidade” tiveram a duração de seis meses, de abril a outubro de 2010, exceto no mês de férias (metade de julho a metade de agosto), com roteiro pré-definido, agendamento prévio com as escolas, solicitação de permissão aos pais, treinamento de estagiários, aquisição de materiais de apoio e institucionalização das ações com o cadastro do projeto de extensão na Universidade.

Os licenciandos foram convidados a participar do projeto por meio da divulgação nas salas, estendendo o convite às turmas do 2º ao 7º semestre, sem limites de vagas. Na sequência houve reunião com os candidatos a participar do projeto para exposição das ideias, contemplando os objetivos e as metodologias que seriam empregadas, relacionando as escolas, faixa etária do público-alvo e um cronograma de atividades.

Os candidatos que se dispuseram foram entrevistados com ou sem gravador, conforme a vontade de cada um, para perceber quais eram suas experiências, expectativas e, sobretudo, o interesse pela temática. Foram realizados encontros de treinamento das oficinas, para perceber as dificuldades e afinidades dos licenciandos com a temática, para conhecê-los e saber da origem familiar.

Em cada escola havia um encontro semanal, no contraturno às aulas, com a duração de 1h30min, em média, e cada grupo poderia ser formado por, no máximo, 20 alunos, meninos e meninas no mesmo grupo, preferencialmente com faixas etárias próximas.

3.4 Descrição dos Monitores e as Entrevistas

As entrevistas com os monitores foram realizadas no começo do 1º semestre de 2010 e tão logo seria desenvolvido o projeto. Inicialmente apareceram 15 interessados.

Os monitores tinham entre 18 e 22 anos, estavam entre o 3º e 7º semestres do curso noturno de licenciatura e bacharelado do curso de Ciências Biológicas, ao final do ano de 2010. No início do projeto, apenas uma licencianda que trabalhava em creches possuía experiência com crianças, ainda sim no caso dela, uma faixa etária inferior àquelas em que trabalharíamos. Para os demais, seis estavam cursando o 6º semestre no início de 2010, inclusive a aluna que trabalha com a educação infantil, e começariam o estágio

supervisionado obrigatório no nível fundamental no decorrer do 2º semestre de 2010, de forma que o estágio com as oficinas foi um ótimo preparo e acréscimo de vivência em escola para estes licenciandos.

Dos 15 licenciandos que se apresentaram no início, um dos dois meninos desistiu antes mesmo de frequentar as oficinas na escola e uma menina de religião evangélica também desistiu após poucas idas à escola. Como eram sete escolas para fazer o atendimento, havia designado uma dupla de monitores por escola, mas com as desistências, três monitores se ofereceram para participar das atividades em duas escolas concomitantemente, organizando-se sempre em duplas.

Trabalhamos em 13 monitores, que foram assíduos e participativos, uns mais dedicados do que outros, como era esperado, mas houve satisfação com o desempenho destes licenciandos. Em especial, no início do 2º semestre, uma das monitoras foi contemplada com bolsa Pibic por seu destaque na comunicação.

No meio do ano, duas outras meninas desistiram, o que provocou um desfalque em nosso cronograma organizacional. Assim, seguimos até o fim com uma escola a menos do que a ideia inicial e um total de 11 monitores.

A maioria dos monitores era nascida e de famílias residentes em cidades do interior de São Paulo. A maioria estudou em escola pública e disse se lembrar de ter tido aulas de ES na escola, mas uma menina contou que para ela as aulas não tiveram efeito, pois estava na 5ª série e sentia-se muito imatura para compreender as intenções das orientações.

Outra menina contou que teve uma professora de Ciências que até o presente fazia trabalhos direcionados às turmas de 7ª e 8ª séries na perspectiva da ES utilizava filmes e que na época em que estudava, ela e os colegas não tinham a dimensão da importância do tema, criticando a professora por estar “*matando aula*”.

A maioria dos alunos manifestou ter a crença na religião católica; uma menina dizia-se evangélica, como já citado e uma menina tinha a crença no espiritismo. Muitos contribuíram para suas igrejas, em atividades como catequese, evangelização ou grupo de jovens, entretanto, uma menina fez o relato de que a religião católica interferia em seu posicionamento diante da sexualidade quando era mais nova, porque acreditava que se casaria virgem. Porém, à medida que foi crescendo mudou de opinião e a menina evangélica contou que ainda era virgem e que na sua orientação religiosa, sexo era somente depois do casamento. Apesar das crenças pessoais, todos concordavam que suas opiniões não deveriam ser expostas nas oficinas para os alunos.

Em se tratando de manter diálogo com os pais em assuntos de sexualidade, alguns monitores disseram ter mais abertura, outros tiveram uma educação mais fechada, com diálogo limitado ou inexistente, tendo recorrido aos amigos, internet e leituras para obter informações. Eles acreditam que os pais não conversam por sentirem-se envergonhados, por terem avós conservadores e em muitos casos, eles se disseram envergonhados de contar intimidades aos pais, porque *“tem coisa que a gente não conta pra pai e mãe”*, disse uma monitora. Quando acontecem os diálogos, o mais comum é entre mãe e filha, e as mães em geral as levam ao ginecologista quando recebem a notícia de que as meninas já tiveram relações sexuais. Uma monitora dizia se sentir retraída para falar sobre sexo/sexualidade e que por isso mesmo queria fazer o projeto para sentir-se mais a vontade em falar no assunto.

Sobre os homossexuais e outros tipos de diversidade sexual, 100% dos entrevistados apresentaram opiniões favoráveis, sendo que duas meninas relataram se incomodar com extravagâncias, entretanto, o mesmo incômodo serviria para manifestações heterossexuais exacerbadas. Os monitores afirmaram ser contrários à homofobia, ou qualquer manifestação de intolerância, discriminação e preconceito e que gostariam de trabalhar com os alunos das escolas para diminuir a aversão aos “diferentes”.

3.5 Expectativas dos Licenciandos

Os licenciandos estavam animados, curiosos, alguns apreensivos, os mais tímidos estavam com medo da receptividade dos alunos e aos poucos nas reuniões de treinamento ficavam mais a vontade para se expressarem. Do início ao fim do projeto, houve mudanças significativas em alguns; tanto na postura com os alunos, quanto no interesse pelo tema trabalhado e também mudanças pessoais, já que uma monitora afirmou que o projeto das oficinas abriu um canal para o diálogo com a mãe, que nunca antes havia tido coragem de conversar *“assuntos íntimos”* com a filha.

Alguns trechos de conversas mostram quais eram as expectativas de alguns dos monitores. Os nomes utilizados são fictícios:

Daiane – Entrei no projeto por curiosidade, porque nunca havia tido intenção de lecionar e queria ver como me sairia numa sala de aula.

Mônica – Minha expectativa é poder passar informações, curiosidades, tirar dúvidas, ouvir experiências, encontrar e descobrir em cada um ou no grupo, quais as maiores dificuldades e do que mais necessitam.

Amanda – Eu acho que o que eles vão querer saber mesmo é sobre o sexo em si, o ato sexual.

Ivan – Confesso que estou sentindo um nervosismo em não conseguir atender as expectativas dos alunos, também uma tensão assim por não saber com que tipo de pessoas eu vou lidar. Como sempre quis seguir essa profissão, acho que é hora de enfrentar e conhecer a realidade e a sentir mesmo através das oficinas o que é uma sala de aula.

Ana Maria – Acredito que os alunos precisam muito de informações e orientação, porque na fase em que se encontram, sentem-se confusos sobre sentimentos, ações e têm muitas curiosidades a respeito do tema sexualidade.

Fabiola – Achei fundamental o que a coordenadora do projeto está fazendo com a gente que é realizar as oficinas com o grupo antes de aplicá-las na escola e até comentar uma eventual improvisação caso pudesse ocorrer. Nunca tinha ouvido falar num projeto assim.

Thalita – Eu acho que por causa da temática, logo de primeiro momento já teremos perguntas, dúvidas, relatos, comentários. Vou me preparar.

Percebemos, inicialmente, a insegurança dos monitores em não saber o que encontrariam pela frente nas oficinas: como seriam os alunos, como eles reagiriam frente à temática, não sabiam como fariam para conduzir as atividades, especialmente porque o projeto seria diferente de qualquer outro que já tivessem participado. Sobretudo para estes alunos em formação, o objetivo de alguns era conhecer melhor uma escola pública, ter ideia do comportamento dos alunos, enfim, vivenciar na prática a licenciatura, como preparo ao estágio e como perspectiva de profissão.

3.6 Dados Fornecidos pelos Licenciandos

As experiências obtidas com a execução do projeto, tanto para os licenciandos quanto ao favorecimento das reflexões como formadora não cabem neste trabalho. Contudo, aproveitamos os dados referentes às opiniões dos licenciandos acerca da receptividade e apoio

das escolas em que atuaram, a partir das conversas em nossas reuniões, contribuindo para alimentar a nossa questão sobre a adesão das escolas à ES.

No próximo capítulo apresentaremos os referenciais de análise que auxiliaram na construção de um esquema que permitiu avaliar o grau de adesão das escolas pesquisadas à ES.

CAPÍTULO 4 – REFERENCIAL TEÓRICO PARA A ANÁLISE DOS DADOS

Para entendermos qual o nível de comprometimento das escolas para com a temática da sexualidade, utilizaremos **indicadores empíricos** que explicitam a adesão ou interesse em resolver os problemas das mesmas.

Os indicadores foram criados a partir de inspirações em construções já apresentadas em trabalhos de Villani e Barolli (2000a) e Villani e Barolli (2000b), que constroem um esquema heurístico em relação ao sujeito e sua aprendizagem escolar, com conceitos da psicanálise, denominados de Patamares de Aprendizagem. Assim, há estudantes que recusam sistematicamente o conhecimento apresentado, evitando qualquer relação de responsabilidade com a própria aprendizagem; estudantes que atribuem ao professor a responsabilidade por sua própria aprendizagem, estudantes engajados em seu próprio processo de aprendizagem, embora manifestem a necessidade de apoio e orientação e, finalmente, estudantes que aprendem de forma praticamente autônoma, quase que independente da sustentação do professor.

Essas situações não deveriam ser interpretadas como decorrentes apenas do contexto escolar, mas também da maneira singular pela qual esse contexto é enfrentado pelo aprendiz. Como elementos para caracterizar a aprendizagem de um indivíduo ou de um grupo, há as Representações elaboradas sobre o Conhecimento a ser aprendido, os Colegas de sala de aula, o Professor responsável pela disciplina e o Resto, em que se encontram incluídos a escola, a família, os amigos e a sociedade em geral. Cada uma dessas representações é pensada como um nó, um ponto de cruzamento de muitas relações (VILLANI; BAROLLI, 2000a).

Assim, a representação acerca do Conhecimento sintetiza o conjunto de relações tanto internas (das várias partes que o compõem, e dessas partes com outros conhecimentos escolares ou alternativos), quanto externas (do conhecimento com os outros elementos externos com os quais pode ser relacionado). A representação do Professor sintetiza o conjunto de relações que o caracterizam para o aprendiz como sua competência disciplinar e didática, sua cultura, presença física e moral, simpatia e capacidade de relacionamento, atitudes etc. Além destas representações, os autores também fazem referência a dois elementos hipotéticos postulados pela psicanálise (na vertente lacaniana): o OUTRO e o

Gozo¹⁴. O Gozo refere-se ao investimento libidinal inconsciente que mobiliza as representações, provocando a ‘satisfação’ que amarra os aprendizes às situações que se repetem. O OUTRO se refere à fonte dos significantes marcantes dos indivíduos, lugar que pode ser ocupado provisoriamente por figuras ou elementos relacionados com a escola ou o contexto sociocultural.

Desta forma, a particular relação entre o Conhecimento, o OUTRO e o Gozo, irá fornecer indicações da efetiva cultura científica dos aprendizes, assim como da importância e responsabilidade que o conhecimento científico tem para eles: *rejeição, aceitação passiva ou ativa, criação*. No caso da representação do Professor, é possível localizar o tipo de Transferência Pedagógica que os aprendizes estabeleceram com o professor: *indiferença, transferência imaginária ou simbólica, assessoria*. No caso da representação dos Colegas teremos o tipo de vínculo dominante no seu grupo: *indiferença, dependência ou grupo operativo* (BAROLLI; VILLANI, 1998). No caso do Resto, há as informações marcantes externas à sala e aula: *cultura geral, relações sociais dominantes, interesses e metas extraescolares*.

Quando o conjunto das representações e dos elementos inconscientes atinge uma configuração suficientemente estável, na qual há uma sustentação recíproca, dizemos que constitui um patamar subjetivo de aprendizagem. Aprender envolve a passagem de um patamar a outro.

No caso da aprendizagem escolar, os trabalhos de Villani e Barolli (2000b) apresentaram os quatro Patamares Subjetivos de Aprendizagem, considerados como fundamentais, junto com outros três denominados de intermediários.

É apresentada, abaixo, a exposição dos Patamares Subjetivos de Aprendizagem e a transposição para a adaptação aos Patamares de Adesão à Educação Sexual (ES), em que apresentaremos os quatro Patamares Fundamentais e os três Intermediários. Para o caso das escolas, sob o ponto de vista do que representa em termos de ações efetivas e sistemáticas de prevenção, orientação e apoio, distinguimos as características necessárias para associar aos Patamares Fundamentais e Intermediários, justificando os níveis de adesão das mesmas à temática da sexualidade.

¹⁴ O ‘Gozo’ é um elemento teórico da psicanálise, que significa um investimento da libido em repetições dolorosas, carregadas de tensão para os excessos e os desperdícios (VILLANI; BAROLLI, 2000b).

● **Rejeição Direta (RJ)**, em que prevalece o domínio de interesses externos à aprendizagem escolar. Os alunos desprezam o Conhecimento escolar proposto, que não constitui um valor para eles, não aceitando nenhuma intermediação do Professor. O Professor é representado como uma pessoa insignificante, em que é desprezado seu papel de auxílio na aprendizagem. A fonte das emoções importantes encontra-se fora da escola, no Resto. Também fora da vida escolar encontra-se o OUTRO, aquele por quem é importante ser reconhecido.

Por analogia criamos um patamar de adesão denominado de **Rejeição à Educação Sexual (RES)**, em que consideramos o caso das escolas que estão interessadas somente em evitar qualquer conflito com comunidades locais ou religiosas, cujas opiniões tendem a respeitar e até considerar como referência para sua ação pedagógica. Para estas escolas, o tema ES pertencente à esfera privada, às autoridades de saúde ou à família, e deve ser regulado por uma moralidade muito estreita, independentemente das necessidades e curiosidades efetivas dos alunos. Consequentemente, essas escolas recusam trabalhar de forma sistemática a ES no contexto da escola, e até proíbem que o tema seja discutido pelos professores, assim como rejeitam qualquer auxílio externo nesse sentido, sobretudo se a Secretaria de Ensino não considerar o tema prioritário. Para essas escolas, o esforço que lhes compete é reforçar os valores morais que, na opinião explícita dominante, deveriam regular o comportamento dos alunos no campo da sexualidade.

● **Demanda Passiva (DP)**, em que os alunos apresentam um relativo interesse no saber e imaginam que suas esperanças de conhecimento serão satisfeitas pelo Professor ou por Colegas. O saber ou Conhecimento escolar é visto como objeto de consumo, não sendo considerado como um instrumento de pensamento e de trabalho nas decisões do dia a dia. A relação entre alunos e professor, marcada por uma dependência total, é de tipo transferencial, em que o professor é visto aproximadamente como um mágico ou um artista, no qual se deposita total confiança quanto aos resultados da empreitada (*transferência pedagógica imaginária*).

Uma relação em boa parte análoga é a que denominamos de **Adesão Passiva à ES (APES)**, na qual as escolas que percebem a necessidade dos alunos em obterem informações e até a necessidade de uma formação mais consistente em relação ao tema. Porém, esta formação não é de responsabilidade prioritária das escolas. Neste patamar, elas podem até perceber a situação dramática de muitos dos seus alunos, porém consideram que a ES não pertence ao currículo escolar, tendo como referência máxima a SEED, da qual esperam toda diretriz e ajuda. Assim, as intervenções eventuais devem fornecer diretrizes bem precisas para os alunos, limitando as escolhas que estes poderão fazer, sobretudo quanto à opção e ao

comportamento sexual. Mesmo com estes condicionantes, as escolas se sentem impotentes quanto à capacidade de dar conta desta tarefa, seja por incompetência quanto ao domínio do conhecimento, seja por incapacidade de avaliar os limites entre a privacidade e a liberdade de informação e discussão. No caso de escolas com este perfil, o resultado do conflito depende da ajuda externa. Se esta for competente, no sentido de mostrar a importância da intervenção da escola e oferecer um auxílio significativo nesse respeito, poderá ser aceita; em geral, somente a pessoas consideradas aptas de forma mais sistemática será demandado promover a formação desejada.

- Entre os dois patamares de aprendizagem anteriores há um intermediário de transição entre a rejeição e a aceitação do conhecimento científico, denominado de **Indecisão (I)**, em que o aluno se encontra numa oscilação permanente entre a atrativa do Conhecimento e as atividades sem compromisso, entre a confiança no professor e o afastamento dele. O Gozo do aluno está em não se comprometer. Trata-se de um patamar no qual o aluno está sensível à ação do Professor e da Instituição: se este for hábil ou aquela inclusiva, haverá uma aproximação maior ao conhecimento, caso contrário o aluno se decidirá para a rejeição.

Uma situação semelhante a este patamar de aprendizagem é o que denominamos de **Indecisão sobre a ES (IES)**, de modo que estão incluídas neste patamar de adesão as escolas que percebem a situação dramática de muitos dos seus alunos, porém consideram que a ES não pertence ao currículo escolar. Esta tensão permanente gera comportamentos oscilatórios, sendo que às vezes aceitam iniciativas externas que prometem informações importantes para os alunos, mediante palestras, oficinas e outras intervenções pontuais, e às vezes recusam tomadas de posição frente a eventos dramáticos, por não considerá-los da competência da escola. Em caso contrário, intervenções consideradas muito em desacordo com a tradição pedagógica e/ou moral/religiosa da escola podem confirmar a escola na rejeição da ajuda. Para estas escolas, a própria referência é oscilante, considerando que devem responder aos ditames da Secretaria de Ensino ou da moral vigente ou religiosa.

- **Aprendizagem Ativa (AA)**, este patamar é marcado pela aceitação da procura do Conhecimento (com o professor, nos livros, com os colegas) a partir do desejo do professor e das opções por ele oferecidas. O Conhecimento deve ser conquistado e elaborado. O Gozo está no desfrutar o reconhecimento do Professor e dos Colegas. A relação entre alunos e Professor ainda é de tipo transferencial, porém ela envolve uma mútua implicação, na qual é atribuída ao professor a função de introduzir, quando necessário, novas situações problemáticas e novos desafios, capazes de sustentar e realimentar o processo.

Uma situação análoga no campo da ES é a que denominamos de *Adesão Ativa à ES (AAES)*. Para as escolas que se encaixam neste patamar temos o aceite da responsabilidade da orientação e prevenção, mesmo sem abandonar a estrutura tradicional. Estas escolas promovem a formação de seus professores a fim de facilitar a participação em cursos apropriados, organizam eventos a partir da colaboração com externos, incentivam o diálogo entre os docentes e o tratamento do tema nas disciplinas, preferencialmente pelos docentes de Biologia. Sobretudo, elas estão atentas a enfrentar e resolver os casos de conflito e defendem explicitamente os direitos dos adolescentes e das pessoas. Estas escolas implicitamente reconhecem sua função social nesse campo e não abrem mão dela: prestam conta às Diretrizes Oficiais, levando em consideração as orientações dos PCN, mesmo não sendo o documento trabalhado no Estado do Paraná. Em resumo, tentam implementá-las sistematicamente, mas limitam-se às recomendações propostas por ambos.

- Entre o patamar DP e AA tem-se outro patamar intermediário, de transição, que os autores citados denominam *Aceitação do Risco (AR)*, pois nele o aluno aceita mostrar seu Conhecimento, sem tentar esconder-se, mesmo que tenha dúvidas a respeito. Isso acontece de duas maneiras: fazendo perguntas ou tentando respostas. O Gozo destes está em se mostrar, em aparecer frente ao Professor e aos Colegas.

De maneira análoga, denominamos as escolas que podem ter uma posição de transição para a temática da ES de *Adesão Oscilante à ES (AOES)*, oscilando entre ter iniciativas externas e internas programadas (visando envolver todas as disciplinas e promover ações sistemáticas) e deixar esta tarefa para as ocasiões favoráveis ou às situações de evidente mal-estar. Estas oscilações dependem das iniciativas, ou da falta delas, de diretores e docentes, sendo que estas iniciativas não podem contar com o apoio sistemático da escola como um todo, sobretudo por causa da estrutura tradicional.

A escola parece prestar conta, de forma oscilante, ao senso comum, com os valores da comunidade e aquilo que vivencia como sua função social. Por isso a escola experimenta conflitos internos entre seus atores e nem sempre consegue enfrentar com firmeza o debate com os vários segmentos da sociedade, de modo que as iniciativas às vezes são reconhecidas e divulgadas; outras vezes são deixadas sem ressonância. Contudo, há um esforço de alguns para defender os direitos dos adolescentes e das pessoas, pois os membros comprometidos da escola encontram satisfação em apontar as iniciativas que tiveram sucesso, como a promoção da formação de seus professores em cursos apropriados, promoção de eventos a partir da colaboração com externos, promoção do diálogo entre os docentes e o tratamento do tema nas disciplinas, preferencialmente pelos docentes de Ciências e Biologia.

Neste patamar situam-se aquelas escolas que oscilam entre prestar conta às DCE e aos PCN, que têm opiniões distintas quanto ao tema, e esconder-se esperando iniciativas externas, prestando conta ao senso comum.

- **Pesquisa Criativa (PC)**, que se caracteriza pelo esforço sistemático dos alunos em produzir Conhecimentos novos resolvendo algum problema básico encontrado. Isso acontece geralmente em situações de final de curso superior ou pós-graduação. A relação de tipo transferencial com o professor dissolve-se progressivamente, pois ele não ocupa mais o lugar de OUTRO. O Gozo dos alunos é agora limitado e orientado pelo desejo de resolver os problemas que os intrigam.

No caso da ES, o patamar denominado de **Adesão Criativa à ES (ACES)** representa a meta utópica a ser atingida pela escola que se considera autônoma em relação às crenças e aos valores dos vários segmentos da sociedade e persegue com firmeza e criatividade o objetivo de formação dos alunos para a cidadania. Mantém sua posição constante de promoção da ES dentro dos Parâmetros Oficiais, com iniciativas novas que ultrapassam a estrutura tradicional das disciplinas e envolvem projetos interdisciplinares originais.

A satisfação fundamental de seus membros está no enfrentamento dos problemas encontrados e no reconhecimento de sua própria originalidade. Além disso, há o comprometimento da direção e dos professores, que entendem ser importante inserir temas relacionados em discussões de planejamento ou ao vivenciar situações que tenham implicação direta com assuntos no âmbito da sexualidade.

- Para os autores citados há outro patamar intermediário de transição entre a Aprendizagem Ativa e a Pesquisa Criativa denominado de **Além da Aprendizagem Ativa (AAA)**, no qual o aluno começa a experimentar um trabalho original de procura. O Gozo do aluno oscila entre a procura do novo e o reconhecimento do Professor. Em momentos de maiores dificuldades, a relação pedagógica transferencial volta a ser dominante e o Professor uma referência que não pode ser descartada.

Em analogia a este patamar de aprendizagem, criamos o patamar de adesão denominado de **Além da Adesão Ativa à ES (AAAES)**, em que encontramos escolas que mantêm sua posição constante de promoção da ES dentro dos Parâmetros Oficiais adotados, porém conseguindo às vezes, ir além delas e promover iniciativas originais que podem gerar debates intensos. Exemplos que parecem mostrar este tipo de adesão são a mistura entre, de um lado, iniciativas arrojadas como a distribuição de camisinhas para os alunos mais velhos, a exposição pública das razões das escolhas sexuais diferentes da heteronormativa, o apoio e

cuidado às grávidas, a luta aberta contra os casos de pedofilia e prostituição infantil e, de outro lado, iniciativas mais limitadas ao âmbito tradicional, como a promoção de cursos para os professores e de debate internos à escola.

Para encontrar indicadores de adesão à ES das escolas utilizamos também analogias com outro referencial como o das Metas de Realização, que aponta indicadores de motivação para a aprendizagem (MIDGLEY, KAPLAN, MIDDLETON e MAEHR, 1998; BORUCHOVITCH; BZUNECK, 2001). Em nosso caso, focalizaremos a motivação da escola para efetuar a ES, relacionando-a com a imagem que ela quer ter, levando em conta o contexto interno (professores) e externo (familiares e comunidade), seus valores, as possibilidades de diálogo sobre o tema, as convicções e conceitos que tem de sexualidade/sexo.

Propondo em esquema sintético para a relação (implicação) com os saberes, aparecem três categorias e abaixo delas as relações que fizemos de Motivação da escola para a prática da ES:

- **Meta-aprender:** é quando o indivíduo realmente quer aprender, o saber é indispensável, tem gosto em aprender; sente-se capaz de progredir intelectualmente com inovação e criatividade, por meio de seus esforços e persistência. O aluno orientado à Meta-aprender se esforça bastante e seu sucesso é medido frente ao progresso obtido com a atividade. Nesse caso, há fatores internos e sob seu controle, deixando vir à tona sentimentos de orgulho e realização, facilitadores da motivação intrínseca. Os erros são considerados como inerentes ao processo de aprendizagem, valorizando-se não as notas, mas o valor da descoberta, ou seja, esforçam-se e desenvolvem estratégias adequadas de estudo em busca dos objetivos de aprendizagem, sem apresentarem ansiedade que seja prejudicial. Valorizam a aprendizagem, persistem perante as dificuldades, superam os desafios, buscam o conhecimento e o crescimento intelectual. Dependendo dos casos, os alunos que têm como Meta-aprender podem ser classificados nos patamares AA ou AAA ou até PC.

Na analogia, podemos denominar de **Meta-cidadania** para caracterizar a escola como aquela que cria uma imagem firme de si, internamente e perante a comunidade, pois quer enfrentar os problemas relacionados à temática. Acredita que é seu dever orientar para a cidadania e para a vivência saudável da sexualidade, tendo assim o sentimento de tentar cumprir a ampla missão educacional com a formação ética e integrada dos indivíduos. Nestas situações de motivação, a escola assume os riscos de exposição frente à comunidade interna e externa, porque para ela interessa o bem-estar dos alunos e a superação dos desafios. Também

podemos considerar que a adesão à ES dessas escolas pode ser classificada como AAES, AAAES ou até ACES.

- **Meta-performance-aproximação:** o saber é interessante, mas não necessário, tem uma busca por reconhecimento mas no sentido de incremento do status, superficial. O aluno orientado à Meta-performance-aproximação preocupa-se com a opinião que formarão da sua inteligência, adotando, desta forma, estratégias de aprendizagem que lhe garantam sucesso. Dependendo da situação, esta orientação pode também levar o aluno a se interessar pela disciplina e adotar estratégias de estudo para alcançar os objetivos que lhe são impostos. Procura realizar tarefas escolares e responder questionamentos dos professores, preocupando-se para que o resultado seja considerado como sendo melhor que a de seus colegas de classe e para mostrar a professores e aos seus pares, como sendo o mais esperto da turma. Procura tirar boas notas, se esforça e persiste, mas obtém resultados superficiais. O patamar de aprendizagem desses alunos pode ser DP ou AR.

Fazendo a analogia, vinculamos a **Meta-imagem** para circunstâncias de encontrarmos escolas, em que há a intenção de cumprir o que delas se espera, criando uma imagem, prevalentemente para prestar contas a quem lhes cobra, quer seja a comunidade externa, quer seja a SEED, sem a intenção real e sistemática de promover o acesso à orientação e prevenção no que compete aos temas da sexualidade. Não tem intenção de expor-se assumindo riscos desnecessários em prol de situações delicadas que não lhe trarão visibilidade ou status, pois a escola faz somente o necessário para aparecer. De maneira análoga aos Patamares de Aprendizagem, as escolas que têm como meta prioritária promover sua imagem, podem ser classificadas como APES ou AOES.

- **Meta-performance-evitação:** quando o saber é desprezível ou prejudicial, quando o indivíduo tem desprezo, medo ou ódio; não quer passar por incompetente, possui baixa resistência e faz pouco uso de estratégias para a aprendizagem, preferindo tarefas fáceis. Não tem interesse por boas notas e apresenta tendência à ansiedade, que é prejudicial à motivação intrínseca. O aluno orientado à Meta-performance-evitação tem o pensamento de que é inútil e que não pode realizar as tarefas escolares, nem responder ao questionamento dos professores. Procura agir de tal forma que os outros não percebam a sua incapacidade e para que não façam julgamentos de que ele sabe menos que os outros de sua turma. Considera-se como incapaz e como um dos piores da classe. Os alunos com este tipo de meta de aprendizagem podem ser classificados como operando nos patamares RJ ou I, dependendo dos casos.

Em situação análoga, associamos a *Meta-evitação* para a escola que não quer ser julgada pelos professores ou pais em situações de enfrentamentos ou questionamentos no que tange à sexualidade, por isso faz o máximo possível para não aparecer, preferindo criar a imagem de alheia, sem motivação para tratar de questões neste âmbito. Não assume riscos e prefere não se expor, ignorando as oportunidades de discussão e enfrentamento de situações problemáticas. Também para as escolas que têm como Meta-evitar sua exposição o nível de adesão é classificado como RES ou IES, podendo também ser do tipo APES, dependendo do caso.

Estas associações serão utilizadas na medida em que formos categorizando as escolas, após a análise dos dados, a partir do capítulo 6. No próximo capítulo será descrito como foi realizada a pesquisa.

CAPÍTULO 5 – METODOLOGIA DA PESQUISA

Para fazermos a análise dos dados e construirmos um esquema de avaliação das escolas pesquisadas com relação à temática da sexualidade, partimos do que encontramos nas entrevistas, questionários e nos relatos das oficinas. Antes de iniciarmos a análise dos dados, precisamos definir quem foram os sujeitos representativos da escola. Apesar de fazerem parte da escola a direção, a equipe pedagógica, os professores, funcionários, alunos e conselho escolar, neste trabalho consideramos como representativas da escola as opiniões dos sujeitos que conseguimos entrevistar, obtendo informações significativas para nossa pesquisa. Assim, a diretora, a pedagoga, a professora de Ciências ou Biologia, alguns professores de outras áreas, são considerados aqui como os representantes das escolas. Suas afirmações serviram para obter o diagnóstico da escola em relação à ES. Denominamos esta avaliação de diagnóstico interno.

Houve um encontro com algumas mães para apresentação das atividades de oficina em uma das escolas; contudo, não forneceram informações que pudessemos acrescentar neste trabalho. Os funcionários que foram abordados em cada uma das escolas-alvo não se mostraram disponíveis para realizar entrevistas, pois se julgaram não aptos a opinar sobre questões pedagógicas da escola. Por outro lado, procuramos complementar nossa análise por meio das informações de alunos, dos licenciandos e nossas, referentes ao comportamento da escola em relação ao tema. Denominamos essa complementação de diagnóstico externo.

Elaboramos um conjunto de dimensões, subdimensões e categorias, que nos permitiram classificar os relatos e avaliar de forma aproximada o grau de adesão das escolas à ES. As dimensões representam as respostas das escolas às perguntas que fizemos sobre como as mesmas veem, enfrentam e se posicionam sobre o tema. Referem-se a eventos ou pontos fundamentais extraídos dos dados e que apontam para a adesão das escolas à temática. As subdimensões representam desdobramentos de dimensões complexas caracterizadas por mais de um elemento significativo para nosso estudo: todas elas se complementam para ajudar no diagnóstico da situação das escolas pesquisadas.

Finalmente, as categorias de análise são os instrumentos que permitem classificar as informações obtidas e apontar para as necessidades atendidas em uma escala de investimento ou de comprometimento com o tema, em menor ou maior intensidade.

O conjunto de dimensões e categorias foi construído da seguinte forma: após uma leitura das entrevistas, localizamos temas significativos nelas levantados, como Homossexualidade, Pedofilia e Prostituição de menores, Eventos escolares envolvendo sexualidade, Discussões sobre sexualidade, Gravidez de alunas etc. Analogamente definimos as dimensões do diagnóstico externo a partir do material correspondente. Alguns temas pareciam bastante complexos, assim procuramos dividi-los em dois ou mais subtemas, que deram origem às subdimensões. Para realizar um diagnóstico comparativo, construímos um conjunto de categorias que permitissem caracterizar o grau de adesão da escola à ES. Para poder sintetizar os resultados, procuramos manter as mesmas categorias em cada subdimensão. A elaboração das categorias e dos correspondentes critérios de análise foi realizada sob a orientação dos patamares de adesão apresentados no capítulo 4. Por construção, essas categorias representam indicadores progressivamente positivos de adesão das escolas à ES em cada dimensão ou subdimensão. Assim, a primeira categoria indica Rejeição da ES e a última Adesão Criativa a ES.

No entanto, para flexibilizar nossa análise, limitamos o número de categorias a quatro, em correspondência aos Patamares Fundamentais. Assim, as categorias que correspondem aos Patamares de Adesão da escola, também foram denominadas de *Rejeição à ES (RES)*, *Adesão Passiva à ES (APES)*, *Adesão Ativa à ES (AAES)* e *Adesão Criativa à ES (ACES)*. Porém, a classificação final da escola, que foi elaborada a partir da síntese do diagnóstico total envolvendo todas as dimensões, utilizou também os Patamares Intermediários.

Na Figura 1, a dimensão que representa uma temática abrangente está representada sob a forma de uma elipse. As subdimensões também estão representadas com elipses e as categorias de análise estão representadas com retângulos:

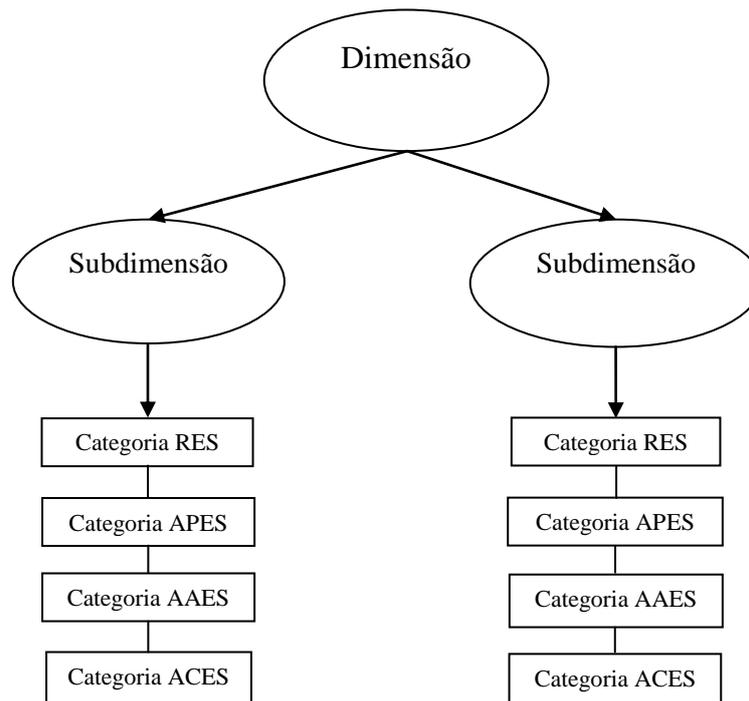


Figura 1 – Representação das dimensões, subdimensões e categorias de análise

Como primeira parte de nossa avaliação, envolvendo diretoras, pedagogas, professoras de Ciências ou Biologia e as respostas dos questionários, nominamos três dimensões como especiais, pois foram pontos fundamentais de destaque: **‘Gravidez’**, **‘Homossexualidade’** e **‘Pedofilia/Prostituição infantil’**. Outros pontos de destaque que nominamos de convencionais, também relevantes para as escolas foram: **‘Promoção de ações de ES’**, **‘Promoção de discussões internas entre os professores sobre a temática’** e **‘Promoção de encontros com os familiares sobre a temática e as oficinas’**. Também foram consideradas como dimensões pertinentes: **‘Eventos escolares envolvendo sexualidade’** e **‘Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos’**.

Para a ‘Avaliação externa à escola’ a consideramos como dimensão, considerando as **‘Opiniões das grávidas’**, as **‘Opiniões dos licenciandos’**, as **‘Opiniões dos alunos’** que participaram das atividades e as **‘Opiniões subjetivas da pesquisadora’** como subdimensões.

5.1 Análise dos Dados – Procedimento

Primeiramente foram selecionadas unidades de análise que são as frases dos pesquisados que se referem a cada uma das dimensões ou subdimensões. Uma vez selecionadas todas as unidades de análise que não se repetiam, as mesmas foram classificadas de acordo com as respectivas dimensões e subdimensões, em uma das categorias. Para justificar a categorização das unidades de análise relacionadas às subdimensões, foram criados critérios que explicitaram o porquê do enquadramento.

Justificamos que os critérios convencionados para cada uma das dimensões atendem ao que consideramos o ideal da ES, em consonância com os pressupostos da *Abordagem Emancipatória de Educação Sexual*, conforme nos orienta a literatura (WEREBE, 1982; NUNES, 1996; FIGUEIRÓ, 2011; FURLANI, 2011). As categorias RES, APES, AAES e ACES podem ser usadas para todas as dimensões e construídas com os mesmos critérios, pois levantam graus diferentes de adesão ao mesmo ideal.

Assim, na construção dos critérios, consideramos como o ideal, as relações apontadas a seguir, expressas em cada categoria ACES que relacionamos:

- a necessidade de se trabalhar com o educando as informações científicas sobre a sexualidade, bem como aspectos afetivos e psicológicos, para ajudá-lo a encontrar o prazer sexual, conquistando uma vida saudável e feliz;
- a orientação para o resgate do gênero e do prazer na vida das pessoas;
- a atenção para o respeito a todo o tipo de diversidade, para o alcance dos direitos sexuais e reprodutivos e da saúde sexual;
- a valorização do aspecto informativo do processo, podendo também dar ênfase ao aspecto formativo, no qual se propicie a discussão de valores, atitudes, tabus e preconceitos;
- a importância da discussão de dúvidas, sentimentos e emoções;
- a compreensão ou o alerta para a importância de se compreender como as normas sexuais foram construídas socialmente, identificando nelas a presença da opressão;
- a questão sexual como uma questão ligada diretamente ao contexto social, influenciando e sendo influenciada por esse;
- a ênfase à participação em lutas coletivas para transformações dos valores e das normas sociais ligadas direta ou indiretamente à sexualidade;
- mudanças de valores, atitudes e preconceitos sexuais das pessoas para o alcance de sua libertação e realização sexual;

- a vivência da sexualidade com liberdade e responsabilidade, em nível não apenas do indivíduo, mas da sociedade como um todo.

Também o paradigma construcionista nos inspirou na construção dos critérios para cada uma das dimensões, por concordarmos com suas concepções. O discurso *construcionista* (VANCE, 1991/1995 apud PAIVA, 2008) re-definiu o gênero e a identidade sexual, separou a identidade das práticas sexuais, questionou o determinismo biológico, construiu a história da homossexualidade e da origem da dominação masculina. Outros autores construcionistas como Barbieri, 1991; Vance, 1991/1995; Parker, 2000 (apud PAIVA, 2008) utilizaram como referência a autora Rubin que desconstruiu as noções essencialistas que atribuíram à sexualidade e à reprodução a origem da desigualdade de gênero. O autor Weeks (1999) escreveu que o construcionismo social contrapõe-se ao “essencialismo” sexual, que é o ponto de vista que tenta explicar as propriedades de um todo complexo por referência a uma suposta verdade ou essência interior.

Como afirmou Paiva (2006), as iniciativas desse campo, explícita ou implicitamente, consideram em seu horizonte normativo a perspectiva dos direitos humanos. Aproximações com a nossa pesquisa são verificadas nos aspectos da reflexão crítica aplicada à promoção da saúde, educação para a sexualidade e prevenção do HIV/AIDS.

As categorias inferiores apresentam níveis mais baixos de adesão que vão da rejeição ao ideal da ES. A exemplo, no caso da dimensão ‘Gravidez’, a subdimensão ‘Responsabilidades pela Gravidez’, temos as seguintes categorias:

Categoria RES - condena: haveria um **juízo negativo do evento e das alunas** como responsáveis e não haveria **nenhuma responsabilidade da escola**, nem seria necessário oferecer algum tipo de apoio.

Categoria APES - condena, mas culpa a família e/ou o ambiente: haveria um **juízo negativo da família e/ou o ambiente** e correspondente **condenação do evento**, porém haveria **tentativa de compreender a situação das alunas e responsabilidade** da escola em oferecer algum tipo de auxílio para tornar a situação menos dramática.

Categoria AAES - reconhece que o problema é complexo: haveria **reconhecimento** da complexidade da situação, **não haveria juízo das grávidas**, e seria reconhecida a responsabilidade da escola em oferecer o maior auxílio possível.

Categoria ACES - reconhece que a escola não atuou de forma preventiva: **além de não haver o juízo das alunas e de reconhecer a necessidade da escola oferecer o maior auxílio possível**, haveria o **reconhecimento da responsabilidade da escola** na prevenção dos eventos via ES.

Um exemplo de classificação seria:

Categoria RES - [...] *O problema que a gente enfrenta com as meninas que engravidam e param de estudar é difícil resolver, porque não tem perspectiva, mas daí é uma questão cultural, tem a ver com o nível sociocultural deles, não tem o que a gente fazer [...].*

Categoria APES - [...] *a gente tenta conversar e tal, até esta menina que tava grávida, da 5ª série, porque a barriga tava muito visível, então a gente chamava, conversava, chamamos a mãe, colocamos que ela teria que ir no médico, e tal, e tal, mas a mãe falava assim: “_ Aí, eu compro camisinha pra ela e sabe o que é que ela faz? Ela brinca de bexiga com a camisinha!”, então quer dizer, se a mãe compra camisinha é porque a mãe já sabia que ela tava fazendo sexo.. [...].*

Categoria AAES - [...] *Uma aluna, inclusive, ela já teve o neném, já, né, se viu grávida, aí ela veio conversar: “_ O que é que eu faço?”. Então eu acho assim que foi uma barra muito pesada pra ela, né, tem só 16 anos, né, então eu falei bastante pra ela: “_ Não pare de estudar!”, né, inclusive ela não parou [...].*

No caso da subdimensão externa ‘Opiniões subjetivas da pesquisadora’, sobre a relação da escola com a ES (sua percepção global quanto à receptividade da escola à pesquisa e às atividades de oficinas, às atitudes a respeito da sexualidade, ao envolvimento dos professores com a temática e ao atendimento às recomendações dos Documentos Oficiais), temos os seguintes critérios:

Categoria RES - não teve preocupação com a temática: a escola **não apoiou a pesquisa e/ou as atividades de oficinas oferecidas** e **não manifestou preocupação com a temática da sexualidade em nenhum** dos aspectos delineados acima.

Categoria APES - alguns aspectos da sexualidade são privilegiados pela escola: a escola **apoiou somente em parte a pesquisa e/ou as atividades de oficinas** oferecidas, **privilegiando apenas alguns dos aspectos da sexualidade** por nós apontados, **sem** levar em consideração **as recomendações dos Documentos Oficiais**.

Categoria AAES - atende a maioria dos aspectos por nós apontados na área da sexualidade: a escola **apoiou a pesquisa e/ou as atividades de oficinas oferecidas, preocupando-se com a maioria dos aspectos da sexualidade** por nós apontados e levando em consideração **algumas das recomendações dos Documentos Oficiais**.

Categoria ACES - a escola faz mais do que orientam os Documentos Oficiais sobre os aspectos por nós apontados na área da sexualidade: a escola **apoiou a pesquisa e/ou as atividades de oficinas oferecidas, preocupando-se com todos os aspectos da sexualidade** por nós apontados, sendo ainda **mais criativa e inovadora do que as recomendações dos Documentos Oficiais**.

Um exemplo de classificação:

Categoria APES – *Na escola não houve dificuldades na recepção da diretora, pedagoga e professora de Ciências em participar da pesquisa, porém, o mesmo empenho não foi observado com relação à divulgação das oficinas aos professores e familiares. Houve decepção dos licenciandos com relação aos alunos desta escola que desistiram de participar das oficinas por motivos não informados. Foi percebida pouca preocupação em implementar programas efetivos de ES pela direção da escola, justificada pelo fato de que o material vindo da SEED para trabalho nas reuniões pedagógicas não abordava temas na área da sexualidade. A professora de Ciências se mostrou atenciosa e solícita às necessidades dos alunos, assim como a pedagoga, contudo não houve um rigor curricular nas ações. Temas como a pedofilia e a prostituição infantil foram apontados como inexistentes; para a gravidez poderia haver menos julgamento e mais apoio e a homossexualidade gerou impasse sobre a aceitação tal qual a heteronormalidade, e por isso mesmo poderia ser mais discutida entre os professores. As opiniões moralistas dos professores no questionário complementaram ainda mais as impressões negativas acerca da sexualidade.*

Categoria AAES – *Na escola houve grande receptividade da direção e pedagoga à pesquisadora, fornecendo as informações desejadas, oferecendo apoio às atividades de oficinas, com o atendimento aos familiares sobre dúvidas acerca do projeto e suporte aos licenciandos, além de estimular os alunos dos períodos matutino e vespertino a participar. Por se tratar de ser a realidade desta escola distinta das demais, uma das maiores preocupações era mudar a concepção das alunas e até de suas famílias, em engravidar e se casar aos 14 ou 15 anos, nos moldes da cultura local. Sobre os demais temas, a questão dos homossexuais foi percebida com reticência, bem como a inflexibilidade verificada com as respostas dos professores no questionário. A professora de Ciências foi mais restrita às informações fornecidas, contudo, se mostrou envolvida e preocupada em realizar a ES, ao relatar as atividades já desenvolvidas. Houve a manifestação em atender algumas das recomendações da SEED, sobretudo no quesito dos cursos oferecidos na área em questão.*

De acordo com Moraes (2007), o processo avaliatório é válido quando suas conclusões são corretas e é fidedigno quando seus resultados são repetidos ou replicáveis. Fidedignidade e validade são requisitos que se aplicam tanto ao delineamento quanto à mensuração da pesquisa de avaliação. No nível do delineamento do processo de avaliação são examinadas as conclusões, e a pergunta é se estão corretas e aplicáveis. No nível de mensuração são examinados os escores (resultados) ou observações, e a pergunta é se são precisos e replicáveis. Dois testes foram realizados, o de Validade e Fidedignidade, para podermos garantir êxito em nosso processo de avaliação, com a definição de critérios ou parâmetros para análise dos dados, conforme recomendam Raupp e Reichle (2003). Como delineamento do processo de avaliação houve a validação dos critérios por nós elaborados por um avaliador, para garantir que estariam coerentes e aplicáveis para a classificação das falas dos pesquisados em cada uma das quatro categorias de cada dimensão.

Como mensuração, houve a classificação das falas feita por outro avaliador que após apreender os critérios apontados para cada categoria nas dimensões, conferiu a precisão

dos critérios e fez a análise de todas as unidades, cujo objeto era eliminar ambiguidades e contradições. O teste de fidedignidade foi realizado para garantir concordância entre os resultados das análises do pesquisador e do avaliador, obtendo a média geral de 91%, conforme indica na Figura 2.

Na Figura 3 são apontadas as relações de percentagem de concordância nas análises por dimensão, entre pesquisador e avaliador.

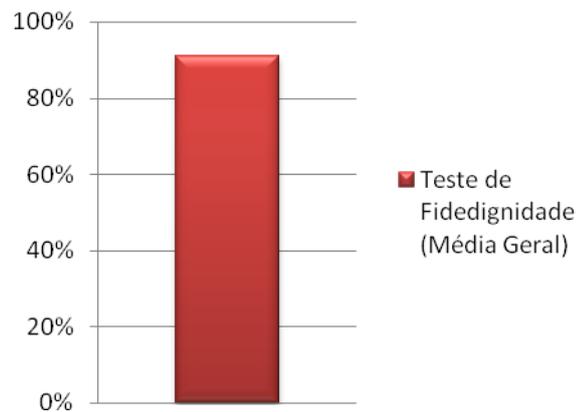


Figura 2 – Média geral para a percentagem de concordância nas análises por dimensão entre pesquisador e avaliador

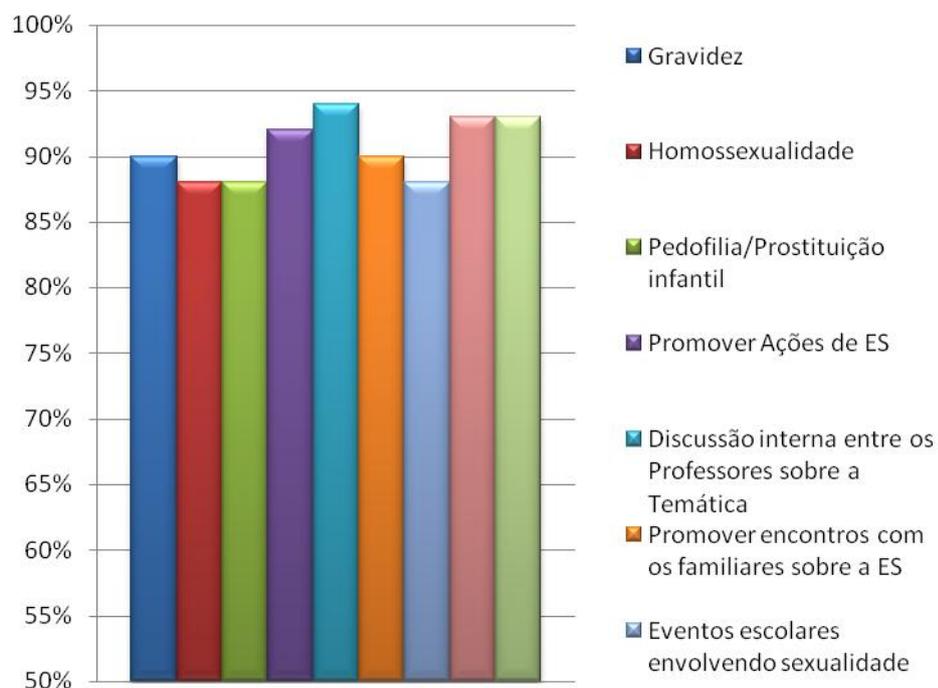


Figura 3 – Relações de percentagem de concordância nas análises por dimensão, entre pesquisador e avaliador

Como já mencionado, foi feita uma avaliação interna objetiva, com a análise do conteúdo dos investigados da escola (diretora, pedagoga, professora de Ciências e professores de outras áreas) e uma avaliação externa pelas impressões e recepção às intervenções (alunas grávidas, licenciandos, alunos e pesquisadora). Para podermos combinar todos os dados, consideramos por simplicidade que a diferença em termos de adesão à ES entre cada categoria e a sucessiva fosse a mesma. A distribuição considerada é arbitrária, pois a diferença entre uma categoria e outra vale 1 ponto. Assim, a categoria RES teria adesão praticamente nula, a categoria APES teria 1 ponto de adesão, a categoria AAES teria 2 pontos e a categoria ACES teria 3 pontos.

Para fazermos as análises dos dados organizamos tabelas compilando as informações das avaliações internas e externas. Para obtermos os resultados da avaliação interna, obtivemos as médias por dimensão para cada sujeito da pesquisa, atribuindo pesos por categoria, levando em consideração o número de indicações recebidas após terem sido realizadas as análises. Consideramos a regra de aproximação matemática para os resultados das médias, conforme aponta o exemplo na Tabela 3:

Tabela 3 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A

Dimensão Gravidez	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	3	0	1	0	-	-	1	0
Categoria APES	1	1	-	-	3	3	-	-
Categoria AAES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	0,3		0,0		1,0		0,0	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total de pontos para as categorias

Na sequência organizamos uma tabela síntese com as médias parciais por dimensão de cada sujeito da pesquisa e na somatória, a média da avaliação interna, conforme ilustra o exemplo na Tabela 4:

Tabela 4 – Médias parciais por agentes da escola e média da avaliação interna da escola A

Dimensão	Avaliação Interna			
	Média Diretora	Média Pedagoga	Média Professora de Ciências	Média Professores de outras disciplinas
Gravidez	0,3	0,0	1,0	0,0
Homossexualidade	0,0	-	-	1,3
Pedofilia/Prostituição Infantil	0,6	-	0,3	-
Ações de ES	1,0	1,7	1,7	1,3
Discussão Interna com os Professores	2,0	-	-	-
Promover Conversas com os Familiares	2,0	-	3,0	-
Tratamento das Situações Problemáticas	1,3	-	1,5	-
Valores Morais e Religiosos	-	-	-	0,5
Média Parcial	1,0	0,9	1,5	0,8
Média Avaliação Interna	1,1			

Para a análise externa à escola obtivemos as médias parciais a partir do número de indicações recebidas por categorias, por termos apenas uma dimensão para todos os sujeitos da pesquisa, conforme ilustra o exemplo na Tabela 5:

Tabela 5 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação externa da escola A

Categorias	Avaliação Externa							
	Alunas Grávidas		Licenciandos		Alunos		Pesquisadora	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	1	0	-	-
Categoria APES	1	1	-	-	1	1	-	-
Categoria AAES	1	2	2	4	1	2	1	2
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média Parcial	1,5		2,0		1,0		2,0	
Média Avaliação Externa	1,6							

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Por fim, para obtermos a média final das escolas, atribuímos peso 2 à média da avaliação interna e peso 1 à média da avaliação externa, conforme indicado na Tabela 6:

Tabela 6 – Média final da escola A

Escola	Avaliação Interna Média / (Peso 2)	Avaliação Externa Média (Peso 1)	Média Final
A	1,1 / 2,2	1,6	1,3

Para relacionarmos a média da escola e posicioná-la em um Patamar de Adesão concluindo a avaliação, utilizamos intervalo como está indicado a seguir, para contemplar a regra de aproximação matemática:

0,0-0,2 = Patamar **RES**;

0,3-0,7 = Patamar Intermediário **IES**;

0,8-1,2 = Patamar **APES**;

1,3-1,7 = Patamar Intermediário **AOES**;

1,8-2,2 = Patamar **AAES**;

2,3-2,7 = Patamar Intermediário **AAAES**;

2,8-3,0 = Patamar **ACES**.

Assim, em nosso caso, a escola A deveria ser classificada no Patamar Intermediário **AOES**, que nos parece efetivamente apropriado, por combinar uma preocupação sistemática e boas iniciativas eventuais com preconceitos em relação à ES.

5.2 Construção do Esquema para a Organização dos Dados

O conjunto dos indicadores empíricos representam os elementos disponíveis para expressar as ações, pensamentos, ideias, convicções, conhecimentos e posicionamentos dos investigados, que desenham o perfil normativo de cada escola. São os dados empíricos que mostram quais as necessidades da escola em aderir ou não à ES.

O apontamento das dimensões, subdimensões e das categorias foram utilizados para fazer as categorizações dos dados, que posteriormente serão úteis para situarmos as escolas em um Patamar de Adesão à ES. Tais resultados podem ser observados no Apêndice G.

No próximo capítulo faremos a caracterização de cada escola pesquisada após termos concretizado a análise dos dados.

CAPÍTULO 6 – CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA PESQUISADAS

Apresentaremos uma breve descrição das escolas escolhidas para a pesquisa, de modo a perceber a abrangência de cada uma no local em que se situa e ao que seu ensino se propõe com relação à sexualidade, tendo consultado diretamente os PPPs. Em seguida faremos a categorização de cada escola para mostrar o panorama do campo de abrangência da temática da sexualidade nas escolas públicas do município alvo, baseado nas informações que pudemos compilar na categorização feita no capítulo anterior.

6.1 Caracterização da Escola A

6.1.1 Descrição da Escola

Esta escola oferta somente o Ensino Fundamental de 6º ao 9º anos, trabalhando nos turnos matutino e vespertino. Está localizada num bairro de periferia da cidade e atende a alunos que vêm de aproximadamente seis outros bairros ou vilas bastante carentes, além daqueles que vem da zona rural. A instituição divide seu espaço físico com uma escola municipal que atende crianças de 1º ao 5º anos do Ensino Fundamental.

Anualmente, a escola recebe aproximadamente 300 alunos, provenientes de famílias que têm renda na faixa de um a três salários mínimos, declarados na ficha de matrícula. A maioria destes alunos recebe incentivos do governo federal, mas o número não foi precisamente informado. No PPP da escola está registrado que a comunidade atendida tem nível socioeconômico cultural médio/baixo, a maioria católica e os pais dos alunos têm ampla faixa de escolaridade que varia desde analfabetos até o Nível Superior, mas a maioria com Ensino Fundamental incompleto. Das profissões dos pais, estão descritas professores, vendedores, agricultores, bancários, empregadas domésticas, boias-frias, que trabalham no corte da cana-de-açúcar. Quanto às moradias estão relacionadas casas de alvenaria, de madeira e conjuntos habitacionais.

Com relação à preocupação com a temática da sexualidade, encontramos relacionado o seguinte parágrafo em seu PPP: “Os temas sociais contemporâneos são

incorporados na proposta curricular como atividades integradoras na escola. Muitos são os assuntos apresentados como importantes para a formação educacional dos alunos: ética, sexualidade, educação ambiental, cultura da paz, educação fiscal, trânsito, prevenção ao uso de drogas lícitas e ilícitas, cidadania, etc.”. Tal descrição está pautada nas DCE (PPP₁, 2010, p. 28).

Também a temática da sexualidade está relacionada em outro local do PPP, no que se refere ao encaminhamento metodológico, em que há orientação para o trabalho sob a forma de gêneros textuais, juntamente com temas como cultura afro-brasileira, cultura indígena, drogas, meio-ambiente entre outros que possibilitem o estímulo do pensamento crítico do aluno (PPP₁, 2010, p. 103).

6.1.2 Categorização da Escola

Na escola tivemos fácil acesso para fazermos as entrevistas e na distribuição dos questionários, com apoio para a realização das atividades de oficinas.

Como início da investigação nesta escola, ao abordar os sujeitos que fizeram parte desta etapa na avaliação interna, para a dimensão ‘Gravidez’, pudemos perceber que a diretora e a pedagoga atribuíram ao meio sociocultural a maioria dos casos de meninas grávidas que se verifica na escola, com o julgamento das famílias por viverem em casebres da periferia, terem envolvimento com álcool, drogas e terem tido várias uniões com diferentes parceiros. Também foi feito o julgamento do comportamento das alunas, sobretudo para os casos de abortos clandestinos.

Alguns estudos, como o de Britzman (2001), apontam para questões importantes em como explicar as dificuldades enfrentadas pela escola e pelos professores para lidar com questões referentes à sexualidade e gravidez na adolescência. A autora chama atenção para o obstáculo existente, “tanto nas mentes das professoras, quanto na estrutura da escola, que impedem uma abordagem cuidadosa e ética na educação” (p.86). E identifica que isso se relaciona, em grande parte, à normalização dos significados, na medida em que os sujeitos são culpabilizados pelos “problemas” que os acometem (no caso, a gravidez e vários comportamentos das jovens vistos como errados) em que não são admitidas ambiguidades e contradições.

Entretanto, a diretora e a professora de Ciências afirmaram que a escola não deixou de fazer o atendimento sistemático das meninas grávidas quando houve necessidade;

por falta de instrução da família e pelo baixo poder aquisitivo que faz com que os pais tenham que trabalhar, os filhos muito jovens ficam sem o devido cuidado e orientação.

A professora de Ciências tem proximidade com as alunas e relatou dois casos de meninas com pouca formação cultural, em que além do fator gravidez, o apoio sistemático da escola fez com que adquirissem maior responsabilidade, maior dedicação aos estudos e até disciplina.

Uma professora de outra disciplina rotulou uma aluna grávida de “*biscate*” para determinado comportamento observado fora da escola, expressando, desta forma sua opinião a respeito das alunas que engravidam, atribuindo a explicação para a existência dos casos de gravidez da escola ao meio social em que nasceram.

A escola, sabendo da condição social de seus alunos e sabendo que a iniciação sexual acontece precocemente, poderia ampliar as atividades de prevenção, com a expectativa de reduzir os casos de gravidez e se ainda continuasse a existir, que insistisse no atendimento às necessidades verificadas em cada situação das grávidas, com apoio assistencialista e oferecer orientações quanto ao pré-natal. A exemplo, como fez a professora de Ciências, já que, conforme afirmou Mônico (2010, p. 42): “Orientar faz parte das relações, do afeto que se constrói e do processo educacional”.

Diante da categorização feita com os dados empíricos para a dimensão ‘Gravidez’, podemos visualizar os resultados da avaliação dos sujeitos da pesquisa com as médias indicadas na Tabela 7, no Apêndice H.

Para a questão da ‘Homossexualidade’, a diretora manifestou ser resistente a aceitar que os jovens possam ficar confusos quanto à sua opção sexual, que em sua opinião, pode ser por influência da mídia. Dos casos já existentes na escola, tratou como sendo mais um pequeno problema, sem grandes incômodos. Percebemos que não há discriminação explícita e até há reflexão da própria postura, mas justificada pelas atribuições diárias, a diretora prefere manter a condição atual heteronormativa de desinteresse pelos alunos que manifestam ser homossexuais.

Sobre esta temática a pedagoga e a professora de Ciências não manifestaram opiniões.

Dos demais professores que expressaram suas opiniões, percebemos um elevado preconceito e até a revolta com relação a comportamentos observados, classificados por uma professora como “*provocação e sem-vergonhice*”. Já na direção contrária, foi possível perceber tentativas de diminuir o preconceito e favorecer o respeito aos “*diferentes*”.

Na Tabela 8 do Apêndice H é ilustrada a avaliação da escola para a dimensão ‘Homossexualidade’.

Ao que se refere a ‘Pedofilia/Prostituição infantil’, esta escola foi a que mais nos surpreendeu com os relatos da diretora e da professora de Ciências. A pedagoga preferiu não manifestar opiniões, apesar de concordar com as falas da diretora nas observações em que fizemos quando foram entrevistadas.

A descoberta da rede de pedofilia na cidade gerou muitos comentários locais, pois a sociedade soube quem eram os envolvidos, e que estavam relacionados a condições favoráveis de poder, já que os casos foram abafados. Porém, este fator foi relevante para a diretora na tomada de decisão em como proceder, quando descobriu que havia meninas de sua escola envolvidas nos crimes, que inclusive teve o envolvimento da polícia. A aflição manifestada pela diretora era no sentido das represálias, pois temia por sua integridade física e moral e de seus familiares, bem como das alunas, se acaso fizesse denúncias do local dos encontros ou sobre os envolvidos.

Tal situação verificada nesta escola foi dramática e de difícil conduta, já que nas declarações havia meninas que estavam também se prostituindo, então o julgamento do caso tornou-se inevitável e mais uma vez atribuiu à condição social das famílias a justificativa para as atividades das alunas.

Ao fazer uma revisão bibliográfica em seu livro “Prostituição juvenil feminina”, a autora Souza (2009) menciona no tópico “A representação da prostituição infanto-juvenil na sociedade”, a culpabilização das famílias a respeito dos fenômenos de prostituição associados a meninas, além de recair também os fatores socioeconômicos como causas assumidas para a prática. Faz menção às famílias “desequilibradas”, utilizadas como argumento, supondo que as jovens vivam em contextos onde a sexualidade é vivida de forma desregrada, da qual a prostituição é apenas reflexo. Entretanto, apresenta um contra-argumento a partir do trabalho de Machado e col. (2006):

[...] o fato de se pertencer a uma família que não se enquadra no modelo nuclear, patriarcal, burguês, embora importante, não representa explicação à entrada na situação de exploração sexual e muito menos a determina (MACHADO e col., 2006, p. 8 apud SOUZA, 2009, p. 48).

Em outro trabalho, Souza (2009) cita Sousa (2001), que chama a atenção para esse discurso, visto que a culpabilização da família facilmente isenta a sociedade de suas próprias responsabilidades. Contudo, as soluções encontradas pela diretora foram o

aconselhamento, a orientação para evitar abortos, a prevenção de doenças, a utilização de camisinha, principalmente para evitar a AIDS e a ação do Conselho Tutelar, que poderia legalmente fazer uma intervenção mais direta e determinar o resgate das alunas, reconduzindo-as às famílias, para que tomassem as devidas providências.

Consideramos adequada a conduta da diretora, entendendo sua apreensão e concordando com ela em questão dos limites da escola para estas situações, que são similares ao tráfico, violência e marginalidade dentro da escola.

A professora de Ciências fez tentativas de orientação, voltando-se para a preocupação com o caso da prostituição de algumas de suas alunas, condenando a prática e também atribuindo à vulnerabilidade social os episódios descritos, e concorda com o fato de que são as famílias que devem ser responsáveis pelos atos das adolescentes, pois são menores de idade e a escola não tem controle destes atos.

Na Tabela 9 do Apêndice H, podemos observar o resultado das análises dos sujeitos pesquisados para a dimensão ‘Pedofilia/Prostituição infantil’.

Com relação ao tema ‘Promover ações de ES’, para esta escola a diretora fez menção das palestras que eram comumente realizadas pela escola com equipes da Universidade dos cursos de Enfermagem e Biologia, mostrando ter participação na organização, solicitando ajuda externa e se envolvendo nas ações. Contudo, acredita que é possível fazer orientação, mas que a educação, mesmo no campo da sexualidade, não é papel da escola, rebatendo a cobrança à responsabilidade dos pais.

Neste sentido, Meirelles (1997) escreveu um artigo intitulado: “Os ETs e a gorila: um olhar sobre a sexualidade, a família e a escola”, em que o autor analisou a família sob a ótica sistêmica, mostrando que os eventos familiares são estudados no contexto em que ocorrem, mostrando o comportamento, sem rotular os indivíduos. Dizendo respeito à família e à sexualidade na escola, ele escreve:

Abordar sexualidade e família na escola é mostrar processos interativos dentro de sistemas humanos, nos quais a unidade individual básica é um sujeito biopsíquico, social, de natureza trigeracional, que se reintegra à natureza como espécie biológica com características específicas; que, para sua sobrevivência e subsistência, se apropria dessa mesma natureza com responsabilidade e conhecimento dos mecanismos dessa apropriação; que é produto da evolução histórica da humanidade; que determina e é determinado pelas inter-relações entre os substratos naturais e os diversos tipos de organizações familiares; que aceita, reconhece e valoriza as diversidades culturais, a sociogênese, a psicogênese; que crê no futuro aberto da sociedade na qual está inserido (MEIRELLES apud AQUINO, 1997, p. 75-76).

A pedagoga foi na mesma direção da diretora em promover ações de ES, pois acredita que a responsabilidade seria da saúde e o governo é que deveria gerir sobre ações desta natureza. Acredita ainda que a família deveria educar para a temática e a escola faria o complemento. Esta pedagoga teve envolvimento com a divulgação das nossas oficinas, já que se empenhou em divulgar o projeto entre os professores do turno matutino. Não sabemos se a informação foi repassada pela coordenadora do outro período, porque poucos professores se manifestaram quanto às atividades.

A professora de Ciências contribui para a formação dos jovens na temática da sexualidade, pois para as atividades internas de sua disciplina, fez relatos das intervenções realizadas, considerando que as inserções têm que ser contínuas no cotidiano dos alunos, com adequação da linguagem para cada série atendida e com a utilização de recursos didáticos, como cartazes e vídeos nas aulas e no projeto desenvolvido.

Acredita que precisaria haver mais flexibilidade no currículo para tratar do tema, de modo a atender as necessidades dos alunos. Esta professora também fez os relatos das atividades externas já organizadas na escola, auxiliando a equipe da direção e coordenação pedagógica com os contatos e agendamento, que foi desde a presença de pastor até médicos. Pensa ser função da escola em promover ações de ES, podendo até sair nos casos mais urgentes para atender as famílias, com o cuidado de não exercer o papel de assistente social.

A autora Santos (2009) defende a ideia de um espaço maior para tratar do tema, de modo a ampliar e sistematizar a discussão da sexualidade, para entendê-la como processo histórico, embora acredite que alguns professores devam trabalhar com o tema em suas aulas, e em determinadas disciplinas como Ciências e Biologia seja inclusive mais frequente. Porém, afirma que tais discussões são superficiais ou então tratadas pela metodologia de projetos, que pressupõe um início, meio e fim, concentradas nas questões referentes à prevenção das DST/AIDS e à gravidez entre jovens, sem o aprofundamento teórico consistente, o que de fato é verificado nesta escola.

Alguns professores de outras disciplinas confirmaram a participação em ações de ES nos momentos em que é possível dentro de suas disciplinas, mas sem planejamento estratégico ou metas a serem alcançadas. A professora de Português disse auxiliar a de Ciências com a produção de textos e exposição nos painéis da escola, o que contribuiu para a disseminação dos conhecimentos e interdisciplinaridade.

Para Rosely Sayão (1997), não há dúvida de que a escola desempenha uma função na educação sexual de seus alunos, o que acontece é que nem sempre os professores se dão conta disso em suas ações individuais e/ou coletivas. A autora acredita que são os professores os profissionais que poderão contribuir para que seus alunos tenham uma visão positiva e responsável da sexualidade, estabelecendo uma relação de confiança com os alunos sem criar cumplicidades, como executou bem seu papel a professora de Ciências desta escola.

Para esta dimensão podemos observar o contido na Tabela 10 do Apêndice H com a indicação dos resultados obtidos com as análises.

Em ‘Promover as discussões internas com os professores’ acerca da temática, observamos que somente a diretora manifestou propiciar conversas com os docentes, contudo, as orientações são no sentido de ter cautela para a abordagem, por conta da insegurança proveniente do possível julgamento da comunidade externa.

Sob o aspecto da insegurança da diretora em relação ao fato da família suspeitar que a escola possa induzir o aluno ao sexo, Sayão (1997) acrescenta que a parceria da escola com os pais é fundamental para que os esclarecimentos possam fluir tranquilamente, sem provocar grandes terremotos.

Em relação à capacitação, percebemos o apoio e incentivo da diretora aos professores. O exemplo dado foi referente ao desenvolvimento do projeto PDE da professora de Ciências, que vai ao encontro das políticas estabelecidas pelo governo do Estado do Paraná. Não sabemos se em outra circunstância, como a realização de um curso de pós-graduação *Stricto sensu* haveria o mesmo apoio.

Na Tabela 11 do Apêndice H são ilustrados os resultados das análises para a dimensão ‘Promover discussões internas com os professores’.

A diretora desta escola entende que a participação dos familiares e, portanto, “Promover encontros com os familiares sobre a ES” é essencial para a tomada de decisão frente aos problemas mais graves no contexto escolar, que são os casos de pedofilia e prostituição infantil, como já relatamos. Na ocasião dos eventos, a diretora convocou os pais ou familiares para comparecerem à escola, atitude esperada e essencial para obter a aproximação da instituição com aqueles que são responsáveis pelos alunos. A presença do Conselho Tutelar serviu como resguardo contra inconvenientes e acusações indevidas.

Na divulgação das oficinas, pudemos acompanhar a diretora na reunião proposta pela escola, em que compareceram poucas mães, mas que foi de grande valia, pois confirmou o interesse e dedicação da mesma.

A professora de Ciências também compareceu na reunião, manifestando o apoio às atividades, já que confirmou a dificuldade dos pais ou familiares em conversar com os adolescentes a respeito de sexo e sexualidade, pelas falas de seus alunos. Corrobora com a diretora sobre a presença do Conselho Tutelar e Patrulha Escolar como auxílio à escola nas tentativas de estender as dificuldades aos familiares, buscando a resolução dos problemas.

Nesta escola, tivemos a participação de algumas mães cujas opiniões críticas foram de que a escola deveria oferecer atividades como a das oficinas, que até então não existiam, para o auxílio em suas dificuldades e fragilidades diante do tema, sobretudo com a homossexualidade, e acreditando que o diálogo seria facilitado por haver pessoas mais jovens envolvidas nas atividades. Uma mãe apontou que deveria haver mais comunicação entre escola e família, pois assim incentivaria o maior controle dos pais sobre os filhos. Este foi o único comentário que expressou a expectativa da mãe acerca de uma possível atitude da escola frente aos problemas, mas que não foi considerada em nossa análise, pois não dizia respeito somente à sexualidade, mas a problemas de qualquer natureza.

No Apêndice H, na Tabela 12 é ilustrada a categorização dos sujeitos nesta dimensão.

A diretora buscava o apoio das famílias no caso de episódios envolvendo alunos da escola. Como tratamento dos “Eventos escolares envolvendo sexualidade”, dependendo da situação, recorreu-se à Patrulha Escolar ou foi conversado diretamente com os atores. Nem sempre as famílias corresponderam às expectativas porque na fala da diretora, são mães com vários parceiros e as crianças lidando com comportamentos inadequados. Para as crianças que veem ou ouvem os adultos em práticas sexuais, os pudores e moralidades ‘caem por terra’, pois tais atitudes “normais” ficam demarcadas no segmento sociocultural em questão, como argumenta Vitiello (2000).

Para outra situação, a diretora gostaria de encontrar explicações para as manifestações exacerbadas da sexualidade de uma aluna, pensando inclusive em uma disfunção biológica (ordem da natureza) que a levasse a ter uma doença ou até mesmo podendo ser alguma prova da evolução. Lorencini Júnior (1997) escreveu que os aspectos biológicos da sexualidade são inter-relacionados com os culturais, e promovem a adaptação do indivíduo ao ambiente, podendo a herança genética influir na cultura e vice-versa.

Já a professora de Ciências lida melhor com a “*precocidade*” dos alunos, acreditando ser imaturidade, falta de instrução familiar ou reflexo de comportamentos maliciosos, característicos da idade. Os outros professores não se manifestaram. Na Tabela 13 do Apêndice H são mostradas as categorizações elaboradas para esta dimensão.

Na ‘Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos’, percebemos uma opinião de cunho religioso em que ficou marcada a visão fechada sobre o sexo, quando o professor atribui o uso da camisinha ao sexo livre. Acredita também que haveria problemas com as famílias, por causa dos “*valores cristãos*”.

Comparando a situação entre a literatura e postos de saúde, outro professor acredita que deveria ficar a cargo do Estado a distribuição de camisinhas, de modo que cada um assuma sua função (indivíduo e Estado).

Para estas opiniões, temos na Tabela 14 do Apêndice H as análises.

Diante de todas as situações descritas, mostramos os resultados da avaliação interna que fizemos desta escola na Tabela 15 do Apêndice H, observando as médias parciais e média da avaliação interna.

Pelo fato desta escola não ter tantos alunos matriculados, tinha o conhecimento das alunas que haviam engravidado. Por meio da professora de Ciências foi possível conversar com três alunas que haviam tido experiências de gravidez e perceber pelos depoimentos, as situações de vulnerabilidade social e instabilidade das famílias, o que confirma algumas das opiniões expressas pelos professores em seus depoimentos. Contudo, como integrantes da avaliação externa, uma opinião foi de que houve a acolhida da escola durante a gestação e a outra opinião foi de que a escola poderia ter sido mais flexível quanto a autorizar as saídas da aluna para amamentar o filho. Estes resultados estão expressos na Tabela 16 do Apêndice H.

Com relação às opiniões dos licenciandos que desenvolveram as atividades de oficinas nesta escola, sentimos que se surpreenderam com os alunos, pois esperavam que por ser escola de periferia fossem mais liberais nas questões de sexualidade/sexo ou que a indisciplina e a imagem de “*escola de favela*” seriam empecilhos para se fazer um bom trabalho. Contudo, houve satisfação quanto à participação e interesse dos alunos, assim como o apoio da equipe pedagógica e direção, que acompanhava os monitores em suas necessidades de estrutura física. Na Tabela 16 do Apêndice H é representada a categorização obtida com a avaliação dos licenciandos sobre a escola.

Com relação aos alunos desta escola que participaram das oficinas, ao conversarmos no decorrer dos encontros, percebemos em uma opinião, o receio em falar com os professores e chegar aos pais os segredos ou angústias referentes à sexualidade/sexo. Contudo, em outras opiniões, relacionaram haver alguns professores com os quais sentem segurança em conversar, o que confirma a fala daqueles professores que se mostraram

disponíveis ao atendimento dos alunos nas questões de sexualidade/sexo. Na Tabela 16 do Apêndice H é expressa a categorização das opiniões dos alunos sobre a escola.

A respeito das impressões subjetivas colhidas nesta pesquisa já houve a anterior descrição (página 275) do Apêndice G e a indicação da categoria, já justificada e que pode ser observada na Tabela 16 do Apêndice H.

Para sintetizar e apontar os indicadores favoráveis e desfavoráveis de adesão encontrados para a escola A, que estão associados às dimensões e categorizações por nós estabelecidas, apresentamos os resultados constantes na Tabela 17:

Tabela 17 – Indicadores favoráveis e desfavoráveis de adesão por dimensão, sintetizados para a escola A

DIMENSÕES – AVALIAÇÃO INTERNA E EXTERNA	INDICADORES FAVORÁVEIS E DESFAVORÁVEIS DE ADESÃO – Escola A
<i>GRAVIDEZ</i>	Julgamento moral dos professores atribuindo os fatos em âmbito sociocultural. Apoio e instrução oferecidos pela direção e professora de Ciências às grávidas.
<i>HOMOSSEXUALIDADE</i>	Os homossexuais são ignorados pela direção. Mantém-se o padrão da heteronormalidade. Forte preconceito por parte dos professores. Algumas tentativas de professores em amenizar o preconceito entre os alunos.
<i>PEDOFILIA/ PROSTITUIÇÃO INFANTIL</i>	Alguns enfrentamentos da direção com o auxílio do Conselho Tutelar e da Patrulha Escolar, contudo, o medo de represálias coibiu as ações. O meio social e a falta de cuidado das famílias são as justificativas dos professores. Orientação da direção para a prevenção das jovens.
<i>PROMOVER AÇÕES DE ES</i>	Programações no cronograma de atividades da escola. Apoio da direção e professora de Ciências às atividades introduzidas na escola, oferecendo suporte. Para a pedagoga, deveria haver participação da saúde e da família. Houve divulgação parcial das atividades de oficina na escola entre os professores.
<i>PROMOVER DISCUSSÕES INTERNAS COM OS PROFESSORES</i>	Cautela da direção na abordagem da temática, para evitar o julgamento externo. Incentivo da direção à capacitação interna de uma professora na área da sexualidade pelo programa PDE.
<i>PROMOVER ENCONTROS COM OS FAMILIARES SOBRE A ES</i>	Conversas pontuais da direção com pais para alertar sobre a pedofilia com auxílio do Conselho Tutelar. Encontro com os familiares, promovido pela direção e professora de Ciências para divulgar e conscientizar da importância das oficinas.
<i>EVENTOS ESCOLARES ENVOLVENDO SEXUALIDADE</i>	Comportamentos de alunos considerados inadequados pela direção e pela professora de Ciências, mas com comprometimento em tentar resolver os problemas.
<i>RELAÇÃO ENTRE SEXUALIDADE E VALORES MORAIS E RELIGIOSOS</i>	Opiniões de professores de outras áreas de que a camisinha vai contra os princípios cristãos; não é função da escola e sim da saúde e do Estado; e a camisinha pode estimular o sexo livre.

**DIMENSÕES – AVALIAÇÃO
INTERNA E EXTERNA**

**INDICADORES FAVORÁVEIS E
DESAVORÁVEIS DE ADESÃO – Escola A**

AVALIAÇÃO EXTERNA À ESCOLA	ALUNAS GRÁVIDAS	Uma aluna se mostrou satisfeita com o apoio da escola e a outra aluna esperava mais solidariedade e compreensão.
	OPINIÕES DOS LICENCIANDOS	Apoio da escola. Participação ativa dos alunos. Intervenção satisfatória das oficinas
	OPINIÕES DOS ALUNOS	Existe receio em conversar sobre o tema com alguns professores, enquanto outros abrem para o diálogo.
	OPINIÃO DA PESQUISADORA	A escola apoiou a pesquisa e/ou as atividades de oficinas oferecidas e se mostrou preocupada com a maioria dos aspectos da sexualidade que pontuamos.

6.1.3 A Escola e a Adesão à Educação Sexual (ES)

Este é um exemplo de escola que, embora tenha algumas atitudes de enfrentamento dos problemas referentes à sexualidade, no contexto geral, foi avaliada como tendo uma postura ambígua. Pela média final obtida com os critérios de análise conforme indicados na Tabela 18 do Apêndice H, na nossa analogia com os Patamares de Adesão a categorização para esta escola é o Patamar Intermediário, *Adesão Oscilante à ES (AOES)*, com nível intermediário de comprometimento, porque oscila entre promover atividades internas e externas de forma competente e não mexer em temas que geram incômodo; tem algumas ações com os familiares e foi capaz de mostrar situações de enfrentamento com os casos mais problemáticos de pedofilia e prostituição infantil. Contudo, fica em conflito interno entre seus atores, nem sempre conseguindo enfrentar com firmeza o debate com os segmentos da sociedade. Em determinadas ocasiões prefere não tomar posição frente a eventos ou temas polêmicos rendendo-se ao comodismo ou à estrutura tradicional e conservadora dos professores.

A professora de Ciências foi a que mais se destacou pelas iniciativas, apoio às atividades e desejo de que haja promoção da sexualidade dos jovens de forma positiva e saudável, observada pelo trabalho de aperfeiçoamento PDE para conscientizar as meninas acerca da temática da gravidez.

Em conversas com os sujeitos da pesquisa, não foi dada ênfase para as recomendações da SEED, apenas foi observada a descrição da temática no PPP, conforme as recomendações das DCE, para ser discutida como *Desafio Educacional Contemporâneo*, pois

se importa mais em prestar contas ao senso comum considerando os valores da comunidade e o que vivencia como função social.

Nos termos da imagem que a escola assume perante a comunidade, podemos caracterizá-la como **Meta-imagem**, pois neste caso, a direção evita a exposição com os pedófilos perante a comunidade externa, já que é um risco desnecessário que não lhe traz visibilidade. Já para as demais atividades que garantem a imagem de primar pela prevenção e orientação dos alunos no que compete aos temas da sexualidade, como as oficinas, são aceitas e expostas à comunidade interna e externa.

Terminamos as considerações da escola A, reconhecendo que parece haver convergência entre o conjunto oscilante das opiniões (dos responsáveis pela escola e dos atores que participaram das oficinas) sobre a atuação da escola no campo da ES e o resultado da correspondente avaliação quantitativa.

6.2 Caracterização da Escola B

6.2.1 Descrição da Escola

Localizada no centro da cidade, esta escola já foi considerada referência de ensino na década de 1980; atende alunos da população do entorno, de diferentes bairros e até da zona rural; oferece o Ensino Fundamental de 5^a a 8^a séries, Ensino Médio regular, Técnico em Informática integrado, Técnico em Administração integrado, Técnico em Informática subsequente, Técnico em Administração subsequente, Técnico em Secretariado subsequente, nos turnos matutino e vespertino para o Ensino Fundamental e Médio e noturno para os cursos Técnicos. A escola teve cerca de 1.300 alunos regularmente matriculados no ano de 2010.

De acordo com informações da secretaria da escola, a renda das famílias da maioria dos alunos está na faixa de um a três salários mínimos, declarados à escola no ato da matrícula e os pais dos alunos têm, na grande maioria, nível de escolaridade referente ao Ensino Fundamental completo. Não houve informação a respeito das condições de moradia dos alunos, mas sabe-se que 30% recebem bolsas de auxílio à educação do governo.

Com relação à temática da sexualidade há semelhança com o PPP da escola A, descrevendo nos encaminhamentos metodológicos como deveria ser trabalhada: “Considerando a flexibilidade dada pelo trabalho com os gêneros textuais, serão trabalhados

ainda temas como cultura afro-brasileira, cultura indígena, sexualidade, drogas, meio-ambiente entre outros que possibilitem o estímulo do pensamento crítico do aluno”. Este trecho está contemplado nas DCE (PPP₂, 2010, p. 160).

6.2.2 Categorização da Escola

Nesta escola houve dificuldade em conversarmos com a diretora por causa da resistência em ser entrevistada. As oficinas não tiveram êxito, já que os licenciandos e os alunos da escola não corresponderam às expectativas. Houve auxílio da pedagoga na distribuição dos questionários e adesão dos professores em respondê-los.

Para esta escola não houve manifestação da diretora quanto ao tema ‘Gravidez’. A pedagoga mostrou-se conservadora com relação à temática quando manifestou o relato que fez de uma aluna que engravidou jovem, ou seja, enquanto casada, não merecia censura, diferentemente de outras jovens que eram denominadas de “*prostitutas*”, por terem relações sexuais sem compromisso. A visão que a pedagoga tem das meninas, que como construção do gênero feminino supõe a noção de que o adequado é ser mulher e mãe após o matrimônio, vai ao encontro da descrição de Neves (2008) sobre a socialização que conhecemos dentro dos estereótipos de gênero, cuja construção social para as meninas deve ser de manifestar comportamentos disciplinados e pacíficos, característica da estrutura social patriarcal.

A professora de Ciências se mostrou preocupada com o tema e de acordo com seu discurso, fez algumas intervenções de prevenção e apoio para com os jovens já no nível da 5ª série, por causa da precocidade das meninas que engravidam a partir dos 11 anos. Na Tabela 19 do Apêndice I são ilustrados os resultados das análises para a dimensão ‘Gravidez’.

Para a ‘Homossexualidade’ houve o desinteresse em falar do tema por parte da diretora, que condicionou a limitação do tempo de permanência dos alunos na escola como justificativa.

A pedagoga se manteve na posição de julgadora dos homossexuais, assumindo a não aceitação e dizendo repreender aqueles que chamam a atenção, contudo, manifestou ter atitudes de apoio às habilidades de tais alunos para dança ou outras coisas diferentes. Além disso, está disposta a trabalhar com questões que são incômodas e que refletem a sociedade em que o natural é a heterossexualidade.

A professora de Ciências e os demais professores não se manifestaram acerca da temática.

Quanto à postura da escola sobre a homossexualidade, Louro (2010) escreveu:

A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que este tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece muito poucas oportunidades para que os adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos (LOURO, 2010, p. 30).

Os resultados da análise dos pesquisados para a dimensão ‘Homossexualidade’ estão expressos na Tabela 20 do Apêndice I.

A respeito das temáticas ‘Pedofilia/Prostituição infantil’, houve a manifestação apenas da professora de Ciências ao relatar que a escola não teve casos, mostrando-se crítica para com a família e os alunos, sem nenhuma atitude de contribuição. Para esta dimensão temos a Tabela 21 do Apêndice I, onde é mostrada a avaliação da escola neste assunto.

Com relação à ‘Promover ações de ES’, a diretora afirmou que os professores de Biologia trabalham a temática em suas disciplinas e contam anualmente com alguma atividade, incluindo o atendimento de um médico que tem parceria com a escola.

Já para a pedagoga, houve um discurso ambíguo. Em uma primeira afirmação, disse concordar com as recomendações da SEED no que se refere a trabalhar em primeira instância os conteúdos programáticos das disciplinas, para depois fazer a abordagem de outros temas, não de forma transversal ou primando pela interdisciplinaridade, mas na medida do possível. Assim, entendemos que não desconsidera a temática, reconhecendo seu papel no processo de formação do indivíduo, mas acredita que não há necessidade de um profissional competente para fazer a abordagem, de modo que, em suas palavras, “*até uma dona de casa instruída*” poderia fazer a OS, ou “*uma pessoa que está trabalhando para a igreja, pra alguma outra instituição*”.

Ao mesmo tempo, conta com as equipes de palestras da Universidade, que afirmou auxiliar os professores na abordagem desta temática, mas também afirmou que se os problemas que surgem são contornados com os professores de Ciências e Biologia, prefere que não saiam do âmbito escolar. Foi um discurso contraditório, inclusive com as afirmações da diretora. Parece não haver problematização das dificuldades e planos de ação para contorná-las, o que acreditamos que devesse envolver a consonância de pensamentos entre os diferentes membros hierárquicos da escola.

A professora de Ciências acredita que é papel do docente desta área desenvolver ações de ES, porém não vê necessidade de planejamento, acreditando que para isso deveria ter uma disciplina especial; faz algumas intervenções sistemáticas como parte da rotina da sala de aula, com adequação da linguagem e relacionando-se abertamente com os alunos. Para ela, se o livro didático auxiliasse, os professores poderiam fazer mais inserções sobre a temática no cotidiano dos alunos.

Somente um professor manifestou acreditar ser papel social da escola a promoção de ações de ES, contudo, não há informações do empenho em efetivamente concretizar tais ações.

De acordo com Costa (2011), um planejamento contextualizado com as especificidades e vivências do educando, resultará em aulas dinâmicas e prazerosas. Incluímos ainda na citação a importância atribuída ao planejar para que aconteça de forma sistematizada e contextualizada com o cotidiano do aluno. Estendemos estas considerações para as atividades que envolvem a temática da sexualidade. Os resultados para esta dimensão podem ser observados na Tabela 22 do Apêndice I.

No aspecto de favorecer as ‘Discussões internas com os professores acerca da temática da ES’, a diretora inicialmente afirmou que as discussões ocorriam no dia a dia, a cargo do professor de Ciências.

A pedagoga reconheceu a necessidade do diálogo entre os professores, que favoreceria a formação cidadã, mesmo afirmando que pelas DCE do Paraná, esta temática não seria tão propícia à discussão quanto a dos conteúdos, diferentemente das orientações de transversalidade dos PCN. A pedagoga comentou que quando a escola, norteada pelas políticas públicas, seguia os PCN, a indicação era a de trabalhar com os Temas Transversais em forma de projetos, mas que hoje, seriam previstas para a escola, as discussões da sexualidade vinculadas aos *Desafios Educacionais Contemporâneos*.

Suspeitamos não haver a inserção da temática como debate entre os professores desta escola, pois além da diretora e da pedagoga, nenhum outro professor manifestou-se a respeito. Quanto à capacitação dos professores para com a temática, não houve menção por nenhum professor. Os resultados das análises estão relacionados na Tabela 23 do Apêndice I.

Uma das perspectivas de auxílio nas dificuldades encontradas pela escola sob o aspecto da sexualidade seria recorrer a APMF, que tem representantes de pais de alunos, de modo que na reflexão, os membros pudessem favorecer o diálogo e propor ações que pudessem ser estendidas aos demais familiares. Porém, sob este aspecto, a diretora foi taxativa em afirmar que não há discussões de ordem pedagógica neste órgão (‘Promover

encontros com os familiares sobre a ES'), apenas assuntos burocráticos e com viés político são discutidos nas reuniões.

Os pais ou familiares são convocados à escola para auxiliar em situações insustentáveis, como afirmou a pedagoga. Não existe a preocupação da escola em trabalhar as questões da sexualidade com a família, conforme afirmou a professora de Ciências. Seria interessante que a escola tivesse o interesse preventivo externado aos pais, ou seja, solicitar a colaboração dos mesmos no começo do ano facilitaria na condução de ações delicadas.

Como orienta Magno (2002): “A escola e a família tem que estabelecer vínculos de relação íntima e um compromisso habitual para que se forme um processo de responsabilidade educativa inclusive nos aspectos da sexualidade. O diálogo entre escola e família deverá dar-se de todas as formas pertinentes a essa relação” (MAGNO, 2002, p. 52). Os resultados para esta dimensão podem ser verificados na Tabela 24 do Apêndice I.

Não obtivemos nenhum relato de ‘Eventos escolares envolvendo sexualidade’ e as atitudes da escola frente a elas, conforme aponta a Tabela 25 do Apêndice I.

Percebemos a forte interferência dos valores pessoais da pedagoga da escola e do que na sua concepção significa moralidade e regras da sociedade. Não aceita a ideia do sexo sem compromisso, nem a exposição das meninas com “*barrigas de fora e decotes*” ou vestuário extravagante. Pensa que tem que ter rigor e comportamento contido, mesmo para os homossexuais, sem extrapolar as normas, para não perder o controle que julga ser adequado.

Pelo discurso moralista, a pedagoga considera que os alunos da escola tem tido comportamentos condizentes com suas expectativas, já que impera o respeito pela religião, pelas normas quanto ao sexo, sendo condição necessária para que as normas sejam mantidas.

Os autores Fishbein e Ajzen¹⁵ (1975 apud SILVA, 2009, p. 24) e Ajzen e Fishbein¹⁶ (1980 apud SILVA, 2009, p. 24) identificaram as crenças normativas, que são aquelas formadas pelos referentes sociais (família, amigos, religião, meios de comunicação e tudo mais que a sociedade e a cultura informam). Esses referentes sociais é que irão formar a norma subjetiva que, junto com as atitudes, formarão uma intenção, a qual dará origem a um comportamento consequente e isto ficou evidente na fala da pedagoga.

A professora de Ciências tem visão imparcial dos valores e crenças das pessoas, pois acredita que ao ensinar temas relacionados à sexualidade, o professor deve mostrar aos

¹⁵ AJZEN, I; FISHBEIN, M. **Understanding attitudes and predicting social behavior.** Englewood Cliffs N. J.: Prentice-Hall, 1980.

¹⁶ FISHBEIN, M.; AJZEN, I. **Belief, attitude, intention and behavior: an introduction to theory and research.** Massachusetts: Addison-Wesley, 1975.

alunos as vantagens e consequências dos atos, sem emitir opinião. Esta é uma postura coerente, já que o professor oferece os conhecimentos científicos aos alunos e os faz refletir, de modo a não infringir os princípios religiosos ou morais ensinados pela família.

Se observarmos as indicações para o bom desempenho do orientador sexual sugeridas pelo GTPOS (2008), tal professora poderia ser considerada competente ao que se propõe a fazer com seus alunos, mesmo somente em sala de aula. Alguns procedimentos básicos no desempenho do orientador sexual (GTPOS, 2008):

- _ problematizar e facilitar as discussões entre os jovens, auxiliando-os a amadurecer suas opiniões ao invés de impor suas ideias ao grupo;
- _ não ditar regras de comportamento nem se colocar como modelo;
- _ evitar situações de autoritarismo;
- _ incentivar os alunos a pesquisar, consultar bibliotecas e buscar informações que enriqueçam a construção coletiva do conhecimento;
- _ veicular as informações dentro de um contexto mais amplo;
- _ utilizar jogos e dinâmicas de grupo para promover a desinibição, a integração do grupo, a expressão dos sentimentos e a compartilha de vivências;
- _ dar oportunidades para os indivíduos se conhecerem e confiarem uns nos outros;
- _ estimular a manifestação de problemas, de dúvidas e da curiosidade, possibilitando o apoio mútuo na busca de soluções;
- _ evitar depoimentos sobre a própria vida sexual;
- _ ter experiência da faixa etária com a qual vai trabalhar;
- _ ter disponibilidade para aprofundar conhecimentos sobre a sexualidade;
- _ ter interesse no processo educativo como um todo;
- _ estimular a expressão das ideias, medos, anseios e dúvidas dos alunos mais tímidos;
- _ ajudar o aluno a lidar com a pressão do grupo e a se individualizar (formação da identidade) (GTPOS, 2008, p. 17-18).

Ao que se refere à pergunta sobre a situação hipotética de distribuir camisinhas na escola, as respostas dos professores de diferentes disciplinas relacionavam a iniciativa à inversão de valores, ao liberalismo sexual, ao incentivo ao sexo e sexualidade, à libertinagem, à vulgarização do ato em si, não sendo função da escola tal empreitada.

Outros acreditam que os alunos seriam imaturos para entender que a máquina serviria como auxílio à prevenção. Acreditam que tal prática seria encarada como “*brincadeira e bagunça*”, não surtindo o efeito desejado. Outro professor acredita que deveria ficar sob a responsabilidade dos postos de saúde. Podemos observar os resultados obtidos para a dimensão ‘Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos’ na Tabela 26 do Apêndice I.

Para obtermos as médias parciais e média da avaliação interna, com os resultados relacionados às dimensões que citamos, indicamos a Tabela 27 do Apêndice I.

Não foi possível ouvir a opinião dos licenciandos e as atividades de oficinas, pois houve a desistência dos monitores no meio das atividades, sem explicações para o fato. A escola também não se fez presente e não ofereceu ajuda no período em que as atividades foram realizadas. Os resultados estão expressos na Tabela 28 do Apêndice I.

Para os alunos desta escola que participaram das oficinas, percebemos a motivação inicial em participar das atividades, como verbalizou um deles. Em outro relato uma aluna ridicularizou a professora por sua religião, sugerindo que a mesma também a ofendia quando a denominava de “safada”, o que sugere um conflito com pré-conceitos entre ambas as partes. Um aluno não se lembrava de ter recebido ES na escola e outros dois recordavam-se de palestras e das aulas da professora de Ciências, mostrando que a escola marca alguns alunos com as atividades que proporciona. Na Tabela 28 do Apêndice I, é indicada a média parcial obtida com as opiniões dos alunos.

Ainda na mesma Tabela 28, podemos observar a média parcial referente à nossa avaliação desta escola, justificada no Apêndice G (página 275). Assim concluímos a avaliação externa para esta escola, apontando os indicadores favoráveis e desfavoráveis de adesão encontrados para a escola B, como síntese das dimensões e categorizações que fizemos, apresentamos na Tabela 29:

Tabela 29 – Indicadores favoráveis e desfavoráveis de adesão por dimensão, sintetizados para a escola B

DIMENSÕES – AVALIAÇÃO INTERNA E EXTERNA	INDICADORES FAVORÁVEIS E DESFAVORÁVEIS DE ADESÃO – Escola B
<i>GRAVIDEZ</i>	Sem opinião da diretora. Postura conservadora da pedagoga. Algumas intervenções de prevenção e apoio da professora de Ciências em sala de aula.
<i>HOMOSSEXUALIDADE</i>	Desinteresse da direção em falar no tema. Mantém-se o padrão da heteronormalidade. Julgamento da pedagoga. Sem opiniões de outros professores.
<i>PEDOFILIA/ PROSTITUIÇÃO INFANTIL</i>	Críticas da professora de Ciências sobre a família e os alunos. Sem opiniões dos outros professores.
<i>PROMOVER AÇÕES DE ES</i>	Algumas atividades internas e externas, com apoio da direção e professora de Ciências. Discurso ambíguo da pedagoga, pois ora apoia atividades externas, ora não vê a necessidade de profissional competente para desenvolver atividades de ES.
<i>PROMOVER DISCUSSÕES INTERNAS COM OS PROFESSORES</i>	Sem planejamento da direção para discussões com os professores. A pedagoga aponta que as DCE não fazem tanta cobrança em relação ao tema quanto os PCN.

DIMENSÕES – AVALIAÇÃO INTERNA E EXTERNA	INDICADORES FAVORÁVEIS E DESFAVORÁVEIS DE ADESÃO – Escola B
<i>PROMOVER ENCONTROS COM OS FAMILIARES SOBRE A ES</i>	A participação dos pais na APMF influencia em aspectos burocráticos. Os familiares são convocados pela equipe pedagógica em situações extremas.
<i>EVENTOS ESCOLARES ENVOLVENDO SEXUALIDADE</i>	Sem relatos.
<i>RELAÇÃO ENTRE SEXUALIDADE E VALORES MORAIS E RELIGIOSOS</i>	Princípios morais e de valores acirrados quanto ao tema sexo.
<i>AValiação EXTERNA À ESCOLA</i>	<i>OPINIÕES DOS LICENCIANDOS</i> Desistência dos licenciandos, sem manifestação de opiniões.
	<i>OPINIÕES DOS ALUNOS</i> Algumas atividades e professores são marcantes para os alunos.
	<i>OPINIÃO DA PESQUISADORA</i> A escola apoiou somente em parte a pesquisa, pois não houve a disponibilidade desejada para o fornecimento de informações. Não houve apoio, nem auxílio à divulgação das atividades de oficinas.

6.2.3 A Escola e a Adesão à Educação Sexual (ES)

Pelas considerações relatadas e pela média final observada na Tabela 30 do Apêndice I, na nossa analogia com os Patamares de Adesão a categorização para esta escola é o Patamar *Adesão Passiva à ES (APES)*, com baixo nível de comprometimento, já que permite a realização de atividades internas e aceita ajuda externa, mesmo com a presença do moralismo e conservadorismo dos professores. Talvez o não envolvimento com as situações problemáticas sejam estratégias da direção para preservar as relações políticas, por acreditar que não seja da competência da escola, e para não se expor à comunidade externa. Também percebemos que a despreocupação, com relação ao tema, deve-se ao fato de que os professores não consideram que a ES seja pertencente ao currículo escolar, como manifestou a professora de Ciências e a pedagoga, ao afirmar que os conteúdos programáticos devem ser priorizados, conforme recomendações da SEED.

Quanto à imagem que a escola assume perante a comunidade, podemos caracterizá-la como **Meta-evitação**, pois a escola não quer ser julgada, tendo iniciativas mínimas. Para corroborar com esta análise, acrescentamos que houve o contato da secretaria da escola para comunicar que o projeto das oficinas havia sido incluso no relatório de atividades da escola, como cumprimento das demandas da SEED no aspecto de atividades extraclasse oferecidas. Este ato foi apenas para cumprir protocolo e prestar contas, já que não

houve a intenção de promover a orientação e prevenção dos alunos, pois implicaria em expor-se e comprometer-se, não ganhando com isso visibilidade ou status desejado.

6.3 Caracterização da Escola C

6.3.1 Descrição da Escola

Esta escola fica localizada em um bairro periférico da cidade, atende alunos que moram no entorno da escola e de outros bairros também periféricos, provenientes de famílias de baixa renda, conforme informações encontradas no PPP da escola e depende dos programas de governo para o auxílio na renda (PPP₃, 2010, p. 10). A maioria dos alunos é tão carente que a escola se torna o único espaço de acesso a informações sistematizadas. Muitos alunos têm dificuldade em leituras, com uma alfabetização deficitária, além de distúrbios comportamentais. A escola ainda apresenta altas taxas de evasão e distorção idade/série, por conta de repetências.

A escola oferece vagas nos períodos matutino, vespertino e noturno. No ano de 2010, teve aproximadamente 350 alunos matriculados nos Ensino Fundamental de 5^a a 8^a séries e Médio regular, mas os períodos vespertino e noturno são aqueles que apresentaram os maiores índices de evasão escolar. A escola atribui valor aos pais dos alunos, caracterizando-os como interessados em participar das atividades comemorativas da escola, mas com desconhecimento quanto à aprendizagem dos conteúdos e especificidades das disciplinas escolares, além do despreparo para lidar com questões disciplinares dos seus adolescentes (PPP₃, 2010, p. 10).

Como ações da escola frente à temática da sexualidade e outros temas, a mesma relaciona em seu PPP “a presença de palestras de orientação, conforme necessidade e interesse” (PPP₃, 2010, p. 18).

6.3.2 Categorização da Escola

Nesta escola tivemos certa dificuldade de acesso à entrevista com a diretora, que posteriormente nos auxiliou na distribuição dos questionários aos professores. Tivemos pouco apoio às oficinas. Percebemos pelos relatos das professoras entrevistadas que o índice de

evasão é grande, seja pelo fato de as meninas que engravidam e abandonam, seja pelo fato de os meninos da periferia abandonarem porque querem garantir o futuro de outra forma, ou ainda por outro fator qualquer, mas sem dúvida a evasão tem destaque nas preocupações da escola.

A diretora atribui ao âmbito sociocultural e às famílias a responsabilidade sobre as meninas que engravidam na adolescência e àquelas que se prostituem, pois em sua entrevista afirma que quando a escola oferece alguma iniciativa, as meninas que não tem boa estrutura familiar não participam das atividades, porque não há incentivo nem cuidado dos pais. Para ela, são jovens já condenadas aos vícios e marginalidade, tendo uma postura determinista e fatalista da gravidez das meninas que estudam nesta escola.

Ainda faz uma crítica à escola, dizendo que a mesma está pouco atrativa e desatualizada e acrescenta que as políticas de incentivo social favorecem a evasão. No caso de suas alunas do período noturno há maior frequência em engravidar e sair da escola, e este fato, além de fazer com que as meninas tenham que assumir a responsabilidade e cuidar dos filhos, passa a ser a prioridade, havendo o abandono dos estudos.

Mônico (2010) aponta no artigo “Gravidez na adolescência e evasão escolar: o que a escola tem a ver com isso?”, o abandono da escola após a gravidez instalada e ocorrida muito compromete o acesso e a permanência da aluna-mãe na escola, razão pela qual não se pode separar a prevenção da gravidez e a da evasão escolar. Nesta perspectiva, a autora acredita que é imprescindível educar para uma adolescência mais saudável, evitando ao máximo, uma gravidez precoce e conseqüentemente, haverá diminuição da evasão das alunas da escola.

A pedagoga não se manifestou quanto às temáticas Gravidez e Pedofilia/Prostituição infantil.

A professora de Ciências também acredita que há relação direta entre as temáticas da Gravidez e da Pedofilia/Prostituição infantil, e a desestrutura das famílias, pois algumas mães se chocam ao descobrir que suas filhas estão grávidas e não sabem quem é o pai, de maneira que a escola não consegue suprir as demandas de atenção que vem dos alunos. Entretanto, a professora acredita que a escola pode fazer um trabalho de conscientização para diminuir a evasão das meninas que, a partir dos relacionamentos rápidos, engravidam e param de estudar, pois já houve situações similares que tiveram sucesso com a sua intervenção.

Os resultados para as dimensões ‘Gravidez’ e ‘Pedofilia/Prostituição infantil’ podem ser observados nas Tabelas 31 e 33 do Apêndice J.

Também para a temática da ‘Homossexualidade’, a diretora condiciona a exclusão social ao fator nível cultural, acreditando que é a própria pessoa que determina a condição de exclusão e não a escola. Acredita, entretanto, que há abertura para lidar com o tema na escola.

A pedagoga não se manifestou com relação ao tema. A professora de Ciências parece ter esclarecimento sobre o assunto, pois faz pós-graduação na área de Ensino de Ciências e Matemática, com interesse pelo tema da sexualidade. A professora condena atitudes homofóbicas e na ocasião da entrevista pretendia trazer um palestrante para tratar exclusivamente do tema com os alunos, o que julgamos ser uma atitude sistemática, inédita em qualquer outra escola. Na Tabela 32 do Apêndice J são apresentados os resultados dos sujeitos da pesquisa para a dimensão ‘Homossexualidade’.

A professora de Ciências tem empenho em propor atividades e concretizar ações de ES na escola, sendo referência para a direção e coordenação pedagógica. Como é estudiosa da área, conhecedora das leis que determinam que o aluno tenha direito de receber ES na escola, desenvolveu um projeto com o tema gravidez na adolescência, com dados de meninas da sua escola, utilizando-os para sua pesquisa PDE.

Assim, a professora que tem facilidade e aproximação com o tema propôs e aprovou um projeto no programa do governo denominado “Viva a Escola”¹⁷. Contudo, a decepção foi que a professora não conseguiu conduzir o projeto, por determinação da própria SEED, que incumbiu a condução dos mesmos por professores contratados, seguindo a política já referendada pela pedagoga da escola “B”, de que a prioridade no ensino do Estado do Paraná, ministrada pelos professores efetivos são os conteúdos.

A professora adquire materiais didáticos para utilizar em suas aulas, relatou ter boa comunicação com os alunos e pelas atividades originais que nos relatou com os projetos e disposição de agendar palestras com profissionais de outros municípios, podemos considerá-la uma das professoras mais atuantes da cidade, junto com a professora de Ciências da escola “E” e a professora de Biologia da escola “G”. Sem dúvida, esta professora foi um exemplo de comprometimento e investimento para com a temática.

A diretora e a pedagoga acreditam ser função da escola desenvolver ações para tentar solucionar os problemas relacionados à sexualidade, contando inclusive com o apoio da Patrulha Escolar para o atendimento de casos mais delicados. Entretanto, mesmo apoiando as

¹⁷ Viva a Escola – O Viva a Escola foi aprovado pela Resolução n° 3683/2008 do governo do Estado do Paraná, vigente até hoje. Trata-se de um programa de complementação curricular, com atividades sugeridas pelos próprios professores. Eles têm autonomia para escolher a atividade mais adequada à realidade da sua escola, dentro da sua disciplina. O conteúdo e a carga horária são registrados no histórico escolar do estudante. O aluno pode participar de todas as atividades oferecidas na escola. Disponível em: <<http://www.educacao.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=151>>. Acesso em: 06 maio 2012.

ações de ES, suas opiniões refletem o pensamento de que as questões que envolvem a sexualidade são mesmo de cunho social, tendo a escola dificuldade de acompanhar as demandas externas e ter o controle sobre as famílias.

Por um lado verificamos a dificuldade em abordar a temática em outras disciplinas pelas respostas obtidas nos questionários, atendendo à pergunta sobre executar ações de ES, de modo que apenas um professor manifestou fazer a inserção da temática ao ocorrer algum episódio propício à abordagem. Por outro lado, tivemos respostas favoráveis quanto à escola dar conta de oferecer a ES aos alunos; esperamos que estejam colaborando com a professora de Ciências que se mostrou dinâmica e comprometida com a temática. Como verificou Maistro (2006), em sua dissertação de mestrado, uma das possibilidades para a implementação de projetos de sexualidade na escola é o trabalho coletivo e uma das limitações é o trabalho individual de um agente escolar, julgando ser imprescindível o esforço coletivo para que haja sustentação do mesmo na ambiente escolar.

Nesta escola não houve divulgação de nossas oficinas pela equipe pedagógica, conforme mencionou outro professor. Para a dimensão “Promover ações de ES” na escola podemos observar a Tabela 34 do Apêndice J.

Para esta diretora, a maior preocupação relacionava-se ao abandono e reprova; conseqüentemente, a avaliação era o motivo de alerta aos professores e ponto de discussão frequente nas reuniões. Esta diretora preocupava-se com os índices federais, como o Ideb¹⁸, atendendo às políticas de governo, porque inclusive em um dos trechos de sua entrevista, afirmou que se a sexualidade fosse uma política pública, talvez houvesse mudanças no sistema escolar.

Tal qual a diretora da escola “B”, a pedagoga afirmou que não eram previstas no planejamento da escola as discussões entre os professores acerca da temática da ES, apenas no plano de trabalho do professor que tivesse interesse, pois por ser um tema do cotidiano, a orientação era atender aos casos na medida em que surgissem as dificuldades.

Já a professora de Ciências apontou algumas políticas de incentivo à discussão da sexualidade e drogas. Contudo, por ficarem no âmbito da capacitação voluntária dos professores, como a participação em cursos promovidos por Universidades Estaduais, ou

¹⁸ Ideb – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica: foi criado em 2007 para medir a qualidade de cada escola e de cada rede de ensino. O indicador é calculado com base no desempenho do estudante em avaliações do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e em taxas de aprovação. Assim, para que o Ideb de uma escola ou rede cresça é preciso que o aluno aprenda, não repita o ano e frequente a sala de aula. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=336&id=180&option=com_content&view=article>. Acesso em: 25 abril 2012.

mesmo em Curitiba, pela SEED, havia pouca adesão, pela falta de interesse e até disponibilidade para a participação. Caberia à direção maior incentivo e divulgação destas oportunidades para obtenção de novos conhecimentos, trazendo as ideias e discussões que poderiam ser implantadas na escola.

Na Tabela 35 do apêndice J são mostrados os resultados para esta dimensão.

A diretora desta escola afirmou com desânimo haver tentativas de aproximação escola-pais; ela insistia que os pais esperavam que a escola resolvesse todos os problemas dos filhos. Neste caso, a pedagoga não se manifestou, nem a professora de Ciências, quanto à divulgação aos familiares dos projetos que executou.

Altmann (2006) escreveu sobre a família ter deixado de cumprir seu papel de formação, inclusive para a sexualidade, que passou a ser atribuído à escola:

Hoje em dia, de um modo geral, as famílias parecem não se opor ao fato da escola tratar dessa questão, muito pelo contrário. Como observou uma professora de Ciências durante uma entrevista, hoje os jovens têm os pais bastante distantes, sejam eles de classe baixa, média ou alta. [...] Segundo ela, no passado, a escola informava mais, enquanto hoje ela tem que cumprir um papel muito maior, pois além de informar precisa formar, educar. Percebe-se que, nesse processo, a sexualidade é mais um tema, entre outros, cuja responsabilidade pela informação e formação é atribuída à escola – que agora tem mais uma entre tantas responsabilidades (ALTMANN, 2006, p. 5).

Os resultados para a dimensão ‘Promover encontros com os familiares sobre a ES’ podem ser observados na Tabela 36 do Apêndice J.

Acerca de episódios envolvendo a sexualidade, apenas a professora de Ciências contou um caso que envolveu meninos e meninas da escola que mostravam os órgãos genitais uns para os outros tirando fotos com celulares. Houve a repreensão pelas atitudes, justificada como falta de atenção dos pais, eximindo-se de maiores responsabilidades. Na Tabela 37 do Apêndice J são mostrados os resultados desta dimensão.

Para esta escola tivemos dois professores que opinaram a respeito da suposta distribuição dos preservativos com a máquina de camisinhas e as opiniões foram de que essa iniciativa não é função da escola e torna-se incentivo à prática sexual. Na Tabela 38 do Apêndice J são mostrados os resultados para a dimensão ‘Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos’.

Na Tabela 39 do Apêndice J, são mostrados os resultados obtidos com as médias dos pesquisados nesta escola e a média da avaliação interna.

Para os licenciandos que atuaram nesta escola com as oficinas, houve decepção com relação à participação dos alunos, porque consideraram que a timidez, a desmotivação e a deficiência de aprendizagem, agravada pelo nível socioeconômico foram fatores que colaboraram para a satisfação parcial em relação às atividades desenvolvidas nas oficinas. Quanto à escola, gostariam de ter tido mais apoio, sobretudo pelo fato de que houve o conflito de horário das oficinas com outra atividade da escola, o que fez com que alguns alunos desistissem.

Em um relato de aluno em uma das atividades de oficina, percebemos que há professores que causam intimidação nos jovens quando o assunto é sexo/sexualidade, por incomodar-se com conversas e cenas de namoro. Em outro relato percebemos que a dificuldade de diálogo na família pode ser resolvida com um professor que esteja disponível para atender às dificuldades dos alunos. Da atividade interna de projeto oferecida pela escola houve decepção, pois não atendeu a expectativa do aluno, quanto à utilização de filmes. Já em outra atividade externa de palestra, houve a consolidação da prevenção de DST e gravidez pelo uso do preservativo. Os resultados podem ser observados na Tabela 40 do Apêndice J.

Fazendo parte dos resultados da Tabela 40 do Apêndice J, incluímos nossa avaliação desta escola, justificada no Apêndice G (página 276). Com isso obtivemos a média para a avaliação externa para esta escola.

Na Tabela 41 abaixo são mostrados, sinteticamente, os indicadores favoráveis e desfavoráveis de adesão encontrados para a escola C:

Tabela 41 – Indicadores favoráveis e desfavoráveis de adesão por dimensão, sintetizados para a escola C

DIMENSÕES – AVALIAÇÃO INTERNA E EXTERNA	INDICADORES FAVORÁVEIS E DESFAVORÁVEIS DE ADESÃO – Escola C
<i>GRAVIDEZ</i>	Para a diretora, o nível socioeconômico e as famílias são responsáveis pelos casos. A pedagoga não manifestou opinião. A professora de Ciências acredita que os episódios tem influência das famílias desestruturadas, mas faz intervenções para prevenir e reduzir a evasão.
<i>HOMOSSEXUALIDADE</i>	A direção acredita que o baixo nível cultural é o fator de exclusão entre os homossexuais. A pedagoga não manifestou opinião. Atitude de combate à homofobia pela professora de Ciências.
<i>PEDOFILIA/ PROSTITUIÇÃO INFANTIL</i>	Para a diretora, o nível socioeconômico e as famílias são responsáveis pelos casos. A pedagoga não manifestou opinião. A professora de Ciências acredita que os episódios têm influência das famílias desestruturadas.

DIMENSÕES – AVALIAÇÃO INTERNA E EXTERNA	INDICADORES FAVORÁVEIS E DESFAVORÁVEIS DE ADESÃO – Escola C
PROMOVER AÇÕES DE ES	A direção e a pedagoga acreditam ser função da escola e contam com a ajuda da Patrulha Escolar para casos mais delicados. A professora de Ciências propõe e concretiza ações de ES, com empenho, criatividade e dedicação. Outros professores se dividem em realizar e não realizar ações de ES em suas disciplinas, por dificuldades inerentes.
PROMOVER DISCUSSÕES INTERNAS COM OS PROFESSORES	As discussões realizadas pela direção tinham como preocupação a avaliação, evasão e os índices federais. Sem planejamento para discutir assuntos de sexualidade com os professores, como apontado pela pedagoga. A Secretaria oferece cursos que fazem abordagem da temática, mas somente alguns professores como a de Ciências realizam.
PROMOVER ENCONTROS COM OS FAMILIARES SOBRE A ES	Tentativas frustradas de obter apoio dos familiares pela direção. Sem opiniões da pedagoga e professora de Ciências.
EVENTOS ESCOLARES ENVOLVENDO SEXUALIDADE	Sem relatos da diretora e pedagoga. O relato da professora de Ciências aponta um caso no qual a intervenção não surtiu efeitos positivos; foi justificado pela falta de atenção dos pais aos filhos.
RELAÇÃO ENTRE SEXUALIDADE E VALORES MORAIS E RELIGIOSOS	Opiniões de que intervenções no campo da sexualidade não é função da escola e constituem incentivo à prática sexual.
AVALIAÇÃO EXTERNA À ESCOLA	OPINIÕES DOS LICENCIANDOS Obtiveram satisfação parcial nas atividades de oficina. Perceberam desmotivação dos alunos em relação ao tema. Consideraram que o nível socioeconômico dos alunos tornava mais complicada a ES. Receberam pouco apoio da escola.
	OPINIÕES DOS ALUNOS A escola às vezes favorece, às vezes dificulta as atividades relacionadas à temática.
	OPINIÃO DA PESQUISADORA A escola apoiou em parte a pesquisa e as oficinas, privilegiando apenas alguns dos aspectos apontados.

6.3.3 A Escola e a Adesão à Educação Sexual (ES)

Os resultados constantes na Tabela 42 do Apêndice J mostram a média final que indica para a escola C na analogia com os Patamares de Adesão, o Patamar *Adesão Passiva à ES (APES)*, com baixo nível de comprometimento. A professora de Ciências executa várias ações importantes na escola, já que percebe a necessidade de formação consistente em relação ao tema, inclusive com preocupações com a homossexualidade e diversidade de gênero. Contudo, mesmo a professora mantendo-se informada e engajada em oportunidades de capacitação, diante de uma situação com alguns alunos, mostrou que o comportamento sexual dos alunos é limitado. A diretora e pedagoga aceitam as intervenções internas e externas, mas

não incluem a temática da sexualidade no planejamento e currículo escolar, por alegar falta de receptividade dos alunos, da família e da comunidade. Desta forma, acreditam as profissionais ser mais convenientes o esforço, investimento e competência em outros assuntos, sem demonstrar preocupação ao atendimento das orientações mínimas dos documentos da SEED no que tange à sexualidade.

Podemos caracterizar a imagem que a escola assume perante a comunidade como **Meta-evitação**, pois embora não tenha manifestado rejeição pela inserção da temática na escola, a escola prefere ficar alheia e não investir na área, justificando a pouca adesão a fatores como a falta de políticas de incentivo e ao baixo nível social dos alunos e suas famílias.

6.4 Caracterização da Escola D

6.4.1 Descrição da Escola

Esta é uma escola central, que atende o Ensino Fundamental regular de 5ª a 8ª séries nos períodos matutino e vespertino e o Ensino Fundamental e Médio em âmbito de EJA no noturno. De acordo com informações obtidas na secretaria da escola, os alunos que ali estudam são de famílias com nível socioeconômico e cultural médio e baixo, com faixa de renda que compreende de um a três salários mínimos. A clientela contempla alunos que moram no centro da cidade, bem como de outros bairros, além da zona rural, trazidos com o ônibus da prefeitura. Esta escola informou que 70 alunos são beneficiados com bolsas do Programa do Governo Federal.

Os alunos de EJA são na maioria trabalhadores e provedores de sua subsistência. As dificuldades para estudar estão centralizadas no cansaço pós-jornada de trabalho, na cultura, na falta de tempo para estudar e fazer atividades escolares em casa. Não tivemos a oportunidade de trabalhar com este público em nosso projeto, pois eles não têm tempo livre para se dedicar a outras atividades extraclasses.

Pelo fato de ser uma escola bem tradicional na cidade e por atender a EJA, no ano de 2010 foram 762 alunos matriculados, atendidos por 65 professores. A escola busca maior participação dos pais na vida escolar dos filhos, entendendo que eles devem corroborar a prática da educação escolar formal. Consta no PPP: “Os pais podem contribuir com a escola

cobrando de seus filhos a educação que cabe a eles fornecer de acordo com os valores e princípios por eles apreendidos” (PPP₄, 2010, p. 30).

No tópico: “Ponto de convergência das propostas do PPP: as relações intra e interpessoais”, a temática da sexualidade é mencionada: “Nosso desafio é levar nossos alunos e profissionais da educação a terem maior interesse por leituras, textos diversos, envolvendo assuntos polêmicos como drogas, sexualidade, aborto, preconceito, resgatando assim os valores que estão ficando perdidos pela desestruturação familiar e social. Consolidar a crença nas perspectivas de melhorias no futuro, também é desafio para esta escola que acredita no poder de um trabalho coletivo com visão de futuro” (PPP₄, 2010, p. 52).

6.4.2 Categorização da Escola

Nesta escola também tivemos um pouco de dificuldade com as entrevistas da diretora e pedagoga, mas houve apoio parcial às atividades. A pedagoga nos auxiliou a distribuir os questionários aos professores, solicitando que fossem respondidos com atenção.

Com relação à temática da ‘Gravidez’, a diretora se mostrou atenta, porém, não vê como resolver problemas desta natureza, afirmando que a escola já enfrentou algumas situações com meninas muito jovens, de 12, 13 anos e que na tentativa de fazer intervenções de prevenção e apoio, até contou com o Conselho Tutelar, mas que os casos são recidivos.

A pedagoga diz cumprir o papel que se espera da escola frente a estas situações com as meninas que engravidam, já que relatou fazer atendimento pessoal, preocupada com a gestação das alunas, com encaminhamento médico, convencendo-as a não fazer aborto quando foi o caso, estimulando-as a não abandonarem a escola, mesmo acreditando ser o mais previsível.

A professora de Biologia acredita que a sociedade machista privilegia o menino em relação à menina, pois para o menino engravidar uma menina não há tanto problema quanto o contrário, sendo esta uma condição cultural e familiar; a virgindade das moças ainda é cultuada por algumas famílias, enquanto os meninos são por natureza “machos”, “agressivos”.

A fala da professora que reflete a construção social das diferenças entre homens e mulheres, apresenta caráter essencialista, como escreveu Vianna (2003):

Em nossa sociedade, as diferenças entre homens e mulheres são comumente remetidas diretamente ao sexo, às características físicas tidas como naturais e imutáveis. Com base em definições essencialistas do que é ser homem e/ou mulher edifica-se um sistema de discriminação e exclusão entre os sexos, além de vários estereótipos. Criam-se, assim, vários estereótipos sobre homens e mulheres: agressivos, militaristas, racionais, para eles; dóceis, relacionais e afetivas, para elas. Em decorrência, funções como alimentação, maternidade, preservação, educação e cuidados com os outros ficam mais identificadas com os corpos e mentes femininas, ganhando, assim, um lugar inferior na sociedade, quando comparadas às funções tidas como masculinas (VIANNA, 2003, p. 47).

Por ser esta uma professora “novata”, a mesma disse não ter presenciado nenhum caso de gravidez recente nesta escola e para evitar que aconteçam, gosta de enfatizar a temática em suas aulas, inspirada em sua própria formação escolar. Os resultados para a dimensão ‘Gravidez’ podem ser observados na Tabela 43 do Apêndice K.

A diretora acredita que há discriminação da sociedade para com os homossexuais e qualquer outro tipo de diversidade, por isso ela assumiu a postura de defender os alunos, com a atitude de chamar os pais para juntos, protegerem os jovens.

A pedagoga desta escola tem um discurso contraditório quanto aos homossexuais, pois ora afirma que faz parte da diversidade a presença do que denomina de “*novo modelo*”, que não deve haver discriminação, nem preconceito, que a escola deve ser inclusiva, não sendo este termo utilizado para “*deficientes*”, ora afirma que o olhar em relação a eles pode ser um pouco diferenciado, pois a sociedade é machista e os professores tem resistência.

Surpreendente foi quando a pedagoga declarou que para ela a homossexualidade seria uma “*doença contagiosa, que está aumentando muito*”, fala que, em nossa opinião, exprime a falta de informação, o preconceito e a discriminação da pedagoga, e que em trechos anteriores à conversa foram “condenados” por ela.

Como escreveu Louro (2010), a homofobia é consentida e ensinada na escola, expressando-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse “contagiosa”, cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com os sujeitos homossexuais: a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade.

Para a professora de Biologia, os homossexuais têm de ser tratados com naturalidade e faz esta orientação com os alunos, tentando explicar a eles que tais pessoas são normais, amenizando o preconceito que disse sentir nos diálogos com os alunos.

A professora percebe explicitamente nas opiniões dos alunos o padrão de identidade de gênero “normal” aceito, a identidade heterossexual (LOURO, 1997; 1998;

2000) e tem uma atitude interessante de desconstruir o padrão, ao afirmar que os homossexuais também são normais e que precisam ser aceitos como tais. Sua postura, contrária à da pedagoga, aponta para as mudanças que a escola tem enfrentado e que começa a aceitar, possivelmente relacionada com os professores mais jovens.

Também alguns professores de outras áreas se manifestaram nos questionários com relação às “diferenças”: fizeram relatos das situações de preconceito ou desprezo por homossexuais verificadas em sala de aula, aproveitando para discutir, problematizar e valorizar o respeito às pessoas. Os resultados para a dimensão ‘Homossexualidade’ constam na Tabela 44 do Apêndice K.

Esta diretora tem a mesma opinião da diretora da escola “A” quanto à ‘Pedofilia e Prostituição infantil’, no que tange às possíveis providências que a escola pode tomar: convocação do Conselho Tutelar, da APMF e também da Promotoria. A respeito das vivências com estas situações não houve relatos, preferindo a diretora não fazer a exposição dos fatos, talvez por causa do gravador.

Um pouco menos incisiva do que a diretora da escola “A”, esta diretora também afirma que faz orientação com os alunos, discute estes problemas com os professores. Contudo acredita que para que haja solução, teria de ter a parceria com o município, a comunidade, as famílias que têm responsabilidade pelas ações das meninas, incluindo também a Igreja (católica) em sua inferência. Concordamos com a diretora, pois acreditamos serem estas as mais indicadas estratégias para que os problemas graves sejam sanados.

A pedagoga considerou também em seu discurso que nas situações em que se sabe que as jovens estão suscetíveis à prostituição, a escola tem como dever re-encaminhar e reorientar, para reconduzi-las à cidadania, exercendo seu papel social. A professora de Biologia não se manifestou.

A pedagoga é coerente quanto à escola e a função social, como já escreveu Costa (2011, p. 7): “A escola deve desenvolver nos discentes a capacidade de tornarem-se cidadãos participativos na sociedade em que vivem”. Nesse processo, a escola tem uma tarefa difícil e importante, que nem sempre consegue alcançar.

Na Tabela 45 do Apêndice K estão indicados os resultados para os sujeitos que se manifestaram a respeito da dimensão ‘Pedofilia/Prostituição infantil’.

Nesta escola não há programa ou projeto oficial que relacione o tema, encaminhado por algum professor, como afirmou a diretora, porque de acordo com ela, a temática é inserida nas diversas disciplinas com enfoque na prevenção, já que a família muitas vezes não tem controle sobre os filhos. Outros professores e a pedagoga também concordam

com o fato de que a temática é importante, que a escola tem responsabilidade pela ES, porém, de forma efetiva, apenas a professora de Biologia trabalha com o tema em suas aulas.

Já a pedagoga falou pelos professores de Biologia de forma geral, relatando que preferem a presença de um palestrante para relacionar os temas da sexualidade.

A professora de Biologia tem acesso fácil aos alunos; em suas aulas permite a discussão do tema, providencia material didático, acreditando ser papel do professor de Biologia a promoção da ES na escola, já que é esperado pelos outros professores e pelos alunos, que ele execute esta função, inclusive por não haver outro profissional competente para fazê-la, na sua concepção.

Ao relacionar as atividades externas, apenas a diretora mostrou ter o compromisso de duas a três vezes no ano, trazer um palestrante da área da saúde para abordagem da temática, relatando ter preocupação com a faixa etária e adequação da linguagem. A professora de Biologia não tem preocupação com uma abordagem mais ampla. Tal situação pode ser diagnosticada pelo fato de a professora ainda não ter tido tempo em auxiliar a direção nesta tarefa.

Não houve divulgação das oficinas nesta escola, apenas uma professora relatou que soube que ocorreriam as oficinas, mas que não houve interesse em participar ou informar os demais professores.

Contando com a participação de todos os sujeitos envolvidos na pesquisa para esta dimensão, apresentamos os resultados na Tabela 46 do Apêndice K.

A diretora e a pedagoga apontaram restrições acerca de ‘Promover discussões internas com os professores sobre a temática’. Para a diretora, as reflexões após as discussões são de que a escola se depara com situações as quais não consegue encontrar solução, pois “*não tem poder*”. Para a pedagoga, na maioria das vezes, as situações são resolvidas com o auxílio da Patrulha Escolar, atitudes repressivas em sua opinião, mas que configuram a maneira encontrada para contornar os problemas, pois falta o envolvimento dos professores. A professora de Biologia não manifestou opinião.

Como forma de apoiar os professores a participar de aperfeiçoamentos na área, a diretora citou um evento promovido pelo Núcleo Regional de Ensino, em conexão à SEED, entendendo ser a sexualidade, violência e drogas, temas que poderiam suscitar o debate e envolver todos os professores, para incorporar mudanças, independentemente de suas disciplinas.

Para esta dimensão temos os resultados expressos na Tabela 47 do Apêndice K.

A diretora desta escola tem a mesma opinião da diretora da escola “C” acerca da pouca adesão dos pais para participar de reuniões. A diretora convocou os familiares para ajudar nas dificuldades, como gravidez, prostituição e pedofilia, e envolveu o Conselho Tutelar, mas a não adesão dos pais tornou-se um empecilho para o avanço e tentativas de resolver problemas.

A pedagoga e a professora de Biologia não manifestaram opiniões.

Em uma de nossas oficinas, houve a participação de uma mãe, que embora não possamos ter contado com suas opiniões para auxiliar na avaliação da escola, pois não foram significativas para este trabalho, pudemos perceber a existência do diálogo entre alguns jovens e seus pais, além de ter possibilitado à mãe tomar conhecimento de um dos temas por nós trabalhado. Os resultados desta dimensão podem ser observados na Tabela 48 do Apêndice K.

Para alguns dos episódios problemáticos relacionados à sexualidade mencionados pela diretora, não houve condições da escola resolver, contudo, manifestou esforço para encontrar soluções, com ênfase nas situações de “*respeito às diferenças*”, como também foi citado por outro professor, que utilizou o termo “*bullying sobre situações de homossexualidade*”.

Ao relacionar um episódio problemático de filhos revoltados na escola por conta de ter mães lésbicas, a pedagoga acredita que o assunto não deveria ser levado para escola, o que mostrou a intolerância e o desconforto diante da situação.

Ao relatar a confusão provocada pela resposta de um dos professores a algumas alunas que fizeram perguntas sobre o tema “sexo oral”, a professora de Biologia indicou que a conduta da direção e pedagoga foi abafar o caso e recomendar que se eventos semelhantes acontecessem novamente, as dúvidas fossem por ela sanadas, que não se oporia em oferecer ajuda. Inclusive as queixas da mãe de uma das alunas que presenciaram ao episódio também foram silenciadas pela direção que preferiu apenas falar diretamente com o professor responsável, sem causar alardes.

Em outra situação em que um aluno jogou pelos pubianos sobre algumas alunas dentro da sala, a professora de Biologia ao ser comunicada do evento, fez o encaminhamento do aluno à direção e pedagoga, que, para sua decepção, não tomaram providências, deixando-a sem respaldo frente à outra situação similar.

Assim, é possível inferir que há contradições entre depoimentos e ações das representantes da escola, mostrando as dificuldades em lidar com questões do âmbito da sexualidade. A Tabela 49 do Apêndice K apresenta os resultados obtidos para esta dimensão.

A diretora acredita que atitudes negativas dos alunos relacionadas à sexualidade possam ser decorrentes da falta de valores e de respeito. Considera que os adolescentes são movidos aos impulsos momentâneos, sem refletir nas consequências. Diante destes aspectos, nem a escola, nem a família conseguem resgatar valores perdidos, porque os prazeres da sexualidade transpõem tais conceitos.

A pedagoga citou um caso relacionado ao embate entre sexualidade e religião, de um pai evangélico, também professor e advogado, que não permitiu que o filho recebesse educação sexual na escola, ordenando ao filho arrancar as páginas do livro de Ciências, provavelmente na parte de reprodução. Este foi um episódio representativo de como o pai, baseado em seus princípios religiosos, pode interferir nas tentativas de concretizar a ES na escola.

Como escreveu Figueiró (2011):

Assim como a Religião Católica, o Protestantismo sempre se preocupou com a vida sexual de seus adeptos e erigiu também séries de normas de conduta que visassem assegurar a moralidade sexual dos indivíduos e, pretensamente, de toda a sociedade (FIGUEIRÓ, 2011, p. 37).

Ao saber das condutas religiosas mais radicais de algumas alunas, a professora de Biologia foi mais cautelosa na abordagem, observando as suas reações, para que não se sentissem agredidas sob algum aspecto. Contudo, não deixou de fazer a OS, pelo compromisso em levar as informações que são demandadas pelos alunos.

Outro aspecto ressaltado pela professora relacionou os tabus e valores conservadores das famílias ao se tratar de sexo, acirrado pelas tradições de cidade pequena, onde ainda se espera que as meninas casem virgens para não serem “mal faladas”. Assim, acredita-se que a escola é um ambiente favorável para lidar com o tema e sanar dúvidas, pois se não houver repressão e cobranças, como se verifica em algumas famílias, há maior probabilidade de diálogo e promoção da educação para a sexualidade.

Nesta escola tivemos algumas opiniões dos professores a respeito da pergunta do questionário que relacionava à máquina de camisinhas, de modo que todos se mostraram contrários. A maioria afirmou que não é função da escola, justificando que o evento traria transtornos e problemas ou favoreceria a promiscuidade. Outro professor acredita que os alunos são imaturos e encarariam a máquina como brincadeira; dois outros atribuem a responsabilidade desse tipo de prevenção aos postos de saúde.

Na Tabela 50 do Apêndice K, observamos os resultados referentes à dimensão ‘Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos’.

Com estas informações, apresentamos a Tabela 51 do Apêndice K onde mostra as médias parciais dos sujeitos e a média da avaliação interna para esta escola.

Pelas informações obtidas pela coordenadora do projeto em relação às dificuldades que esta escola havia relatado, com alguns casos de prostituição, gravidez, houve surpresa dos licenciandos quanto aos alunos que participaram das oficinas, pois os consideraram tímidos e ingênuos. Assim, eles chegaram à conclusão de que o trabalho de orientação da escola não alcançou os alunos. Houve a participação de uma mãe em uma atividade, como já foi descrito, e da diretora, caracterizando o mínimo apoio esperado.

Os resultados que relacionaram a opinião dos licenciandos podem ser observados na Tabela 52 do Apêndice K.

Pelo comentário de alguns alunos desta escola que participaram das oficinas e, sobretudo, pelo relato de uma aluna, que encontrou na sua professora de Biologia o veículo de informação desejado e não obtido em casa, percebemos que a opinião deles é favorável, com avaliação positiva da escola. Também apareceram elogios para a atuação da professora de Biologia, que confirmam a proximidade com os alunos por ela estabelecida e o uso das metodologias e recursos utilizados em sala de aula, para facilitar a promoção da temática.

Na Tabela 52 do Apêndice K são indicados os resultados da opinião dos alunos. Na mesma tabela relacionamos a categoria que representa nossa percepção sobre a escola, justificada no Apêndice G (página 276), para chegarmos à média, ao final da avaliação externa.

Na Tabela 53 são mostrados, sinteticamente, os indicadores favoráveis e desfavoráveis de adesão encontrados para a escola D:

Tabela 53 – Indicadores favoráveis e desfavoráveis de adesão por dimensão, sintetizados para a escola D

DIMENSÕES – AVALIAÇÃO INTERNA E EXTERNA	INDICADORES FAVORÁVEIS E DESFAVORÁVEIS DE ADESÃO – Escola D
GRAVIDEZ	Tentativas de prevenção e apoio, sendo a diretora pouco otimista quanto a encontrar soluções para reduzir os casos. A pedagoga oferece atendimento pessoal para auxiliar as alunas em suas aflições. A professora de Biologia acredita que a sociedade machista ainda condena meninas grávidas.

DIMENSÕES – AVALIAÇÃO INTERNA E EXTERNA	INDICADORES FAVORÁVEIS E DESFAVORÁVEIS DE ADESÃO – Escola D
<i>HOMOSSEXUALIDADE</i>	A direção defende os alunos e conta com o apoio dos pais. A pedagoga se mostrou homofóbica, mas manteve o discurso da escola inclusiva. A professora de Biologia considera a homossexualidade tão normal quanto à heterossexualidade.
<i>PEDOFILIA/ PROSTITUIÇÃO INFANTIL</i>	Para os casos graves, a direção convoca o Conselho Tutelar, a APMF e a Promotoria. A pedagoga acredita que é função social da escola reconduzir as meninas à cidadania. A professora de Biologia não se manifestou.
<i>PROMOVER AÇÕES DE ES</i>	A direção afirmou que não há programas específicos e se comprometeu em trazer anualmente uma atividade externa relacionada à temática. A pedagoga acredita que os professores de Biologia preferem trazer palestra. A professora de Ciências propõe e concretiza ações de ES, com interesse e dedicação. Outros professores acreditam que a escola tem responsabilidade sobre a ES.
<i>PROMOVER DISCUSSÕES INTERNAS COM OS PROFESSORES</i>	Nas discussões realizadas pela direção até o momento não foi possível encontrar soluções, porque foge ao alcance da escola. A diretora incentiva a participação dos professores em cursos de aperfeiçoamento. A pedagoga acredita que falta envolvimento dos professores. A professora de Biologia não manifestou opinião.
<i>PROMOVER ENCONTROS COM OS FAMILIARES SOBRE A ES</i>	Tentativas frustradas de obter apoio dos familiares pela direção. Sem opiniões da pedagoga e da professora de Biologia.
<i>EVENTOS ESCOLARES ENVOLVENDO SEXUALIDADE</i>	A diretora e um professor de outra disciplina manifestaram esforço para resolver os problemas. A pedagoga manifestou intolerância e desconforto diante de uma situação. A professora de Biologia não sentiu apoio da direção e equipe pedagógica sobre os casos ocorridos.
<i>RELAÇÃO ENTRE SEXUALIDADE E VALORES MORAIS E RELIGIOSOS</i>	A diretora acredita que a escola não consegue resgatar os valores e o respeito entre os jovens. A pedagoga citou o caso do enfrentamento do pai na escola por causa da religião. A professora de Biologia enfrenta os valores morais e religiosos e mantém a opinião de fazer a ES. Opiniões de que a máquina de camisinhas trariam transtornos e favoreceria a promiscuidade.
<i>AVALIAÇÃO EXTERNA À ESCOLA</i>	<i>OPINIÕES DOS LICENCIANDOS</i> Os alunos são tímidos e ingênuos. Obtiveram satisfação nas atividades. Foi considerado como razoável o apoio da escola.
	<i>OPINIÕES DOS ALUNOS</i> A escola tem atitudes que favorecem o acesso à temática.
	<i>OPINIÃO DA PESQUISADORA</i> A escola apoiou em parte a pesquisa e as oficinas, privilegiando apenas alguns dos aspectos apontados.

6.4.3 A Escola e a Adesão à Educação Sexual (ES)

Como podemos observar na Tabela 54 do Apêndice K, pela média final da nossa classificação, esta escola alcançou o Patamar, *Adesão Passiva à ES (APES)*, na analogia com os Patamares de Adesão, caracterizando baixo nível de comprometimento. Diferentemente das outras escolas, neste caso não foi revelado haver outras preocupações em detrimento da sexualidade, porém, as ações desenvolvidas são semelhantes às das outras escolas, com a confirmação de que não há inserção da temática no currículo das disciplinas. Houve discursos contraditórios vinculados a algumas das nossas dimensões, que caracterizaram a dificuldade em obter diretrizes que possam oferecer segurança aos alunos. A SEED foi citada como promotora de um curso referente a este e outros temas, em que convidava os professores da escola. Não houve outras relações com o documento oficial ou com discussões mais amplas com os professores para estabelecer um programa concreto e efetivo de ES.

Podemos caracterizar a imagem que a escola assume perante a comunidade como **Meta-evitação**, pois a escola prefere não expor-se abertamente diante das questões mais delicadas que enfrenta justificada pela falta de parcerias com outras instituições que pudessem assessorá-la, para daí então assumir a visibilidade desejada.

6.5 Caracterização da Escola E

6.5.1 Descrição da Escola

Localizada em um bairro agradável, esta escola pode ser considerada periférica, pois atende alunos de vilas e conjuntos habitacionais não tão distantes do centro, mas carentes, pertencente a classes socioeconômica média baixa e baixa, pois de acordo com informações obtidas na secretaria, a renda familiar é de um a três salários mínimos. Há alunos que vêm da zona rural e utilizam o ônibus da prefeitura como transporte escolar. Os pais dos alunos são pequenos agricultores, serventes de pedreiro, trabalham em serviços gerais ou são trabalhadores braçais, boias-frias, e em muitos casos dependem do auxílio dos programas do Governo Federal para a subsistência da família.

No ano de 2010, estudaram, nesta escola, cerca de 477 alunos, nos Ensino Fundamental de 5ª a 8ª séries e Ensino Médio regular, sendo esta uma escola compartilhada com outra escola municipal que atende a pré-escola até a 4ª série. Por este fato, faltam salas de aula no período da manhã e da noite para outras atividades que não sejam as acadêmicas curriculares. A escola funciona nos três turnos: matutino, vespertino e noturno.

O que chamou a atenção nesta escola foi o destaque ao Grêmio Estudantil com importância para a representação dos interesses dos alunos na instituição. Interessante é que o Grêmio é ativo, realiza reuniões, toma decisões, tanto que o diretor auxiliar deixou a cargo dos alunos para que fizessem a seleção de quem seriam os participantes das oficinas de sexualidade que então promoveríamos.

Percebemos que como verificado em outras escolas, no tópico “Encaminhamento Metodológico” do PPP, aparece a “preocupação” em se trabalhar com a temática da sexualidade, como se é proposto pelas DCE nos *Desafios Educacionais Contemporâneos*, bem como outros temas como cultura afro-brasileira, cultura indígena, drogas e meio ambiente, sem mais detalhes de “como” trabalhar com tais temas (PPP₅, 2010, p. 92). Também na ementa da disciplina de Educação Física aparece apenas citada a temática no item “qualidade de vida” (PPP₅, 2010, p. 158).

6.5.2 Categorização da Escola

Tivemos grande dificuldade de acesso para realizar as entrevistas com a diretora e a pedagoga, assim como verificamos a dificuldade em obter o retorno dos questionários respondidos pelos professores. Também houve pouco apoio para a realização das oficinas.

A diretora e a pedagoga desta escola relataram ter preocupação com a temática ‘Gravidez’, pois afirmaram fazer pessoalmente a orientação com os alunos e orientar os professores a também fazer algumas intervenções como compromisso da escola. Além disso, contam com o auxílio direto da professora de Ciências que disse ainda não ter presenciado nenhum caso nesta escola, mas que por ser de interesse e curiosidade dos alunos, enfatiza a discussão sobre gravidez em suas aulas.

No mesmo sentido das professoras, Mantoan (2003) escreveu que a escola deve fornecer acesso à informação, ficando claro para os adolescentes que ter relações sexuais é saudável, mas para poder exercer esse direito, eles devem estar conscientes de eventuais consequências que implicarão no futuro, como doenças sexualmente transmissíveis, gravidez precoce e suas consequências. Para verificar os resultados obtidos com a dimensão ‘Gravidez’, indicamos a Tabela 55 do Apêndice L.

A diretora, a pedagoga e a professora de Ciências não se manifestaram acerca da temática ‘Homossexualidade’, pois não quiseram falar a respeito, mostrando que a discussão do tema não seria preocupação ou conveniência da escola.

Os demais professores pareceram estar em consonância com a falta de diálogo deste tema na escola, pois não quiseram se manifestar. Um dos professores expressou opinião, ao relacionar que situações envolvendo homossexuais não têm a ver com o conteúdo por ele trabalhado na disciplina que ministra. Com esta opinião, parece desconsiderar a peculiaridade do universo de preocupações que está implícito no contexto da sala de aula envolvendo adolescentes. A Tabela 56 do Apêndice L apresenta os resultados para a dimensão ‘Homossexualidade’.

A respeito das temáticas ‘Pedofilia/Prostituição infantil’, somente houve o relato da professora de Ciências, que como já indicado por outros professores, também atribuiu os casos existentes às condições de desestrutura familiar, dizendo que a contribuição da escola é com a orientação e o aconselhamento. Por outro lado, não houve descrição de como esta tarefa era realizada nesta escola.

Os demais representantes da escola não se manifestaram como pode ser percebido na Tabela 57 do Apêndice L.

A diretora e a pedagoga acreditam que um trabalho de ES funciona de forma eficaz quando são trazidas pessoas para trabalhar a temática, porque os alunos se sentem mais a vontade para questionar e tirar as dúvidas. Outros professores também se manifestaram neste sentido; apenas a professora de Ciências é que tem a opinião de que só palestras não resolvem os problemas, e considera ser necessário um trabalho conjunto entre todos os professores, para dar continuidade e obter conquistas nesta área.

A posição da direção, equipe pedagógica e professores, parece ambígua, pois de um lado aceitam o auxílio oferecido por docentes da Universidade, e de outro, parece não haver grande esforço para dar continuidade a este trabalho e mobilizar ações a partir de iniciativas próprias.

Quem faz a diferença nesta escola é a professora de Ciências, propondo alternativas originais e fazendo menção em sua disciplina a temas tais como aborto, laços afetivos no contexto da sexualidade, numa perspectiva teórica, histórica e social. Também utiliza materiais didáticos nas aulas e relata não se importar em tirar dúvidas dos alunos em qualquer momento da aula, mesmo que esteja em outro conteúdo, pois entende que os alunos acabam tendo como referência a professora de Ciências, e não parecem incentivados a fazer o mesmo com outros professores.

Mesmo não tendo o apoio direto da direção, esta professora desenvolveu um projeto de sexualidade na adolescência, porque viu a necessidade dos alunos em trabalhar o tema da gravidez. Sentiu-se satisfeita porque pôde promover esta atividade, mesmo que para

poucos alunos. De certa forma, este projeto entrou no currículo da escola, mesmo que por tempo limitado, pois foi inserido no programa educacional estadual “Viva a Escola”; isso também aconteceu no caso da professora de Ciências da escola “C”, que foi realizado por outra professora.

Alguns professores se manifestaram favoráveis à escola tratar da temática da sexualidade, já que o tema é “*polêmico*”, mas outros não se sentem preparados para fazer a abordagem em suas disciplinas ou acreditam ser função da família. Como resultado dessa ambiguidade não houve divulgação das oficinas nesta escola. A Tabela 58 do Apêndice L mostra os resultados para esta dimensão.

A pedagoga se pronunciou a respeito de ‘Promover discussões internas com os professores sobre a temática’, na presença da diretora, afirmando que a escola tem outras preocupações que são prioritárias e que tomam mais tempo. Acredita que deveria haver mais conversas internas, porém, quando acontece algum problema, prefere recorrer a auxílios externos como o aconselhamento com psicólogos ou pais, ou o reforço do Conselho Tutelar. Ou seja, fica falha a busca da resolução dos problemas com o corpo docente, que também não manifestou interesse.

A professora de Ciências externou as preocupações da pedagoga, tais como conteúdo, avaliação, disciplina, interesse dos alunos e, em sua entrevista, revelou que a direção e equipe não demonstram interesse pela temática da sexualidade. Outro relato da professora nos leva a crer que por sua intervenção, houve discussão da temática na oportunidade de um Conselho de Classe, em que solicitou a ajuda dos colegas para que cada um continuasse as contribuições feitas por uma equipe de palestrantes. Em sua opinião, há desinteresse generalizado dos docentes, supondo ser a falta de domínio afetivo e cognitivo um dos fatores preponderantes. Para esta dimensão temos a Tabela 59 do Apêndice L que ilustra os resultados.

Em relação às conversas com os pais, também nesta escola, verificamos que são feitas na medida da necessidade. A reclamação da pedagoga foi em interpretar a falta de cultura e o nível social como promotores de atitudes agressivas dos pais e como fatores que explicariam os comportamentos dos jovens, inclusive no que tange à sexualidade. Por isso, a dificuldade em lidar com problemas que têm origem no berço familiar.

Muitas vezes a escola não tem o conhecimento efetivo da instituição familiar, com as informações obtidas sendo usadas apenas como coleta de dados, sem aproveitamento pedagógico em benefício do processo ensino-aprendizagem (BORSATO, 2008).

A professora de Ciências convocou os pais ou familiares para levar as explicações necessárias para a divulgação do projeto de gravidez, motivando-os ao consentimento da participação dos filhos e promovendo um início de integração entre escola e família. No entanto, não houve a mesma preocupação com as oficinas que organizamos na escola. Os resultados para esta dimensão estão relacionados na Tabela 60 do Apêndice L.

Acerca dos ‘Eventos escolares que envolvem sexualidade’, a pedagoga mencionou a situação de um aluno que apertava os seios e os testículos dos meninos, o que causou choque entre os professores e fez com que fosse chamado o Conselho Tutelar para auxiliar no caso. A medida encontrada foi aplicar suspensão para o aluno. Não há informação de ter sido providenciado um apoio psicológico ao jovem e ter feito um diagnóstico sobre as razões do menino em apresentar tais comportamentos.

Em outro episódio descrito por um professor de outra área, houve a transferência de um aluno da escola, já que o mesmo, do sexo masculino, gostaria de utilizar o banheiro feminino e não recebeu apoio da equipe pedagógica, que se omitiu. Na Tabela 61 do Apêndice L são indicados os resultados desta análise.

Como escreveu César (2009a), este caso indica a dificuldade da escola em relação a um possível questionamento do sistema *heteronormativo* como denominou Judith Butler:

Para o discurso escolar, em um primeiro momento, o importante é negar a existência de alunos e alunas homossexuais e bissexuais, pois a infância e a juventude são aclamadas como fases transitórias em relação ao exercício da sexualidade, de modo que, se bem conduzida por profissionais competentes, os jovens serão restituídos ao seu curso “normal”. Se a presença de alunos e alunas homossexuais dentro da escola já é um incômodo, então, a partir daquela perspectiva, a experiência da transexualidade se torna verdadeiramente insuportável do ponto de vista da instituição escolar, pois, diante de seus corpos transformados, a fala competente da instituição não vê esperança de retorno à norma heterossexual. Assim, aquilo que resta é o afastamento desses corpos indesejáveis, isto é, a expulsão, que hoje se constitui em um elemento importante da evasão escolar (CÉSAR, 2009a, p. 47).

No que diz respeito às crenças e valores religiosos dos alunos, a professora de Ciências relatou estar atenta e da mesma forma que a professora da escola “D”, tem cautela ao fazer a abordagem do tema sexualidade. Entende que os princípios familiares devem ser respeitados, para que não haja invasão ou inconveniência.

Nesta escola, obtivemos algumas opiniões dos professores diante da hipotética situação da presença de uma máquina de camisinhas na escola e as respostas nos levam a crer que há professores que não acreditam em campanhas de prevenção de doenças e redução da

gravidez ou desconhecem a real eficácia da proteção do preservativo contra a AIDS. Um deles escreveu que “*a máquina aumentaria a prostituição dentro da escola*”. Outros dois professores apontam que deveria ser função da saúde, sendo que um menciona a provável imaturidade dos alunos, que possivelmente relacionariam o fato como brincadeira. Para a dimensão ‘Relação entre Sexualidade e valores morais e religiosos’ temos a Tabela 62 do Apêndice L que ilustra os resultados.

Com as dimensões apresentadas, podemos observar, na Tabela 63 do Apêndice L, as médias obtidas dos sujeitos participantes, que levaram à média da avaliação interna.

Em relação ao envolvimento dos alunos nas atividades das oficinas, na opinião dos licenciandos não houve a esperada participação dos mesmos, cuja redução foi significativa no final das atividades, o que fez com que houvesse desmotivação dos monitores. Também não contaram com o apoio da escola, cuja equipe pedagógica e direção não se fizeram presentes em nenhuma das atividades. Na Tabela 64 do Apêndice L indicam os resultados da opinião dos licenciandos.

Os alunos que participaram das oficinas manifestaram a dificuldade de dialogar com os professores e com os familiares acerca do tema, com exceção de um aluno que revelou receber orientação de um dos professores. Um aluno revelou seu espanto com a reação da professora que ao ouvir que seu pai assistia a filmes pornográficos o censurou violentamente sem nenhum comentário de orientação. Outro aluno acredita que o assunto não é discutido na escola por causa da vergonha dos professores. Novamente, na Tabela 64 do Apêndice L, podemos ver os resultados para a opinião dos alunos desta escola.

Ainda na Tabela 64 do Apêndice L, encontramos a média que representa minha impressão da escola, mencionada no Apêndice G (página 276), chegando à média da avaliação externa.

Na Tabela 65, são mostrados, sinteticamente, os indicadores favoráveis e desfavoráveis de adesão encontrados para a escola E:

Tabela 65 – Indicadores favoráveis e desfavoráveis de adesão por dimensão, sintetizados para a escola E

DIMENSÕES – AVALIAÇÃO INTERNA E EXTERNA	INDICADORES FAVORÁVEIS E DESFAVORÁVEIS DE ADESÃO – Escola E
<i>GRAVIDEZ</i>	Diretora e pedagoga têm intervenções de prevenção aos alunos e orientação aos professores. A professora de Ciências enfatiza a temática em suas aulas.
<i>HOMOSSEXUALIDADE</i>	As entrevistadas não falaram no assunto. Um professor de outra área não considera o tema em sua disciplina.

DIMENSÕES – AVALIAÇÃO INTERNA E EXTERNA	INDICADORES FAVORÁVEIS E DESFAVORÁVEIS DE ADESÃO – Escola E
<i>PEDOFILIA/ PROSTITUIÇÃO INFANTIL</i>	Sem manifestações da diretora e pedagoga. A professora de Ciências atribuiu os casos a desestrutura familiar.
<i>PROMOVER AÇÕES DE ES</i>	A direção, a pedagoga e outros professores acreditam que a melhor estratégia é convidar pessoas para esclarecimentos. A professora de Ciências acredita que somente pessoas externas não resolvem os problemas; deveria ser feito um trabalho conjunto entre todos os professores.
<i>PROMOVER DISCUSSÕES INTERNAS COM OS PROFESSORES</i>	A pedagoga afirmou que a escola tem outras preocupações. Os demais professores não opinaram. A professora de Ciências promoveu a discussão da temática no Conselho de Classe, solicitando ajuda aos colegas.
<i>PROMOVER ENCONTROS COM OS FAMILIARES SOBRE A ES</i>	Sem opiniões da direção. A pedagoga atribui a falta de cultura e ao nível social a dificuldade de conversar com os familiares. A professora de Ciências envolveu escola-família ao divulgar seu projeto.
<i>EVENTOS ESCOLARES ENVOLVENDO SEXUALIDADE</i>	A pedagoga relacionou um episódio ocorrido que levou à suspensão do aluno como medida punitiva. A diretora e a professora de Ciências não se manifestaram. Um professor de outra área relatou haver dificuldades em lidar com o tema pela escola diante de um episódio.
<i>RELAÇÃO ENTRE SEXUALIDADE E VALORES MORAIS E RELIGIOSOS</i>	A diretora e a pedagoga não se manifestaram. A professora de Ciências respeita os princípios familiares dos alunos. Opiniões dos professores em relação à máquina de camisinhas: aumentaria a prostituição na escola; protege somente em parte contra a AIDS; é função da saúde; poderá se tornar brincadeira entre os alunos.
<i>AVALIAÇÃO EXTERNA À ESCOLA</i>	<i>OPINIÕES DOS LICENCIANDOS</i> Não houve a participação esperada dos alunos. Não houve apoio da escola.
	<i>OPINIÕES DOS ALUNOS</i> Consideraram que a escola tem poucas atitudes que favorecem o acesso à temática e quando não há, deve-se à vergonha dos professores.
	<i>OPINIÃO DA PESQUISADORA</i> A escola apoiou em parte a pesquisa e as oficinas, privilegiando apenas alguns dos aspectos apontados.

6.5.3 A Escola e a Adesão à Educação Sexual (ES)

Como podemos observar na Tabela 66 do Apêndice L, pela média final da nossa classificação, esta escola também alcançou o Patamar, *Adesão Passiva à ES (APES)*, na analogia com os Patamares de Adesão, caracterizando baixo nível de comprometimento. Percebemos que a direção desta escola tem preocupações de outra natureza, conforme mencionou a pedagoga, ou como citou a professora de Ciências, preocupações com conteúdo, avaliação, disciplina e interesse dos alunos. Embora a escola saiba da necessidade de uma formação consistente com relação ao tema, não o considera como responsabilidade prioritária,

já que justifica qualquer comportamento dos alunos relacionado à sexualidade com o nível cultural e socioeconômico das famílias.

A professora de Ciências executa ações de ES entre seus alunos e solicita o apoio dos colegas professores; contudo, mostrou que tem domínio limitado dos temas da sexualidade. A exemplo, ficou faltando a promoção de iniciativas para a temática da homossexualidade e também não conseguiu dar conta sozinha da tarefa de concretizar sistematicamente a ES, que abrangesse todos os alunos da escola. Assim, também percebemos o condicionante dos valores pessoais dos professores, explícitos nos questionários, que possivelmente limitariam as escolhas que os alunos poderiam fazer, sobretudo quanto ao comportamento sexual.

Para a imagem da escola frente à comunidade, podemos caracterizá-la como **Meta-evitação**, pois a escola não tem intenção de assumir a temática da sexualidade, justificada pela condição sociocultural dos alunos. As questões da sexualidade não ganham a mesma visibilidade que teriam outros temas de impacto, até para os olhos da SEED.

6.6 Caracterização da Escola F

6.6.1 Descrição da Escola

Esta é uma escola rural, tendo sua estrutura física conjugada com outra escola municipal de pré-escola e 1ª a 4ª séries. A escola atende o Ensino Fundamental de 5ª a 8ª séries nos períodos matutino e vespertino, e nível Médio. Oferece também o nível profissional nos períodos matutino e noturno.

A comunidade atendida pela escola é formada por trabalhadores com renda familiar entre um e três salários mínimos, complementados por horas extras, alguns têm o benefício do Programa Bolsa-Família. A grande maioria dos pais dos alunos é trabalhadora da própria Usina, no almoxarifado, nos serviços gerais ou mesmo na atividade agrícola. De acordo com informações contidas no PPP da escola (PPP₆, 2010, p. 15), o nível sociocultural das famílias é desde o analfabeto até o Ensino Médio completo.

Os alunos que estudam no Ensino Médio regular do período noturno, em geral, são colonos que trabalham no corte da cana-de-açúcar. Também há uma parcela pequena de alunos que vêm da cidade para estudar à noite, porque trabalham durante o dia. Os alunos do

diurno, na maioria, são filhos de trabalhadores que vêm para a escola com o ônibus que é disponibilizado pelo município.

Esta escola inseriu no PPP as oficinas de sexualidade em suas atividades complementares, além do projeto “Viva a Escola” na área de Artes e suas outras atividades para o ensino profissionalizante. A temática veio também relacionada na ementa da disciplina de Ciências (PPP₆, 2010, p. 105) e como sugestão para o atendimento dos *Desafios Educacionais Contemporâneos* e atendimento à diversidade, fazendo menção aos cadernos temáticos recebidos da SEED (PPP₆, 2010, p. 64).

6.6.2 Categorização da Escola

Esta escola foi acolhedora para conceder as entrevistas e apoiou as atividades de oficinas, mas tivemos pouca adesão aos questionários pelos professores. Tanto a diretora quanto a pedagoga desta escola encontram a situação que reflete a realidade local da escola rural, em que as alunas se casam muito cedo, com o consentimento dos pais em alguns casos, ou fogem para casar e engravidar, com a idade de 14 anos, ainda na 8ª série. As tentativas das professoras são no sentido de conscientizar também os pais das alunas de que é mais prudente investir nos estudos do que no casamento com gravidez, com tão pouca idade. E ainda assim, se insistirem em se casar, seria importante não parar de estudar.

Além disso, há o tabu e a vergonha em conversar de assuntos que envolvam a sexualidade entre pais e filhos, por isso a escola faz algumas intervenções diretas também com os pais. A expectativa das professoras é minimizar o ciclo que se repete entre as famílias locais, sendo os hábitos culturais os de trabalhar na cultura da cana-de-açúcar, morar em alguma fazenda próxima da escola, colocar o filho na escola municipal que está sediada na escola estadual de Ensino Fundamental e Médio, e usufruir de alguns benefícios fornecidos pelo governo como o leite para as crianças.

O fato de as adolescentes terem na família o histórico de mães adolescentes ou de viver em meios onde a gravidez precoce é comum aumenta as chances de tornarem-se mães. Isso já foi analisado por Desser (1993); Socal (2003) acrescenta ser indispensável que a sociedade tenha atenção redobrada com a questão da gravidez na adolescência. A família e a escola necessitam pensar nessa demanda com mais cuidado, pois a explicação e a informação corretas da sexualidade devem vir de forma interligada entre escola e família. Neste sentido, a

direção se mostrou preocupada, tentando reverter à realidade das meninas que se inserem no contexto local da comunidade atendida pela escola.

Na Tabela 67 do Apêndice M são ilustrados os resultados para a dimensão ‘Gravidez’.

A diretora desta escola demonstrou competência ao falar da ‘Homossexualidade’, talvez pela vivência próxima, como descreveu em um relato, e por encarar a realidade que está explícita na escola e nas ruas. Acredita que não pode haver a exclusão e sabe da dificuldade e resistência frente aos professores e comunidade, mas está fazendo tentativas de diálogo com os professores de sua escola, atendendo às expectativas da SEED.

Como está descrito no Caderno Temático, disponibilizado impresso e *on line*, a posição institucional da SEED do Paraná é dar visibilidade ao enfrentamento do sexismo, da homofobia e do racismo, bem como debater a prevenção e promoção da saúde no espaço escolar, na perspectiva do respeito aos diferentes sujeitos educandos/as e educadores/as. Este documento serve como leitura de apoio, que deveria ser discutida e implementada a partir da percepção das relações dentre os gêneros e a diversidade sexual nas escolas (SEED, 2009, p. 7).

A resistência deste tema é intensa nesta escola, pois os demais entrevistados não quiseram manifestar opiniões, incluindo uma professora que tem um filho homossexual e ignora sua condição perante os demais colegas, conforme as palavras da diretora. Na Tabela 68 do Apêndice M são apresentados os resultados para a dimensão ‘Homossexualidade’ com os sujeitos da pesquisa.

Não houve relatos nesta escola ao que se refere às temáticas Pedofilia/Prostituição infantil. Acreditamos que tenha sido pela inexistência de casos, pois não tivemos nenhum depoimento comprobatório neste sentido, conforme observamos na Tabela 69 do Apêndice M.

A diretora e a pedagoga são muito enfáticas quanto às atividades de inserção da Universidade na escola; valorizam e apoiam as iniciativas, contando sempre com a parceria estabelecida. Para a diretora, a maioria das famílias não está preparada para discutir a sexualidade com os filhos, devido à origem dos pais e pelo tabu que se verifica, acredita que a ES dos alunos tem que ser assumida, mostrando a preocupação com a cidadania, que é condizente com o que se espera da escola.

A pedagoga também apoia as iniciativas internas, como as atividades que a professora de Ciências desenvolve, para evitar que as meninas engravidem na adolescência, mesmo tendo o histórico como já descrevemos.

A professora de Ciências teve algumas iniciativas interessantes, como a utilização de um jogo criado por ela para trabalhar em específico as DST, além de utilizar textos, técnica da caixinha para não haver exposição de alunos em suas dúvidas, além de se mostrar preocupada com os sentimentos dos alunos e com as relações interpessoais. A professora recebe o incentivo da equipe pedagógica e direção, entretanto, não mostrou envolvimento com atividades externas ou mesmo com as nossas oficinas. Supomos que possa ser pelo fato de que a professora tem pouco tempo de serviço e ainda não teve tempo de aproximar-se destas funções, já que a mesma demonstrou afinidade pelo tema.

Em contrapartida, os demais professores não estão muito interessados com a ES, porque os que responderam ao questionário revelaram não ter conexão com os assuntos por eles ministrados. Como escreveu Sayão (1997), para que um professor possa ser um interlocutor confiável para as questões da sexualidade, deve estar implicado subjetivamente no trabalho, caso contrário não estará disponível para iniciar e dar continuidade a um trabalho na área.

A coordenação pedagógica foi eficiente e nos apoiou para que realizássemos as oficinas, contudo, não fez a divulgação que esperávamos entre os professores da escola. Os resultados da dimensão ‘Promover ações de ES’ estão na Tabela 70 do Apêndice M.

A respeito de ‘Promover discussões internas entre os professores’, a diretora acredita que antes dos docentes indicarem proposições concretas para a resolução de problemas no âmbito da sexualidade, deveria haver mudança de cultura entre os pais, para que a escola não fosse contraditória aos ensinamentos familiares.

A pedagoga afirmou que já houve o debate e a tentativa para os anos seguintes seria inserir projetos interdisciplinares para levar os conhecimentos científicos com a reflexão aos aspectos da sexualidade em todas as áreas.

A pedagoga e a diretora desta escola têm afinidade de ideias, pois tem discursos semelhantes, inclusive quanto ao apoio à capacitação dos professores. Assim como a professora de Ciências da escola “C” e a diretora da escola “D”, as professoras que assumiram posições importantes na hierarquia da escola no momento em que foi realizada a pesquisa estavam inteiradas dos cursos oferecidos pela SEED e elogiaram as iniciativas, mas criticaram os professores, dizendo que há julgamento, preconceito e não há disposição para tocar em temas os quais muitas vezes nem têm conhecimento, como gays, lésbicas, transexuais e bissexuais.

Neste aspecto de privilegiar as políticas públicas vinculadas à temática e que garantam os direitos humanos, ao citar os PCN para a OS, escreveram Santos e Bruns (2000):

“[...] a escola reflete o panorama de desconhecimento dessas políticas, o que dificulta o reconhecimento da homofobia presente no cotidiano e ressalta o despreparo de educadores para lidar com essa situação”.

O resultado para ‘Promover discussões internas com os professores’ pode ser observado na Tabela 71 do Apêndice M.

A diretora e a pedagoga afirmaram que tentam ‘Promover encontros com os familiares’ junto com os professores, para tocar em assuntos de prevenção de gravidez e doenças, e explicar como aconteceram as situações educativas das oficinas relacionadas ao tema. Lamentam a pouca participação dos familiares por preconceito ou desconhecimento, mas não desistem de levar as informações adequadas àqueles que procuram a escola. Na Tabela 72 do Apêndice M estão ilustrados estes resultados.

A diretora manifestou sua preocupação ao que se refere aos ‘Eventos escolares envolvendo sexualidade’, com o início precoce da vida sexual dos jovens, que agem como se fossem adultos e conseguissem arcar com as consequências de suas ações com a mesma naturalidade em que falam e fazem sexo. Novamente reforça as atitudes de prevenção da escola, pois se mostra atenta à realidade dos alunos, buscando meios para encontrar as melhores soluções aos problemas. Os demais professores participantes não se pronunciaram com relação a esta dimensão, como podemos observar na Tabela 73 do Apêndice M.

Para a ‘Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos’, a diretora acredita que além da cultura de que os adolescentes têm que constituir família muito jovens conforme seus pais, fatores religiosos não têm interferência em relação à sexualidade na escola. Os problemas enfrentados estão relacionados à cultura local, acesso restrito ao conhecimento e falta de vivência de outras realidades.

Em relação à hipotética máquina de camisinhas na escola, tivemos as opiniões de que seria “*um absurdo*” e “*estímulo à precocidade dos alunos*”, mostrando a inflexibilidade dos professores em assuntos ligados diretamente a sexo. Na Tabela 74 do Apêndice M são apontados para estes resultados.

Chegando à média final obtida pelas médias dos sujeitos da pesquisa para cada uma destas dimensões, na Tabela 75 do Apêndice M são indicados os resultados.

Para os licenciandos que atuaram no grupo de alunos do período matutino desta escola, houve a percepção de que os adolescentes falam muito em sexo, mas são imaturos, sem levar em consideração os sentimentos e a afetividade. Houve entrosamento dos monitores com os alunos, com cumplicidade e aproximação, que favoreceu a orientação. A pedagoga

sempre estava presente auxiliando no controle da frequência dos alunos. Na Tabela 76 do Apêndice M temos os resultados para a opinião dos licenciandos.

Com relação aos alunos desta escola que participaram das oficinas, em um dos relatos percebemos a manifestação da dificuldade, por razões religiosas, em dialogar com os pais. Este aluno tinha interesse em aprender sobre sexualidade, e não se recordava de ter tido orientação na escola. Outro relato também revelou o medo do aluno com a possibilidade de ter filho na adolescência, pela reprova dos pais, o que mostrou que para ele foi importante a abordagem da gravidez feita por estagiários e pela professora de Ciências.

No entanto, em outras falas, percebemos a aproximação de diálogo entre filhos e pais, ao relatarmos orientações de prevenção recebidas na escola. Em particular, um aluno relatou a aprovação dos pais quando mostrou a camisinha recebida na escola, pois encararam a atitude como prevenção. Por fim, em outro relato de aluno houve a insatisfação com relação aos professores em geral, que não trabalhavam com o tema em nenhum momento, acreditando que a falta de tempo não seria justificativa; ao mesmo tempo, houve a valorização das oficinas, por criar o espaço que não é oferecido pelos professores da escola.

Em pesquisa com adolescentes com a proposta de investigar as expectativas da primeira relação sexual, realizada por Altmann (2007), num dos recortes pôde-se verificar que as garotas planejavam realizar o ato com o uso do preservativo e, em alguns casos, também a pílula anticoncepcional. Para os garotos também havia o projeto de utilizar a camisinha, mostrando que no plano discursivo, as/os jovens incorporaram os ensinamentos escolares sobre a necessidade do preservativo. Sem levar em conta as demais considerações do artigo, é possível perceber que a camisinha parece ser o método de prevenção adotado pelos jovens e sua conscientização foi incorporada como prática, de maneira que a escola pode contribuir com a ênfase na sua utilização.

Na Tabela 76 do Apêndice M são indicados os resultados com as opiniões dos alunos. Ainda nesta Tabela temos a indicação de nossa avaliação para a escola, já justificada no Apêndice G (página 276).

Na Tabela 77 observamos de forma sintética os indicadores favoráveis e desfavoráveis de adesão encontrados para a escola F:

Tabela 77 – Indicadores favoráveis e desfavoráveis de adesão por dimensão, sintetizados para a escola F

DIMENSÕES – AVALIAÇÃO INTERNA E EXTERNA	INDICADORES FAVORÁVEIS E DESFAVORÁVEIS DE ADESÃO – Escola F
<i>GRAVIDEZ</i>	Diretora e pedagoga procuram conscientizar as meninas e pais para quebrar a cultura local de casar-engravidar. A professora de Ciências não se pronunciou.
<i>HOMOSSEXUALIDADE</i>	Diretora tenta dialogar com os demais professores, atendendo às expectativas da SEED. A pedagoga e a professora de Ciências não manifestaram opinião.
<i>PEDOFILIA/ PROSTITUIÇÃO INFANTIL</i>	Sem relatos e/ou opiniões.
<i>PROMOVER AÇÕES DE ES</i>	A direção e a pedagoga apoiam e valorizam a parceria com a Universidade; também apoiam as atividades internas. A professora de Ciências se mostrou preocupada com o tema, utilizando de estratégias diferenciadas para promover a ES. Os demais professores acreditam que não há conexão do tema com suas disciplinas.
<i>PROMOVER DISCUSSÕES INTERNAS COM OS PROFESSORES</i>	A diretora acredita que de nada adianta o debate entre os professores se os pais não mudarem a cultura. A pedagoga pretende inserir projeto interdisciplinar sobre o tema, a partir da discussão ocorrida entre os professores. Há apoio para a capacitação, inclusive para os cursos ofertados pela SEED. A professora de Ciências não se manifestou.
<i>PROMOVER ENCONTROS COM OS FAMILIARES SOBRE A ES</i>	A diretora e a pedagoga afirmam envolver os professores nas discussões com os familiares. A professora de Ciências não se manifestou.
<i>EVENTOS ESCOLARES ENVOLVENDO SEXUALIDADE</i>	A diretora reforça as atitudes de prevenção da escola diante da imaturidade dos alunos. A pedagoga e a professora de Ciências não se manifestaram.
<i>RELAÇÃO ENTRE SEXUALIDADE E VALORES MORAIS E RELIGIOSOS</i>	A diretora acredita que a religião não interfere, mas a cultura das famílias interfere. A pedagoga e a professora de Ciências não se manifestaram. Em relação às opiniões dos professores acerca da máquina de camisinhas foi mencionado que seria um absurdo e estimularia a precocidade da prática sexual dos alunos.
<i>AVALIAÇÃO EXTERNA À ESCOLA</i>	<i>OPINIÕES DOS LICENCIANDOS</i> O entrosamento dos alunos favoreceu a orientação. Houve apoio da escola.
	<i>OPINIÕES DOS ALUNOS</i> Opiniões favoráveis e desfavoráveis em relação às orientações recebidas na escola (ou a falta de orientação).
	<i>OPINIÃO DA PESQUISADORA</i> A escola apoiou em parte a pesquisa e as oficinas, privilegiando apenas alguns dos aspectos apontados.

6.6.3 A Escola e a Adesão à Educação Sexual (ES)

Na Tabela 78 do Apêndice M, observamos a média final desta escola, alcançando na classificação, o Patamar, *Adesão Oscilante à ES (AOES)*, na analogia com os Patamares de Adesão, caracterizando nível intermediário de comprometimento. A escola tem na diretora e na pedagoga as maiores incentivadoras das atividades de promover a ES, visando principalmente transformar a cultura das meninas de casar e engravidar na adolescência. A diretora também se destacou por ter se posicionado frente aos temas que consideramos relevantes, inclusive referentes aos homossexuais, exibindo o comprometimento em defender os direitos dos adolescentes e das pessoas. Tanto a diretora quanto a pedagoga prestam contas às DCE, estimulando a capacitação dos professores, porém obtendo pouca adesão dos mesmos. Entretanto, os demais professores, inclusive a professora de Ciências, não se pronunciaram para defender as mesmas ideias: eles não acreditam que os esforços da diretora e pedagoga tenham a ressonância desejada na comunidade. Assim, as oscilações da escola em sua adesão à ES sugerem que falta um apoio sistemático, também pelo conservadorismo de alguns membros, para que as iniciativas de ES sejam de fato concretizadas.

Para a analogia da motivação da escola para a prática da ES temos a *Meta-imagem*, já que a instituição precisaria se debruçar sobre o tema, envolvendo com mais intensidade todo seu corpo docente. Percebemos a necessidade em prestar contas à SEED como forma de garantir *status*, como foi o caso de relacionar as atividades de oficinas no site oficial da escola, para garantir o atendimento da temática como *Desafio Educacional Contemporâneo*, como orientam os Documentos Oficiais.

6.7 Caracterização da Escola G

6.7.1 Descrição da Escola

Esta escola é a única das pesquisadas que oferta somente o Ensino Médio regular, além do curso de Formação de Docentes da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental – Médio Integrado.

A escola é central, atendendo alunos de bairros e vilas, além de uma parcela significativa da zona rural e um considerável número de moradores das cidades circunvizinhas. O ensino médio regular é oferecido nos períodos matutino e noturno e o curso de Formação de Docentes, nos períodos vespertino e noturno. Esta escola elaborou um PPP

com dados consistentes da comunidade escolar, baseada em pesquisa com os alunos por meio de questionários.

No ano de 2010, a escola teve 982 alunos regularmente matriculados, sendo destes, 530 para o período matutino. A religião católica é a que prevalece nesta escola, pois 68% dos alunos pertencem a esta religião, 30% relataram ser evangélicos e 2% são de outras religiões. Quanto ao perfil socioeconômico dos alunos do matutino, apontam-se 41% das famílias dos alunos com renda de dois a três salários mínimos. Um dado interessante foi observar que embora a renda familiar não seja alta, 69% das famílias têm casa própria, o que demonstra certa estabilidade nas famílias, mas ainda sim, 19% dos alunos recebem incentivos dos programas do Governo Federal (PPP₇, 2010, p. 36).

Ao que se refere ao item escolaridade dos pais dos alunos, os dados da escola mostram que 28,14% das mães destes alunos do período matutino apresentam Ensino Médio completo, seguidas pelo índice de 24,32% de mães que têm o Ensino Fundamental incompleto. Já para os pais foi o contrário: 25,68% apresentam o Ensino Fundamental incompleto e 23,50% têm o Ensino Médio completo (PPP₇, 2010, p. 39).

Totalizando 70,14% de alunos que relataram ter casa própria, o perfil dos alunos do noturno é semelhante ao do matutino. Com relação à renda familiar, 55,56% apresentam renda de dois a três salários mínimos, 24% são inseridos nos programas de bolsas do Governo Federal e as mães têm menos escolaridade do que as mães dos alunos do matutino (PPP₇, 2010, p. 42).

O curso de Formação de Docentes é um curso predominantemente feminino: 99% são mulheres e da porcentagem total de 185 alunos regularmente matriculados no ano de 2010, 19% dos alunos são casados ou vivem com companheiro(a). Todos cumprem uma carga horária de estágio em contraturno, mas ainda assim, 58% deles estão inseridos no mercado de trabalho. A grande maioria dos alunos tem casa própria, representando a porcentagem de 74%. Quanto à renda familiar, 59% apresentam renda de dois a três salários mínimos e 18% dos alunos recebem incentivos do Governo Federal. Há um índice de 10% de pais analfabetos entre esta população de alunos.

São 67 docentes distribuídos nas disciplinas específicas, bem como os Pedagogos que lecionam no curso de Formação de Docentes. Destes professores, 77% são mulheres e 76% só atuam no ensino público. Entre os professores, também há predominância da religião católica, com a porcentagem de 73% e 15% são evangélicos. O restante ou não quis responder ou disse não professar nenhuma religião.

Quanto à temática da sexualidade, encontramos algumas vezes sua ideia relacionada no PPP da escola, tal qual verificado em algumas outras escolas, vinculada aos *Desafios Educacionais Contemporâneos*, em atendimento às DCE. Entretanto, ao verificar quais projetos são ofertados pela escola na programação das atividades paralelas, não houve menção do projeto das “Oficinas de Sexualidade”, mas outro projeto denominado “Curso de Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis”, em parceria com o curso de Enfermagem da Universidade Estadual, que foi realizado no ano de 2008, tendo sido caracterizado por uma palestra ofertada em momento único (PPP₇, 2010, p. 26, 50, 141, 169 e 196).

6.7.2 Categorização da Escola

Nesta escola tivemos fácil acesso às entrevistas, à distribuição dos questionários, mas não houve apoio na realização das oficinas. A diretora faz o julgamento das alunas grávidas, inclusive referindo-se a uma aluna e à sua religião, espantando-se com a atitude da mesma por ter engravidado. As justificativas para os julgamentos são falta de diálogo e de esclarecimento por parte das famílias, que deveriam ter fornecido a orientação, uma vez que as alunas já estão no Ensino Médio. Não há proposições efetivas para evitar as situações de gravidez, e percebemos o conservadorismo quando a diretora relata que a escola não discrimina nem exclui as alunas nesta condição.

A pedagoga menciona o relato das alunas que foram mães muito jovens, e que relacionaram a ausência de diálogo com os pais para obter OS. Entretanto, além da preocupação da pedagoga com o tema, não houve intervenções propositivas de sua parte para contribuir com a orientação que as alunas reclamaram não ter tido com a família.

A professora de Biologia se diz muito próxima dos alunos e neste aspecto da gravidez, também mencionou a abertura que oferece a eles para que se sintam a vontade em pedir ajuda. A contribuição que a professora diz ter feito com as alunas, além de ter dado apoio no momento difícil da descoberta, foi ter orientado a mesma a não desistir de estudar depois que tivesse o bebê. Pelo relato da professora, a mesma obteve êxito com o pedido feito a aluna, já que pela facilidade em lidar com o tema, esta professora “*tem as características indispensáveis, e impossíveis de serem treinadas: é sensível, escuta os problemas, inspira confiança e deixa o aluno à vontade*”, conforme escreveu Suplicy (1993, p. 32 apud FIGUEIRÓ, 2006, p. 143).

Na Tabela 79 do Apêndice N são indicados os resultados observados para esta dimensão.

Ao que se refere ao item ‘Homossexualidade’, a diretora e a pedagoga reconhecem as dificuldades pessoais em aceitar como natural ou normal situações vividas na escola, porque acreditam que para alguns casos a reafirmação dos alunos homossexuais implica em comportamentos que causam estranheza, incômodo e ofensa aos professores. A diretora faz a relação do tamanho da cidade com a quantidade de alunos que atende em sua escola, fazendo a reflexão da visibilidade que os homossexuais adquiriram nos últimos tempos, pelas barreiras transpostas, conscientizando-se de que o conservadorismo e a cultura tradicionalista local têm de ser revistos.

A pedagoga e a professora de Biologia endossam as palavras da diretora, externando a necessidade e o desafio de derrubar os preconceitos, sobretudo enraizados na orientação familiar recebida. Em seus discursos mostram-se dispostas a levar as discussões aos outros professores, entretanto, ainda não houve nenhuma intervenção sistemática. Os resultados para esta dimensão estão indicados na Tabela 80 do Apêndice N.

Apenas a opinião da pedagoga foi manifestada para as temáticas Pedofilia/Prostituição infantil, que também concorda com as diretoras das escolas “A” e “D”, ao que se refere à ação do Conselho Tutelar no envolvimento destes casos. Também atribuiu às famílias as providências cabíveis, sugerindo a incompetência e irresponsabilidade das mesmas, ao afirmar que os pais têm vida promíscua.

De fato, os pais têm de ter responsabilidade nos aspectos da proteção contra todos os tipos de violência aos filhos, enquanto são menores, como consta no art. 1º do Estatuto da Criança e do Adolescente, sobre a *proteção integral* à criança e ao adolescente, determinando no artigo 19 que:

Os Estados Partes adotarão todas as medidas legislativas, administrativas, sociais e educacionais apropriadas para proteger a criança contra todas as formas de violência física ou mental, abuso sexual, enquanto a criança estiver sob a custódia dos pais, do representante legal ou de qualquer outra pessoa responsável por ela (BASTOS, 2008, p. 26).

Na Tabela 81 do Apêndice N, observamos os resultados para a dimensão ‘Pedofilia/Prostituição infantil’.

Com relação à ‘Promover ações de ES’ na escola, a diretora reconhece que deveria haver mais entrosamento entre a equipe pedagógica e todos os professores, para que

fossem efetivos os trabalhos voltados à temática, para a prevenção da gravidez e das doenças, e que não ficasse só a cargo do professor de Biologia.

A diretora também fez menção às principais preocupações da escola como a disciplina, o comportamento, sem dar maiores explicações do por que não inserir as questões da sexualidade no cotidiano escolar. Apenas que deveria haver uma disciplina específica, partilhada pela opinião de outros professores, para desafogar o professor de Biologia e dar conta da carência do tema. Ainda manifestou queixas em relação ao excesso de responsabilidade depositado na escola, e a excessiva cobrança, sobretudo das famílias.

A pedagoga se coloca no lugar de professora dizendo que tem por obrigação e compromisso com os alunos responder as dúvidas e promover o debate quando está em sala de aula. Em relação às atividades externas, citou a parceria com um médico e com a equipe da Universidade que acontecia na escola, para fazer palestras, mas não sabia precisar se ainda estavam acontecendo.

A pedagoga afirmou que a escola nunca teve um programa de ES e que não havia perspectivas para a futura realização.

A professora de Biologia citou alguns episódios que envolviam as dúvidas dos alunos em situações até de desespero, como a descoberta da gravidez, a vergonha da virgindade e outros temas. Se autointitula “*mãezona*” dos alunos e admite que as experiências adquiridas venham do fato de ter tido uma filha que engravidou na adolescência, o que a fez prestar mais atenção nos jovens para aproximar o diálogo, sem demonstrar constrangimento. Também relatou a experiência do projeto com o foco na gravidez, tendo sido o único projeto envolvendo a temática na escola dos últimos dez anos. Pela iniciativa da professora, caracterizamos como intervenção criativa, mesmo não sendo novidade a temática, mas por ter mobilizado uma ação sistemática que correspondesse às demandas da escola.

Esta professora também apoia as atividades externas, citando a equipe de Enfermagem que na ocasião da entrevista fazia um ciclo de palestras de sexualidade na escola, e que também a havia auxiliado na construção de seu projeto.

Para alguns professores não há necessidade em abordar o assunto, o que ficou evidente com as respostas dos questionários que indicaram a indiferença em propor alternativas para executar ações de ES, desprezando a criação de uma disciplina específica ou não se envolvendo com a realização de nossas oficinas. Em contrapartida, outros professores acreditam que, depois da família, a escola deve tomar providência frente à temática.

Para Werebe (1998), não seria possível concretizar a ES em disciplina escolar como as demais, pois ela não constitui uma disciplina, seja pelo seu conteúdo, seja pelos

métodos que requer. A utilização da pedagogia tradicional com a exposição “unilateral”, adotada pela maioria dos professores não convém ao ensino de qualquer das matérias escolares, e é absolutamente inadequada para a ES, pois é útil e necessário que o aluno possa participar ativamente de intervenções neste âmbito.

Na Tabela 82 do Apêndice N, podemos observar os resultados obtidos com a manifestação de todos os sujeitos da pesquisa.

A diretora tem dificuldade em ‘Promover discussões internas com os professores’ pelo cronograma de atividades da escola ser apertado, já que nos momentos de planejamento didático de início e meio de ano, que seriam momentos oportunos, os materiais que são discutidos por afinidade entre os professores de mesmas áreas vêm prontos da SEED para serem trabalhados, sem flexibilização.

Apesar da pouca disponibilidade de tempo para inserir as discussões da sexualidade nos momentos de reunião de professores da escola, a diretora acredita que alguns temas superficialmente são comentados como, por exemplo, na perspectiva de amenizar as “diferenças” e preconceito, ainda presentes entre os professores.

A pedagoga confirmou as informações de cursos ofertados pela SEED na área da sexualidade, conforme apontaram uma professora da escola “C”, e as diretoras das escolas “D” e “F”. Contudo, teceu críticas ao repasse de informações para a escola, sugerindo que além do acesso restrito às capacitações, há pouca divulgação.

Os demais professores não se pronunciaram neste aspecto, conforme mostra a Tabela 83 do Apêndice N.

Alinhada à ideia da diretora da escola “B” para a não intervenção da APMF em assuntos desta natureza, a diretora não manifestou interesse em atuar de forma distinta. Também não houve relatos sobre incentivar os pais a participarem de discussões neste âmbito.

Apenas a pedagoga inferiu que alguns pais solicitam a colaboração da escola para concretizar a ES, contudo citou um caso que foi na direção contrária, de um pai revoltado com as atitudes de professores que trabalhavam a sexualidade.

Conforme escreveram os autores Peres et al. (2000), o ideal para que não surgissem problemas em qualquer intervenção de sexualidade feita pela escola com os familiares:

Sugerimos que a escola ofereça um espaço de reunião onde pais possam se informar sobre objetivos, conteúdos e procedimentos do projeto de Orientação Sexual, e esclarecer dúvidas sobre a metodologia utilizada, horários e local de funcionamento das oficinas e grupos. Alguns pais podem

não concordar com o trabalho de Orientação Sexual porque sentem-se inseguros quando não sabem o que vai acontecer com seus filhos. [...] Nestas reuniões, os princípios básicos da orientação sexual devem ser esclarecidos, como por exemplo: a postura que o educador adotará na abordagem da sexualidade com os jovens; o respeito às diferenças; o reconhecimento do direito ao prazer associado com responsabilidade; e o direito de cada um exercer sua sexualidade de forma singular (PERES et al., 2000, p. 20).

Na Tabela 84 do Apêndice N são apresentados os resultados para esta dimensão.

Para a dimensão ‘Eventos escolares envolvendo sexualidade’, a pedagoga nos relatou um episódio constrangedor sobre uma criança de creche que “*chupava o pênis*” das outras crianças e da vizinhança do bairro. Embora este episódio não seja reflexo dos comportamentos explícitos que podem ser comumente encontrados nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, revelou a facilidade que a pedagoga tem em lidar com orientações e aconselhamentos, já que não teve a atitude de ignorar o fato, mas sim de discutir com as alunas que atende, para que encontrassem medidas eficazes de contornar situações problemáticas.

Para a professora de Biologia, os episódios relatados foram relacionados ao aconselhamento que os alunos lhe pedem, em situações de extrema dificuldade como a descoberta da gravidez. Ao que tudo indica, esta professora é vista como “uma terapeuta” para os alunos que têm intimidade, atuando com maior intensidade fora do contexto da sala de aula do que dentro, auxiliando a resolver problemas já existentes, dos quais se sente mais útil em atuar.

A diretora e os demais professores não se manifestaram para esta dimensão, conforme podemos observar na Tabela 85 do Apêndice N.

Quanto à ‘Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos’, a diretora acredita que seria necessário afinar os valores da cultura, sociedade e família, para que em consonância, a escola pudesse educar para a sexualidade, com esclarecimento e responsabilidade. Acredita que estes são os valores apresentados pela escola, mas que sozinhos, não surtem o efeito desejado na vida dos jovens.

Para a pedagoga, os valores religiosos dos pais têm grande interferência no alavancar das discussões sobre sexualidade na escola. Frente aos episódios relatados pela mãe que foi cobrar uma satisfação da escola frente às razões pelas quais a filha do 2º ano do Ensino Médio estava recebendo informações de prevenção à gravidez e doenças, e que a idade não era adequada, ou das mães que reclamaram pelas mesmas razões, dizendo ter apoio de padre e de pastor, a pedagoga não se intimidou, pois se diz consciente dos limites da

abordagem e para ela, as informações têm que ser passadas aos alunos, mesmo esbarrando nos princípios e convicções pessoais.

Novamente, insistimos no fato de que pelos episódios ocorridos, seria válido que a escola informasse adequadamente aos pais das intenções da abordagem da sexualidade em sala, que ao bom educador, não terá interferência sobre os valores das pessoas, impondo regras de conduta, como escreveu Werebe (1998).

[...] Muitos pais temem que a educação sexual contestará os valores morais, religiosos da família e que serão indicados caminhos contrários a estes valores, com a preconização de uma suposta liberdade sexual, ou melhor, “libertinagem” dos costumes. Deve ficar claro que o educador não imporá regras de conduta, mas tampouco não impedirá que os educandos expressem suas preocupações, suas aspirações e desejos, deixando-os livres de [para] fazerem suas opções e assumi-las plenamente (WEREBE, 1998, p. 193).

A pedagoga também apontou que os princípios morais dos professores podem levar a restrições de diálogo sobre os temas da sexualidade ou drogas, ao citar o exemplo da professora que condena o filme do Cazusa, por julgá-lo em relação às condutas que teve na vida, ao invés de promover a discussão a partir das problemáticas de sexo e/ou drogas. Para a pedagoga, este episódio representou a visão retrógrada da professora, que prefere ignorar a realidade dos jovens, mantendo confortável a posição de júri, inspirada em seus princípios.

A professora de Biologia prefere não levar em consideração as visões religiosas do sexo que o transformam em pecado. Considera prudente alertar os alunos para a percepção do momento adequado ao sexo, com o intuito de que não pulem etapas e se arrependam no futuro. A professora é coerente ao não fazer juízo de valor sobre as religiões, mantendo-se na posição de educadora e de privilegiar a formação dos alunos, no sentido de facilitar as decisões e escolhas dos jovens nos quesitos sexo/sexualidade.

Pelas opiniões dos professores que responderam ao questionário na pergunta da inserção da máquina de camisinha na escola, percebemos que a totalidade foi contrária. Algumas opiniões expressaram o incentivo ao liberalismo, o incentivo à precocidade, o estímulo à prática sexual ou o comprometimento da moral e dos bons costumes, mostrando as visões conservadoras e inflexíveis da sexualidade. Outras opiniões divergiram entre delegar a função de distribuir camisinhas nos postos de saúde ou que se acontecesse tal situação, poderia haver desaprovação da família, pelos valores e religião. Na Tabela 86 do Apêndice N, são indicados os resultados obtidos para esta dimensão.

Na Tabela 87 do Apêndice N, podemos observar as médias resultantes dos agentes da escola pesquisados por dimensão, que nos permitiu chegar à média da avaliação interna.

Houve decepção com relação à participação dos alunos nas atividades de oficinas, pois na opinião dos licenciandos, a “preguiça” pode ter sido um dos fatores que levou a não conclusão dos encontros. Houve grande adesão no início, com redução drástica de alunos a partir do 2º encontro, sem motivo aparente. As reflexões sobre possíveis mudanças de metodologia e temáticas foram feitas, contudo, sem encontrar explicações para a desistência dos alunos. Não houve o apoio da equipe pedagógica e direção, que nem sequer se lembravam dos dias da realização dos encontros. Na Tabela 88 do Apêndice N, visualizamos os resultados.

Embora as oficinas tenham tido curta duração nesta escola, nos encontros que participamos, obtivemos algumas opiniões dos alunos como os questionamentos a respeito da igualdade de direitos sobre o sexo entre meninos e meninas, e até mesmo o comportamento de inferiorização da mulher, decorrente da sociedade machista e que se estende à escola, que faz pouca reflexão a respeito.

No diálogo, os alunos relataram que alguns professores costumam conversar de assuntos de sexualidade e sexo, referindo-se inclusive à professora de Biologia, e ao professor de Filosofia que em alguma aula fez relação entre os direitos de homens e mulheres na sociedade atual. Algumas críticas foram no sentido de que a escola poderia favorecer mais a ES, pois os alunos sentem a necessidade e acreditam que assim poderia haver redução no número de meninas grávidas.

Também na Tabela 88 do Apêndice N, obtivemos os resultados para as opiniões dos alunos, assim como minha avaliação da escola, justificada no Apêndice G (página 277), que compõe a média da avaliação externa.

Na Tabela 89, observamos sinteticamente os indicadores favoráveis e desfavoráveis de adesão encontrados para a escola G:

Tabela 89 – Indicadores favoráveis e desfavoráveis de adesão por dimensão, sintetizados para a escola G

DIMENSÕES – AVALIAÇÃO INTERNA E EXTERNA	INDICADORES FAVORÁVEIS E DESFAVORÁVEIS DE ADESÃO – Escola G
<i>GRAVIDEZ</i>	Diretora é conservadora, com o julgamento das grávidas. Não há intervenções efetivas da pedagoga. Apoio e orientação da professora de Biologia às grávidas.

DIMENSÕES – AVALIAÇÃO INTERNA E EXTERNA	INDICADORES FAVORÁVEIS E DESFAVORÁVEIS DE ADESÃO – Escola G
<i>HOMOSSEXUALIDADE</i>	A diretora e a pedagoga têm dificuldades em aceitar como natural os comportamentos homossexuais. A professora de Biologia, a diretora e a pedagoga acreditam que há necessidade de derrubar o preconceito na escola.
<i>PEDOFILIA/ PROSTITUIÇÃO INFANTIL</i>	Sem manifestações da diretora e da professora de Biologia. A pedagoga acredita que o Conselho Tutelar tem que atuar nos casos existentes e também atribuiu à família as providências cabíveis.
<i>PROMOVER AÇÕES DE ES</i>	A direção acredita que deveria haver maior entrosamento entre os professores para auxiliar o professor de Biologia nas ações. Acredita que é depositada muita responsabilidade sobre a escola, principalmente das famílias. A pedagoga executa algumas atividades internas e apoia as atividades externas. A professora de Biologia é “mãezona” dos alunos, auxiliando-os nas dificuldades relacionadas à temática, além de desenvolver atividades internas e apoiar as atividades externas. Os demais professores se dividem em apoiar ações de ES e não ver sua necessidade.
<i>PROMOVER DISCUSSÕES INTERNAS COM OS PROFESSORES</i>	Há pouco tempo para discutir entre os professores e, além disso, os temas das capacitações vêm prontos para serem trabalhados, como afirmou a diretora. A pedagoga indicou alguns cursos promovidos pela SEED, mas criticou a falta de divulgação e limite de vagas. A professora de Biologia não se manifestou.
<i>PROMOVER ENCONTROS COM OS FAMILIARES SOBRE A ES</i>	Sem relatos da direção. A pedagoga revelou que alguns pais solicitam a colaboração da escola, contudo existiu um caso em que o pai não concordou com as atitudes de professores que trabalhavam a sexualidade. A professora de Biologia não se manifestou.
<i>EVENTOS ESCOLARES ENVOLVENDO SEXUALIDADE</i>	Diante de um caso relatado por uma aluna, a pedagoga discutiu com a turma para encontrar soluções. A professora de Biologia ampara os alunos nos casos em que é solicitado ajuda. A diretora não se manifestou.
<i>RELAÇÃO ENTRE SEXUALIDADE E VALORES MORAIS E RELIGIOSOS</i>	Para a diretora, deveria haver consonância entre os valores da cultura, sociedade, família e escola. A pedagoga efetua o trabalho de ES mesmo com princípios religiosos discordantes. A professora de Biologia não faz juízo de valor frente às religiões e mantém-se no papel de educadora. Opiniões dos professores de que a máquina de camisinhas incentivaria o liberalismo, a precocidade, a prática sexual, comprometeria a moral e os bons costumes, seria função dos postos de saúde, poderia haver desaprovação da família
<i>AVALIAÇÃO EXTERNA À ESCOLA</i>	<i>OPINIÕES DOS LICENCIANDOS</i> Houve decepção com a participação dos alunos, que desistiram das atividades. Não houve apoio da escola.
	<i>OPINIÕES DOS ALUNOS</i> Alguns professores abrem para o diálogo, contudo poderia haver mais trabalhos de ES para prevenir a gravidez, por exemplo.
	<i>OPINIÃO DA PESQUISADORA</i> A escola apoiou em partes a pesquisa e as oficinas, preocupando-se com alguns dos aspectos apontados.

6.7.3 A Escola e a Adesão à Educação Sexual (ES)

Na Tabela 90 do Apêndice N, observamos a média final desta escola, alcançando na classificação, o Patamar, *Adesão Passiva à ES (APES)*, na analogia com os Patamares de Adesão, caracterizando baixo nível de comprometimento. Também nesta escola percebemos que os interesses da direção são com a disciplina e o comportamento, não sendo a ES responsabilidade da escola. Há a consciência de que a escola tem situações a enfrentar como as das alunas grávidas, apontadas inclusive como preocupação de um aluno, ou com os homossexuais, que ainda são pouco aceitos na escola, mas considera que estes temas não pertencem ao currículo escolar, tampouco fazem parte das capacitações. A pedagoga e a professora de Biologia têm ações de auxílio, de apoio e fornecem orientações aos alunos, mas por vezes titubeiam quanto à capacidade de dar conta da tarefa, pela pressão externa (pais dos alunos), por preconceitos pessoais (homossexuais), além de perceber a dificuldade de obter adesão dos outros professores, para que juntos pudessem concretizar a ES na escola. Inclusive no caso de receber apoio externo, como foi a intervenção das oficinas, a escola não se propôs a colaborar como o esperado, mostrando-se incompetente, já que as atividades não foram concluídas.

Podemos caracterizar a motivação para a prática da ES e imagem da escola como **Meta-evitação**, pois a escola não tem intenção real e sistemática de promover o acesso à orientação e prevenção no que compete aos temas da sexualidade. Tal como as outras escolas que estão na mesma classificação, não tem a intenção de assumir riscos que não lhe trarão visibilidade.

Ao encerrarmos a caracterização das escolas de Educação Básica pesquisadas, apresentamos a seguir o capítulo 7, com a síntese da avaliação feita nas escolas e as indicações de algumas possibilidades de trabalhar a ES.

CAPÍTULO 7 – SÍNTESE DA AVALIAÇÃO DAS ESCOLAS INVESTIGADAS E AS POSSIBILIDADES DE TRABALHAR A EDUCAÇÃO SEXUAL (ES)

Neste capítulo faremos a síntese da avaliação das escolas que investigamos, apontando as dificuldades que fazem com que elas não consigam alcançar os Patamares AAES, AAAES e ACES. Indicaremos também algumas possibilidades de trabalhar com a ES nestas escolas.

7.1 Panorama Geral das Escolas Investigadas

Pela análise realizada, de acordo com as dimensões que convencionamos e os critérios adotados, temos a visão geral do ranqueamento das escolas por nós pesquisadas, com a Figura 13 abaixo:

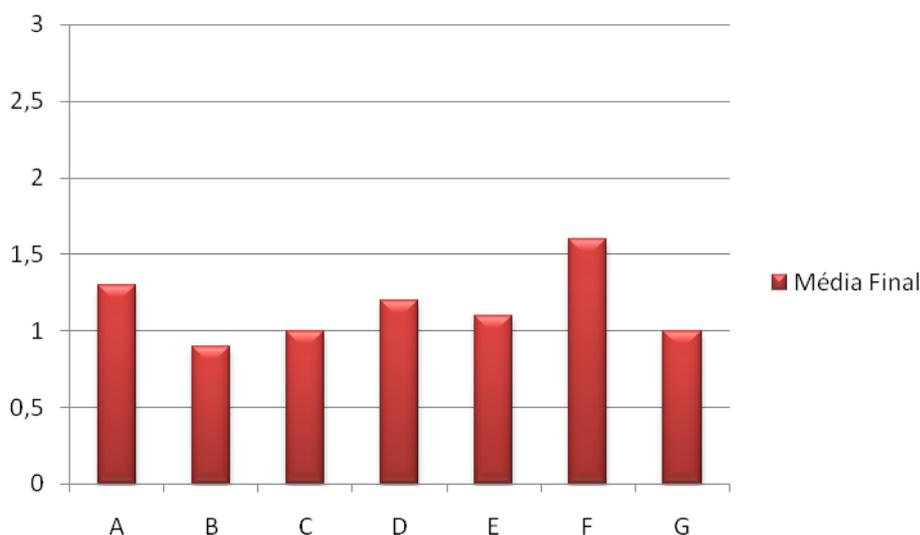


Figura 13 – Panorama geral das escolas investigadas, com as médias finais obtidas ao término das análises

Percebemos que os resultados foram próximos, e as escolas A e F foram as que tiveram maior destaque.

7.2 Avaliação da Adesão das Escolas e o Níveis de Comprometimento com a Educação Sexual (ES)

Ao fazer uma síntese da avaliação, com o levantamento dos indicadores de adesão à ES presentes nas escolas investigadas, elaboramos a Tabela 91 abaixo, onde estão descritas as dificuldades e ações apontadas pelos membros das escolas e que permitiram com que fossem avaliadas de acordo com os nossos Patamares de Adesão.

Os indicadores desfavoráveis estão destacados em vermelho e os favoráveis em azul. Juntos todos os indicadores de adesão delineiam o quadro diagnóstico de abrangência das escolas do município escolhido quanto à temática da ES e, conseqüentemente, o comprometimento das mesmas em relação à problemática da ES.

Tabela 91 – Indicadores de adesão à ES presentes nas escolas investigadas

Indicadores de adesão à ES	Escola A	Escola B	Escola C	Escola D	Escola E	Escola F	Escola G
O meio sociocultural e a desestrutura das famílias são responsáveis pela gravidez e/ou pedofilia/prostituição infantil	presente						
Manifestações de conservadorismo, moralismo, tradicionalismo	presente						
É preconceituosa; não aceita os homossexuais; o meio influencia no comportamento ou o consideram como problema	presente						
A SEED não faz cobrança direta na abordagem sobre assuntos relacionados à sexualidade	-	presente	-	-	presente	-	presente
A escola assume responsabilidades que não é dela e que não consegue resolver ou que está sobrecarregada porque as famílias cobram muito	presente	-	presente	presente	-	-	presente
A sexualidade não é função da escola, mas da saúde e/ou da família	presente	-	presente	presente	presente	-	presente
Tem outras preocupações diferentes da sexualidade	-	presente	presente	-	presente	-	presente
Não há programa específico para tratar da ES na escola	-	presente	presente	presente	-	-	presente
A APMF tem papel burocrático e não discute temas relacionados à sexualidade	-	presente	-	-	-	-	presente
Faz orientações para combater a pedofilia/prostituição infantil	presente	-	-	presente	presente	-	-
Tem preocupação com a evasão dos alunos da escola pela gravidez, pedofilia	-	-	presente	-	-	presente	-
Solicita ajuda do Conselho Tutelar, Patrulha Escolar ou Promotoria para resolver os casos graves e de difícil condução	presente	-	presente	presente	presente	presente	presente
Enfrentou alguma situação que confrontasse especificamente o tema à religião	-	-	-	presente	presente	-	presente

Indicadores de adesão à ES	Escola A	Escola B	Escola C	Escola D	Escola E	Escola F	Escola G
<i>Tentou resolver alguma situação mais delicada sobre o tema no interior da escola</i>	presente	-	-	presente	-	presente	presente
<i>Faz orientação entre professores e alunos para diminuir o preconceito contra os homossexuais</i>	presente	-	presente	presente	-	presente	-
<i>Apoia e/ou divulga cursos de capacitação entre os professores</i>	presente	-	presente	presente	-	presente	presente
<i>Tem alguns momentos de discussões entre os professores sobre assuntos da sexualidade</i>	-	-	-	presente	presente	presente	presente
<i>Faz orientações, intervenções e aconselhamento sobre algum tema relativo à sexualidade ou sobre prevenção para evitar a gravidez e DST</i>	presente						
<i>O professor de Biologia é o agente de informação sobre sexo/sexualidade com apoio da direção e equipe pedagógica</i>	presente						
<i>Desenvolveu a capacitação PDE ou o projeto “Viva a Escola”</i>	presente	-	presente	-	presente	-	-
<i>Aceita que pessoas externas à escola tenham intervenções de prevenção ou aconselhamento sobre algum tema da sexualidade</i>	presente						
<i>Teve a preocupação de informar os familiares dos alunos sobre as atividades de oficinas que seriam oferecidas na escola</i>	presente	-	-	-	-	presente	-
<i>Tem algum contato com os pais para dialogar sobre os temas da sexualidade</i>	presente						
<i>Os licenciandos tiveram apoio da escola para executar as atividades de oficina</i>	presente	-	-	-	-	presente	-
<i>Os licenciandos tiveram a participação efetiva dos alunos nas oficinas</i>	presente			presente		presente	
<i>Os alunos esperam obter mais orientações e que aconteçam momentos de discussão sobre sexo/sexualidade na escola</i>	presente	presente	presente	-	presente	presente	presente

Podemos perceber que as escolas têm dificuldades ao expressar sua cultura, fazendo inclusive com que na avaliação tivessem médias próximas. Um ponto comum às sete escolas foi as afirmações sobre as baixas condições sociais e econômicas das alunas e por consequência, o menor acesso à cultura, que as levam aos episódios de gravidez e pedofilia ou prostituição infantil. Contribui com isso a falta de organização das famílias, pois não oferecem referências definidas ou modelos adequados, ou ainda em outro caso, como observamos na escola F, o modelo ideal é o casamento e a gravidez precoce.

Como já foi escrito por Ribeiro (2001) apud Mioto (2005, p. 133), as adolescentes que são provenientes de famílias disfuncionais, pobres e de pouca instrução e cujas mães tiveram precocemente seu primeiro filho, correm um risco maior de engravidar [...].

O autor Osório (1992) escreveu que a família age com uma função socializadora ao assumir um papel de intermediação entre os jovens e a sociedade e partindo desse pressuposto, se o adolescente estiver inserido em uma família desestruturada, as consequências sociais para sua vida serão desastrosas.

Os fatores apontados pelos professores têm influência no contexto das jovens e a gravidez na adolescência pode ser considerada como problema social (SOUZA, 1998; SCHOR et al., 1998 apud HEILBORN et al., 2006). Para Heilborn et al. (2006), uma das facetas que contribuiu para transformar a gravidez na adolescência tanto no Brasil como em outros países em um problema social, deveu-se em parte pela representação da “ilegitimidade” e por ser a gravidez ou experiência de parentalidade na juventude considerados acontecimentos perturbadores no desenvolvimento ideal dessa etapa da vida.

Contudo, ao se colocar em posição de julgadora das alunas e assumir o determinismo, a escola não contribui para que possam ocorrer mudanças na realidade, que seria a redução do número de casos de gravidez, conduzidas após trabalhos eficazes de orientação de prevenção. Ao mesmo tempo em que há o julgamento das alunas, pelo moralismo e conservadorismo presentes na totalidade das escolas, com as concepções pessoais, os obstáculos no plano da ideologia, da cultura moral e sexual, quando o contexto da escola atravessa tudo isso, algumas se propõem a acolher, discutir e compreender as jovens (escolas A, D, F e G), estando dispostas a fazer com que não abandonem a escola nestas ou em outras situações (escolas C e F).

Este quadro já foi representado por Heilborn et al. (2006), que fazem apontamentos de que a gravidez adolescente é condenada pela indignação moral das pessoas, ladeada pela visão da evolução negativa dos costumes, erotização precoce indesejável (atribuído à mídia), irresponsabilidade dos jovens, ignorância, que reforçam a pobreza e a

marginalidade, pois os jovens interrompem ou são impedidos de retomar os estudos e por consequência, dificilmente encontrarão um emprego, contando com ajuda familiar limitada. Outro aspecto são as agências de pesquisa e organismos internacionais que apresentam a gravidez na adolescência como não desejada. Oscilando entre todos os aspectos negativos estão os discursos de apoio aos adolescentes.

De acordo com os autores, tais opiniões delineiam as relações entre grupos e atores sociais que desfrutam de posições que lhes permitem definir o que é adequado e moralmente aceitável. Aí podemos fazer um paralelo com os professores, e aqueles que dispõem de condições menos favoráveis para sustentar seus pontos de vista ou escolhas, na nossa analogia, seriam as alunas grávidas e suas famílias. Assim, o segmento das jovens, em particular, e dos rapazes que se envolvem com uma gravidez considerada precoce, é alvo de tentativas de controle e de rotulação como conduta indesejável para o bom desenvolvimento de suas vidas e do bem-estar coletivo (HEILBORN et al., 2006, p. 31-32).

No caso da pedofilia e prostituição infantil, o agravante é a vulnerabilidade das jovens, que motivadas pela fonte de renda, podem vir a permanecer nestas situações mesmo recebendo orientações (as escolas A, D e E indicaram realizá-las), sobre os riscos e perigos envolvidos às circunstâncias.

A autora Montgomery (2009) não acredita que crianças escolheriam a prostituição se tivessem outra alternativa financeira razoável mas, tendo feito essa escolha, essas mesmas crianças não tornam-se agentes passivos. Na medida do possível, tomam decisões e desenvolvem estratégias para lidar com suas próprias vidas. Suas possibilidades são escassas e suas vidas são difíceis, mas elas lutam por melhorar sua própria condição e a de suas famílias. Complementa a autora Davidson (2010), que crianças e adolescentes são agentes na construção de sua história de vida, inclusive no que se refere ao mercado do sexo.

Nestes casos e em outros, para tentar auxiliar na resolução de problemas em que a escola é inapta e extrapola seus limites, a quase totalidade (exceto a escola B) lança mão do Conselho Tutelar, Patrulha Escolar ou Promotoria, já que foge às competências pedagógicas da escola. As situações de maus-tratos estão previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente no *Capítulo I – Do Direito à Vida e à Saúde*, ressaltando o artigo 13: “Os casos de suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente serão obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade, sem prejuízo de outras providências legais”. (BRASIL, 1990).

Ainda dois outros artigos, 56 e 245, estão relacionados a esta incumbência sobre os profissionais da educação:

Art. 56. Os dirigentes de estabelecimento de ensino fundamental comunicarão ao Conselho Tutelar os casos de:

I – maus-tratos envolvendo seus alunos;

(...)

Art. 245. Deixar o médico, professor ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente:

Pena – Multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência.

Dada à proporção dos fatos, embora nas situações com pedofilia as alunas saíssem da escola para os encontros, seria de competência do município, das lideranças políticas e da polícia tomar providências, de modo que a escola poderia até mobilizar as ações, mas de fato não conseguiria coibir ou punir os responsáveis. Além disso, é relevante o receio da escola em fazer denúncias e ter que arcar com as exposições, como aconteceu na escola A.

Neste sentido, Landini (2011) escreveu que situações relacionadas a qualquer tipo de exploração sexual que caracteriza maus-tratos a crianças ou adolescentes são das mais complexas para o profissional da educação, pois, se de um lado, está obrigado a notificar mesmo a suspeita de maus-tratos, por outro se vê sob o dilema de fazê-lo e trazer dificuldades suplementares à criança e à família caso a suspeita não seja comprovada. Na visão de Azambuja (2004), a comunicação de suspeitas de maus-tratos ao Conselho Tutelar causa um forte impacto no grupo familiar e, portanto é recomendável que seja feita apenas a partir de suspeitas consistentes ou quando de sua confirmação.

Sobre o limite da escola em situações as quais não seria de sua responsabilidade atender às demandas, e sobre o excesso de cobranças depositadas na instituição, escreveu Nóvoa (2009) sobre a “escola transbordante” ou também chamado de “transbordamento da escola”. Com este conceito, o autor apontou que foi possível obter ganhos importantes, sobretudo no plano social, com a escola compensando ausências da sociedade e das famílias, que contribuiu para a melhor integração das crianças e dos jovens. Contudo, quando tudo se tornou essencial, se tornou impossível concretizar ações racionais e inteligentes e a escola

desviou-se muitas vezes das tarefas do ensino e da aprendizagem para se dedicar às missões sociais.

Nóvoa (2009) ainda escreveu que para se alcançar uma – *Escola centrada na aprendizagem* – só será possível se a sociedade se responsabilizar, progressivamente, pelo conjunto de missões, dentre eles destacamos a educação para a saúde e a ES. Afirma que a escola não deve ignorar seu papel, mas sugere que outras instâncias sociais como famílias, comunidades locais, centros de saúde, igrejas deveriam também ser responsabilizadas pelo cumprimento das missões, abrindo para a possibilidade de um novo contrato educativo, em que se partilham as responsabilidades por um conjunto de atores e de instâncias sociais, não ficando apenas nas mãos dos educadores profissionais.

Conforme escreveu Guirado (1997), o termo instituição, tem como significado as relações ou práticas sociais que tendem a ser repetir e que, enquanto se repetem, legitimam-se, e existem sempre em nome de um “algo” abstrato, ou de seu objeto. A escola como instituição tem como objeto a aprendizagem de conhecimentos e o desenvolvimento de uma atitude diante do conhecimento. Com isso, tenta ampliar seu âmbito de ação até se confundir com toda a educação possível numa sociedade. Com a sexualidade, ela tenta controlar ou educar suas manifestações para se fortalecer como instituição social. Ocorre, a seu ver, que a escola pode fazer nada ou quase nada nesse âmbito. A estratégia, então, poderia ser a de *deixar que a sexualidade surgisse para tomá-la em consideração*, e desta forma, lidaria com mais delicadeza na extensão de suas fronteiras e, ainda sim, não deixaria de ser a instituição que é.

Na mesma ideia da sobrecarga de atribuições que a escola recebe (escolas A, C, D e G), percebemos que na maioria delas (exceto escolas B e F) houve menção de que a responsabilidade sobre a ES deveria ser dos órgãos ligados à saúde e/ou à família. Quanto à saúde, possivelmente os professores estavam se referindo às orientações da saúde sexual e reprodutiva, pois a maioria das intervenções sobre sexualidade fica atrelada aos *conteúdos biologizantes*, como já citaram Guimarães (1989); Werebe (1998); Rabello; Caldeira; Teixeira (2012). Quanto à família, conforme já relacionamos, alguns professores acreditam que ela deve assumir a ES dos filhos, porque está implicada com os valores morais e religiosos, e a escola não deve interferir sobre estes aspectos.

Como afirmou Roakech (1981), a família constituirá a base das crenças das crianças, que se organizarão num sistema psicológico e não necessariamente lógico, que formará o sistema de crenças individual de cada sujeito. Entretanto, como afirmou Marías (1971), embora as primeiras crenças sejam formadas na família, esta não é a única fonte de aquisição. Por isso, concordando com McCary (1978), a ausência de conhecimento em

relação ao tema sexualidade só será dissipada quando houver a disposição de todos, uma “adequada instrução sexual”. Aí, entendemos que a escola tem um papel fundamental para oferecer os conhecimentos necessários a romper crenças errôneas sobre a temática.

Também foi possível perceber que alguns professores (escolas D, E e G) tiveram embates com pais ou familiares de alunos no âmbito da religião, manifestando atitudes positivas de contornar as situações, em defesa das convicções de que intervenções de ES na escola não têm como objetivo o incentivo ao sexo. Como existe a confusão em vincular sexualidade como equivalente a sexo, algumas famílias religiosas mais conservadoras podem manifestar incômodo com o tema na escola, por manter as tradições de sustentar a proibição de se fazer sexo antes do matrimônio, assim como pela existência dos mitos e tabus da sexualidade, em que não é permitido nem falar sobre assuntos relacionados.

A autora Figueiró (2011, p. 33) apontou na revisão que fez sobre normas religiosas oficiais e a influência sobre a vida sexual das pessoas, que existe uma nova forma de vivência da sexualidade que vem sendo construída no seio do Catolicismo, tanto em nível mundial, quanto na própria realidade brasileira. Trata-se da *Educação Sexual Religiosa Católica Libertadora*, em que há o reconhecimento de que a doutrina moral oficial é controladora, repressiva e incoerente com o momento histórico presente, e, por isso, dá espaço para o indivíduo ser sujeito de sua própria sexualidade, sentindo-se livre e sem sentimento de culpa ao transgredir as normas oficiais que pretendem controlar o comportamento sexual do católico.

O Papa Bento XVI, atual representante máximo da religião e que segue a linha conservadora, como também era o caso do Papa João Paulo II, mantém as normas oficiais da Igreja Católica que são o não uso de camisinha; somente o uso do método contraceptivo de *Billings*; a não união de casais homossexuais; o não ao sexo pré-conjugal. Assim, uma abordagem da *Educação Sexual Religiosa Tradicional* liga a vivência da sexualidade ao amor a Deus e à submissão às normas religiosas oficiais; privilegia a preservação dos valores morais cristãos; encara o matrimônio e a virgindade/castidade como os dois únicos modos de viver a aliança com Deus; e entre outros aspectos, valoriza a informação de conteúdos específicos da sexualidade como meta secundária e pode estar comprometida com uma educação para o pudor (FIGUEIRÓ, 2011, p. 34).

Para as religiões Protestantes verificam-se as mesmas características da Católica, expressas como *Abordagem Religiosa Protestante Tradicional e Abordagem Religiosa Protestante Libertadora*, com uma variação na Abordagem Tradicional que é ligar a vivência

da sexualidade ao amor a Deus e à submissão às mensagens bíblicas (FIGUEIRÓ, 2011, p. 58).

Interessante foi notar que mesmo para as escolas em que alguns professores não julgam ser da competência da instituição realizar o trabalho de ES, houve tentativas de resolver situações delicadas e que envolvessem diretamente os alunos (escolas A, D, F e G). Com os enfrentamentos relatados pelos professores, conseguimos perceber que quando há o comprometimento com a temática, mesmo timidamente ou sem preparo, ainda sem atingirem patamares desejáveis de adesão, tais escolas saem do dispositivo discursivo e de repressão indicados por Foucault e acolhem os alunos, reconhecendo a importância dos atendimentos realizados.

Foucault (2007), em seu livro “A vontade de saber”, teve a percepção da sexualidade como uma criação discursivo-institucional, cuja função seria o controle dos indivíduos e das populações. Assim, o autor separava o sexo da sexualidade, e demonstrava que o sexo seria um ponto de injunção fundamental das práticas de controle populacional do século XIX, e que o nome dado a este dispositivo de controle era sexualidade.

Em um processo de estabelecimento de fronteiras, a sexualidade foi o instrumento dessa separação que, por sua vez, criou as delimitações entre uma prática sexual bem educada e as outras, que deveriam ocupar um lugar indefinido, ou demarcado pela exclusão. O *sexo bem educado*, ou normatizado, isto é, as práticas heterossexuais, monogâmicas, consolidadas pelo matrimônio e reprodutivas, eram assistidas pelos olhares e ouvidos atentos de médicos e psiquiatras, que podiam até mesmo prescrever mais sexo e a intensificação do prazer. As práticas *outras* deveriam ocupar o lugar das margens e também serem esquadrihadas por médicos e terapeutas para produzirem saberes e definirem as configurações desses outros da sexualidade, o homossexual, a histórica, o onanista etc.

Desse modo, nasceu um conceito de sexualidade, como a justa medida de separação entre normalidade e anormalidade. Em se tratando da nossa história ocidental, as práticas de exclusão são inumeráveis e se deram em nome do discurso científico e institucional, como demonstrado por Michel Foucault e outros autores que realizaram pesquisas posteriores. Foucault, na mesma *História da Sexualidade*, dizia que talvez houvesse um tempo em que deixaríamos de lado o dispositivo da sexualidade e passaríamos a nos indagar a partir de uma perspectiva de corpos e prazeres, abandonando esse dispositivo de nomeação dos sujeitos sexuais e de exclusão. Não se pode dizer que o dispositivo da sexualidade tenha sido abandonado, três décadas após os seus escritos. Todavia, vemos alguns

deslocamentos, como a acolhida dos alunos em situações problemáticas no interior das escolas que pesquisamos.

Se por um lado ficamos animados com algumas atitudes positivas de acolhida dos alunos em situações problemáticas dentro da escola, de outro constatamos a rejeição de alguns professores aos homossexuais, verificando a presença deste indicador em todas as escolas. Com isso percebemos o cenário conservador, atrelado às opiniões manifestadas quanto à condenação da suposta máquina de camisinhas, expressando o que é normativo dentro da escola, e que (re)produz certos valores morais, mais ou menos rígidos (SAYÃO, 1997), pois fugir dos padrões estabelecidos causa indignação, espanto, repulsa ou aversão. Algumas escolas (A, C, D e F) conseguem perceber que os direitos sexuais dos indivíduos devem vir antes do julgamento, e tem a percepção de que a escola deve garantir a cidadania e a inclusão, primando pelo bem-estar dos alunos, por isso têm algumas atitudes que visam diminuir os comportamentos preconceituosos entre professores e alunos.

Como foi indicado por alguns professores (podendo ser interpretada como garantia da isenção da responsabilidade), a temática da sexualidade, juntamente com as questões da diversidade sexual não são contempladas pela SEED como metas educacionais (escolas B, E e G), e por isso não há necessidade direta da abordagem, já que não é objetivo prioritário, contudo, também foram mencionados os cursos de capacitação promovidos pelo órgão, de curta ou longa formação, com a expectativa de promover diálogos e debates sobre a complexidade dos temas na escola (escolas A, C, D, F e G). Pela avaliação dos professores ocorrem dois entraves no acesso aos cursos: falta de divulgação e número limitado de vagas; indisponibilidade dos professores em participar dos eventos, pela incapacidade de reconhecer a relevância dos temas.

Neste sentido aproveitamos para fazer menção sobre as escolas que afirmaram que outros assuntos são mais importantes do que a temática da sexualidade (escolas B, C, E e G), e àquelas que afirmaram não existir programas específicos de ES no âmbito escolar (escolas B, C, D e G). Algumas têm como respaldo as DCE e a não obrigatoriedade de conter no currículo oficial, programas ou projetos que abordem o tema, tampouco são cobradas pela necessidade de discussão entre os pares sobre assuntos relacionados; outras nem citam as políticas da SEED, pois o comprometimento está relacionado com problemas que julgam estarem mais implicados com suas realidades e propostas pedagógicas.

Pelo fato de as escolas não disporem no currículo a ES, não haveria a necessidade formal de acontecerem discussões sobre o tema entre os professores, porém, algumas delas

(escolas D, E, F e G) fizeram referência de ter havido momentos oportunos, motivados por professores conscientes.

Apesar da adesão e do comprometimento das escolas à ES, de acordo com os nossos Patamares e critérios estabelecidos, terem ficado nos níveis APES e AOES, todas as escolas apontaram indicadores de que executam atividades, eventos ou conversas com os alunos, sendo os professores de Ciências ou Biologia os agentes de informação sobre sexo/sexualidade, com o consentimento e apoio da direção e equipe pedagógica. Tais intervenções são mais sistemáticas e rotineiras nas escolas nas quais os professores de Ciências estão mais dispostos a realizá-las em suas disciplinas ou quando assumem projetos individuais, por acreditar na necessidade e como iniciativa pessoal. Em alguns casos (escolas A, C e E), lembramos dos programas educacionais do governo que promovem a capacitação do professor, o “PDE” e de criação de projetos, o “Viva a Escola”, que foram desenvolvidos envolvendo assuntos da sexualidade, por professoras que manifestaram identificação com a temática.

Também ressaltamos que todas as escolas aceitam ajuda externa, algumas com profissionais ou equipes voluntárias, previamente destinados a desenvolver atividades de palestras, e em outras o atendimento faz-se por meio de pedidos esporádicos, de acordo com a urgência das questões emergentes.

As oficinas que oferecemos foram mais um exemplo de que as escolas que pesquisamos não se negam a nenhuma atividade extraclasse que venha a contribuir ou a eximi-la do preparo e/ou exposição necessários a assuntos aos quais se julga despreparada. Contudo, o incentivo e o apoio esperados para que as atividades fossem satisfatórias, no sentido de divulgação entre os familiares, por exemplo, foi verificado em apenas duas delas (escolas A e F), mas não houve o acompanhamento de nenhum professor no decorrer das atividades.

Como já citado por Biancon (2005); Gimenes e Ribeiro (2002); Maistro (2006), os pais ou familiares têm papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem dos filhos e o acompanhamento das crianças e jovens no percurso escolar permite com que a escola possa aperfeiçoar e avaliar suas condutas pedagógicas, pois terá conhecimento das dificuldades e lacunas individuais, além de conhecer a origem e histórico familiar dos alunos. Em geral, as escolas costumam convidar os pais ou familiares para comparecer na instituição e apresentarlhes os resultados das avaliações bimestrais, vinculadas à nota, com entrega de boletins, mas para discutir assuntos relacionados à sexualidade, drogas ou outros temas considerados

delicados dificilmente dispõem de tempo para promover a ampla discussão e reflexão em torno dos assuntos.

Todas as escolas em que realizamos a pesquisa afirmaram ter tido algum contato com os pais ou familiares dos alunos para discutir sobre sexualidade ou solicitar ajuda para resolver problemas relacionados ao tema. Mas, em nenhuma delas existe frequência regular para os encontros, e para algumas situações mais graves, a presença dos familiares deveu-se ao fato de que somente eles poderiam ser responsabilizados pelos comportamentos dos filhos, já que estão sob sua tutela.

No livro “Fala Educadora! Educador!” (PERES et al., 2000 apud FIGUEIRÓ, 2009), quanto a conseguirem apoio dos pais e da comunidade na implantação do trabalho de OS, os autores afirmam que:

Sugerimos que a escola ofereça um espaço de reunião onde os pais possam se informar sobre objetivos e conteúdos e procedimentos do projeto de Orientação Sexual, e esclarecer dúvidas sobre a metodologia utilizada, horários e local de funcionamento das oficinas e grupos. Alguns pais podem não concordar com o trabalho de Orientação Sexual porque sentem-se inseguros quando não sabem o que vai acontecer com seus filhos. [...] nestas reuniões, os princípios básicos da Orientação Sexual devem ser esclarecidos, como por exemplo: a postura que o educador adotará na abordagem da sexualidade com os jovens; o respeito às diferenças; o reconhecimento do direito ao prazer associado com responsabilidade; e o direito de cada um exercer sua sexualidade de forma singular (PERES et al., 2000 apud FIGUEIRÓ, 2009, p. 102).

Com frequência regular acontecem os encontros entre os membros da APMF, que conta com pais, representantes da comunidade externa da escola, professores e funcionários. Porém, como foram confirmadas por duas escolas (B e G), as reuniões da associação são realizadas com o intuito de debater finanças ou outros assuntos burocráticos, sem mérito educacional, tampouco fazem alusão à nossa temática de pesquisa.

Nesta pesquisa, estimulamos as escolas para inserir os licenciandos com as atividades de oficinas, que tivessem a percepção sobre o comportamento da direção da escola e dos alunos que seriam atendidos frente aos temas propostos, dada a relevância da sexualidade para a formação dos alunos da escola e as experiências que seriam adquiridas para a profissão como futuros professores, como já pontuado em dois trabalhos, Paliarin; Frasson-Costa; Lemos (2011); e Frasson-Costa (2011). Nas escolas A e F foi possível confirmar a adesão da direção e equipe pedagógica e dos alunos, mesmo que não fosse

completamente satisfatória. Na escola D também tivemos a participação efetiva dos alunos nas oficinas.

O fato das oficinas terem acontecido no contraturno às aulas, por um período contínuo de dez semanas, pode ter sido uma das razões pelas quais professores, alunos e familiares não investiram na participação das atividades. Alia-se a isto outras possíveis razões como comodismo, indisponibilidade, incompreensão e inabilidade ao tema, despreocupação, omissão e conservadorismo, como pudemos perceber nas demais situações de avaliação já mencionadas neste trabalho.

Quanto aos alunos investigados de quase todas as escolas (exceto a escola D), houve manifestação dos anseios de que aconteçam momentos que oportunizem a discussão, a aprendizagem de conhecimentos científicos e, sobretudo, a possibilidade de desmitificar informações e curiosidades trazidas do cotidiano e das vivências pessoais no espaço escolar. Alguns trabalhos com adolescentes em escolas (NOGUEIRA et al, 2011; BARRETO, 2011; SILVA; JUNQUEIRA; GUIMARÃES, 2011) também apontam para o desejo de que encontrem na instituição de ensino espaços de conversação que possibilitem a construção do conhecimento sobre sua saúde sexual, afetiva e reprodutiva, garantindo assim que os mesmos possam exercer a sexualidade de maneira mais segura, responsável e consciente.

Diante do quadro diagnóstico delineado, no próximo tópico apontaremos algumas possibilidades de trabalhar a ES nas escolas investigadas.

7.3 As Possibilidades de Trabalhar a Educação Sexual (ES) nas Escolas Investigadas

Pudemos perceber em nossa avaliação, em todas as escolas há professores que têm a preocupação, o comprometimento e demonstraram ter maior envolvimento com a temática da sexualidade, conquistando médias próximas daquelas que para os nossos critérios de análise seriam desejáveis (AAES e ACES). Para que as intervenções de ES nas escolas investigadas se tornassem mais frequentes e efetivas, com a inserção das atividades no currículo, prevendo um espaço em que se evite a improvisação e a irregularidade (WEREBE, 1998), inicialmente seriam necessários que os objetivos, as estratégias metodológicas e didáticas fossem definidas com clareza e sem ambiguidade, com respaldo dos Documentos Oficiais.

Acreditamos que os maiores incentivadores os quais poderiam dar início à construção da cultura da abordagem da sexualidade na escola, poderiam ser os professores

mais sensíveis ao tema e que mantêm com os alunos relações de proximidade, bem como aqueles que realizaram capacitações e cursos de formação continuada que os qualificassem para que a temática fosse trabalhada como processo amplo e contínuo, atribuindo valor aos conteúdos biológicos, sem limitações sobre assuntos como aparelhos reprodutores, métodos anticoncepcionais e métodos para prevenção de DST/AIDS.

Os professores mais indicados para instituir a ES nas escolas também seriam aqueles que contemplam os aspectos psicossociais, com investimentos na redução dos estereótipos de gênero, assegurando os direitos à liberdade de escolha, isentos de valores moralizantes que pudessem inibir algum tipo de ação da vida sexual dos jovens alunos (SAYÃO, 1997).

Heilborn et al. (2006, p. 408) apontam que: [...] “a educação sexual deve sobretudo dirigir-se à formação dos jovens para o relacionamento entre homens e mulheres e para o convívio com a diversidade, seja de cor/raça, cultura ou orientação sexual” [...]. Neste campo, os professores ainda precisam de muita leitura e diálogo, porque romper o sistema tradicional e coercitivo, como vimos, é uma das maiores dificuldades, já que a escola “move-se em meio a padrões determinados e estabelecidos”, como já escreveu Silva (1996, p. 69).

Faz-se necessário problematizar as práticas sociais de alunos/as e professores/as para que os conhecimentos discutidos na escola façam sentido na prática social dos sujeitos históricos que a constituem e são, por ela, constituídos (SANTOS, 2009). Seria interessante que houvesse articulação entre o tratamento pedagógico dos conhecimentos sobre a sexualidade e os diversos campos do conhecimento que produzem saberes sobre ele, como a História, a Sociologia, a Biologia, entre outros.

Temos também a expectativa de que as políticas públicas possam evidenciar um desenho de transformação acerca da homossexualidade e da diversidade sexual no espaço escolar, cujos debates sobre estes tópicos já tem sido crescentes em outros distintos espaços como Câmara dos Deputados, Universidades, Organizações não Governamentais (Ongs), possibilitando a problematização e permitindo ações afirmativas de luta contra a intolerância e a violência. Exemplos disso são o programa de Promoção da Cidadania de Homossexuais “Brasil sem Homofobia” (2004) e o “Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos” (2007), ambos geridos pelo Governo Federal, que têm como pressupostos a inclusão, o embate contra o preconceito e a discriminação, assim como a celebração dos direitos humanos (JÚNIOR, 2010).

Nesta direção mobilizadora, as autoras Santos e Araújo (2009) apontam que em nível estadual e municipal, diferentes legislações tratam especificamente do direito ao livre

exercício da sexualidade, conforme informa o documento do Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros).

A autora Dayana dos Santos (2009), com base nas DCE do Paraná, defendeu a possibilidade de uma proposta de ES que aborde as questões da sexualidade e diversidade sexual inserindo o debate em sala de aula por meio dos conteúdos e não como substituta dos conteúdos. Diferentemente da prioridade da abordagem dos temas de forma transversal entre as disciplinas, orientado pelos PCN, nos Documentos Oficiais do Estado do Paraná, a postura pedagógica da escola poderia ser de inserir as discussões no currículo sem esvaziar, portanto, os conteúdos das disciplinas.

Embora existam duas leis no Estado do Paraná que dão amparo legal e abertura à prática de uma ES na escola, **Lei nº. 11.733, de 28 de maio de 1997 e Lei nº. 11.734, de 28 de maio de 1997**, tais leis não estavam de acordo com as políticas vigentes na ocasião em que oferecemos as atividades de oficinas tendo em vista principalmente, o momento histórico e político em que foram sancionadas, pois referendam uma pedagogia de projetos, restringindo sua aplicação a datas ou semanas pontuais (SANTOS; ARAÚJO, 2009).

Entretanto, nossa expectativa de consolidar a parceria efetiva e duradoura entre Universidade e Escola, contando com o apoio de professores receptivos e engajados que pudessem dar continuidade às ações desenvolvidas (sendo as oficinas outra possibilidade de realizar a ES no interior do espaço escolar), se concretizou por meio da professora de Ciências da escola A, com o respaldo de outra política pública de Estado que foi o Programa Estadual de capacitação chamado de Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, em que houve o desenvolvimento de atividades de oficina (2011-2012) com alunos da escola sobre a temática gravidez na adolescência.

Outra forma de garantir que programas de ES se consolidem é inserir os pais, familiares e comunidade na escola, promovendo o diálogo e o debate, sobretudo como forma de entender o contexto e origem, para então lançar mão das estratégias, ações e tomada de decisões mais indicadas para suas realidades. Como escreveu Souza (2010, p. 36): “Escola e a família têm que estabelecer vínculos de relação íntima e um compromisso bilateral para que se forme um processo sólido de responsabilidade educativa [...]. Quanto maior for o empenho, melhores resultados virão”.

No livro “O sucesso da escola pública na periferia de São Paulo” de Wanderley Gomes Muniz (2008), dentre as experiências de sucesso relatadas pelo diretor da escola e que fizeram com que conquistasse o respeito da comunidade e a vontade dos alunos de querer permanecer na escola, uma delas foi a proximidade e admiração adquirida frente aos

familiares, com a imagem da “escola aberta e disposta ao diálogo” a qualquer momento e sobre qualquer tema preocupante.

Nas escolas A e D, em que houve a confirmação dos casos graves de pedofilia e prostituição infantil, as instituições tinham como dever comunicar a família e o Conselho Tutelar para tomar as providências necessárias, já que foram situações nas quais não estavam preparadas para o enfrentamento da problemática. Após a descoberta da veracidade dos fatos, as atitudes mais indicadas seriam organizar reuniões com os professores para que pudessem planejar ações conjuntas preventivas e assistenciais exequíveis, com o intuito de garantir a não ocorrência das situações extremas como a prática do aborto ou a confirmação da AIDS e demais DST. Nestes casos, o objetivo contundente seria prepará-los para lidar com situações reais, pois crianças e adolescentes devem ser vistos como sujeitos ativos (LANDINI, 2011).

As escolas A, D, F e G que fizeram menção aos altos índices de gravidez não deveriam adiar a introdução da discussão sobre iniciação sexual aos alunos, inserindo as orientações preventivas no início do ensino fundamental II (5ª a 8ª séries ou 6º ao 9º anos), com adequação na linguagem entre os níveis, e fundamentalmente, desconstruindo a ideia dos professores e familiares mais resistentes de que com essas ações, haverá o incentivo à precocidade sexual ou promiscuidade ou ainda, atentado aos valores morais e cristãos.

A parceria com o serviço de saúde em campanhas de distribuição de preservativos nas escolas e a orientação sobre a contracepção de emergência poderiam evitar um número significativo de gestações não planejadas. Contudo, seria necessária a conscientização de toda a comunidade escolar sobre tais condutas, de modo a convencê-los a amenizar as posturas de normatização da sexualidade e/ou moralização de comportamentos, com vistas ao realismo, exercendo uma ação integradora que possa incluir de modo efetivo, a sexualidade como algo ligado à vida, à saúde, ao bem-estar (SAYÃO, 1997) com a garantia dos direitos sexuais dos jovens e da cidadania.

Lembramos também que as ações de ES devem ser construídas privilegiando também a investigação com os alunos, a partir das questões, dúvidas, anseios e medos que apresentem e que condiz com o momento de vida em que se encontram, como pudemos perceber nos momentos de oficinas. De acordo com GTPOS (2008), na escola o aluno não está apenas por um dever moral ou obrigação social, mas pelo desejo de saber. A energia que origina a curiosidade sexual (na primeira infância) vai se diferenciar e se transformar no desejo de saber, o que resulta no prazer de adquirir conhecimentos. Isso pode se expressar inclusive pelo questionamento realizado pelos jovens na escola.

Por fim, inspirados no trabalho com as oficinas, tivemos a oportunidade de conhecer alguns dos alunos de cada escola pesquisada, utilizando recursos metodológicos e materiais didáticos específicos, que podem ser adaptados nas escolas. Um recurso vantajoso é o fato de existir uma televisão em cada sala de aula das escolas paranaenses, em que ao ser acoplado um *pen drive*, torna-se possível assistir a filmes, documentários, apresentações em Power Point, além de ter disponível pelo menos um equipamento multimídia e computadores portáteis que podem ser utilizados para fazer exposições com o uso de esquemas, figuras interessantes para motivar os alunos ao aprendizado da sexualidade. Também em todas as escolas há a disposição de professores e alunos, laboratórios de informática e computadores com acesso à *internet*, para efetuar pesquisas e aulas diferenciadas.

Dependendo da turma de alunos e suas características pode-se utilizar qualquer recurso, desde que os jovens tenham confiança no adulto que consiga falar com naturalidade sobre os diversos temas que abrangem o universo da sexualidade. Técnicas participativas como a dramatização (MATANÓ, 1990; PAIVA, 2000; GTPOS, 2008), possibilitam entrar em contato com emoções, vivenciar diferentes papéis e cenas, para repensar atitudes e criar soluções para cada obstáculo.

Assim, não somente os professores de Ciências ou Biologia, que na nossa avaliação se mostraram mais disponíveis e conscientes, e que já foram apontados por outros trabalhos como o profissional mais indicado para desenvolver a ES na escola (FUCS, 1987; NOGUEIRA, 1981 apud FIGUEIRÓ, 2011), mas como os demais professores (VITIELLO, 2000); (AMARAL, 1981 e STOLL, 1988 apud FIGUEIRÓ, 2011) das outras disciplinas, como sujeitos históricos epistêmicos (SANTOS, 2009), podem contribuir para que a ES seja satisfatória nas escolas públicas do município em que realizamos esta pesquisa.

CAPÍTULO 8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresenta uma contribuição para a ação docente da pesquisadora na Universidade onde atua como docente e como pesquisadora da área. Ao entrar nas escolas para investigar com os professores e alunos sobre qual seria a receptividade e adesão ao tema e inserir os licenciandos para que com as experiências adquiridas complementassem sua formação, foi possível aproximar as duas instâncias e levantar as problemáticas e importâncias da ES.

As questões pessoais de conceber a ES como uma educação que vai além do conhecimento de informações científicas, ponderando também os aspectos afetivos e psicológicos da sexualidade humana, além de conceber o ideal de que os direitos sexuais e da saúde sexual sejam garantidos, ganharam peso científico com a *Abordagem Emancipatória de Educação Sexual* (FIGUEIRÓ, 2011; WEREBE, 1982; NUNES, 1996).

A abordagem construcionista sobre sexualidade e gênero adotada por vários autores (WEEKS, 1999; VANCE, 1995; PAIVA, 2000; 2008) auxiliou na composição e condução dos trabalhos de oficinas desenvolvidos e nas demais atuações profissionais como pesquisadora e docente. Como escreveu Paiva (2008), a abordagem construcionista definiu como questão compreender a sexualidade e o gênero como fenômeno social e histórico, a desigualdade entre os sexos, a subordinação das mulheres, a discriminação sexual, desconstruindo as noções do que é natural, universal ou essencial.

Importante é ressaltar que no município de atuação, não há nenhum outro pesquisador que faça investigações sobre a temática da sexualidade, sobretudo no ambiente escolar. Existem docentes na área da Enfermagem que promovem ações de ES auxiliando as escolas e favorecendo a abordagem das questões com os futuros enfermeiros, contudo, pesquisas aplicadas não têm sido realizadas.

Chegando ao final deste longo trabalho de doutoramento, temos a clareza de que avançamos sobre as questões da ES nas escolas escolhidas para a investigação. Conforme nossos objetivos iniciais, pudemos propor um modelo de avaliação, com o uso dos indicadores de adesão à ES, pautados nas informações obtidas dos sujeitos inseridos no contexto escolar e que contribuíram para fazermos o diagnóstico das escolas. A escolha do referencial teórico dos Patamares de Aprendizagem dos trabalhos de Villani e Barolli (1998; 2000a; 2000b) permitiu que fizéssemos a adaptação para nossa questão de pesquisa, surgindo então os Patamares de Adesão à ES.

Outra adaptação utilizada na nossa avaliação foi as Metas de Realização ou de motivação (MIDGLEY; KAPLAN; MIDDLETON; MAEHR, 1998; BORUCHOVITCH; BZUNECK, 2001), que contribuiu para percebermos o comportamento das escolas e a imagem criada, especialmente frente à comunidade e às instâncias superiores. Como pudemos constatar, as escolas ficaram nos níveis APES e AOES, configurando um cenário distante do que seria desejável numa escola que responda às necessidades dos alunos e da sociedade, neste caso, caracterizada por Patamares tipo AAES, AAAES e ACES.

Diferentemente da utilização de instrumentos autorrespondidos que configuram a maioria das investigações que conhecemos (Censos Escolares), pela facilidade de aplicação e pela obtenção da ampla amostragem, o instrumento genuíno que criamos foi originado a partir da inserção da pesquisadora nas escolas alvo. Os elementos obtidos para a análise, que foram transformados em indicadores de adesão, com as dimensões e categorias, bem como os critérios utilizados, fizeram parte de um **processo de percepção**, que só foi possível porque além das entrevistas, vivenciamos o contexto das escolas, facilitado pelo convívio direto com os estagiários da Prática de Ensino e das oficinas desenvolvidas.

Um aspecto relevante que permitiu com que alcançássemos o objetivo de avaliar as escolas escolhidas e fazer a relação das mesmas com os Patamares de Adesão à ES foi a criação das categorias de análise com a distinção dos critérios para a avaliação, à luz dos referenciais teóricos escolhidos, submetidos aos testes de validade e de fidedignidade. Conforme apontou Carvalho (2009), definir com clareza objetivos de aprendizagem e critérios de avaliação é uma dificuldade em verdade partilhada pelo conjunto do sistema escolar brasileiro e até mesmo no plano internacional.

Os dados que obtivemos nas escolas revelaram algumas das concepções da cultura do município e do contexto social da sociedade local, com os problemas graves e as posturas inflexíveis observadas pela maioria dos professores, com exceção daqueles que propõem e conduzem ações efetivas de ES. Podemos inferir que as ideias e concepções dos professores são semelhantes, independentemente dos alunos que atendem, ou seja, ao contrário do que afirmam, a realidade dos alunos não muda a percepção das escolas, que acabam tendo a mesma representação social da ES.

Esta representação social da ES que se referiu ao núcleo comum, observada com os dados repetidos e indicadores desfavoráveis dos sujeitos da pesquisa está atrelada ao Patamar APES, com as características de que a formação para a sexualidade não é prioridade da escola, não pertence ao currículo escolar e a sensação de incompetência quanto ao domínio do conhecimento. Também relacionamos com este Patamar, para quase todos os casos, a

imagem de Meta-Evitância, com as relações percebidas pelas escolas em evitar as situações de enfrentamentos e questionamentos dos professores, pais e comunidade, não assumindo riscos e evitando as exposições, sem motivação para tratar da temática da ES.

Para duas escolas tivemos uma relação oscilante, característica do Patamar AOES, como o máximo alcançado para as escolas avaliadas e que representam o município em questão, com a demonstração de algumas iniciativas a mais no âmbito da sexualidade. Tal Patamar foi alcançado por conta da disposição em tentar resolver os problemas enfrentados, as situações de pedofilia e prostituição infantil para a escola A e a cultura das meninas casarem-se cedo e abandonarem os estudos para a escola F. Quanto à motivação, relacionamos esta adesão à Meta-Imagem, com as escolas expressando a intenção de cumprir as recomendações da SEED e evitando assumir riscos que não lhe trarão visibilidade ou status.

Chamamos a atenção para o fato de que algumas das informações que obtivemos e que nos permitiram delinear as dimensões e categorias de análise são semelhantes às descritas por outros autores (HEILBORN et al, 2006; SAYÃO, 1997; GTPOS, 2008; WEREBE, 1998). Como indicamos ao longo da tese, os trabalhos conduzidos pelos autores citados também apontaram o cenário de pouco comprometimento e adesão à temática da ES, que foram os nossos indicadores desfavoráveis de conservadorismo, tradicionalismo, falta de afinidade, restrição ao tema, entre outros, os quais apontamos exaustivamente no texto. Encontramos também indicadores favoráveis, de identificação com o tema, de iniciativas criativas e de disposição para mudanças, entre outros. A diferença entre os demais trabalhos e o nosso foi **a forma como chegamos** nestes indicadores, ou seja, a contribuição do trabalho como tecnologia e engenharia de construção metodológica, com a adaptação dos indicadores visando os Patamares de Adesão à ES, pois nosso objetivo era perceber o nível máximo de comprometimento com a ES que as escolas investigadas alcançariam.

Seriam necessários investimentos das políticas públicas que privilegiassem a discussão sobre o tema e as reflexões sobre as ações mais indicadas, nos moldes das DCE instituídas para que ocorram as alterações na classificação das escolas frente aos nossos Patamares de Adesão, nos limites que a escola pode chegar, evitando o “transbordamento” apontado por Nóvoa (2009), ou as tentativas de controle para se fortalecer como instituição social, indicadas por Guirado (1997) ou ainda fugindo dos dispositivos discursivos e de repressão de Foucault (2007).

Seria interessante também valorizar os professores que demonstraram maior envolvimento com a temática, no sentido de oportunizar as capacitações para aplicar os

renovados conhecimentos no interior da escola. Além disso, a partir das atividades que já surtiram efeitos positivos entre os alunos, deveria ser privilegiada a criação de espaços de discussão em que possa haver a expansão das experiências, compartilhando-as com os demais professores, buscando apoio entre os colegas para intensificar os trabalhos e solicitar o apoio da comunidade externa, no intuito de serem verificados os desejados avanços nos indicadores favoráveis que apontam para os Patamares AAES, AAAES e ACES.

Pensamos que mudanças mais significativas no panorama observado nas escolas envolveriam intervenções externas ao ambiente escolar, que poderiam acontecer sob a forma de convênios entre a Universidade e a SEED. Estas intervenções poderiam servir para que os professores capacitados sustentassem mudanças na representação social do fenômeno entre os membros da escola, ou seja, do que entendem por educação para a sexualidade. Ideal seria se os promotores das mudanças fossem os diretores e pedagogos, pois poderiam mobilizar ações que envolvessem vários professores e a comunidade, e não somente professores de Biologia de forma isolada em sua sala de aula. Algumas ações já vêm acontecendo.

Citamos a contribuição da Universidade ao oferecer a disseminação do conhecimento científico entre os licenciandos, com investimentos na formação inicial de professores de Ciências, utilizando-se, por exemplo, do programa PIBIC para consolidar a pesquisa científica. A oferta de estágios na área é outro exemplo com a inserção dos licenciandos nas escolas, para que tenham a oportunidade da vivência extra estágio obrigatório, como foi o caso das oficinas e de outros projetos de extensão em vigência.

Para a formação continuada, citamos a parceria firmada entre Universidade e SEED, com os atendimentos de orientação aos professores da Rede Básica de ensino, que desenvolvem projetos em nível do programa PDE e na participação em outras capacitações demandadas pela SEED, com a oferta de cursos e palestras complementares. Como já pudemos observar, movimentamos externamente as capacitações e em algumas escolas houve impactos positivos de projetos desenvolvidos na área, como foram os casos de professoras de Ciências/Biologia das escolas A, C e G.

Outra possibilidade relacionada à formação continuada, visando atingir os professores das escolas do município e região, é a oferta de disciplinas que relacionam sexualidade, gênero e diversidade sexual na pós-graduação *Lato Sensu* do Centro de Estudos em Ciências Biológicas do *campus* local de nossa Universidade.

Salientamos que a pós-graduação em nível de doutorado promoveu a reflexão mais profícua e relevante para formação pessoal e profissional da pesquisadora. A aproximação com as leituras, discussões e disciplinas cursadas a fizeram rever posturas, adquirir confiança

e motivação para criar futuros estudos. Os resultados que encontramos nos fazem pensar que é premente a necessidade de nossa atuação no auxílio aos educadores para que encontrem caminhos em que a ES seja possível e satisfatória no interior da escola.

Neste ínterim, para transpor as barreiras de sexualidade e gênero observadas nas escolas pesquisadas, no contexto de sociedade heterossexual e monogâmica, uma possibilidade de estudo na perspectiva construcionista e da *Abordagem Emancipatória de Educação Sexual* seria o exercício de abandonar ou amenizar os “porquês”, que assolam os pensamentos da grande maioria das pessoas e que instigam as tentativas de entender as causas dos problemas. Exemplos destas indagações são: “por que fulano de tal é homossexual?”, “será que é porque nasceu assim?”, “é porque está nos genes”, “é porque teve influência dos amigos e virou gay”. Aprendendo a dar menos ênfase aos julgamentos e pré-conceitos com as alunas grávidas, os homossexuais ou em qualquer outra situação, voltando-se às preocupações em **como lidar** com as situações existentes relacionadas à sexualidade na escola, instituição, professores e alunos poderiam gozar de uma convivência mais harmoniosa, dentro dos limites sociais, culturais e pessoais de cada indivíduo.

Este é um desafio. Temos a proposta de formar uma rede que conecte demais professores estudiosos da área entre os *campi* da Universidade em que atuo, com extensão aos professores das escolas da Rede Básica Estadual de ensino, na expectativa de que o perfil visualizado nas escolas possa em breve ser alterado, alcançando níveis mais satisfatórios de adesão à ES.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, H. A construção social da orientação sexual em uma escola. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 2003, Caxambu. **Anais eletrônicos**. Caxambu: ANPED, 2003. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/helenaaltmann.rtf>>. Acesso em: 6 mar. 2012.

_____. SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL COMO UM PROBLEMA ESCOLAR. **Linhas**, Florianópolis, UDESC, v. 7, n. 1., p. 1-12, 2006. Temática: Sexualidade. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/issue/view/158>>. Acesso em: 6 nov. 2011.

_____. Educação sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições. **Estudos Feministas**, Florianópolis, UFSC, v. 15, n. 2, p. 333-356, 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/2104/1784>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

AMARAL, L. A. de S. A reprodução humana no quadro da educação sexual na escola. Rev. Educação AEC, Brasília, v. 10, n. 41, p. 44-48, 1981. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual. Retomando uma proposta, um desafio**. 3 ed., Londrina: EDUEL, 2011.

APOIO CULTURAL. Ações para aprimorar a Educação em São Paulo. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 10, n. 28, p. 371-378, set-dez 1996.

AQUINO, J. G. **Sexualidade na escola**. Alternativas Teóricas e Práticas. 4. ed. São Paulo: summus editorial, 1997.

AZAMBUJA, M. R. F. **Violência sexual intrafamiliar: é possível proteger a criança?** Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2004.

BARBIERI, T. Sobre la categoría Género. Una introducción Teórico-Methodológica. In: (coord.) AZEREDO, S.; STOLCKE, V. **Direitos Reprodutivos**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1991.

BAROLLI, E.; VILLANI, A. Laboratório didático e Subjetividade. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 3, n. 3, p. 143-159, 1998.

BARRETO, M. I. O que os alunos(as) das 7^{as} séries de uma escola municipal de Aracaju querem ou não saber sobre sexualidade. In: II Simpósio Internacional de Educação Sexual, 2011, Maringá. **Anais eletrônicos**. Maringá: UEM, abril de 2011, p. 1-8. Disponível em: <<http://www.sies.uem.br/>>. Acesso em: 14 abr. 2011.

BARROSO, C; BRUSCHINI, C. Educação sexual: debate aberto. Petrópolis: Editora Vozes, 1982. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e Educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2004.

BASTOS, B. R. de A. **Violência contra a criança e o adolescente. Exploração Sexual Infanto-Juvenil. Prostituição Infantil**. 2008. 82f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Especialização em Direito da Criança e do Adolescente) – Fundação Escola Superior do Ministério Público do Estado de Mato Grosso, Cuiabá, 2008.

BIANCON, M. **A Educação Sexual na escola e as tendências da prática pedagógica dos professores**. 2005. 101f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/mecem/pdf/Dissertacoes/Mateus_Luiz_Biancon.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2012.

BORSATO, C. R. **Relação escola e família: uma abordagem psicodramática**. 2008. 188f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-09102008-143039/pt-br.php>>. Acesso em: 27 jan. 2012.

BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Orgs.). **Motivação do aluno: Contribuições da psicologia contemporânea**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

BRAGA, M. R. Pensando a orientação sexual na adolescência: propostas e limites. **Terapia Sexual**, São Paulo, v. VIII, n. 2, p. 25-46, 2005. Disponível em: <<http://www.oswrod.psc.br/revistaspublicadas.html>>. Acesso em: 18 jun. 2012.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Presidência da República**, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF, 13 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm>. Acesso em: 14 nov. 2011.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 23 de dezembro de 1996. Brasília, 1997.

_____. **Câmara de Educação Básica – CEB – Pareceres 1997/1999**. Brasília, 1998. Disponível em: <<http://www.zinder.com.br/legislacao/dcn.htm>>. Acesso em: 15 out. 2010.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual – Temas Transversais: Orientação Sexual**. Brasília, Secretaria de Educação Fundamental – MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília, MEC, 2000.

_____. Ministério da Educação. **PCN+ (Ensino Médio):** Orientações Educacionais complementares aos PCNs: Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. Secretaria da Educação Média e Tecnológica, Brasília, 2002.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLBT e de Promoção da Cidadania Homossexual.** Brasília, 2004. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf>. Acesso em: 20 maio 2012.

_____. INEP/MEC. **Indicadores da qualidade na educação.** Ação Educativa, Unicef, PNUD, Inep-MEC (coordenadores). Ação Educativa, São Paulo, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Consescol/ce_indqua.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2012.

_____. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos.** Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, 2006. Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/sedh/edh/pnedhpor.pdf>>. Acesso em: 30 abril 2012.

_____. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Diretrizes Curriculares de Ciências para o Ensino Fundamental.** Curitiba, 2006.

_____. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Diretrizes Curriculares de Ciências para o Ensino Fundamental.** Curitiba, 2008. (Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/diretrizes_2009/out_2009/ciencias.pdf?PHPSESSID=0134ff0bd0f1923184d9339670dc66e7>. Acesso em: 30 out. 2010).

_____. INEP/MEC. **Censo Escolar.** Brasília, 2012. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/basica-censo>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

BRITZMAN, D. P. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** 2 ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BUENO, G. da M. **Variáveis de risco para a gravidez na adolescência.** 2001. 108f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2001. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=245>>. Acesso em: 7 julho 2012.

CAMARGO, A. M. F.; RIBEIRO, C. **Sexualidade(s) e Infância(s):** a sexualidade como um tema transversal. São Paulo: Moderna; Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.

CAMARGO, E. A. I; FERRARI, R. A. P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 3, p. 937-946, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.org/cgi-bin/wxis.exe/applications/scielo-org/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=article%5Edart.org&nextAction=lnk&lang=p&indexSearch=&exprSearch=OFICINAS%20DE%20PREVENCAO>>. Acesso em: 27 julho 2011.

CARVALHO, M. P. de. Gênero, raça e avaliação escolar: um estudo com alfabetizadoras. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 138, p. 837-866, set/dez 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742009000300008&script=sci_arttext>. Acesso em: 14 março 2012.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. da. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO, Brasil, 2004. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133977por.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2012.

CAVALCANTI, R. C. Educação sexual no Brasil e na América Latina. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 4, n. 2, 1993, p. 164-173, 1993. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.) **Sexualidade e Educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2004.

CEB, 1998. Disponível em: <<http://www.zinder.com.br/legislacao/dcn.htm>>. Acesso em: 22 out. 2010.

CÉSAR, M. R. de A. **A invenção da adolescência no discurso psicopedagógico**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

_____. Lugar de sexo é na escola? Sexo, sexualidade e educação sexual. In: **Sexualidade**. Curitiba: SEED/PR, 2009a, p. 49-58.

_____. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”. **Educar**, n. 35. Curitiba: Editora UTFPR, 2009b, p. 37-51.

CIPRIANO, M; FARIAS, M. do C. A. D. de; ABRANTES, M. J. G. de; COSTA, L. A.; PEREIRA, G. H. Sexualidade na escola: proposta educativa para adolescentes. In: **IV Encontro de Extensão da UFCG; IV MUCA – Mostra Universitária de Ciência, Cultura e Arte**. Pró-reitoria de Extensão – Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2007.

COSTA, J. F. Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e Educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2004.

COSTA, V. L. P. Função social da escola. **Educação Pública**, ed. 36, set. 2011. Disponível em: <www.drearaguaina.com.br/projetos/funcao_social_escola.pdf>. Acesso em: 23 de março de 2012.

DAVIDSON, J. O’C. Children in the Global Sex Trade. Malden, USA and Cambridge, UK: Polity Press, 2010. In: LANDINI, T. S. **O professor diante da violência sexual**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

DESSER, N. A. **Adolescência: sexualidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1993.

FAGUNDES, T. C. P. C. Educação sexual – prós e contras. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, São Paulo: Iglu, v. 3, n. 2, p. 154-158, 1992. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.) **Sexualidade e Educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2004.

_____. Educação sexual: família, escola e temáticas especiais em educação. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 405-416, 2007. Disponível em: <http://www.sbrash.org.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=376&Itemid=126>. Acesso em: 24 jan. 2012.

FELIPE, J.; GUIZZO, B. S. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, D.; SOARES, R. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, p. 31-40, 2004.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação sexual no Brasil: Estado da arte de 1980 a 1993. 1995. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível**. Londrina: EDUEL, Campinas: Mercado de Letras, 2006.

_____. Educação sexual: qual o profissional designado para esta tarefa? *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 8, n. 2, p. 270-276, 1997. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.) **Sexualidade e Educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2004.

_____. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA, 1., 2003, Ourinhos. **Anais**. Ourinhos: 2003. 1 CD-ROM.

_____. O Professor como Educador Sexual: interligando formação e atuação profissional. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e Educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004, p. 115-151.

_____. **Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível**. Londrina: EDUEL, Campinas: Mercado de Letras, 2006.

_____. **Homossexualidade e educação sexual: construindo o respeito à diversidade.** Londrina: EDUEL, 2007.

_____. **Educação Sexual. Retomando uma proposta, um desafio.** 3 ed., Londrina: EDUEL, 2011.

FOUCAULT, M. **história da sexualidade I: a vontade de saber.** 18 ed., v. 1. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

FRASSON-COSTA, P. C. “Oficinas de Sexualidade”: uma experiência na formação de professores. In: II Simpósio Internacional de Educação Sexual, 2011, Maringá. **Anais eletrônicos.** Maringá: UEM, abril de 2011, p. 1-8. Disponível em: <<http://www.sies.uem.br/>>. Acesso em: 14 maio 2011.

FREITAS, D.; VILLANI, A.; PIERSON, A. H. C. A Formação de Professores em Ciências. Freire Dialogando com a Psicanálise. **Pro-Posições**, Campinas, v. 13, n. 1, p. 47-61, 2001. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~ciecultura/denise/peri%F3dico_5.pdf>. Acesso em: 26 out. 2011.

FUCS, G. B. A educação sexual nas escolas. In: FAZENDA, I. (Org.). Por que o sexo é bom? Orientação sexual para todas as idades. 2 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987, p. 200-226. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual. Retomando uma proposta, um desafio.** 3 ed., Londrina: EDUEL, 2011.

FURLANI, J. Encarar o desafio da educação sexual na escola. In: **Sexualidade.** Curitiba: SEED/PR, 2009, p. 37-48.

_____. **EDUCAÇÃO SEXUAL NA SALA DE AULA.** Relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GALLACHO, J. C. **A orientação sexual em um trabalho integrado educação e saúde: estudo analítico-descritivo e documental de um programa de intervenção.** Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2000. Disponível em: <<http://master.fclar.unesp.br/index.php?CodigoMenu=151&CodigoOpcao=2180#!/pesquisa/grupos-de-pesquisa/estudos-da-sexualidade/dissertacoes-e-teses#!/151,2180#!/pesquisa/grupos-de-pesquisa/estudos-da-sexualidade/dissertacoes-e-teses>>. Acesso em: 21 jun. 2012.

GIMENES, V. C. **A escola pública e a sexualidade: estudo analítico-descritivo sobre o discurso de um grupo feminino de adolescentes acerca de suas concepções e vivências sexuais.** 2001. 125f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001. Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/dspace/handle/123456789/1813>>. Acesso em: 22 março 2012.

GIMENES, V. C.; RIBEIRO, P. R. M. Notas de um estudo sobre o discurso de um grupo feminino de adolescentes acerca de suas concepções e vivências sexuais. **Sexualidade e educação sexual**: apontamentos para uma reflexão. Araraquara: FCL/Laboratório editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002, p. 39-67.

GOLDBERG, M. A. A. Educação sexual: uma proposta, um desafio. 4 ed., São Paulo: Cortez, 1988. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual. Retomando uma proposta, um desafio. 3 ed., Londrina: EDUEL, 2011.

GTPOS (org.). SUPPLY, M.; EGYPTO, A. C.; BRANCO, C. C.; GONÇALVES, E. V.; MENOCCI, D. T.; CASTRO e SILVA, R. de; SAYÃO, Y.; SILVA, M. R. da; BOCK, S. D.; SILVA, M. C. P. da. **Sexo se aprende na escola**. 4 ed. São Paulo: Olho d'Água, 2008.

GUIMARÃES, I. R. F. Ilusão e realidade do sexo na escola: um estudo das possibilidades da educação sexual. 1989. Tese (Doutorado em Educação – Metodologia de Ensino) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual. Retomando uma proposta, um desafio**. 3 ed., Londrina: EDUEL, 2011.

GUIMARÃES, I. Educação sexual na escola: mito e realidade. Campinas: Mercado de Letras, 1995. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e Educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2004.

GUIRADO, M. In: AQUINO, J. G. (Org.) **Sexualidade na escola. Alternativas teóricas e Práticas**. 4 ed. São Paulo: Summus Editorial, 1997.

HEILBORN, M. L.; AQUINO, E. M. L.; BOZON, M.; KNAUTH, D. R. (orgs.). **O aprendizado da sexualidade. Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

IBGE, 2009. **Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar, 2009**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1525>. Acesso em 25 junho 2012.

JARDIM, D. P.; BRÊTAS, J. R. da S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 59, n. 2, p. 157-162, mar-abr 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672006000200007&script=sci_arttext>. Acesso em: 14 maio 2012.

JESUS, M. C. P.; TEMER, V. P.; SILVA, M. A. A educação sexual realizada na família e na escola: opinião de escolares adolescentes. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**. São Paulo, v. 8, n. 1, p. 134-63, 1997. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scieloOrg/php/reflinks.php?refpid=S0104-1282200800030001100011&lng=en&pid=S0104-12822008000300011>>. Acesso em: 04 jul. 2012.

JUNIOR, J. A. da S. **Rompando a mordaca: representações de professores e professoras do ensino médio sobre homossexualidade**. 300f. 2010. Tese (Doutorado em Educação da Faculdade de Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-27012011-144716/pt-br.php>>. Acesso em: 08 fev. 2012.

LANDINI, T. S. **O professor diante da violência sexual**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

LEÃO, A. M. de C. **Estudo analítico-descritivo do curso de Pedagogia da UNESP-ARARAQUARA quanto a inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos**. 345f. 2009. Tese (Doutorado em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2009. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/poseduesc/teses/Andreza_Marques_Castro_Leao.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2011.

LORENCINI JÚNIOR, A. Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Sexualidade NA ESCOLA: Alternativas Teóricas e Práticas**. 4 ed. São Paulo: Summus, 1997, p. 87-95.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. 9 ed., Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. “Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e gênero nas práticas escolares”. In: Luiz Heron Silva (org.). **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 33-47.

_____. Sexualidade: lições de casa. In: MEYER, D. E. E. (Org.). **Saúde e Sexualidade na escola**. 2 ed., Porto Alegre: Mediação, 2000.

_____. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G. L.; WEEKS, J.; BRITZMAN, D; HOOKS, B.; PARKER, R.; BUTLER, J. **O CORPO EDUCADO**. PEDAGOGIAS DA SEXUALIDADE. 3 ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 9-34.

MACHADO, M. N. M.; AGERO, M.; MONTEIRO, J. P.; ROCHA, G.; DONATO, C. R.; QUEIROZ, C. P. A exploração Sexual de Crianças e Adolescentes no Médio Vale do Jequitinhonha. Pesquisas e Práticas Psicossociais, v. 1, n. 1, 2006. In: SOUZA, R. A. de. **Prostituição juvenil feminina**. A escolha, as experiências e as ambiguidades do ‘fazer programas’. Curitiba: Juruá, 2009.

MAGNO, M. G. C. V. **EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO: realidade ou utopia?** 62f. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade da Amazônia, Belém-Pará, 2002. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/educacao_sexual_nas_escolas.pdf>. Acesso em: 11 março 2012.

MAISTRO, V. I. de A. **Projetos de Orientação Sexual na escola: seus limites e suas possibilidades**. 250f. 2006. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006. Disponível em: <http://www2.uel.br/cce/pos/mecem/pdf/Dissertacoes/Virginia_Iara_Andrade_Maistro.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2010.

MANTOAN, M. T. E. **Produção de conhecimentos para a abertura das escolas às diferenças: a contribuição do LEPED**. Campinas: Unicamp, 2003.

MARIÁS, J. Antropologia metafísica. São Paulo: Duas Cidades, 1971. In: SILVA, R. D. da. **Educação em Ciência e Sexualidade: o professor como mediador das atitudes e crenças sobre sexualidade no aluno**. 125f. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência e o Ensino de Matemática) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009. Disponível em: <<http://www.pcm.uem.br/media/dissertacoes/ef21de2d0ccf471.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2011.

MARIUZZO, T. **FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM ORIENTAÇÃO SEXUAL: a sexualidade que está sendo ensinada nas nossas escolas**. 2003. 227f. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* de Bauru, Bauru, 2003. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bba/33004056079P0/2003/mariuzzo_t_me_bauru.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2010.

MARQUES, V. B. A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico. Campinas: Editora UNICAMP, 1994. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e Educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2004.

MATANÓ, M. S. C. Orientação sexual: Projeto de ação pedagógica da rede municipal de ensino de São Paulo (1978-1982). Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1990. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de Educadores Sexuais. Adiar não é mais possível**. Londrina: EDUEL, Campinas: Mercado de Letras, 2006.

MCCARY, J. L. Mitos e crendices sexuais. Trad. Urias Corrêa Arantes. São Paulo: Manole, 1978. In: SILVA, R. D. da. **Educação em Ciência e Sexualidade: o professor como mediador das atitudes e crenças sobre sexualidade no aluno**. 125f. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência e o Ensino de Matemática) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009. Disponível em: <<http://www.pcm.uem.br/media/dissertacoes/ef21de2d0ccf471.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2011.

MEIRELLES, J. A. B. de. Os ETs e a gorila: um olhar sobre a sexualidade, a família e a escola. In: AQUINO, J. G. **Sexualidade na escola**. Alternativas Teóricas e Práticas. 4 ed. São Paulo: summus editorial, 1997, p. 71-86.

MELO, S. M. M. de. *Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em professoras*. 2001. 421f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2001. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual. Retomando uma proposta, um desafio**. 3 ed., Londrina: EDUEL, 2011.

_____. *Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em professoras*. (Coleção: Dimensões da sexualidade). Campinas: Mercado de Letras, 2004. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual. Retomando uma proposta, um desafio**. 3 ed., Londrina: EDUEL, 2011.

MIDGLEY, C; KAPLAN, A; MIDDLETON, M; MAEHR, M. L. The Development and Validation of Scales Assessing Student's Achievement Goal Orientations. *Contemporary Educational Psychology*, n. 23, p. 113-131, 1998. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0361476X98909651>>. Acesso em: 20 out. 2010.

MÔNICO, A. G. F. M. Gravidez na adolescência e evasão escolar: o que a escola tem a ver com isso? **Revista FACEVV**, n. 4, p. 39-49, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.facevv.edu.br/Revista/04/GRAVIDEZ%20NA%20ADOLESC%3%8ANCIA%20E%20EVAS%3%8O%20ESCOLAR%20O%20QUE%20A%20ESCOLA%20TEM%20A%20VER%20COM%20ISSO%20-%20andreaia%20graziela.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2012.

MONTGOMERY, H. *Modern Babylon? Prostituting children in Thailand*. New York and Oxford: Berghahn Books, 2009. In: LANDINI, T. S. **O professor diante da violência sexual**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

MORAIS, E. M. **Um estudo sobre a validade e fidedignidade de métodos de avaliação de interfaces**. 116f. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência da Computação – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2007). Disponível em: <[http://www.din.uem.br/arquivos/pos-graduacao/mestrado-em-ciencia-da-computacao/dissertacoes/Um%20Estudo%20sobre%20a%20Validade%20e%20Fidedignidade%20de%20Metodos%20de%20Avaliacao%20de%20Interfaces%20\(Everson%20Matias%20de%20Morais\).pdf//>](http://www.din.uem.br/arquivos/pos-graduacao/mestrado-em-ciencia-da-computacao/dissertacoes/Um%20Estudo%20sobre%20a%20Validade%20e%20Fidedignidade%20de%20Metodos%20de%20Avaliacao%20de%20Interfaces%20(Everson%20Matias%20de%20Morais).pdf//>)>. Acesso em: 17 jun. 2012.

MUNIZ, W. G. **O sucesso da escola pública na periferia de São Paulo**. São Paulo: Limiar, 2008.

NEVES, P. R. da C. **As meninas de agora estão piores do que os meninos: gênero, conflito e violência na escola**. 2008. 184f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-05112009-155238/pt-br.php>>. Acesso em: 20 fev. 2012.

NOGUEIRA, J. B. C. Falando nos espinhos. Revista Educação AEC, Brasília, v. 10, n. 41, p. 28-31, 1981. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual. Retomando uma proposta, um desafio**. 3 ed., Londrina: EDUEL, 2011.

NOGUEIRA, M. J.; BARCELOS, S.; MARTINS, A. M.; MODENA, C. M.; SCHALL, V. T. Escolas e Centros de Saúde: diálogos possíveis e necessários para a promoção da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. In: II Simpósio Internacional de Educação Sexual, 2011, Maringá. **Anais eletrônicos**. Maringá: UEM, abril de 2011, p. 1-8. Disponível em: <<http://www.sies.uem.br/>>. Acesso em: 22 julho 2011.

NÓVOA, A. Educação 2021: Para uma história do futuro. **Revista Ibero Americana**, n. 49, jan-abril 2009. Disponível em: <http://www.rieoei.org/rie49a07_por.htm>. Acesso em: 14 jun. 2012.

NUNES, C. A. Filosofia, sexualidade e educação: As relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar. 1996. 316f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 1996. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual. Retomando uma proposta, um desafio**. 3 ed., Londrina: EDUEL, 2011.

NUNES, C.; SILVA, E. Sexualidade e educação: elementos teóricos e marcos historiográficos da educação sexual no Brasil. In: LOMBARDI, J.C.(Org.). **Pesquisa em educação: história, filosofia e temas transversais**. Campinas: Autores Associados, 1999. p. 161- 177.

_____. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem de sexualidade para além da transversalidade**. Campinas: Autores Associados, 2000.

OLIVEIRA, D. L. Sexo e saúde na escola: isto não é coisa de médico? In: MEYER, D. E. E. **Saúde e sexualidade na escola**. (Cadernos Educação Básica). Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 97-109.

OSÓRIO, L. C. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artmed, 1992.

PAIVA, V. **Fazendo Arte com a Camisinha**. Sexualidades Jovens em Tempos de Aids. São Paulo: Summus, 2000.

_____. Analisando cenas e sexualidade: a promoção da saúde na perspectiva dos direitos humanos. **Sexualidad, Estigma y Derechos Humanos**, p. 23-51, 2006.

_____. A Psicologia redescobrirá a sexualidade? **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, p. 641-651, out./dez. 2008.

PALIARIN, F; FRASSON-COSTA; LEMOS, T. de S. A importância de um projeto de orientação sexual que inclui a abordagem sobre os métodos contraceptivos e de prevenção. In: In: II Simpósio Internacional de Educação Sexual, 2011, Maringá. **Anais eletrônicos**. Maringá: UEM, abril de 2011, p. 1-8. Disponível em: <<http://www.sies.uem.br/>>. Acesso em: 14 maio 2011.

PARKER, R. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.) O CORPO EDUCADO. PEDAGOGIAS DAS SEXUALIDADES. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 125-150. In: PAIVA, V. A Psicologia redescobrirá a sexualidade? In: **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, p. 641-651, out./dez. 2008.

PEREIRA, E. C. **Conhecimentos e opiniões sobre doenças sexualmente transmissíveis, AIDS e prevenção entre estudantes do ensino médio de um bairro de São Paulo, 2000-2003**. 136f. 2003. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/bvsSP/?IsisScript=iah/iah.xis&nextAction=lnk&base=TESESSP&lang=p&format=detailed.pft&indexSearch=ID&exprSearch=344453>>. Acesso em: 5 junho 2012.

PERES, C. A.; BESSA, C.; GONÇALVES, E. M. V.; CASTRO E SILVA, R. de; PAIVA, V. **Fala educadora! Educador!** São Paulo: Laboratório Organon, 2000.

PINTO, E. B. Orientação sexual – a importância da psicopedagogia nessa nova realidade. São Paulo: Gente, 1999. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.) **Sexualidade e Educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2004.

PIRES, R. C. C. de A. De um corpo que se finda a um corpo que se faz: um estudo sobre a sexualidade na velhice. 2003. 170f. Dissertação. (Mestrado em Educação e Cultura) – Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC, Florianópolis, 2003. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual. Retomando uma proposta, um desafio**. 3 ed., Londrina: EDUEL, 2011.

PLANO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA 1. Disponível em: <http://www.bntceciameireles.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/8/240/87/arquivos/File/PPP_2010.pdf?>. Acesso em: 10 out. 2010.

PLANO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA 2. Disponível em: <http://www.bntmailonmedeiros.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/8/240/583/arquivos/File/PP_PP_2011_CMM.pdf>. Acesso em: 10 out. 2010.

PLANO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA 3. Disponível em: <<http://www.bnthumbertoribeiro.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/8/240/877/arquivos/File/PPVERSAOPRELIMINAR.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2010.

PLANO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA 4. Disponível em: <http://www.bntnobregacunha.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/8/240/44/arquivos/File/PPP_2010_concluido.pdf>. Acesso em: 10 out. de 2010.

PLANO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA 5. Disponível em: <<http://www.bntjuvenalmesquita.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/8/240/36/arquivos/File/PP2010.pdf>>. Acesso em: 10 out. de 2010.

PLANO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA 6. Disponível em: <<http://www.bntusina.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/8/240/60/arquivos/File/ppp.pdf>>. Acesso em: 10 out. de 2010.

PLANO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA 7. Disponível em: <http://www.bntcyriacorusso.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/8/240/10/arquivos/File/marco_situacional.pdf//>. Acesso em: 10 out. 2010.

POLETTI, E. S. Dos jovens filhos de Gaia e Urano aos adolescentes do Google em seus processos de educação sexual. 2010. 186f. Dissertação. (Mestrado em Educação e Cultura) – Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC, Florianópolis, 2010. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual. Retomando uma proposta, um desafio**. 3 ed., Londrina: EDUEL, 2011.

RABELLO, S. H. dos S.; CALDEIRA, A. M. de A.; TEIXEIRA, F. Os artefatos dos media na educação em sexualidade. **Exedra Journal**, n. 6, 2012. Disponível em: <<http://www.exedrajournal.com/docs/N6/05-Edu.pdf>>. Acesso em: 4 jun. 2012.

RAIÇA, D.; FERNANDEZ, S. A. A adolescente e o sexo. São Paulo: Edicon, 1985. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual. Retomando uma proposta, um desafio**. 3 ed., Londrina: EDUEL, 2011.

RAUPP, M.; REICHLE, A. **Avaliação: ferramenta para melhores projetos**. EDUNISC, Santa Cruz do Sul, 2003.

REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. A orientação sexual na escola e os parâmetros curriculares nacionais. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação sexual: apontamentos para uma reflexão**. Araraquara: FCL/Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002.

RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual além da informação. São Paulo: EPU, 1990. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e Educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2004. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual. Retomando uma proposta, um desafio**. 3 ed., Londrina: EDUEL, 2011.

RIBEIRO, A. Adolescentes, maternidade e o social, 2001. In: MIOTO, R. C. T. A maternidade na adolescência e a (dês)proteção social. **Revista Serviço Social e Sociedade**, n. 83, ano XXVI. São Paulo: Cortez, set. 2005, p. 128-146.

RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e Educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2004.

RIEHELMANN, J. C. A educação sexual no sistema de saúde. In: RIBEIRO, M. (Org.). Educação sexual: novas ideias, novas conquistas. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. p. 281-303. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual. Retomando uma proposta, um desafio**. 3 ed., Londrina: EDUEL, 2011.

ROCHA, A. C. R. **À Descoberta da Educação Sexual: Uma perspectiva crítica a partir do discurso dos principais agentes**. 2009. 253f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2009. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/54954/2/72891.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2012.

ROCKEACH, M. **Crenças, atitudes e valores**. Rio de Janeiro: Interciência, 1981.

RUA, M. das G.; ABRAMOVAY, M. **Avaliação das ações de prevenção às DST/Aids e uso indevido de drogas nas escolas de ensino fundamental e médio em capitais brasileiras**. Brasília: UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellogg, Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2001. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001252/125251por.pdf>>. Acesso em: 18 jun 2012.

SANTOS, D. B. C. dos; ARAUJO, D. C. de. Sexualidades e Gêneros: questões introdutórias. In: **Sexualidade**. Curitiba: SEED/PR, 2009, p. 13-27.

SANTOS, D. B. C. dos. Educação Sexual na escola: algumas possibilidades didático-metodológicas. In: **Sexualidade**. Curitiba: SEED/PR, 2009, p. 59-71.

SANTOS, C.; BRUNS, M. A. de T. **A educação sexual pede espaço: novos horizontes para a práxis pedagógica**. São Paulo: Ômega, 2000.

SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 6 ed. Campinas: Autores Associados, 1997. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 40). In: MARIUZZO, T. **FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM ORIENTAÇÃO SEXUAL: a sexualidade que está sendo ensinada nas nossas escolas**. 227f. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* de Bauru, Bauru, 2003. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bba/33004056079P0/2003/mariuzzo_t_me_bauru.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2010.

SAYÃO, R. Saber o sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Sexualidade NA ESCOLA: Alternativas Teóricas e Práticas**. 4 ed. São Paulo: Summus, 1997, p. 97-105.

SAYÃO, Y. Orientação Sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Sexualidade NA ESCOLA: Alternativas Teóricas e Práticas**. 4 ed. São Paulo: Summus, 1997, p. 107-117.

SCHOR, N.; FRANCA, A. P.; SIQUEIRA, A. A., P.; PIROTTA, K. C. M.; ALVARENGA, A. T. Adolescência: vida sexual e anticoncepção. In: XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu, 1998, ABEP. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/>>. Acesso em: março 2003. In: HEILBORN, M. L.; AQUINO, E. M. L.; BOZON, M.; KNAUTH, D. R. (orgs.). **O aprendizado da sexualidade. Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

SEED. **SEXUALIDADE**. Curitiba: SEED/PR, 2009.

SILVA, M. de L. R. da. **Mudanças de comportamentos e atitudes – implicações para a prática escolar**. São Paulo: Editora Moraes, 1996.

SILVA, C. R. Responsabilidade no Exercício da Sexualidade do Adolescente. In: PEREIRA, J. L.; FANELLI, C.; PEREIRA, R. C.; RIOS, S. (Orgs.). **Sexualidade na Adolescência no Novo Milênio**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

SILVA, M. P. Quando o estranho é o professor: narrativas sobre sexualidade e o currículo de formação de professores. In: Caxambu, **30ª reunião ANPED**, outubro 2007, p. 1-17. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-3718--Int.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2011.

SILVA, R. D. da. **Educação em Ciência e Sexualidade: o professor como mediador das atitudes e crenças sobre sexualidade no aluno**. 125f. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência e o ensino de Matemática) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009. Disponível em: <<http://www.pcm.uem.br/media/dissertacoes/ef21de2d0ccf471.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2011.

SILVA JUNIOR, P. M. da. Corpos, escola & sexualidades: um olhar sobre um programa de orientação sexual. In: Caxambu, **32ª reunião ANPED**, outubro 2009, p. 1-17. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT23-5302--Int.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2010.

SILVA, C. R. da. **A igualdade ainda vai chegar: desafios para a construção da “cultura do respeito” aos direitos de cidadania do segmento LGBTT em uma escola pública do município de São Paulo**. 200f. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-14062010-095156/pt-br.php>>. Acesso em: 15 abril 2012.

SILVA, L. R. da; JUNQUEIRA, L. K.; GUIMARÃES, S. S. M. Falando sobre sexo: a educação sexual nas escolas. In: II Simpósio Internacional de Educação Sexual, 2011, Maringá. **Anais eletrônicos**. Maringá: UEM, abril de 2011, p. 1-8. Disponível em: <<http://www.sies.uem.br/>>. Acesso em: 22 julho 2011.

SOARES, C. B.; JACOBI, P. R. ADOLESCENTES, DROGAS E AIDS: AVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA DE PREVENÇÃO ESCOLAR. **Cadernos de Pesquisa**, n. 109, p. 213-237, março/2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n109/n109a10.pdf>>. Acesso em: 22 abril 2012.

SOCAL, E. Pesquisa e diagnóstico sobre crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social em Santa Maria/RS. **Construindo Cidadania**. Santa Maria, RS [SN], 2003.

SOUSA, S. M. G. Prostituição Infantil e Juvenil: uma análise psicossocial do discurso de depoentes da CPI. 2001. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. In: SOUZA, R. A. de. **Prostituição juvenil feminina**. A escolha, as experiências e as ambiguidades do ‘fazer programas’. Curitiba: Juruá, 2009.

SOUZA, M. C. C. Sexo é uma coisa natural? A contribuição da psicanálise para o debate sexualidade/escola. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Sexualidade NA ESCOLA: Alternativas Teóricas e Práticas**. 4 ed. São Paulo: Summus, 1997, p. 11-23.

SOUZA, M. M. C. A maternidade nas mulheres de 15 a 19 anos como desvantagem social. In: VIEIRA, E. M.; FERNANDES, M. E. L.; BAILEY, P. E.; MCKAY, Y. (orgs.). Seminário Gravidez na Adolescência. São Paulo, Associação Saúde da Família, 1998. In: HEILBORN, M. L.; AQUINO, E. M. L.; BOZON, M.; KNAUTH, D. R. (orgs.). **O aprendizado da sexualidade. Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

SOUZA, R. A. de. **Prostituição juvenil feminina**. A escolha, as experiências e as ambiguidades do ‘fazer programas’. Curitiba: Juruá, 2009.

SOUZA, H. P. de. **Orientação Sexual. Conscientização, Necessidade e Realidade**. 1 ed., 6ª reimpressão. Curitiba: Juruá, 2010.

STOLL, R. R. Orientação sexual nas escolas. *Signos*, Lajeado, v. 12, n. 22, p. 90-93, mar. 1988. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual. Retomando uma proposta, um desafio**. 3 ed., Londrina: EDUEL, 2011.

SUPLICY, M. “Educação e orientação sexual”. In: Ribeiro, M. (Org.) *Educação sexual: Novas ideias, novas conquistas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993, p. 21-36. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível**. Londrina: EDUEL, Campinas: Mercado de Letras, 2006.

TIBA, I. Adolescência – o despertar para o sexo: um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo nas novas gerações. 4 ed., São Paulo: Gente, 1994, p. 97-103. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.) **Sexualidade e Educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2004.

VANCE, C. A Antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. In: **PHYSIS, Revista de Saúde Coletiva**, v. 5, n. 1, 1995.

_____. A Antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 5, n. 1, p. 7-31, 1991-1995. In: PAIVA, V. A Psicologia redescobrirá a sexualidade? **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, p. 641-651, out./dez. 2008.

VIANNA, C. Educação e Gênero: parceria necessária para a qualidade do ensino. In: **Gênero e Educação**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher/Secretaria Municipal de Educação, p. 45-52, 2003.

VIANNA, C.; RAMIRES, L. N. A eloquência do silêncio: gênero e diversidade sexual nos conceitos de família veiculados por livros didáticos. In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (Org.) **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: LetrasLivres: EdUnB, 2009.

VIDAL, D. G. Educação sexual: produção de identidades de gênero na década de 1930. In: SOUZA, C. P. (Org.). **História da Educação. Processos, práticas e saberes**. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 53-74.

VILLANI, A; BAROLLI, E. Interpretando a Aprendizagem nas Salas de aula de Ciências. In: Caxambu, **23ª reunião ANPED**, out 2000, p. 1-20, (2000a). Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0417t.PDF>>. Acesso em: 04 out. 2010.

_____. Um Esquema Heurístico de Análise e Interpretação da Aprendizagem. In: **VII Encontro de Pesquisadores em Ensino de Física**, (2000b), Florianópolis. Atas do VII EPEF CD-ROM. Florianópolis: SBF, 2000. v. CD-ROM. p. 15.

VITIELLO, N. A Educação sexual necessária. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 6, n. 01, 1995, p. 18-28. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.) **Sexualidade e Educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2004.

_____. **Sexualidade. Quem educa o educador**. Um manual para jovens, pais e educadores. 2ª tiragem. São Paulo: Iglu, 2000.

WAIDEMAN, M. C. **Adolescência-Sexualidade-Aids**: na família e no espaço escolar contemporâneo. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

WEEKS, J. “O corpo e a sexualidade”. In: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado – pedagogias das sexualidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WEREBE, M. J. G. Resenha. GOLDBERG, M. A. A. Educação Sexual: uma proposta, um desafio. *Psicologia*, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 79, nov. 1982. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual. Retomando uma proposta, um desafio**. 3 ed., Londrina: EDUEL, 2011.

_____. **Sexualidade, Política, Educação.** Campinas: Autores Associados, 1998.

APÊNDICES

**APÊNDICE A – Roteiro Semiestruturado para as Entrevistas com os Professores das
Escolas**

- 1- Há quanto tempo atua nesta escola? Há quanto tempo está no cargo?
- 2- Como é o público da escola?
- 3- Como a escola vê a temática da sexualidade?
- 4- Quem é o responsável pela educação sexual das crianças e adolescentes?
- 5- Qual o papel da escola? Do que deve se responsabilizar? Quando deve ser iniciada a educação sexual nas escolas?
- 6- Qual o conteúdo da Educação Sexual nas Escolas? Quanto é importante que haja ES na Escola? Como realizar a ES na escola?
- 7- Descreva os trabalhos existentes ou que já existiram na escola.
- 8- A escola enfrenta muitos problemas com esta temática? O que fez para resolvê-los?
Lembra de algum episódio que tenha chamado a atenção nesta área?
- 9- Como é o envolvimento dos pais dos alunos?
- 10- Como a escola vê a questão dos homossexuais e a diversidade sexual de forma geral?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Tendo em vista a necessidade de coleta de dados para o desenvolvimento do projeto de investigação para a tese de doutorado em Educação da Universidade de São Paulo a ser realizado pela professora Priscila Carozza Frasson Costa, sob responsabilidade do orientador Professor Doutor Alberto Villani, lotado no Departamento de Física da Universidade de São Paulo, declaro que consinto que a mesma registre as minhas respostas durante entrevistas, bem como utilize parcial ou integralmente, registros dessas entrevistas e participações em aulas, gravações em áudio ou vídeo de minhas falas ou imagem, minhas anotações, para fins de pesquisa, podendo divulgá-las em publicações, congressos e eventos da área com a condição de que meu nome seja citado apenas como participante da pesquisa, garantido o anonimato no relato da pesquisa.

Declaro ainda, que fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) quanto à investigação que será desenvolvida.

São Paulo, 2008/2010.

ASS.: _____

APÊNDICE C – Questionário Aplicado aos Professores das Escolas Investigadas

Escola: _____ Data: _____
 Disciplina: _____ fundamental () médio ()

Questionário de investigação – temática sexualidade/gênero/diversidade sexual

1-A escola tem preocupação com a temática da sexualidade?

() sim () não

Se tiver, em qual momento a temática é discutida?

() reuniões pedagógicas; () conselho de classe; () sala dos professores.

Outros: _____

A preocupação ocorre devido ao fato de haver na escola:

() alto índice de meninas grávidas; () casos graves envolvendo o tema;

() nível socioeconômico baixo dos alunos; () falta de informação dos alunos;

() famílias dos alunos não educam para o tema; () pedofilia/prostituição infantil;

() professores preparados para trabalhar com o tema;

() sexualidade precoce dos alunos;

() casos de homossexuais ou casos “diferentes”, que precisam de atenção especial.

Outros: _____

2-Você consegue inserir a temática em suas aulas?

() sim () não

Se você respondeu que sim, de que forma é feita a inserção?

() quando surge oportunidade; () se ocorre uma situação em que se faz necessário;

() está no planejamento; () reservo umas aulas para o trabalho específico;

() interdisciplinar; () resgatando os valores e respeito perdidos;

() a pedido da direção/coordenação, mais direcionado;

() trabalhando com os conceitos biológicos necessários.

Outros: _____

Se você respondeu que não, porque não é feita a inserção?

() não tem conexão com meu conteúdo; () não tenho formação específica;

() não sou preparado; () a família deve ser responsável;

() não é obrigação da escola; () devemos respeitar as religiões de cada um;

() não faço este trabalho porque incentiva os alunos; () não resolve;

() os valores morais já estão fora da realidade dos alunos.

Outros: _____

3-Você tem conhecimento de atividades que sejam programadas pela escola sobre esta temática?

() sim () não

Quais são estas atividades?

APÊNDICE D – Apreciação do Comitê de Ética na Pesquisa



COMITÊ DE ÉTICA NA PESQUISA

Parecer sobre aspectos éticos 002/2011

Projeto: A educação sexual: a atuação da escola de educação básica e uma experiência com a formação inicial

Interessados: Priscila Carozza Frasson Costa e Alberto Villani

O Comitê de Ética na Pesquisa da FEUSP analisou detalhadamente a proposta da pesquisa em questão e, uma vez que os interessados atenderam as solicitações datadas de 06 de abril de 2011, nada tem a opor aos procedimentos a serem adotados.

Encaminhe-se à Pós-Graduação para ciência dos interessados.

São Paulo, 24 de agosto de 2011



Profa. Dra. **Selma Garrido Pimenta**

Presidente do Comitê de Ética na Pesquisa da FEUSP

APÊNDICE E – Roteiro para as Oficinas

1ª Oficina: se conhecer e conhecer o outro (1 aula)

2º – Para o ensino fundamental – dinâmica dos balões

Material: balões (uma para cada participante, inclusive os membros da equipe); bilhetes com os nomes de todos os participantes.

Para esta dinâmica é necessário que o grupo tenha a lista dos nomes dos alunos que irão participar. Cada bilhete com os nomes dos participantes deverão ser colocados dentro de um balão previamente. Deve-se ter o cuidado de não encher demais os balões para que não estourem antes da hora prevista. Estes balões com os bilhetes com os nomes dos participantes devem ser levados para a sala de aula antes da apresentação e colocados no centro da roda. O coordenador deve convidar todos os participantes a brincar com os balões, tomando o cuidado para não estourá-los, fazendo um desafio conjunto: manter os balões sempre no ar, sem deixar cair. Quando todos os balões já estiverem flutuando por uns dois minutos, o coordenador deverá avisar para que cada aluno pegue um balão.

Depois que cada aluno já estiver com o seu balão, o coordenador deve explicar que dentro de cada um tem um bilhete com o nome de cada um dos participantes. Cada qual deverá estourar o balão, pegar o bilhete e procurar a pessoa com o nome correspondente. Ao encontrar a pessoa, o aluno deverá fazer algumas perguntas que depois serão apresentadas ao grupo. O tempo estimado para essa socialização é de cinco a dez minutos, conforme a necessidade do grupo. Feito isto, os alunos deverão se sentar para iniciar outra atividade.

2º - Para o ensino médio – dinâmica do círculo

Sentar em círculo para estimular a desinibição e estimular o colega do lado a falar sobre si mesmo; mostrar a motivação em participar da oficina, conhecer os jovens: sua linguagem, suas preocupações espontâneas e mais relevantes, o que fazem e pensam sobre sexualidade.

3º – questionário oral– porque resolveu participar desta oficina, o que veio buscar, quais as perguntas mais freqüentes, quais seus anseios, as conversas com a família, no que acredita.

Orientação para o final: deixá-los falar livremente sobre a vida, a família, a escola, as perspectivas futuras e depois poderão falar sobre namoro, sexo, drogas, doenças.

2ª Oficina: significado da sexualidade

1º - Dinâmica sobre o significado da sexualidade (1 aula)

Com o objetivo de estimular os participantes a associarem livremente as ideias ou ausência de ideias relacionadas à sexualidade, conceitos errados, hormônios em ebulição, preconceito, desejos, vulnerabilidade às doenças, inspirada na técnica de “aquecimento” adaptada do psicodrama, de acordo com Paiva, 2000. **Adaptar para cada um dos níveis, considerando a faixa etária de cada série.**

Coordenador fala – *“Todos em pé! Vamos levantar e andar, livremente, em círculo pela sala. Agora vamos sair do círculo e ocupar todos os espaços da sala”*.

Continua – *Agora vamos correr, sem trombar com os outros! Agora mais devagar!... Mais devagar, em câmara lenta... mais rápido, mais rápido... devagar, devagar... em câmara lenta...*

Continua – Agora vamos andar normalmente, devagar, respirar fundo... e pensar, sem falar, respirar fundo, cada um consigo mesmo... quando penso em sexualidade, vejam bem, SEXUALIDADE, não em SEXO propriamente, qual é a primeira coisa que me vem a cabeça, sem falar, só pensar. (Oito segundos de silêncio para dar tempo deles pensarem...) Quando penso em sexualidade, o que me vem a cabeça? (Mais oito segundos de silêncio). Vamos parar, retomar o círculo. Pode falar, um de cada vez... O que te veio à cabeça?

Um auxiliar do coordenador anota as palavras e frases associadas no quadro de giz. Comentar o que foi associado, começando a decodificar o que eles produziram. Pedir para que escolham uma cena, experiência ou palavra além da sua. Começa a discussão com quem aceitar o convite a compartilhar sua cena ou imagem e falar de seus sentimentos. Se não quiser, outros voluntários serão convidados a falar sobre seus sentimentos e associações que o grupo debater.

Obs: prestar atenção se falta de informação, de diálogo e prevenção irão aparecer no grupo.

Confrontar as opiniões que surgirem tentando direcionar para a sexualidade como inerente à idade, revelando possíveis medos, curiosidades, mantendo a privacidade de cada um e caminhando sempre para a ideia da orientação.

3ª Oficina: o que nosso nome tem a ver com o que somos? Estímulo à valorização pessoal (1/2 aula)

- Material: cartolina, cola, tesoura, canetas coloridas, lápis de cor, lantejoulas, glíter.

O coordenador deve de antemão procurar os significados dos nomes de cada aluno. Distribuir a cartolina cortada em forma de crachás e pedir que cada um use sua criatividade e escreva seu nome e ilustre como quiser, podendo desenhar, colar e pintar. Durante a atividade o coordenador vai passando aos alunos os significados encontrados para o nome de cada um.

Ao ler o significado do nome, o professor deve estimular sua valorização pessoal com elogios. No final da atividade, o coordenador pode entregar o significado do nome para o aluno levar para casa. O crachá poderá ser preso com alfinete de pressão para evitar brincadeiras inadequadas com alfinetes de cabeça. O objetivo desta dinâmica é levar o aluno a conhecer o significado do próprio nome e valorizá-lo. O professor deve instigar os alunos a indagarem aos pais (ou responsáveis) os motivos que os levou a escolher seus nomes.

4ª Oficina: Labirinto (1 aula)

Objetivo: amenizar as diferenças entre as pessoas, gravidez na adolescência e desconstruir a ideia de doenças sexualmente transmissíveis, incluindo a Aids como problema do outro. Pretendemos verificar os conhecimentos dos alunos sobre sexo/sexualidade, com o intuito de desmitificar as possíveis lacunas e trabalhar com eles as formas de transmissão e práticas de risco. Utilizando uma cópia da figura “O Labirinto”, adaptado de Paiva (2000), solicitaremos que os alunos em subgrupos, criem uma história a partir dela e depois a reproduzam oralmente. Esperamos que os alunos percebam no labirinto as relações de afeto que podem ser estabelecidas entre os indivíduos, tanto entre indivíduos do mesmo sexo quanto entre indivíduos de sexos diferentes, percebendo que são escolhas particulares que devem vir desprovidas de preconceito e estigmas. A instrução será incluir uma adolescente grávida, uma pessoa que seja portadora do vírus HIV, um travesti, uma mulher obesa e um homem idoso. Na figura há lugares da cidade como um bar, um hospital, um motel, um clube, um lugar onde há profissionais do sexo.

Assim que os alunos terminarem, corrigiremos todas as informações erradas que aparecerem no roteiro, os mitos e os preconceitos, introduzindo conhecimentos errados, se for necessário.

5ª Oficina: dinâmica para continuar a conscientização sobre “Iguais na diferença” (1/2 aula)

Objetivo: confrontar possíveis “estereótipos” que poderão aparecer nas histórias e que não ajudam a construir ativamente informação e desconstruir preconceitos. Para sanar possíveis problemas de rejeição no grupo devido à estereótipos.

Esperamos que seja um exercício para participantes que têm alguma identidade com as eventuais “minorias promíscuas”: prostitutas, travestis, portadores do HIV, homossexuais. Além disso, a valorização da convivência com o “outro-diferente” pode ajudar um conflito pessoal que esteja sendo vivido naquela ocasião.

É um exercício que vai falar de escolhas, ou falta de, para ser sujeito ou objeto do destino, de como ser sujeito ou objeto da regra do grupo, do desejo e das diversas opções identitárias.

6ª Oficina: os gêneros do corpo reprodutivo – A “massa” (1 aula)

Objetivo: trabalhar com os participantes construindo com o grupo um inventário das informações que acumulamos no cotidiano sobre o corpo reprodutivo e também sexual. É importante estimular a conscientização da dimensão reprodutiva e também erótica de partes do corpo feminino e masculino (orifícios, membros, órgãos e líquidos do corpo) que têm sentidos variados nas diferentes culturas mundiais e nas subculturas brasileiras. Este também é um exercício de decodificação do uso da informação transmitida pela mídia, família, professores e no “boca-a-boca”.

Materiais: dois sacos de farinha de trigo, um saco de sal e uma garrafa pet reciclada de 2L cheia d’água, uma bacia.

Mexeremos na bacia a mistura do sal com a farinha e com a água, até a massa dar liga, ficar macia e consistente o suficiente para a modelagem. Assim, serão distribuídas bolas de massa entre os participantes e solicitar que encontrem um lugar confortável na sala onde possam manipular a massa.

Coordenador – *agora vamos todos – inclusive o pessoal da equipe – fazer com essa massa uma peça, um órgão sensual ou reprodutivo, do homem ou da mulher, interno ou externo, grande ou pequeno... O valor artístico do modelo não importa, nem se está certo ou errado. Trabalhem sobre esta folha de jornal...*

Deveremos expor os modelos prontos no meio da sala e permitir que aconteçam comentários livres durante um tempo. Depois disso, solicitaremos que cada um explique o que fez.

Conforme o que aparecer os coordenadores farão perguntas do tipo: *O que o grupo sabe e não sabe? O que significa saber e não saber cada coisa? Sobre o que ninguém costuma falar? O que costuma ser segredo para homens ou só para mulheres? O que é erótico, o que é reprodutivo, o que é erótico-reprodutivo?*

Armazenar as questões e guardar os modelos na escola, para na oficina seguinte dar continuidade a esta, tirando as dúvidas e corrigindo as possíveis falhas nos conhecimentos científicos.

7ª Oficina: apresentação formal dos aparelhos reprodutivos masculino e feminino com vistas à prevenção (1 aula)

A partir dos modelos preparados pelos participantes na oficina anterior, resgatá-los do lugar onde estavam guardados, de modo que todos relembrem dos trabalhos e deixar o grupo contribuir com o que sabe (na medida em que forem fazendo perguntas, o coordenador joga pra alguém do grupo: *“quem pode responder a esta pergunta?”*, antes de responder se for necessário).

Após este momento inicial, serão levados modelos tridimensionais do corpo reprodutivo que, junto com os modelos produzidos por eles, serão usados para corrigir informações anatômicas, explicar a reprodução e o funcionamento do corpo reprodutivo e sexual.

Nesta oficina pretendemos sanar as dúvidas sobre como são constituídos anatomicamente e como funcionam os aparelhos reprodutores masculino e feminino.

Obs: poderemos fazer uma abordagem sobre hermafroditismo, se for o caso.

8ª Oficina: o corpo reprodutivo e os cuidados com a saúde reprodutiva (1aula)

Objetivo: fazer com que os alunos compreendam quais são as modificações sofridas pelo corpo a partir da puberdade, transformando-se em corpo reprodutivo. Nesta oficina haverá utilização de material didáticos e slides, para trabalhar distintamente as modificações no corpo da menina e do menino.

Trabalharemos com os temas menstruação, ciclo feminino, período fértil, concepção, hormônios, além de ereção, masturbação, ejaculação, e o que mais for relevante, partindo das necessidades manifestadas pelos alunos.

Após o trabalho teórico, haverá ênfase sobre os cuidados com a saúde reprodutiva para as meninas, de visitar o médico com regularidade para realizar exames ginecológicos ou confirmar diagnósticos; se estiver grávida, realizar o pré-natal. Também iremos orientar que para os meninos, da mesma forma, é necessário cuidar da saúde reprodutiva, ir ao médico se suspeitar de alguma alteração no corpo e fazer exames se for o caso, de ter feito sexo sem prevenção.

9ª Oficina: prevenção para evitar a concepção indesejada e evitar o contágio das doenças sexualmente transmissíveis (1 aula)

Objetivo: utilizando slides e modelos didáticos de apoio, iremos fazer a abordagem com os participantes sobre a utilização de métodos contraceptivos, apresentando possíveis métodos que ainda não conheçam, estimulando-os a manipular e verificar qual o seu funcionamento: anticoncepcional, diafragma, DIU, camisinha, além da pílula a ser utilizada em uma contracepção de emergência – a pílula do “dia seguinte”.

As principais doenças sexualmente transmissíveis serão trabalhadas de modo a transmitir conhecimentos sobre vias de transmissão, agentes patogênicos, cuidados e prevenção. Insistiremos na utilização da camisinha como mecanismo de prevenção, sobretudo com relação à Aids.

Orientaremos os alunos quanto ao acesso aos postos de saúde locais para a retirada de preservativos, agendamento de consultas para retirada de pílulas anticoncepcionais e o exame rápido para a detecção do HIV.

10ª Oficina: o vírus HIV e a camisinha como prevenção (1 aula)

Objetivo: responder às perguntas dos participantes sobre contaminação com o vírus HIV, medicação já disponível que amplia a expectativa de vida dos portadores do vírus, inclusão social dos portadores, diminuição do preconceito e ensinar a como usar a camisinha masculina e feminina a partir de modelos didáticos.

Sabemos que pode ser que algum participante se recuse ou fique incomodado em realizar esta atividade de manipular a camisinha, o modelo de pênis e/ou vagina, por credos, crenças e valores pessoais, orientações da família, e assim por diante. Os mais puritanos ou menos falantes no grupo serão estimulados, nunca obrigados a participar.

É importante salientar que grupos mais conservadores poderão questionar nossa intervenção nesta oficina, ao estimular a adesão à ideia do uso da camisinha, como se estivéssemos querendo estimular que a criança ou o adolescente experimente ou faça mais sexo. Nossa intenção com este projeto não é estimular práticas ou impor condutas contrárias à formação de cada jovem, mas sim, abrir espaço para o diálogo com os jovens sobre os temas sexualidade e sexo nas escolas de Bandeirantes-PR, partindo das demandas de cada escola por nós diagnosticadas, de modo a oportunizar momentos que talvez sejam únicos de reflexão e debate com os alunos sobre a temática, e que eventualmente não são viáveis por causa da sobrecarga nos currículos das disciplinas, curto espaço de tempo, entre outros fatores.

APÊNDICE F – Entrevista com as Alunas que Tiveram Experiência de Gravidez na Adolescência

- 1- Gostaria que você contasse como foi a descoberta da gravidez.
- 2- Como seus pais reagiram?
- 3- Como reagiu o namorado? Ele aceitou? Vocês estão juntos?
- 4- Como você faz para sustentar a criança?
- 5- Em algum momento você pensou em parar de estudar?
- 6- A escola e os professores ajudaram/ajudam você? Como?
- 7- Você gostaria de ter tido mais apoio ou ajuda da escola? Fale um pouco sobre.

APÊNDICE G – Indicadores de Adesão e Categorização dos Dados, a partir das Análises dos Participantes das Escolas de Educação Básica

Dimensão ‘Gravidez’

Para iniciar o agrupamento dos dados, um tema bastante citado foi a temática da ‘Gravidez’ que consideramos como dimensão, conforme ilustra a figura 4 abaixo, relacionando as subdimensões e categorias afins, com posterior detalhamento:

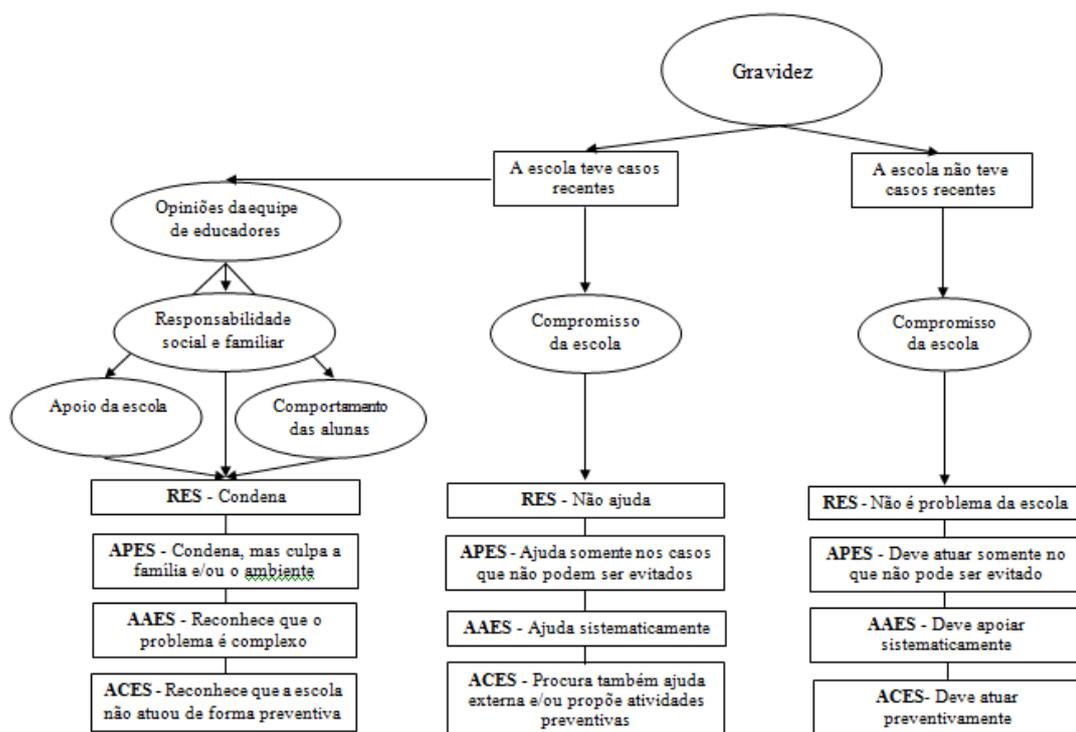


Figura 4 – 'Gravidez' como enfoque na escola

Quando consideramos que ‘A escola teve casos recentes’, ao ouvirmos os entrevistados (equipe de educadores) e obter suas ‘Opiniões’, levamos em conta alguns destes elementos que chamamos cada um de subdimensão: como viam o meio social e a família, qual era o apoio oferecido pela escola e como os entrevistados viam as alunas grávidas. Para as categorias que criamos, em consonância com um dos quatro patamares, propusemos os seguintes critérios para efetuar a análise:

Categoria RES - Condena: haveria o **juízo das alunas**, ou seja, a gravidez não seria surpresa, dado o **nível social e a desestrutura de suas famílias**. Neste sentido, haveria a condenação do fato das meninas engravidarem, **sem oferecer nenhum tipo de apoio**.

Categoria APES - Condena, culpa a família e/ou o ambiente: haveria **condenação do evento**, porém haveria **tentativa de compreender a situação das alunas, responsabilizando o meio social em que vivem ou a criação familiar**.

Categoria AAES - Reconhece que o problema é complexo: **não haveria juízo das grávidas**, reconhecendo **a complexidade da situação e das escolhas feitas por elas**.

Categoria ACES - Reconhece que a escola não atuou de forma preventiva: **além de não haver o juízo**, haveria o **reconhecimento da responsabilidade da escola** na educação sexual.

Nesta dimensão observamos os dados provenientes das entrevistas com os professores, visto que a gravidez sempre é lembrada quando vinculamos a temática da sexualidade. Para os trechos abaixo relacionados, especifiquei os autores. Selecionamos alguns pontos de conexão com a subdimensão ‘Responsabilidade social e familiar’, com as seguintes categorias, a saber:

Categoria RES - [...] *Às vezes a cama do pai, com a cama da mãe é separado por uma cortina. Tem muitos que com 12 anos bebe já, então eu acho que o pai já, mais é a mãe, os dois, sei lá... E a gente vê cada uma que vem aqui, até pela própria fala, senta pra conversar com elas, a gente tem noção, sabe, foi casada com um, tem 4 filhos, cada um de um pai, mora com outro, sabe, é complicado... Então você imagina como que essa criança não viveu? É o meio deles, né? [...].* (Diretora).

Categoria RES - [...] *e no caso daquelas meninas, só podiam engravidar mesmo, porque vêm da periferia, sem nível cultural, algumas com envolvimento com drogas ou com padrastos que usam drogas, daí só podia dar nisso... [...].* (Pedagoga).

Categoria APES - [...] *quando a gente acaba recebendo essa criança no jardimzinho, no pré, sem contar as mães que abandonam a escola, quando chega na 8ª série, temos uns casos em que eles fogem, eles acham normal fugir, porque já é uma cultura que vem do meio. Daí quando a criança já tá maiorzinho, bate o arrependimento, e eles voltam e por sorte, para nossa alegria, muitos ainda acabam se dando bem na vida [...].* (Diretora).

Categoria APES - [...] *a gente tenta conversar e tal, até esta menina que tava grávida, da 5ª série, porque a barriga tava muito visível, então a gente chamava, conversava, chamamos a mãe, colocamos que ela teria que ir no médico, e tal, e tal, mas a mãe falava assim: “_ Aí,*

eu compro camisinha pra ela e sabe o que é que ela faz? Ela brinca de bexiga com a camisinha!”, então quer dizer, se a mãe compra camisinha é porque a mãe já sabia que ela tava fazendo sexo. Então você fala assim: “_ Você tem que falar pra quem, pro pai, pra mãe, pro aluno?”, complicado... [...]. (Diretora).

Categoria APES - [...] *Que nem o caso da menina que tava grávida, a mãe veio, a mãe ficou assustada. A coordenadora foi apertando, foi apertando, até que a menina confessou perto da mãe, e a mãe ficou assustada. Quer dizer, trabalha o dia todo, sei lá, não percebeu que a barriguinha ia crescendo? Começa a passar mal, então, por esta questão do dia-a-dia, sei lá, de trabalhar, tal, os filhos ficam mesmo soltos [...]. (Professora de Ciências).*

Categoria RES - [...] *infelizmente o problema vem de casa mesmo. Eu acho assim, vem da família e a solução tá na família, por mais que a escola tente, faça tudo que é possível, mas infelizmente eu não sei se há solução. A solução, a melhora que nós conquistamos foi bom pra nós, mas não acho que a gente tenha resolvido o problema com aqueles alunos que deram trabalho, porque são uns alunos que a família não cuida, que tão direto na rua, que tão envolvidos com droga, com gravidez, assim, e normalmente os que dão trabalho, dão trabalho na disciplina, na aprendizagem [...]. (Diretora).*

Categoria RES - [...] *o problema na comunidade tá sendo os alunos maiores, de 1º e 2º anos, que não querem vir nestas atividades, que são as meninas que engravidam, porque quando estão no ensino médio é que a gente vai saber que estão envolvidos com drogas, quando eles estão maiorzinhos, porque quando eles estão menores, a família ainda consegue cuidar mais um pouco, aí quando estão maiores eles escapam mesmo [...]. (Diretora).*

Categoria APES - [...] *Nós também tivemos na época, outra menina que engravidou, estava na 8ª série à tarde e a mãe dela cercando a menina pra saber quem era o pai, e a menina não sabia, porque era mais que um candidato. A mãe ficou horrorizada e daí ela foi embora pra Curitiba e teve o neném pra lá. Mas eu acho que assim, muitas coisas é carência, falta de carinho, falta de atenção, porque muitas famílias são desestruturadas, muitas... [...]. (Professora de Ciências).*

Categoria RES - [...] *a gente vê aquela criança seguindo a origem familiar mesmo, aquela cultura que ela tem de, de repente, casar, ter filhos e manter a família, só que muitas das vezes, o que a gente tem percebido é que às vezes ela se frustra, elas acabam se frustrando no meio do caminho, imaginam uma coisa, não estão preparadas e pra família é normal acontecer isso, e aí arruma o filho e quando você vê, tá mãe e o filho, a mãe na fila do leite com o filho, ou então entrando na nossa escolinha e o pai separado [...]. (Diretora).*

Categoria RES - [...] *Eu recebi a visita de um pai, há um mês atrás, eram duas filhas na 8ª, uma filha de 14 anos, saiu da escola porque casou e engravidou e a outra ia sair porque ia casar, e ele fala isso com uma naturalidade, sabe, que pra ele, a melhor coisa do mundo é o casamento das filhas, então é essa mudança de cultura dos próprios pais, porque os filhos já vem moldados por eles, né, e a escola nem sempre consegue fazer um trabalho encima disso [...]. (Diretora).*

Categoria RES - [...] *é mais a questão da gravidez que tá em evidência aí, e que de repente, né, ... E quem, às vezes a gente menos espera, ..., nossa mais, tão..., tão quietinha, ..., e nossa mais, inclusive da religião, nossa mais, evangélica, só vinha de saia, nós tivemos e não foi um só, nossa gente, mas como, né? Aí, é a falta do diálogo, a falta do esclarecimento e a falta do compromisso, da cobrança, né, da própria família [...]. (Diretora).*

Categoria RES - [...] *O ano passado nós tivemos uma que, além de ter é, leishmaniose, que não fechava de jeito nenhum, aí ficou grávida, aí, ai, depois do 6º mês, já abandonou, daí este ano fez a matrícula, não estou vendo por aí, porque tem a responsabilidade é da mãe sempre, né, a gente não vê o pai aqui com filho pequeno pra cuidar, é só mãe, então as coisas precisam de muito esclarecimento, e ainda sim, quanto mais carência de todos os lados, da família e tal, né, aí é mais complicado ainda [...]. (Diretora).*

Categoria RES - [...] *Que as famílias às vezes são liberais e deixam sair, chegar tarde, beber, fumar. A hora que o pai vê a menina, com um paquerinha, eu já presenciei episódios assim, do pai pegar a menina pelo braço e levar embora. E se diz totalmente liberal, porque não quer ver o filho crescer, ou então ter alguma relação, de que a menininha perdeu a virgindade, né, ou o menino pode ter essa chance de engravidar uma outra pessoa, uma outra menina. Então eu acho que ainda perdura bastante ainda na sociedade o machismo das famílias [...].* (Professora de Biologia).

Para a subdimensão ‘Apoio da escola’ temos:

Categoria APES - [...] *nós ajudamos esta menina da 8ª, o máximo. Ela era uma menina revoltada, difícil, que brigava dentro da sala de aula, aí ela foi melhorando. Hoje ela é outra pessoa. Ela tá mais educada, tá mais atenta. Quando ela engravidou, ela mudou totalmente, começou a prestar a atenção, a vir pra escola [...].* (Professora de Ciências).

Categoria APES - [...] *Tivemos uma aluna o ano passado, a Maiara (nome fictício), que vinha rapazes aqui, se envolvia em gangues, brigava, totalmente ao avesso. Aí o que é que aconteceu? Engravidou. Engravidou e nós aqui da escola ajudamos, mudou totalmente, começou a vir pra escola, prestar atenção. Hoje é uma menina que tem responsabilidade, falta porque o filho tá doente, porque tem que cuidar, é educada. Deve ter uns 15 anos. Estes dias ela falou assim: “_ Ai professora, eu não posso vir amanhã. Tô preparando as lembrancinhas pro aniversário, vai fazer 1 aninho!” [...].* (Professora de Ciências).

Categoria APES - [...] *porque vê uma aluna aí de 12, 13 anos grávida, interrompe o curso escolar, porque normalmente depois de ter o nenê, a menina não retorna, a gente vê a família não tem possibilidade de educar nem filho, tem que arcar com neto, é todo um drama mexicano. A coordenação chama a aluna, senta dá um apoio, principalmente na questão de médico, se já fez o pré-natal, um atendimento pessoal [...].* (Pedagoga).

Categoria AAES - [...] *Este ano nós tivemos só um caso de menina que engravidou, mas foi assim, a menina casou-se em fevereiro, né, daí a aluna era de menor, casou realmente, eu preenchi a ficha FICA, que é a ficha de permanência do aluno na escola, encaminhei pro Conselho Tutelar, o Conselho Tutelar foi atrás mas a aluna não retornou, **casou e não queria mais retornar para a escola**, o marido assumiu, os pais, e nós não conseguimos fazer com que a aluna estudasse, **porque quando uma aluna engravida, nós damos todo o apoio, a gente quer que fique na escola** e a aluna casou-se e depois engravidou e essa não quis mais estudar, esse caso que nós tivemos este ano [...].* (Pedagoga).

Categoria APES - [...] *Hoje a coisa é diferente, né, e eu acho ainda que falta bastante esclarecimento pra não acontecer o que acontece, que a gente vê menina, nós temos aqui na escola, 14 anos, grávida, uma dó, sentadinha lá no salão, com aquela barrigona, e aí a barriga é o de menos, é a responsabilidade que vem daqui pra frente que é grande, né, que tem que ter a consciência disso daí. A escola não exclui, não discrimina, depois tem todo aquele processo, dificilmente ela continua estudando, infelizmente, né, é uma ou outra que daí tem alguém que trás a criança pra amamentar, mas aí já são, é, estudantes mais velhos, não são de 14, 15 anos [...].* (Diretora).

Categoria APES - [...] *A gente tem a preocupação com a vida e que ela tem que ser preservada, independente da crença de cada um, também tem os casos das meninas que falam em doação, porque não tem como cuidar, depois não tem coragem, e a escola quando vê a necessidade da aluna, colabora [...].* (Pedagoga).

Para a subdimensão ‘Comportamento das alunas’, temos:

Categoria RES - [...] *Eu imagino, ninguém nunca me contou, que seja comprimido, alguma coisa assim, sabe estes abortos clandestinos, porque ninguém vai oficializar isso, né? E as mães, elas também tão no mesmo ritmo [...].* (Diretora).

Categoria RES - [...] *Uma engravidou e ficou com o filho, as outras, uma, o que a gente sabe, entre aspas, parece que abortou, a outra ainda está com o filho na barriga, mas não está vindo pra escola. Então, quando isso acontece a gente sabe também, elas contam. Para o professor elas contam mais, pra mim, menos, pra mim os meninos que contam tudo o que elas fazem dentro da sala, porque eu vou chamar a atenção deles [...].* (Diretora).

Categoria APES - [...] *porque a menina não conversa com o pai, com a mãe, ou às vezes nem tem pai, nem tem irmão, e a primeira preocupação delas é encontrar um meio de fazer aborto, consegue comprimido, porque elas se abrem com a gente, vô tomar remédio, vô na farmácia, aí você faz todo o trabalho de conscientização e se a menina tem um pouco de religiosidade, a coisa muda de figura [...].* (Pedagoga).

Categoria RES - [...] *Gente, e a menina grávida? Eu achei que ela ia ter o filho ali mesmo naquela pista de dança, porque descia até o chão com um vestido vermelho colado de cotom que por sorte ficava preso na barriga, bem biscate mesmo e sem o menor problema. E a mãe? Não fez nada... [...].* (Professora de Português).

Categoria RES - [...] *eu acho que de 1ª série tem umas três gestantes, né, então 1ª série na idade normal, é 14, 15, no máximo 16 anos, então, é, num mundo tão, com tanta tecnologia, e com tanta informação, isso não deveria acontecer, mas infelizmente tem bastante e a família aonde está? [...].* (Diretora).

Categoria RES - [...] *Agora, o problema assim quanto à sexualidade que a gente enfrenta mesmo, principalmente no noturno, são com as meninas que engravidam e param de estudar porque não tem quem cuida, não tem com quem deixar em casa, às vezes tem propostas se elas não podem trazer o filho junto e eu acho assim, que é uma questão de prioridade eles colocam como prioridade todos os outros compromissos [...].* (Diretora).

Categoria RES - [...] *Eu mesma enquanto estou aqui até apareceu, mas era casada, casada muito nova tudo, mas nada assim que engravidou porque não era menina boa, cê tá entendendo, que é menina que transa com todo mundo, não, às vezes é com o namorado e tal, e aconteceu, né, porque tem escolas que eu vejo que tem meninas que transam assim como se fosse prostituta mesmo, né, então aqui Graças a Deus eu não vejo isso não, na parte da manhã [...].* (Pedagoga).

Categoria APES - [...] *Existe uma tradição das alunas casarem cedo, mas eu vejo que essa tradição está sendo cortada, ainda bem. Nós precisamos incentivar o nosso aluno a estudar, a fazer o ENEM, a entrar na Universidade. Eu falo pra eles que tem condições de entrar pelo PROUNI numa outra Universidade particular, eu incentivo, mas ainda tem umas que dizem: “_ Nós não queremos fazer o ENEM, nós queremos fazer NENÉM!”. Aí o que é que acontece: faz neném, aí volta pra escola pra pegar o leite das crianças, aí começa a estudar aqui na escola municipal, depois vem pro nosso colégio e vira um ciclo, não tem muita perspectiva de ir para a Universidade [...].* (Pedagoga).

Ainda para a escola que teve casos recentes, ao avaliar o envolvimento da escola, a subdimensão chamada de ‘Compromisso da escola’ propôs os seguintes critérios para as categorias:

Categoria RES - Não ajuda: **desprezar-se-ia a questão da gravidez das alunas, não se interessando pelos casos existentes, mostrando a rejeição ao problema.**

Categoria APES - Ajuda somente nos casos que não podem ser evitados: **haveria a preocupação com o tema, porém, nenhuma atitude seria tomada para oferecer ajuda ou como prevenção.**

Categoria AAES - Ajuda sistematicamente: com a **preocupação existente contemplaria intervenção sistemática**, fosse para prevenir a gravidez ou fosse para apoiar as grávidas.

Categoria ACES - Procura também ajuda externa e/ou propõe atividades preventivas: com a prerrogativa de que a gravidez é um dos aspectos relacionados à sexualidade, **haveria o planejamento para que atividades de prevenção originais fossem incluídas contínua e sistematicamente no currículo da escola.** Além disso, para os casos existentes, haveria o apoio irrestrito, inclusive encaminhando para apoio externo.

Abaixo seguem os trechos que recortamos das entrevistas sob estes aspectos:

Categoria AAES - [...] *hoje a criança da 5ª série já namora, já beija na boca, então não dá mais para deixar para estudar os conteúdos relacionados com a sexualidade na 7ª série, tem que ensinar antes como eu, porque hoje se você procurar, não acha uma criança de 11 anos sem namorado e ainda por cima grávida com esta idade, não mais com 13, 14, onde já estão namorando na frente de todo mundo e sabendo evitar [...].* (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] *algumas meninas de 7ª série, em geral, estavam tendo relacionamentos com meninos em que passavam a morar junto e depois de um tempo, engravidavam e saíam da escola. Estava parecendo uma cultura do morar junto, engravidar e sair da escola. Depois, com a nossa orientação, elas até voltavam para concluir o ensino fundamental [...].* (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] *O ano passado, eu lembro que teve uma menininha que tava achando que tava grávida, mas aí, não podia contar pro pai, não podia contar pra mãe, ela não sabia o que fazer, daí a gente perguntou: “_ O que é que você fez?”. Essa questão da orientação, os professores dão e a gente entende que tem que tratar desse assunto, né, ...* [...]. (Diretora).

Categoria AAES - [...] *Também a gente vai na sala conversar com eles, ontem conversei com o 1º, hoje com o 3º, a gente fala assim no geral, daí quando tem algum caso específico a gente chama em separado, pergunta se tá acontecendo alguma coisa, que a escola pode chamar alguém pra orientar [...].* (Pedagoga).

Categoria AAES - [...] *Isso é uma coisa que a gente tem se preocupado muito, já desde o ano passado, pelo fato de ter ouvido várias conversas e depoimentos em sala de biblioteca, é uma das coisas que mais me preocupava, justamente porque se eu sei que chega na 8ª engravidando, a coisa pode crescer se a gente deixar e abrir mão, e fazer de conta que não tá enxergando, daqui a pouco tá na 5ª, 6ª série acontecendo isso, e não tá longe de acontecer. Então a gente tem buscado este ano orientar, porque a gente vê assim um tabu entre as famílias, não conversa sobre isso [...].* (Diretora).

Categoria RES - [...] *As alunas que eu tenho que foram mãe muito cedo, todas elas dizem que faltou conversa. Sem exceção! Numa época em que a gente acha que fala isso, mas elas afirmam que faltou conversa de pai e mãe. Eu tenho uma aluna aqui do 4º ano, que ela tem dois filhos, o 1º ela teve aos 16 anos, e ela fala, declara: “_ Eu nunca tive uma orientação!”. E começou a namorar muito cedo, muito cedo, dentro do que a sexualidade permite, do que a idade permite, né, a juventude, mas não sabe como usar a sexualidade, como usar dela sem ter grandes consequências [...].* (Pedagoga).

Categoria AAES - [...] a escola já enfrentou vários problemas como gravidez de crianças de 12, 13 anos. Já chamamos os pais para assembleias e também reuniões na escola para tratar desse assunto, já tivemos que chamar o Conselho Tutelar, só que é um problema que parece que não tem solução [...]. (Diretora).

Categoria AAES - [...] E tá diminuindo os casos de gravidez e a gente assumiu que é um problema, porque a gente tem conversado muito, né, mas é um caso preocupante ainda a gravidez na adolescência [...]. (Pedagoga).

Categoria RES - [...] a escola deveria ser mais atrativa, acompanhando a velocidade de informações do mundo atual e que enquanto as políticas estiverem a favor de facilitar a vida do indivíduo, vão continuar havendo as meninas grávidas saindo da escola [...]. (Diretora).

Para ‘A escola que não teve casos recentes’, criamos uma subdimensão, interessados em verificar seu compromisso, na expectativa de perceber se haveria alguma iniciativa de prevenção. Apontamos os critérios para análise das unidades relacionadas às categorias:

Categoria RES - Não é problema da escola: mesmo **sem casos recentes de gravidez**, a escola **não havia demonstrado interesse com situações desta natureza**.

Categoria APES - Deve atuar somente no que não pode ser evitado: mesmo que **considerasse preocupante o tema, não haveria atitudes de prevenção à gravidez**.

Categoria AAES - Deve apoiar sistematicamente: mesmo **sem casos recentes de gravidez**, haveria a preocupação sobre a temática, com **a realização de intervenções de prevenção nas aulas e nos projetos e garantindo o apoio sistemático à aluna grávida**.

Categoria ACES - Deve atuar preventivamente: vislumbraria a preocupação com a gravidez em paralelo a outras preocupações que pudessem comprometer a permanência das alunas na escola, por isso **teria o compromisso firmado no currículo de fazer a prevenção de forma contínua**.

Abaixo seguem os trechos das entrevistas com os professores para a situação apontada sem casos recentes na escola e o enquadramento nas categorias relacionadas:

Categoria AAES - [...] Aqui eu não tenho visto casos, **então eu reproduzo nas aulas sobre prevenção de gravidez**, talvez a gravidez é um dos menores males, assim digamos, mas isso, eu lembro que chamou bem a atenção em palestras que eu tinha quando estudava, tanto que até hoje eu lembro, mostrava o parto, como era difícil, é, o parto. **Os pais adolescentes querendo sair e a criança chorando, o gasto, quanto de leite, o quanto de fralda**, porque, queira sim, queira não, foi um tratamento de choque [...]. (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] aí eles muito curiosos também com a questão da gravidez. **Então eu já passei algumas coisas sobre gravidez também, o desenvolvimento do bebê, como que ocorre, porque faz tempo que não vejo meninas grávidas, por isso tem que cuidar... [...]**. (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] a nossa preocupação é enorme com relação à gravidez na adolescência, em questão da evasão, que ainda a evasão nestes casos de gravidez é muito forte quanto a isso, e ainda bem que agora no nosso colégio tem diminuído, não sei se é por

causa das palestras, a gente tem conversado muito, nós tivemos muitos anos atrás uns casos, que eles tem aqui o seguinte, muitos acabam fugindo com 14, 15 anos, bem demodé, ou casando ainda e logo engravidam [...]. (Pedagoga).

Dimensão ‘Homossexualidade’

Outra temática que consideramos ter sido relevante e ainda incômoda ao fazermos as entrevistas e também pelas respostas dos questionários foi a ‘Homossexualidade’, que nominamos de dimensão, como pode ser observado na figura 5, com as representações das subdimensões e categorias. Logo após a figura vem à descrição dos critérios e os trechos categorizados:

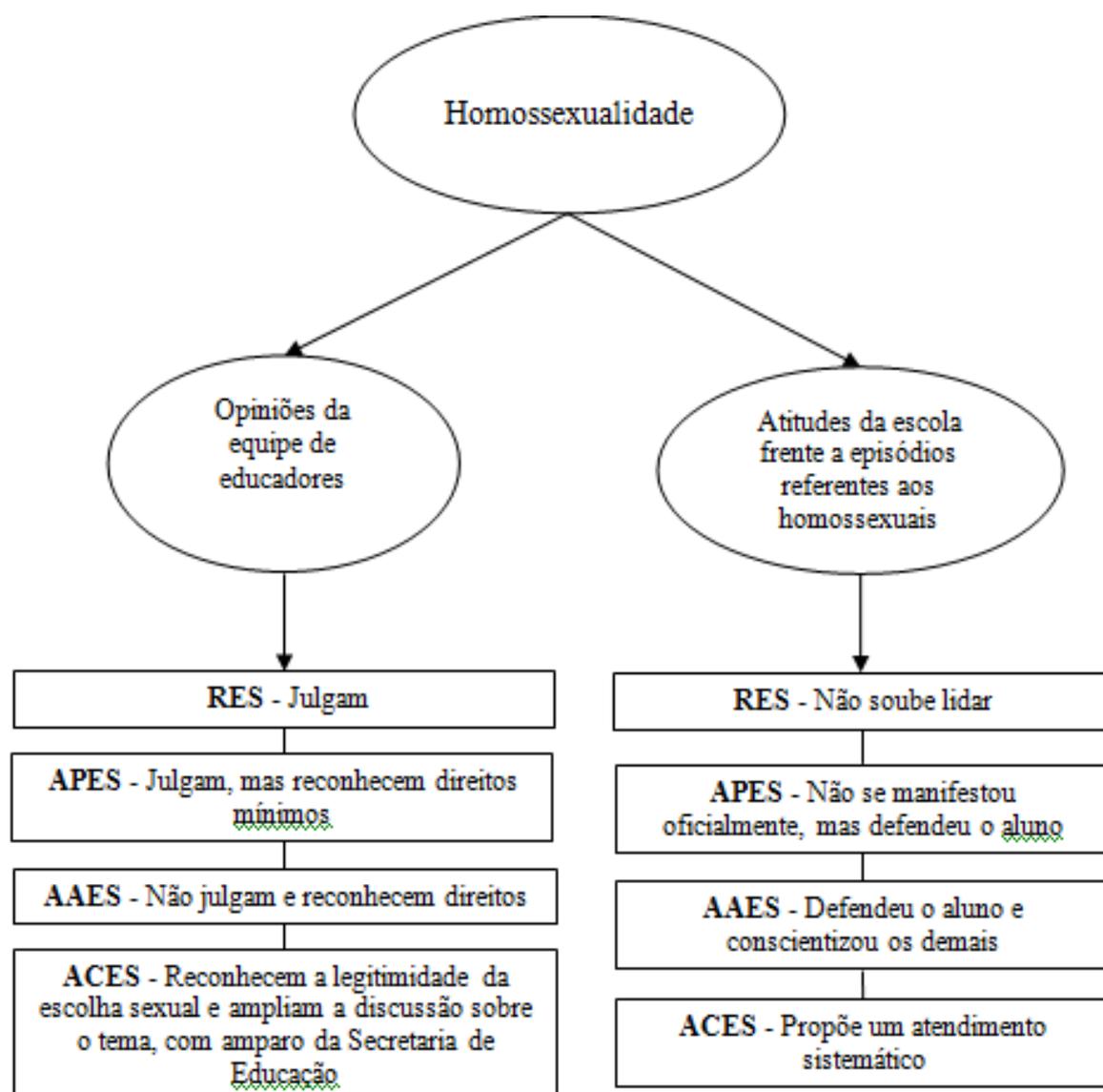


Figura 5 – ‘Homossexualidade’ como enfoque na escola

Para os trechos destacados sobre esta temática relacionamos as ‘Opiniões da equipe de educadores’ que convencionamos como uma subdimensão. Para apresentar as quatro categorias, consideramos os seguintes critérios:

Categoria RES - Julgam: nas situações em que haveria **o julgamento dos alunos**, por preconceito ou outro fator revelado ou não, **sem intenção de compreender e apoiar**.

Categoria APES - Julgam, mas reconhecem direitos mínimos: haveria **o julgamento dos alunos**, por preconceito ou outro fator revelado ou não, **mas com sensibilidade para minimizar as situações de desconforto**.

Categoria AAES - Não julgam e reconhecem direitos: não teria interesse em descobrir as razões pelas quais o aluno é homossexual, portanto, **sem julgamento**. Estaria **aberto para compreendê-lo e concebê-lo com igualdade**.

Categoria ACES - Reconhecem a legitimidade da escolha sexual e ampliam a discussão sobre o tema, com amparo da Secretaria de Educação: haveria **reconhecimento da legitimidade da escolha sexual do aluno**. Promoveria momentos de discussão sobre o tema entre os pares para reduzir o preconceito existente, amparado pelas propostas da Secretaria de Educação sobre inserir o debate na escola.

Para esta subdimensão, temos os trechos das entrevistas e as categorias as quais relacionamos:

Categoria RES - [...] *Olha, há 5 anos que eu estou aqui, o ano passado nós tivemos um probleminha assim de homossexualismo, mas era uma pessoa só, era indefinido, não sabia se queria isso, se queria aquilo, aí falava: “_ Ai, porque eu já beijei homem, ai, eu já beijei mulher, ...”, mas era um conflito muito grande, entre eles na sala, porque um sabe da vida do outro, né, mas é muito raro aparecer. Pelo menos aqui por enquanto nós não temos não, só este caso que apareceu aqui, mas não comprometeu a dinâmica da escola [...].* (Diretora).

Categoria RES - [...] *Às vezes a mídia fala muito e eles podem ficar pensando: “_ Ai meu Deus, será que eu gosto de homem, será que eu gosto de mulher?”. Então fica meio perdido, porque fala assim: “_ Hoje você tem que experimentar pra saber se você gosta de homem ou de mulher, não é?”. Eu não concordo muito com isso não, sabe, não sei se eu sou careta, mas também não é assim, né, cê sai por aí experimentando. Então de repente você vai se descobrir. Porque hoje a televisão joga tudo assim né, e eles olham lá e acham que é legal, “_ Há, vou fazer também”. Pra mim é tudo muito errado, não sei se eu sou careta, mas numa idade dessa... [...].* (Diretora).

Categoria RES - [...] *Bem, percebe-se o comportamento que às vezes chama a atenção, mas encara-se com atitude que tanto pode ser de momento ou se for algo duradouro, não podemos saber, porque a permanência dos alunos na escola é limitada e nós não conseguimos fazer muita coisa a este respeito [...].* (Diretora).

Categoria APES - [...] *Então eles tem assim, sabe e a gente percebe, por exemplo, quem tende pra este lado, gosta de dança, eles gostam de fazer as coisas diferente, né, e a gente deixa, né, não tem problema, quer fazer faça, né? [...].* (Pedagoga).

Categoria AAES - [...] *o professor hoje em dia é muito aberto com os alunos e surgem momentos de conversas para tratar desses assuntos [...].* (Diretora).

Categoria RES - [...] nos últimos 30 anos, principalmente na última década, as coisas ficaram numa velocidade muito acelerada, coisa que antes, vamos colocar em 1970, demoravam 50 anos, hoje acontecem em 5, né? Então é muito veloz e a cabeça das pessoas não acompanha essa velocidade, junto a isso tem o conservadorismo, o próprio preconceito, o homem acha que todo o homem tem que ser macho, não aceita desvio, né, não é propriamente um desvio, eu acredito que a homossexualidade seja mesmo um fator doença, muito discutido ainda hoje, né, pra alguns é doença, pra alguns é um desvio de personalidade, eu fico com a primeira hipótese, eu acho que é uma doença contagiosa, que hoje tá aumentando muito [...]. (Pedagoga).

Categoria AAES - [...] Mas eu também não tenho problema com o homossexualismo, eu acho também que é, não deve ser levado para o preconceito, seja fator genético ou do ambiente, seja lá qual for, deve ser tratado com a maior naturalidade possível. Já que se prega tanto o não preconceito, que existe com forte intensidade também entre os professores [...]. (Professora de Biologia).

Categoria APES - [...] Quanto a eles, normalmente havia o respeito, as pessoas não se incomodavam muito, mesmo porque nunca foi dois juntos, era um ano um, depois outro ano outro, cada vez foi se revelando um, não era igual tá hoje, tentando ser normal, mostrando pra gente. Cê vai hoje ali na praça central, cê fica de boca aberta de ver, essa questão de menina com menina, menino com menino, pra eles tá muito comum, é nós que ainda não estamos tão assim, pra tá vendo [...]. (Diretora).

Categoria APES - [...] Nós da equipe toda da escola somos mais velhos, né, a gente é, uma inclusão, a gente, né, a gente não admite por exemplo, que tire sarro, que os alunos, se a reclamação chega a gente toma as providências, mas você olha assim, é estranho, não é natural, né, a gente ainda não está acostumado, na sala de aula, dois numa sala só, um bem, mas bem mesmo, sabe, fazendo questão que todo mundo observe existe a discriminação sim, não deveria existir, né, mas existe, sabe, do professor para com os alunos, dos alunos para com os alunos, é uma coisa que tá se tornando bem natural, né, com todas as dificuldades que tem, nossa cidade é uma cidade pequena, e a nossa escola tem hoje, 960 alunos, não é, e aí três de uma vez só, dois na mesma sala, pra nós foi assim, inédito, né, e realmente preconceito tem. E a gente às vezes não sabe lidar muito bem com a situação, né, a gente quer tratar igualmente, né, mas cê também fica com o pé atrás, sei lá, né, é difícil [...]. (Diretora).

Categoria APES - [...] Eu vinha calculando que nós tínhamos mais ou menos, 3 alunos por sala. De 35 alunos, 3 alunos com a homossexualidade bem clara. Nós vínhamos tendo mais ou menos isso. Agora, é, alguns que tem aparecido por último, que são um pouco mais afetados, eles são, como é que eu vou te dizer, até os professores se sentem ofendidos, assim sabe, se sentem assim tocados de uma forma, é, sabe, eles se sentem agredidos por aquilo, os professores. Sabe, eles chegam assim: “_ Há, aquele viado!”, sabe, uma coisa meio assim, ..., é bem chocante, mas enfim, é, nós temos discutido bastante sobre isso entre os professores, temos notado essa nossa dificuldade, reconhecemos já, já é uma grande coisa, né, e a partir daí, eu penso que, é, as próximas discussões vão começar a trazer resultado cada vez melhor [...]. (Pedagoga).

Categoria APES - [...] Olha, no geral, os professores discriminam. A gente fala: “_ Há não é discriminação, mas é”. Cê vê pelas conversas, é, pelos comentários que se faz, entendeu, inclusive um dos meninos, ele vem maquiado pra escola, aí o professor, já, sabe, então a gente sente assim, que, aqueles professores mais velhos de idade mesmo, já não aceitam, sabe, então aí, eles falam assim: “_ É, cê fala que aceita, porque não é teu filho!” E realmente daí, cê para pra pensar, será que se fosse meu filho, eu aceitaria? Eu, pra mim, eu fico sem resposta. Cê entendeu? Porque, eu respeito todos eles, eu tenho, sabe, o maior carinho por eles, mas eu não sei, será que se fosse um filho meu, eu realmente ia ter a mesma

postura? Então, a criação que a gente teve não foi pra isso, né?! Então a gente procura abrir a cabeça, mas ainda falta muito! [...] (Professora de Biologia).

Categoria APES - [...] Então todas essas coisas é crescimento pra gente, porque você vai excluir? Não pode, aí você tem que saber agir e combater o preconceito ainda, mas não é uma tarefa fácil não. E dizer que a gente tá livre disso? Ninguém tá livre, porque eu acho que em toda a comunidade enquanto ser, a gente tá propenso a tá vendo isso na nossa frente. A gente também não pode falar, na minha escola não vai acontecer, mesmo porque nós já tivemos casos aqui, e eu acredito que não para por aí, mas que é difícil, é, você trabalhar, você falar sobre isso, porque há muita resistência [...]. (Diretora).

Categoria ACES - [...] mas é uma questão que **a Secretaria de Educação tem trabalhado muito**, eles tem dado uma ênfase grande nesta questão, do homossexualismo e **a gente tem tentado na maneira do possível trabalhar com os professores, abrir o diálogo**. Muitas vezes **a gente trás pessoas de fora pra tá falando sobre o assunto**, porque o professor por mais que a gente coloque no currículo dele, no conteúdo oferecido, no plano de trabalho docente, ele tem muita dificuldade de trabalhar com estas questões [...]. (Diretora).

Categoria RES - [...] e quando assim, tem aluno que você percebe mas ele é reservado, agora tem aluno que desbunda mesmo, então a gente fala: “_ Olha, “menos”, “menos”, porque aqui é escola, procura ser mais reservado, e procura mostrar, né, pra ele que não é assim, com atitude deste jeito “escancarado” que ele vai, né, então, é assim, é uma opção dele, tudo bem... [...]. (Pedagoga).

Categoria RES - [...] este ano não aconteceu nenhum problema. Não aconteceu nada marcante, está dentro da normalidade [...]. (Diretora).

Categoria RES - [...] não há nenhum caso na escola, talvez porque são muito crianças e não deu tempo para se revelarem, porque há relatos de que depois que saem da escola aí sim se assumem. Enquanto estão na escola não tem dado este tipo de problema [...]. (Diretora).

Categoria APES - [...] E agora assim é o natural e a gente não tem mais aquela regra fechada, engessada que é assim, assim, agora são tantas coisas que aparecem, que você tem que aceitar e ir trabalhando, né, até tem coisas que a gente não aceita muito não, mas você tem que trabalhar, né [...]. (Pedagoga).

Categoria APES - [...] mas isso também eles acabam aceitando, porque é do próprio meio que surge uma pessoa assim, então, não pode discriminar, né? [...]. (Pedagoga).

Categoria RES - [...] porque eu acho assim, o homossexual, até nisso, quando o nível cultural dele é um pouquinho maior, ele se assume, ele se impõe, ele sabe se comportar, e quando o nível cultural dele é muito baixo, nem isso ele consegue, ele não sabe lidar com a situação, ele mesmo se exclui, ele não sabe se comportar, ele não sabe viver na comunidade, então daí ele acaba se excluindo [...]. (Diretora).

Categoria APES - [...] tem uma professora que tem um filho homossexual, mas prefere não falar no filho, como se ele não existisse. Enquanto cada um não vencer seu próprio preconceito, as mudanças vão demorar para acontecer, inclusive na escola, porque as situações de preconceito também aparecem e é muito ruim para um aluno homossexual. [...]. (Diretora).

Categoria RES - [...] agora a coisa já tá mais liberada, e então, os professores estão vendo claramente e alguns alunos estão se declarando mesmo homossexuais, né, mas isso choca muito. Ainda choca, apesar da gente estar conversando e tá vendo que, é, a gente precisa entender de uma forma diferente essa sexualidade que, não é aquela dita normal por eles, né, que normal pra eles seria só os heteros [...]. (Pedagoga).

Categoria APES - [...] a escola insere estes alunos aparentemente sem diferença nenhuma, é um pano de fundo, né, mas depois quando a gente tá em grupinho discutindo, a gente escuta: “_ Mas porque é que aceita, porque não manda transferir, manda sair daqui, manda pra outro lugar!”. Nós temos aqui uns 8 professores bem resistentes e eu acho que a gente tem

que aprender a enfrentar isso, porque dentro da parâmetro da educação inclusiva a gente tem que inserir, porque muita gente acha que educação inclusiva é pra deficiente, mas a inclusão é para todas as pessoas, a escola é para todos... [...]. (Pedagoga).

Categoria AAES - *[...] a gente precisa aprender a abrir, né, pra enxergar as exceções aí e lidar com isso. A gente tem que aprender a lidar com isso. Porque nós não sabemos [...]. (Pedagoga).*

Categoria RES - *[...] Porque se a gente pudesse, eu não tô dizendo eu necessariamente, mas o grupo, né, é, talvez a tendência fosse estar excluindo essas pessoas, sabe, existe esta resistência sim [...]. (Pedagoga).*

Categoria APES - *[...] Porque por mais que você se prepare, quando você se depara com a situação, ainda é questão de insegurança, porque você tem que pensar como agir, porque você não pode fazer qualquer coisa se você não estiver direcionado, você também não pode ir por acertos, você tem que ir na certeza, como agir. Não é comum, é uma novidade, nós estamos assim, na rua no nosso trabalho, e não pode parar por aí essa questão, ela tem que ser discutida mesmo, a gente vai incutindo aos poucos e pra aceitação total ainda tem que ser incutido e muito ainda, e eu percebi que muitas pessoas da nossa área ignoram o fato, e lá dentro da sala de aula, quando esses professores estiverem, não vão tá passando pro outro que isso é normal, então a questão de casal homem e mulher não faz diferença, como é que vai ser, então a gente via muita discussão, mas nada ficou decidido a esse respeito. É uma coisa que a gente tá buscando, mas quando você se deparar com a realidade, a coisa vai complicar, e ainda tá longe de chegar a um consenso [...]. (Diretora).*

Categoria RES - *[...] mas aqui na nossa cidade tá cheio, muitas vezes a gente não quer falar sobre o assunto [...]. (Diretora).*

Categoria APES - *[...] É muito difícil pra alguns, sabe que toda mudança tem resistência e tem professor, principalmente os homens, muito machões, eles têm dificuldade de conviver com esse novo modelo, mas faz parte da diversidade e nós temos que acatar, sem discriminação, com um olhar talvez um pouco diferenciado, mas tem que entender, né? Em geral os professores não aceitam os mais alegres, os mais divertidos, vira e mexe a gente ouve aquela frase discriminatória, “aquelas bichosas na sala e tal”, mas com o tempo vai aprendendo, vai enfrentando e vai chegando lá [...]. (Pedagoga).*

Categoria RES - *[...] De vez em quando tem, mas não atrapalha não! Tem assim, um mais afeminado, mas ele passa por aqui os 4 anos, com toda a feminilidade dele, mas não atrapalha. Não incomoda as pessoas, às vezes a gente percebe, porque tem uns gestos meio diferentes, mas nada comprometedor [...]. (Diretora).*

A partir das ‘Atitudes da escola frente a episódios referentes aos homossexuais’, convenciamos outra subdimensão, com os seguintes critérios para as categorias:

Categoria RES - Não soube lidar: seria aplicada aos casos em que diante dos episódios **a escola não soube como enfrentar alguma situação, por preconceito ou por descaso.**

Categoria APES - Não se manifestou oficialmente, mas defendeu o aluno: seria aplicada aos casos em que diante dos episódios **a escola preferiu não chamar a atenção interna ou externamente, mas foi competente em defender o aluno.**

Categoria AAES - Defendeu o aluno e conscientizou os demais: seria aplicada aos casos em que diante dos episódios **a escola chamou a atenção interna ou externamente,**

aproveitando a oportunidade para defender o aluno e conscientizar os demais sobre a aceitação e respeito que deve existir no ambiente escolar.

Categoria ACES - Propõe um atendimento sistemático: haveria **maior sensibilidade** com as questões e episódios relacionados aos homossexuais, **com a iniciativa de fazer atendimentos sistemáticos para conscientizar e reduzir o preconceito dentro da escola.**

Para esta subdimensão, temos os trechos das entrevistas e dos questionários associando-os às categorias:

Categoria AAES - [...] *já chamei a atenção dos alunos que estavam humilhando colegas “diferentes” com apelidos maldosos [...].* (Professor de Matemática).

Categoria RES - [...] *O caso dos homossexuais passa despercebido, quase... então, mas o fato é que nós professores, temos boas intenções, mas é que as vezes a vida é tão atropelada que você não tem como parar e estudar este caso, ver o que você pode fazer [...].* (Diretora).

Categoria AAES - [...] *Teve um episódio em que na ausência de um aluno, o mesmo foi alvo de ataques por outros colegas na sala, que o chamavam de gay, veado. Minha reação foi conversar com a turma para que respeitasse o colega em sua opção sexual, pois desta forma estariam ajudando em sua autoestima. Acho que nossa função é fazer este tipo de papel quando é necessário [...].* (Professor de Artes).

Categoria AAES - [...] *sempre que tem brincadeiras envolvendo alunos que zombam outros por seu jeito homossexual, aproveito para discutir sobre esta temática com os alunos [...].* (Professor de Português).

Categoria AAES - [...] *Quanto à homossexualidade e diversidade sexual, acredito que há muito preconceito, pois já tiveram casos de alunos homossexuais na escola, inclusive ainda crianças com 10, 11 anos já apontando para a opção sexual e quando a gente detecta alguma mudança chama os pais e professores para ajudar no nosso trabalho, porque infelizmente a sociedade ainda discrimina muito [...].* (Diretora).

Categoria AAES - [...] *E isso pra nós, que vivemos numa sociedade, daí eu falei pra aluna, tal, não é natural, mas existem casos de homossexualismo desde, ao longo da história, então você vai ter um preconceito por uma pessoa que talvez é o normal, e a gente talvez é o que seria diferente. Então, não, você tem que tratar ela como igual. Daí ela falou: “_ Ai, mas vai que ela quer ficar comigo, queira ficar comigo?”. Ai eu falei: “_ Não, as pessoas, já ouviu aquela frase onde, é, que diz que os opostos se atraem, mas muita gente contesta isso, quer dizer, porque você tem afinidade com a outra pessoa. Porque você encontra um namorado, porque você tem afinidade. Porque que você tem amiga, porque você tem afinidade. E se ela tem este comportamento, ela não vai procurar pessoas que não tem essa mesma afinidade” [...].* (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] *dois alunos do noturno, um gay e uma lésbica, quando soube dos casos de abertura para que eles pudessem dialogar sobre o assunto e assim pudemos conversar sobre preconceito e outros assuntos [...].* (Professor de História).

Categoria AAES - [...] *na sala de aula existem momentos de algum tipo de brincadeira com alunos diferentes e quando acontecia eu conversava sobre o assunto [...].* (Professor de Geografia).

Categoria AAES - [...] *Dentro da sala de aula algumas situações desagradáveis como piadinhas, palavrões, indiferenças, desprezo. Nestas situações buscamos reforçar o respeito pelo ser humano, independente de sua escolha sexual [...].* (Professor de Português).

Categoria RES - [...] *o ano passado tivemos alunos com um comportamento completamente diferente, que a gente assim, a princípio assusta, né, mas que assim, E aí o aluno fica discriminado na escola, porque daí usava tiara, rímel, o olho pintado, andava abraçado com*

as meninas, não é, então esse comportamento a gente assusta um pouco porque não é natural. Um ou outro meio discretamente, mas o ano passado foram três casos declarados mesmo, é, de pintar o olho, e rímel e calça baixa com cinta, então a gente assusta um pouco... [...]. (Diretora).

Categoria RES - *[...] tem situações sobre preconceito com os homossexuais em sala de aula, com frequência elevada. O que eu posso fazer para contornar eu faço, mas não é muita coisa, porque não tem a ver com a minha disciplina [...]. (Professor de Matemática).*

Categoria RES - *[...] Na festa de formatura da 8ª série, algumas meninas incitadas pela música funk começaram a ficar com meninos e depois também ficavam com meninas. Foi um horror, porque quem é mesmo, não fica fazendo esse tipo de exibição. O que elas são é sem-vergonha mesmo e por isso mesmo não gosto de falar sobre estes assuntos [...]. (Professora de Português).*

Categoria ACES - *[...] porque os alunos são bem machistas. Agora não está mais aqui, mas nós tínhamos um aluno que entrou aqui na 5ª e agora está no ensino médio e ele adorava ser delicado e adorava que os outros falassem que ele era delicado, sei lá, a tendência dele acho que era mais tarde assumir alguma postura diferente. E a gente já nota que quando a criança tá lá na 3ª, 4ª série, começa a ter as manifestações, já vem de dentro, é uma coisa que vai amadurecendo, do mesmo jeito que a personalidade vai amadurecendo, eles também vão amadurecendo. Não é uma doença que tem cura, não tem terapia ou apoio psicológico que vai resolver. Eu vou trazer alguém pra cá justamente para trabalhar estas questões de homofobia com os alunos [...]. (Professora de Ciências).*

Categoria RES - *[...] eu sei lá, parece que eles também querem ser rotulados, fazem questão de que realmente todos saibam, porque daí, pinta aquele olho, tira a sobrancelha, né, coloca aquelas faixas no cabelo assim, e tudo, e anda exageradamente afeminado, né, as mulheres não andam daquele jeito, é complicado! Mas, a gente tenta meio timidamente, tratar igual, né, não permitir que caia no ridículo, que seja motivo de chacota, mas, né, o que mais a gente pode fazer?... [...]. (Diretora).*

Dimensão ‘Pedofilia/Prostituição infantil’

Durante as entrevistas com as pessoas responsáveis da escola encontramos que em algumas delas havia casos de ‘Pedofilia/Prostituição infantil’. Considerando que esta situação tinha forte relação com a temática da ES, a escolhemos como uma dimensão relevante de nossa análise e elaboramos a figura 6, para apontar as relações estabelecidas entre dimensão, subdimensões e categorias, que serão detalhadas na sequência:

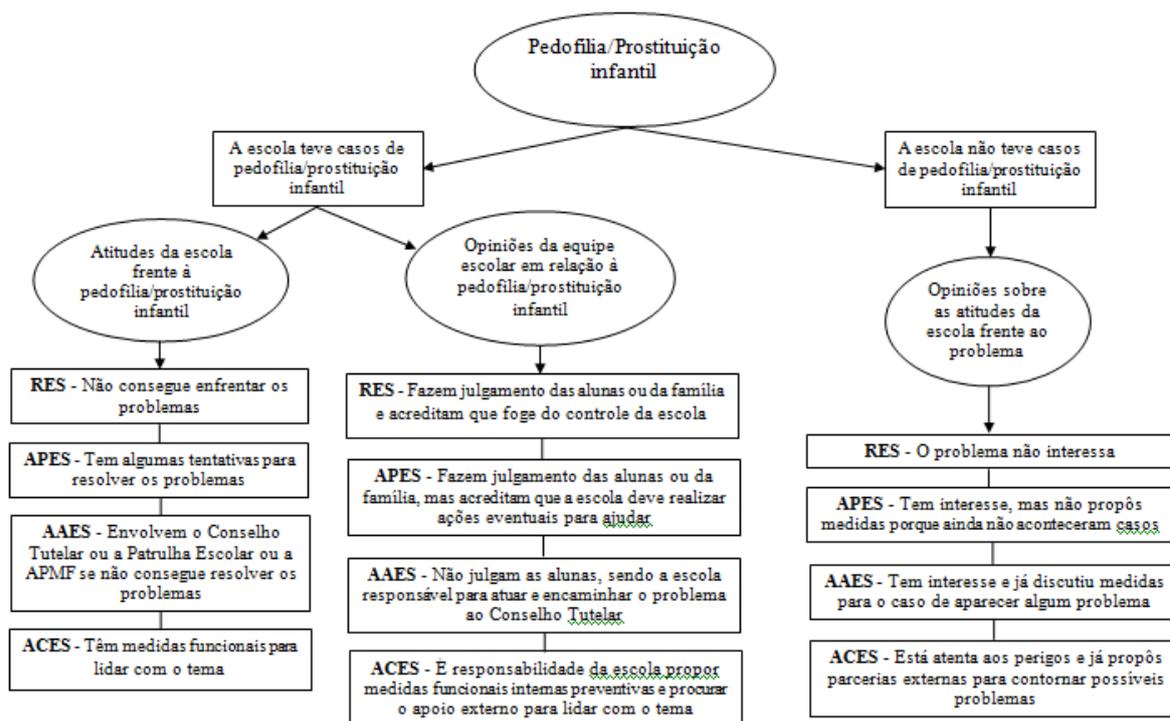


Figura 6 – ‘Pedofilia/Prostituição infantil’ como enfoque na escola

Como observado no esquema, distinguimos dois casos (duas categorias), ‘Dependendo da escola já ter enfrentado ou não este problema’. No primeiro caso, preocupados em entender quais haviam sido as atitudes da escola frente tais situações e como consideravam o problema, propusemos duas subdimensões. A primeira refere-se às atitudes e decisões tomadas na ocasião do evento e a segunda refere-se ao julgamento da situação. Para a primeira subdimensão, ‘Atitudes da escola frente à pedofilia/prostituição infantil’, propusemos como critérios para as quatro categorias:

Categoria RES - Não consegue enfrentar os problemas: haveria **alguns impasses** como preconceito, medo de represálias, insegurança, que **impediriam da escola tomar posição e enfrentar os problemas sobre o tema.**

Categoria APES - Tem algumas tentativas para resolver os problemas: haveria **algumas tentativas eventuais de impedir** com que as alunas continuassem nos esquemas de pedofilia e prostituição, pela orientação e conversas diretas. Contudo, **não haveria nenhuma ação oficial para resolver os problemas**, com receio de ultrapassar os limites da escola ou sofrer pressões.

Categoria AAES - Envolvem o Conselho Tutelar ou a Patrulha Escolar ou a APMF se não consegue resolver os problemas: haveria **o esforço e o compromisso de resolver os problemas**, recorrendo ao Conselho Tutelar, ou à Patrulha Escolar, ou à APMF **para auxiliar no enfrentamento das situações, inclusive quando ultrapassam os limites da escola.**

Categoria ACES - Têm medidas funcionais para lidar com o tema: haveria a união dos professores com auxílio de parceiros externos **para discutir, encontrar e aplicar medidas funcionais, inclusive preventivas**, para lidar com o tema.

Seguem os trechos ou unidades de análise e as categorias relacionadas:

Categoria APES - [...] *Diante de todas as situações graves que nós vivemos com nossas alunas aqui na escola, de pedofilia, prostituição, das meninas assanhadas, a gente tenta, a gente conversa, a gente ensina, mas eu acho que é o meio social que elas vivem [...].* (Diretora).

Categoria RES - [...] *só tem que tomar cuidado para que um problema que era controlado aqui passa o portão, vai pra rua. Daí a gente não consegue mais fazer nada [...].* (Pedagoga).

Categoria RES - [...] *Às vezes a gente até sabe alguns nomes, mas pra elas a gente não fala não, porque se falar elas batem pra eles, e aí..., sei lá eu tenho medo, vai saber do que eles são capazes? A gente tem filho pra rua, até a gente na rua e outra coisa, cai na boca de um homem, aí pra te difamar, pra acabar com você, cê já viu, né, ... É por isso que os professores ficam meio assim. “_ Gente, não deixa falar nome dentro da sala”, porque se fala nome, aí, a professora falou, não falam que foi a fulana ou a ciclana, não, a professora falou o nome do fulano [...].* (Diretora).

Categoria APES - [...] *O ano passado era na 5ª feira o “dia do encontro”. Era na 5ª feira, então elas vinham pra escola, mas elas não ficavam aqui. Elas iam pra esta chácara aí. E*

esse menininho, que eu falei pra você que era o porteiro, é numa chácara, e o fundo dela é no fundo do rio das Antas, então elas saíam pelo fundo, e caía até dentro do rio, minha filha, se machucavam até pra fugir. Teve a polícia, mas a polícia nunca pegou. É muito grave, é muito grave. A gente tenta, elas ficam meio assim, mas depois elas se abrem, a gente conversa e tem a vontade de ensinar, só que esta situação é muito difícil de ser resolvida [...]. (Diretora).

Categoria AAES - [...] quando é necessário, **convocamos a APMF**, que é muito ativa, para que os auxiliem no trabalho **junto à família, ao Conselho Tutelar, à Promotoria em casos gravíssimos como da pedofilia** [...]. (Diretora).

Categoria APES - [...] se ele tá desvirtuado de alguma forma, se ele busca a escola, a escola tem que reorientá-lo, reencaminhá-lo, fazer tudo aquilo que tiver no alcance da escola, para que ele seja inserido na sociedade como um cidadão [...]. (Pedagoga).

Categoria APES - [...] No começo, quando elas falavam que estavam passando muito mal e tal, algumas vezes a gente até deixou sair mesmo, mas sem saber do que tava acontecendo, depois, quando nós descobrimos, não, porque daí a gente já sabia: “_ Ó, fulana veio te pedir pra ir embora, mas ó, a outra também tá lá, de tal jeito, diz que tá com dor de cabeça, mas cuida...”. “_ Há, então não vamos deixar!”. Porque às vezes cê tá com aluno doente mesmo, né, depois que nós fomos descobrindo, aí depois que a gente descobriu não saiu mais, e nem se chegasse atrasado ia ficar lá fora, ia ficar aqui dentro, o castigo era ficar aqui dentro. Porque elas tinham o prazer em não entrar. E a gente ficava cuidando para tentar fazer com que elas saíssem do esquema, mas a gente não podia conversar diretamente sobre isso [...]. (Diretora).

Categoria APES - [...] Tinha um senhor, teve um dia que eu perguntei até, quando você vai ficando com mais liberdade: “_ Mas escuta, ele funciona?”. “_ Não, a gente fica sem roupa, ele fica passando a mão no seio da gente ..., as vezes nem realiza o ato em si, passa a mão, daí a gente nada pelada, e assim, junto com ele, fica assim”. Você já pensou? Fazem isso por causa do dinheiro. Eles também dão celular de última geração, celular que às vezes a gente não consegue comprar. E elas só falam o nome deles quando elas se sentem bem seguras, porque eles são casados e conhecidos na cidade. E para os professores, como elas se sentem mais próximas, elas contam, quanto que paga, cê vai ganhando a confiança e elas vão contando, quanto que paga, como que faz, tudo. E os nossos professores tentam ajudar dando orientação. Agora, não dá para gente dar muita confiança porque e depois, como é que a gente fica se eles souberem que a gente sabe? [...]. (Diretora).

Categoria APES - [...] Agora, a nossa maior preocupação é a Aids, então a gente, não adianta você dar lição de moral, que este tipo, que isso não funciona, então a gente fala dos cuidados que eles tem que ter, se eles usam camisinha, pra não ficar trocando de parceiro, mas pelo que a gente sabe, isso não se aplica, principalmente, porque alguns que vão lá são velhos, cê vê, e geralmente o velho não quer muito usar camisinha, né, ele tem receio, e eu acho que já nem funciona direito, então a camisinha impede. Mas você não pede pra usar? “_ Peço, mas eles não gostam...”, complicado! [...]. (Diretora).

Categoria APES - [...] quando vem a palestra a gente passa pra todos, porque, porque aqui, eles começam muito cedo, né, desde a 5ª série, é o que a gente tava falando, tem casos de prostituição, tem casos de meninas que a gente sabe que é muito avançado, se eles fazem eu não sei, mas que eles comentam, comentam... [...]. (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] É difícil porque a escola já tem muitos atributos. Você entendeu? Então acaba tudo virando pra escola. É o que a gente sempre pede, teve uma época que a gente pedia muito pro Conselho Tutelar nos ajudar porque tem coisa que a escola não pode fazer, não é, eu não vou sair por exemplo, vigiando um aluno, mas eles podem fazer isso. Eles podem chegar na casa do pai, contar aonde o filho tava, que o filho não pode ficar na rua,

este tipo de coisa, e a escola não pode. Porque é complicado. Então é tudo pra escola, tudo pra escola [...]. (Diretora).

Categoria RES - *[...] Sobre os casos de envolvimento de alunas com a pedofilia eu não posso contar maiores detalhes porque infelizmente em algumas situações não há o que a escola possa fazer, e o tempo que o adolescente passa dentro da escola, quatro horas por dia, é pouco em relação ao restante do dia, mais finais de semana e férias, por isso mesmo, a influência externa é muito maior [...]. (Diretora).*

Categoria RES - *[...] tudo se vira contra o professor, então é muito fácil, pra se defender, o aluno faz qualquer coisa, então ele acaba acusando a escola, a escola que não fez direito: “_ Ai, mas não foi bem assim...”, então a gente tem um pouco de receio sim, porque sabemos o que aconteceu, né, então a gente fica assim... E quando se trata em homem mais velho e casado e de repente até com um pouquinho mais de dinheiro, não sei também, a gente fica com mais medo ainda, porque eles também são capaz de qualquer coisa pra continuar em paz com a família, pra manter a sua posição, aí cê fica meio assustada, aí cê pensa: “_ Será que eu vou mexer com isso?” [...]. (Diretora).*

Categoria RES - *[...] e normalmente os que dão trabalho, dão trabalho na disciplina, na aprendizagem e até nessas outras questões, com drogas, com vício, pedofilia, coisa assim, são os fora da idade regular para as séries, então é aquele aluno que começa a estudar e para, começa e para. Aí o que é que a gente fez, na verdade se a gente pegar no pé deles, se a gente for bem rígido, eles acabam abandonando [...]. (Diretora).*

Categoria APES - *[...] foi muito complicado para nós, e a gente sem saber muito o que fazer, tentando coibir, porque até que a polícia não estourasse o esquema dos pedófilos, da chácara, eles ficavam de olho nas meninas e daí quando eles viam uma amiguinha que tava vindo pra escola, junto com aquelas que já estavam envolvidas, bonitinha, ajeitadinha, já convidava pra fazer programa. A coisa era muito rápida e tudo por R\$10,00, que para elas faz diferença [...]. (Diretora).*

Categoria RES - *[...] Na nossa escola se acalmou, quando eu assumi era muito pior. Tinha uma menina que ela era cafetina, ela levava as outras menores. Então ela veio estudar aqui só pra levar as outras. Na escola nós estamos mais calmos, eles já tiveram épocas piores aqui. Mas o que a gente sente é que antes eram meninas de 7ª, 8ª, hoje a gente já tem as meninas de 5ª. O ano passado nós tivemos informação que tinha menina de 4ª série. Então tá cada vez mais cedo, mas diminuiu um pouco. O que acontece é que eu acho que os pais deixam sair assim muito fácil. Uma menina de 13 anos, cê não vai deixar a menina de 13 anos na rua, né, então diz que as vezes elas dormem até fora de casa. Então como é que a gente pode ter algum controle sobre estas meninas? [...]. (Diretora).*

A segunda subdimensão refere-se às ‘Opiniões da equipe escolar em relação ao problema da pedofilia e prostituição infantil’. Apresentamos os critérios relacionados a cada categoria:

Categoria RES - Fazem julgamento das alunas ou da família e acreditam que foge do controle da escola: **o problema não teria relação com a escola e haveria o julgamento moral dos atos das meninas.** A **responsabilidade e culpabilidade** em geral seria **atribuída a elas e às famílias.**

Categoria APES - Fazem julgamento das alunas ou da família, mas acreditam que a escola deve realizar ações eventuais para ajudar: **haveria o julgamento moral dos atos das**

meninas, tentando responsabilizar a elas ou às famílias, contudo **a escola não deveria se furtrar em realizar ações eventuais** como a discussão interna sobre o tema entre os professores ou a orientação aos alunos.

Categoria AAES - Não julgam as alunas, sendo a escola responsável para atuar e encaminhar o problema ao Conselho Tutelar: **não haveria o julgamento moral dos atos das meninas sendo a escola considerada responsável por enfrentar o problema**, inclusive com o auxílio externo do Conselho Tutelar.

Categoria ACES - É responsabilidade da escola propor medidas funcionais internas preventivas e procurar o apoio externo para lidar com o tema: haveria o entendimento **de que a escola também teria responsabilidade nestes casos, inclusive na promoção de medidas preventivas e na educação sistemática**. Seria dever da coletividade interna propor medidas funcionais, buscando as parcerias e o apoio externo para lidar com o tema.

Como categorias associadas aos trechos das entrevistas temos:

Categoria RES - [...] *na situação dos pedófilos, que a gente sabe, eu acho que elas têm ciência de que estão erradas, porque que elas não falam abertamente, porque que elas reservam o nome deles? Cê entendeu? Então, elas já sabem que não pode, que a polícia já foi lá, que elas já saíram correndo de lá é porque tá errado. Agora, como elas entraram nisso, às vezes, judiação, não tem noção, quando cê vê já tá no meio, né, acabou caindo [...].* (Diretora).

Categoria RES - [...] *embora a gente saiba que são assim por causa da família, às vezes a gente fica frustrada, podia ter feito alguma coisa, mas escorre pelas mãos... [...].* (Diretora).

Categoria RES - [...] *Mas o que mais assustam são as meninas de programa, isso é o que mais assusta! São muito novas! Mas eu acredito que aqui no nosso caso, que é o meio social e família, né? Tem muito cortador de cana, vai pra roça, outras já são deste meio, tem um monte de filho, cada um de um pai, namora, leva pra casa, transa, daí é todo mundo junto. Transou, fica, transa, no outro dia nem olha na cara... Então isso já é, na minha concepção, errado. Por exemplo, se quer fazer, faz, mas seu lar é inviolável! Então eles já vão crescendo com isso, eles acham normal! [...].* (Diretora).

Categoria RES - [...] *então algumas você vê que até tem solução, que a mãe cuida e tal, até sai dessa vida, mas isso é assim, uma ou outra, e a maioria continua, às vezes a mãe sai cedo, vai pra roça, nem sabe o que é que acontece, ... , uma judiação! Mas eu acho que é o meio social que elas vivem, e o que a escola pode fazer? [...].* (Diretora).

Categoria RES - [...] *A respeito das conversas com os pais ou responsáveis pelos alunos problema, como a menina assanhada e as meninas da chácara, a escola efetua tentativas de mostrar que são eles que deveriam tomar providências e não a escola [...].* (Professora de Ciências).

Categoria RES - [...] *Essas situações de prostituição, a gente percebe também que é porque elas são meio assim, baixa, né? Própria do meio deles, do subúrbio, porque o marido tomou a tia, não sei o quê, uma condição bastante social, também [...].* (Professora de Ciências).

Categoria RES - [...] *Nós tivemos, com estes alunos que desistiram, que abandonaram por causa de droga, de gravidez, de prostituição, nós ainda temos bastante casos na comunidade, que agora exatamente não estão mais na escola, mas que vê que não estão porque não querem ser cobrados, então daí acabam evadindo. E você vê que com os pais nós não estamos conseguindo chegar e eles não dão conta dos filhos [...].* (Diretora).

Categoria RES - [...] tudo é prioridade, pra depois a escola. Não tem perspectiva, mas daí é uma questão cultural, tem a ver com o nível cultural deles, não tem o que a gente fazer. Não conseguimos fazer mais do que isso porque daí cê vai barateando o ensino, sabe, porque aí cê vai tentando entender, tentando entender o problema de cada um, mas daí até que ponto? [...]. (Diretora).

Categoria RES - [...] Muitas coisas que acarretam chegar neste ponto de descontrole por parte das meninas, volto a insistir, é por causa da desestrutura. Dá pra contar quantas famílias tem o pai, a mãe, os filhos do mesmo casal, são poucos. Geralmente é segundo casamento, ou mora com a vó. De manhã mesmo os pais são mais preocupados, procuram mais, e a maioria dos pais dos alunos da tarde trabalham na roça e é difícil acompanhar os filhos na escola... [...]. (Professora de Ciências).

Categoria APES - [...] a informação e orientação são medidas que a escola tem de chegar até os alunos, então a conclusão é que o fator social, a procedência familiar e o ambiente em que vivem, que leva pra outro lado e o nosso trabalho fica inacabado [...]. (Diretora).

Categoria APES - [...] há casos de prostituição infantil na região, com envolvimento de alunas da escola, o que é inconcebível, mas o que fazemos? Tentamos encontrar uma solução, discutimos com os professores, fazemos orientação, só que precisaríamos não só dos esforços da escola, mas também do município, do bairro, com o apoio de todos, escola, igreja, família [...]. (Diretora).

Categoria RES - [...] a questão é familiar, não tô dizendo financeiro, é social cultural mesmo. Hoje a gente pensa que em qualquer estabelecimento, é familiar mesmo. É a base. É a instituição que determina. E o reflexo disto tudo aparece na escola [...]. (Diretora).

Categoria APES - [...] Porque a gente faz assim, detectou, o que a escola pode fazer é o papel de sondagem, numa conversa informal, professor-aluno, ou dois alunos, vai conversando e acontece de descobrir algum problema, porque a coisa explode na escola. Agora que isso está cada vez mais, é deprimente a gente ver o comportamento das meninas, vem tatuadas, muito expostas e caem na prostituição, envolvimento com drogas, programas, sem controle. Eu falo: “_ Gente, aonde é que nós vamos parar!” [...]. (Diretora).

Categoria RES - [...] porque a questão familiar é o norte de tudo, infelizmente, porque dali sai a prostituição, a gravidez, a pedofilia e assim vai [...]. (Diretora).

Categoria APES - [...] também tem que lembrar que tem muitas famílias desestruturadas e a gente tem que tentar amenizar isso da melhor forma possível, que cabe a nós fazer é a orientação, o aconselhamento... [...]. (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] então essas coisas ficam mais a mostra, né, pra gente. E aí, esses casos vão geralmente pra Conselho Tutelar, né, eles levam, para auxiliar a escola e os pais a tomar providências [...]. (Pedagoga).

Quando ‘A escola não teve casos de pedofilia/prostituição infantil’, relacionamos outra subdimensão para investigar quais seriam as ‘Opiniões sobre as atitudes da escola frente ao problema’. Os critérios para as categorias ficaram assim:

Categoria RES - O problema não interessa: **não haveria o interesse da escola em resolver os problemas**, por acreditar que não seria de sua competência.

Categoria APES - Tem interesse, mas não propôs medidas porque ainda não aconteceram casos: haveria o interesse da escola em resolver os problemas **mediante ações eventuais, inclusive aguardando a chegada dos mesmos** para então propor as medidas cabíveis.

Categoria AAES - Tem interesse e já discutiu medidas para o caso de aparecer algum problema: por saber da possível ocorrência de casos a escola manifestaria o interesse em resolver os problemas, **promovendo ações sistemáticas** como a discussão interna entre os professores, para lidar eficazmente com o tema.

Categoria ACES - Está atenta aos perigos e já propôs parcerias externas para contornar possíveis problemas: antecipando-se aos casos, **além do planejamento interno preventivo**, a escola **procuraria parceiros externos** para estabelecer ações concretas e resolver os problemas de forma imediata.

Apontamos um trecho de entrevista relacionado a esta subdimensão:

Categoria RES - *[...] se a escola tiver alguma situação complicada assim não tem estrutura nem vontade de arranjar soluções [...].* (Professora de Ciências).

Dimensão ‘Promover ações de Educação Sexual (ES)’

Ao fazermos a sondagem com os professores das escolas percebemos que seria importante considerar a ‘Promoção de Ações de Educação Sexual (ES)’, por isso escolhemos esse tema como dimensão, dividindo-a em três subdimensões, conforme aponta a figura 7, com as categorias relacionadas:

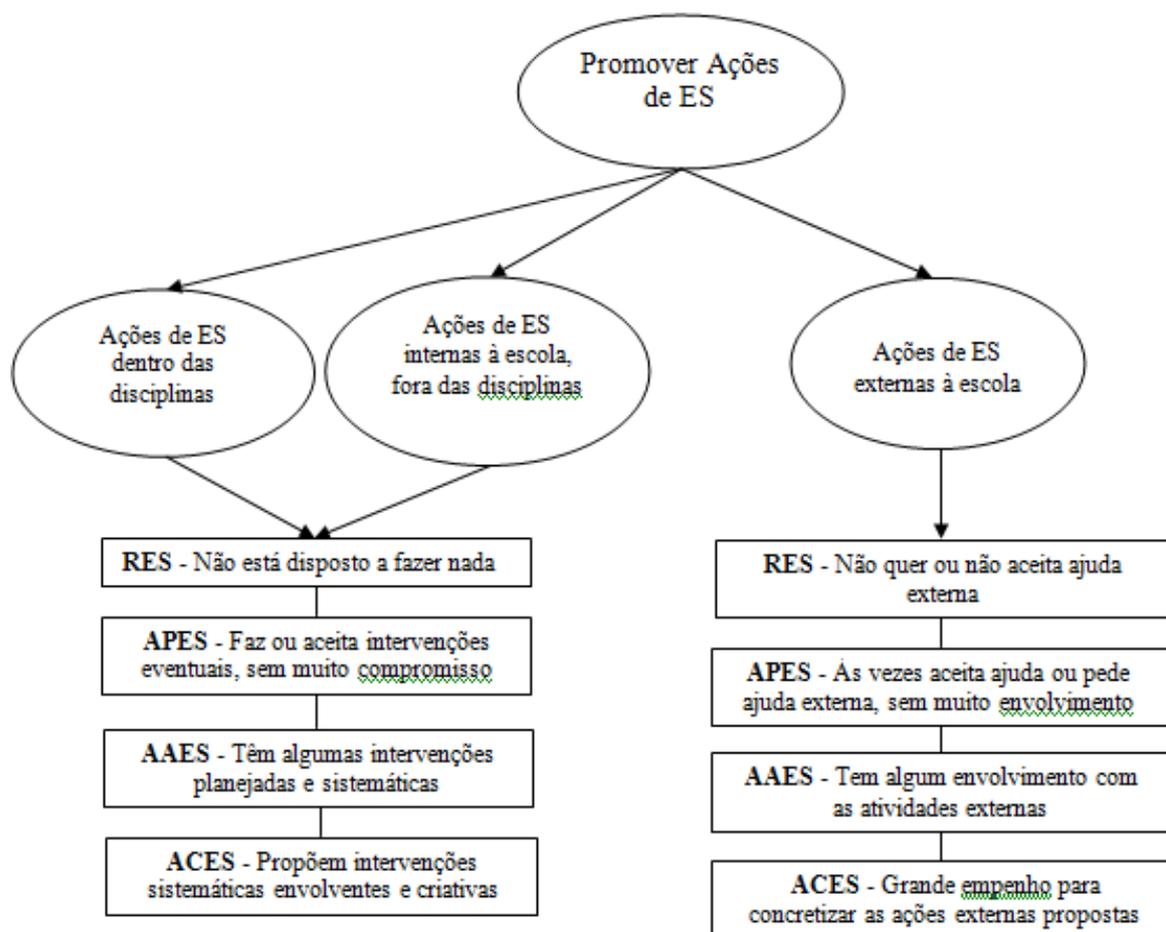


Figura 7 – ‘Promover ações de Educação Sexual (ES)’ na escola

Conforme o esquema, a primeira subdimensão criada diz respeito às ‘Ações de ES desenvolvidas no interior das disciplinas’ (principalmente Ciências/Biologia). A segunda subdimensão refere-se às ações de ES também internas à escola, realizadas por docentes da escola, porém desenvolvidas fora do currículo das disciplinas em espaços comuns (‘Ações de ES internas à escola, fora das disciplinas’). A terceira subdimensão refere-se às ações de ES realizadas por profissionais não pertencentes à escola mediante palestras e oficinas trazidas pelo convite de algum professor da escola ou pela oferta de outras pessoas ou instituições de ensino e/ou saúde (‘Ações de ES externas à escola’).

Ressalto que a maioria dos trechos que iremos relacionar com as três subdimensões foi proveniente das entrevistas com os professores de Ciências ou Biologia. Para algumas respostas especifiquei a área do professor quando julguei relevante, sobretudo àquelas extraídas dos questionários, já que englobaram professores de outras áreas do conhecimento, para perceber seu envolvimento com a temática. Para as primeiras duas subdimensões, propusemos como critérios relacionados às quatro categorias:

Categoria RES - Não está disposto a fazer nada: haveria **indisposição para concretizar ações de ES**, por não considerar importante, por insegurança, incompetência, por não querer diminuir o espaço do currículo oficial disciplinar ou por **não considerar que seja papel da escola**.

Categoria APES - Faz intervenções ou aceita intervenções eventuais, sem muito compromisso: utilizaria **momentos oportunos para inserir a temática e fazer a intervenção**, em maior ou menor profundidade, **sem planejamento ou preparo prévio** para atender a questões mais complexas. Consideraria que **a família ou a saúde** deveriam **promover as ações de ES** e **a escola faria a complementação**.

Categoria AAES - Têm algumas intervenções planejadas e sistemáticas: haveria **disposição para fazer intervenções mais frequentes**, em geral porque teria maior dedicação ao preparo das ações ou porque estaria **mais atento às necessidades dos alunos** e porque consideraria como **função da escola desenvolver ações de ES**, mesmo reconhecendo que a família e a saúde deveriam atuar em parceria.

Categoria ACES - Propõem intervenções sistemáticas envolventes e criativas: proporia **intervenções planejadas** para abordagem de temas da sexualidade, com a utilização de métodos, **materiais e recursos envolventes e atrativos aos alunos**, com criatividade para aproximar e favorecer a apreensão dos conteúdos relacionados. Haveria a **preocupação de estabelecer parceria consolidada com a família e órgãos ligados à saúde como a Secretaria do Município**.

Abaixo os trechos que recortamos das entrevistas para a primeira subdimensão:

Categoria APES - [...] a sexualidade tá relacionada a tudo: é a questão do corpo, é a higiene que **você tem que trabalhar na sala**, do comportamento, do respeito, do amor próprio. Porque muita criança perde o amor próprio, não valoriza, **todas estas questãozinhas a gente tem que ir vendo** [...]. (Professora de Ciências).

Categoria APES - [...] não pode ser acabado, o trabalho de sexualidade tem que ser contínuo. Às vezes você tá falando de Física, numa atividade de velocidade média na 8ª série e surge o assunto: “_ Professora, o fulano passou a mão na minha bunda!”. Daí você tem que parar a aula e orientar para aquela situação que está envolvida com a sexualidade mesmo [...]. (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] **Eu faço minha parte**, ao que ainda está ao meu alcance, explicando na 7ª e 8ª série **dentro da sala de aula** [...]. (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] O conteúdo da sexualidade, é eu trabalhar não só a questão biológica, mas essa questão social, a questão afetiva, né, nestas relações que ocorrem, é, o que a ciência diz a respeito, então tem que ter um contexto histórico e teórico sobre, deixar bem fundamentado, então tem que lembrar isso toda a minha aula em que abordo o tema, o que as pesquisas revelaram sobre, e aí, pra você não cair no senso comum [...]. (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] eu tento direcionar nas aulas justamente pra identificar o que é que tá acontecendo na adolescência que é um tempo de mudança, é um pouco complexo pra eles, porque eles não compreendem muito bem pelo que estão passando e ainda porque sexualidade não é sexo, né, abrange toda a questão do gostar, né, do sentir-se bem, querer ter algo que te agrada, ter qualidade de vida, e é em função disto que eu vou, aí entram outras coisas por consequência. Então, primeiro se gostar, se reconhecer enquanto pessoa, se amar, né, e daí tirar outras coisas que também entram na questão das relações humanas, eu gosto de trabalhar assim [...]. (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] A partir de pedidos dos alunos para que tivessem aula de educação sexual, em algumas aulas fiz direcionamentos mais expressivos no que dizia respeito às mudanças físicas e de comportamento, incluindo o tema aborto [...]. (Professora de Ciências).

Categoria APES - [...] aproveito quando surgem comentários sobre a temática entre os alunos, para conversar e esclarecer dúvidas que estão a meu alcance [...]. (Professor de Geografia).

Categoria APES - [...] quando consigo, reforço o trabalho da professora de Ciências, trabalhando com textos que relacionem a temática na minha disciplina [...]. (Professor de Português).

Categoria APES - [...] ao perceber palavras de baixo calão proferidas pelos alunos em sala de aula referindo-se aos órgãos genitais masculino e feminino, parava com o conteúdo para orientar o uso de expressões mais adequadas no ambiente escolar [...]. (Professor de Matemática).

Categoria RES - [...] não insiro a temática em minhas aulas porque **tenho insegurança de abordar o assunto** e porque **não tenho formação específica** [...]. (Professor de Matemática).

Categoria AAES - [...] Eu trabalho a temática em parceria com a professora de Ciências nas 5ªs e 6ªs séries, orientando a produção de textos e fazendo exposição dos mesmos nos murais da escola. Nestas séries é provável obter mais eficácia de resultados do que com as 7ªs e 8ªs séries, porque os alunos ainda estão mais receptivos [...]. (Professora de Português).

Categoria RES - [...] não trabalho com o tema na sala porque seria uma forma de incentivar os alunos ao sexo [...]. (Professor de Língua Portuguesa).

Categoria RES - [...] não falo sobre a temática porque não me sinto preparado [...]. (Professor de Inglês).

Categoria RES - [...] não há conexão com os meus conteúdos, portanto não trabalho com este tema nas minhas aulas [...]. (Professor de Inglês).

Categoria RES - [...] não tenho formação específica para fazer a abordagem com meus alunos [...]. (Professor de História).

Categoria AAES - [...] Eu fiquei assim, quase seis aulas pra falar do aparelho reprodutor masculino e feminino. Como eu vi que gerou muita curiosidade, eu pedi um trabalho, sobre o aparelho reprodutor masculino para as meninas e o aparelho reprodutor feminino para os meninos. Aí vieram dúvidas sobre gravidez, doenças, o uso de camisinha, até posições; tipo: “_ Há, é verdade que uma dada posição pode engravidar mais fácil do que outras?”. Só que eu levo isso com muita naturalidade, então, não levo, eu trato como se fosse uma coisa, eu e eles, como se a gente tivesse falando muito abertamente, como se eles não tivessem porque ter certo constrangimento [...]. (Professora de Biologia).

Categoria AAES - [...] Então cê sente assim que hoje, a questão virgindade, pra mulher, é vergonhoso. Elas têm vergonha de falar que são virgens ainda, inclusive é um assunto que elas não falam. Elas deixam no ar, pra colega achar ou foi, ou não foi, entendeu? Porque todo mundo tá fazendo, então eu também tenho que fazer, né, então eu procuro falar pra elas sobre isso, bastante, mas não é porque você acha, que a tua amiga transou, você é obrigada. Eu falo assim: “_ Porque é uma coisa tão especial na vida da pessoa!”, tanto meninos quanto meninas. Falo: “_ Não é porque o menino é o garanhão, que tem que sair por aí trepando!”, ainda eu falo assim pra eles, sabe, eles dão risada, porque eu converso bem no palavreado deles mesmo, né? E as meninas a mesma coisa: “_ É um momento tão especial, que é uma coisa única, né, é um momento da gente, então você tem que saber escolher este momento!”, eu falo muito isso, neste sentido pra elas [...]. (Professora de Biologia).

Categoria APES - [...] Eu achava que os livros didáticos deveriam conter na parte de Ciências, de tudo um pouquinho. Não é deixar para o professor, que tem um pouco de preguiça, mas se ele encontrar no livro, ele vai dar um jeito de introduzir aquilo e falar aquilo a cada ano, e tudo o que é falado a cada ano, eu acho que vai entrar na cabeça [...]. (Professora de Ciências).

Categoria ACES - [...] até **comprei um “atlas caríssimo”** para mostrar a anatomia dos aparelhos reprodutores masculino e feminino de um lado e de outro lado, mostrar os órgãos se encaixando no momento da relação sexual [...]. (Professora de Ciências).

Categoria ACES - [...] já cheguei a levar, foi bem no começo do semestre, é..., um artigo, um artigo de revista, falando sobre métodos anticoncepcionais [...]. (Professora de Biologia).

Categoria ACES - [...] e aí eu já **separei inclusive um livro que a gente consegue no posto de saúde com fotos de doença** [...]. (Professora de Biologia).

Categoria AAES - [...] Aí eu pretendo também, comentei com eles já sobre o vírus da Aids, sobre as doenças secundárias do vírus da Aids, que não é realmente a Aids que mata mas na maioria dos casos, as doenças secundárias,... e trabalhar esta questão de que ciclo menstrual, formas de prevenção... [...]. (Professora de Biologia).

Categoria ACES - [...] Trabalhei já com aquele *Jornal Jovem*, é *Mundo Jovem*, é, também com várias questões assim, de revistas que sai, né, artigos de revistas, jornais, né, também, eu já levei recorte de jornal que trata do assunto, porque eu não fico assim só nesta questão da parte é, psíquica, a gente envolve também claro, a social junto e a questão também de saúde física mesmo. Então eu trabalhei já também, o corpo feminino, o corpo masculino, é, a parte biológica do funcionamento, porque eles não sabiam nem direito como é que é a menstruação, o porquê disso, e queriam saber muitas coisas, perguntas, então, estou atendendo as expectativas desse alunos, embora eu tenha isso no planejamento também, então, tem coisas que eu antecipei já, embora eu tenha planejado no 2º semestre eu tive que antecipar, como essa parte aqui da fisiologia e anatomia do corpo, né, feminino e masculino [...]. (Professora de Ciências).

Categoria ACES - [...] eu uso discussão de textos e vídeos, atividades impressas para resolver e trocar ideias com os colegas, vinculando os conteúdos biológicos específicos com o trabalho de educação sexual na sala de aula [...]. (Professora de Ciências).

Categoria ACES - [...] Já tentei várias técnicas, da caixinha, põe caixinha na sala, deixa em outro lugar do colégio, pra ninguém ver quem foi, são perguntas repetitivas, por não conhecer seu corpo. Já fiz jogo sobre sexualidade, pra explicar as doenças sexualmente transmissíveis, mas foi bem legal, acho que foi um dos momentos que mais marcaram. Senti que depois desses métodos eles começaram a pensar [...]. (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] Tem que adequar à linguagem, porque nós também temos casos de crianças nesta idade que brincam, brincam de casinha e não chegou ainda, entendeu? Então, às vezes eu penso, cê vai trabalhar a sexualidade com dois níveis diferentes no mesmo grupo [...]. (Professora de Ciências).

Categoria APES - [...] a cada faixa etária você tem que dar a educação sexual de acordo com as necessidades dele [...]. (Professora de Ciências).

Categoria APES - [...] eu tenho sorte de sempre pegar os alunos com uma faixa etária que já não chegam em casa questionando. Eles trazem as dúvidas que não conseguem resolver em casa pra dentro da sala, pra conversar com o professor em particular, então eu não tenho problemas. Mas eu me preocupo com o que vou falar por causa da idade deles [...]. (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] por eu ser muito próxima deles, já consegui experiência com a faixa etária e sei o que falar para cada jovem de diferentes idades na sala de aula [...]. (Professora de Ciências).

Categoria APES - [...] eu trato o aluno muito aberto, às vezes me chamam na carteira, me perguntam alguma coisa no ouvido, e eu aproveito para responder abertamente para todo mundo ouvir [...]. (Professora de Ciências).

Categoria APES - [...] então, eu não sei se é porque eu sou mulher, e elas sentem mais a vontade comigo, até porque eu não sou uma professora com uma idade, assim muito avançada, assim, sem certos pudores, elas conversam comigo, até na hora do intervalo elas vem perguntar a respeito [...]. (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] e também, assim, dos sentimentos da adolescência, os hormônios, porque que vem ocorrendo, porque é que a gente se sente assim, dispara o coração, essa coisa, né, sente atraído por menino, por menina, né, eles quiseram falar a respeito e eu oportunistizei também [...]. (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] tô no sistema respiratório, digestório e algo suscita ali, vinculado ao conteúdo e eles questionam, eles perguntam, de uma outra coisa que não tá totalmente vinculado com a anatomia nem com a fisiologia daquele sistema e eles perguntam, e é sempre assunto voltado à sexualidade, então tento colocar alguma coisa, só que depois eu tenho que retomar o meu conteúdo, eu também faço isso, porque senão foge totalmente, né, assim, existem dúvidas, né, e a gente tem que se esforçar e procurar atender as dúvidas [...]. (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] aí tem sempre aqueles que ficam de risinho, esconde o rostinho, aí eu falo assim: “_ Gente, é coisa da vida. Se nós não tivermos abertura de conversar, vocês vão ter aonde?” [...]. (Professora de Biologia).

Categoria AAES - [...] Eu tenho um compromisso em levar informação ao aluno e me sinto na obrigação de responder alguma pergunta que seja feita ou promover a discussão, o debate sobre a temática, se for pertinente [...]. (Pedagoga).

Categoria AAES - [...] Eu acho que todos deveriam trabalhar, porém, quem pode responder mais cientificamente é o professor de Ciências que tem que trabalhar, abrangentemente dentro da família e em todas as disciplinas [...]. (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] então sempre cai essa responsabilidade pro professor de Biologia. Nem os pedagogos trabalham muito nessa área de educação sexual [...]. (Professora de Biologia).

Categoria AAES - [...] os alunos sabem que, por ser professora de Biologia, eu acho que principalmente as alunas acham que é a melhor pessoa para perguntar sobre isso. Não vai perguntar pra uma professora de História, Português, eu acredito, então, como eu disse no começo, sempre recai, sobre o professor de Biologia. Até porque não existe nas escolas uma..., tem nas escolas uma pedagoga, mas não tem nas escolas uma sexóloga, uma enfermeira, alguém da área mesmo da saúde [...]. (Professora de Biologia).

Categoria AAES - [...] olha, quando os alunos estão tratando do assunto, eu paro e tento tratar do assunto também com eles que é isso que é a função de qualquer professor, embora fique com o de Ciências, pode ser de todos nós [...]. (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] nós, é, dentro da Biologia, a gente têm tentado fazer um trabalho com os alunos [...]. (Professora de Biologia).

Categoria APES - [...] E em relação aos professores de Biologia, eles trabalham, né, junto com os conteúdos, também a educação sexual [...]. (Diretora).

Categoria APES - [...] a Biologia tem duas ou três aulas semanais então vai ter que dar conta, não sei de que jeito, dos conteúdos, a serem trabalhados. E ainda, dentro da Biologia, esse comportamento, né, é, sexual, tem que ser abordado [...]. (Diretora).

Categoria APES - [...] eu acho que só o professor de Biologia é que trabalha e ainda com tanto conteúdo que tem pra trabalhar, não dá conta de tudo, né? [...]. (Diretora).

Categoria APES - [...] e a gente da direção, coordenação, muitas vezes fica preso à disciplina, em comportamento, não é, e esse lado da sexualidade realmente fica meio, meio deixado do lado. E aí o professor de Biologia corre sozinho, desamparado muitas vezes, né? [...]. (Diretora).

Categoria APES - [...] Não só o professor de Biologia, com todos os professores, com todas as disciplinas, que poderiam estar bem envolvidos, não é, pra que a gente possa fazer a diferença com os nossos adolescentes aí, os nossos jovens, tão novos, né, e não só destes, dentro da reprodução, dentro da gravidez, né, mas dentro das doenças. É tão triste, se a pessoa falar: “_ Há, eu tenho Aids”, pronto, acabou, tá discriminado, porque é aquele preconceito que ninguém quer chegar nem perto do cidadão. Tinha que ser mais interligado, mas sabe, sei lá, a equipe pedagógica, estar mais dentro do contexto, pra realmente, pra poder trabalhar [...]. (Diretora).

Categoria AAES - [...] A educação sexual dentro da escola hoje no Brasil, ela fica a cargo da Biologia, principalmente quando você entra pra trabalhar hormônios, aparelho reprodutor, é onde os alunos recebem informações e particularmente, aos professores de Biologia os alunos buscam por conta de dúvidas e a maior parte das dúvidas é falta de conversa, de informação que eles recebam dentro da própria casa, porque pai e mãe não discute isso [...]. (Professora de Biologia).

Categoria AAES - [...] O grande choque fica, porque eles vem em última instância, no último momento pra perguntar: “_ Professora, estourou a camisinha”, “_ Professora, como funciona a tabelinha”, “_ Professora, a minha namorada menstruou tal dia e a gente teve relação em tal dia, pode engravidar?”, mas eles só buscam estas informações, como todo adolescente, né, lá no final, quando a coisa já tá estourada e eles recorrem mais aos professores de Biologia. Conheço alguns professores de outras áreas, que por conta de convivência com os alunos, eles também buscam, mas fica mesmo a cargo da disciplina de Biologia, essa parte [...]. (Professora de Biologia).

Categoria APES - [...] eu acho que eu faço pouco ainda, poderia fazer mais, né? Então até que ponto a gente ajuda? Então tem assim uma limitação [...]. (Professora de Ciências).

Categoria APES - [...] *por enquanto, professora de sala de aula é dessa forma que a gente trabalha, que acontece, né, então, todos os dias eu me pergunto: “_ Ai meu Deus, será que eu to indo pelo caminho certo?”. Eu gostaria também de fazer algo mais, né, mas tem muitas vezes que você não sabe como, né? [...].* (Professora de Biologia).

Categoria AAES - [...] *Então eu sinto prazer assim, em tar orientando, né, então, falar assim que a gente, né, pela idade que a gente tem, pela experiência que temos, né ... E eu dou bastante abertura sim pra eles e eu sinto assim, que eles sentem a vontade comigo [...].* (Professora de Biologia).

Categoria AAES - [...] *sabe, então, e eles, sei lá, de repente por eu tentar querer ser muito amiga deles, a mãezona mesmo, eles têm a liberdade de vir perguntar, inclusive meninos. Eles não se acanham não de vir perguntar, sabe [...].* (Professora de Biologia).

Categoria AAES - [...] *eu tenho uma certa facilidade de trabalhar os assuntos com eles e eu fico muito contente quando eles vêm me perguntar, sabe, porque eu sinto assim que eles confiam em mim, né, tem uma certa confiança, né, porque se você não confiar você não pergunta [...].* (Professora de Biologia).

Categoria AAES - [...] *No início da carreira eu ficava envergonhada de tratar do assunto sexualidade/sexo, eu ficava vermelha, ruborizava sim, mas que fui aprendendo, adquirindo experiência a partir da vivência com os filhos e os amigos dos filhos, e hoje me sinto satisfeita por ter a confiança dos alunos e poder falar com tranquilidade sobre o tema [...].* (Professora de Biologia).

Categoria AAES - [...] *Eu tenho facilidade de falar com os alunos, porque do jeito que eles falam eu embarco, eles falam palavrões e eu falo: “_ Gente, mas é tão feio falar desse jeito!”, e eles vão numa boa... [...].* (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] *Eu tenho, consigo um bom relacionamento. Não sei se é só essa turma, mas acho que não, porque é uma forma de conduzir naturalmente então são conversas, onde não tem assim, nenhum problema quanto à perguntas e respostas [...].* (Professora de Biologia).

Categoria AAES - [...] *Eu tive uma filha que engravidou adolescente, mas eu sempre tive muita liberdade com as meninas, inclusive com o meu filho homem então coisas assim, que às vezes é de menino, cê fica meio constrangida, às vezes né, com o filho, de cê tá conversando, mas nunca senti, assim, constrangimento não. Sempre tive bastante abertura, tá, com as crianças, inclusive com os alunos, eu adoro quando eles vêm conversar, sabe, quando eles se interessam [...].* (Professora de Biologia).

Categoria AAES - [...] *Eu nunca escondi, eu nunca enrolei eles, né, então, é isso, mesmo quando os meus alunos perguntam, eu não enrolo, eu falo declarado, dentro daquilo que eu posso falar, lógico, sabe, sem estar banalizando a coisa [...].* (Professora de Biologia).

Abaixo alguns trechos relacionados à segunda subdimensão, em que fizemos as relações com as mesmas categorias já mencionadas:

Categoria APES - [...] *O insucesso do projeto Viva a Escola também deve-se ao desempenho dos alunos que se desmotivaram a participar, pois de acordo com eles, a professora só utilizava a metodologia de filmes e ficava cansativo e eles pararam de frequentar [...].* (Pedagoga).

Categoria AAES - [...] *O ano passado que eu fiz uma história de vida, pra eles contarem um momento da vida deles importante, que aconteceu, que marcou, tal, e um dos alunos escreveu: “_ O que mais me marcou foi que a minha namorada ficou grávida”. Pra mim foi um susto, porque um menininho daquele magrinho, não tem nem estrutura, pensei comigo... já é pai ó, há muito tempo! Então ele contando, o que ele passou, ele ficou assustado, e tal, daí foram fazer o teste, deu positivo, e tudo aquilo... Aí eu falei meu Deus, o menino tem 14*

anos! Nós tivemos o ano passado, um problema muito encima, com cartazes, palestra e vídeo num projeto elaborado por nós mesmos neste sentido [...]. (Professora de Ciências).

Categoria RES - [...] esta educação você não precisa preparar, ela é dada por eles, eles questionarem, eles pedirem. Eu acho que o problema da educação sexual está no ensino fundamental, eu acho que é lá que tem que ser dado, não é depois dos 15 anos, depois dos 15, minha filha, já tá pronto, o que a gente tinha que fazer, já tá feito [...]. (Professora de Ciências).

Categoria ACES - [...] Escrevi um projeto para as 5^{as} e 6^{as} séries em que a ideia central era aplicar a “criação do pintinho”, onde a criança cuida de um pintinho para perceber as dificuldades de ser pai e mãe muito jovem, porém, logo no ano seguinte soube que foi lançada uma lei federal em que não poderia nem ter minhocário na escola, alertada pelo encarregado das questões sobre Ciências da Secretaria Estadual, repassada ao Núcleo, que comunicou as escolas. Assim, comecei a trabalhar no projeto mas tive que desistir da ideia [...]. (Professora de Ciências).

Categoria ACES - [...] propus para a escola o projeto Viva a Escola para a sexualidade, numa empolgação por estar fazendo algo que eu queria há muito tempo. Submeti à Secretaria em 2008, o qual não foi aprovado naquele ano. No ano de 2009 submeti o projeto novamente, obtive a aprovação, mas na hora da distribuição das aulas não pude assumir, pois era efetiva [...]. (Professora de Ciências).

Categoria RES - [...] Nossa escola não submeteu nenhum projeto para o Programa Viva a Escola, portanto não temos nenhuma atividade paralela para oferecer aos alunos [...]. (Diretora).

Categoria AAES - [...] nós, é, dentro da Biologia, a gente têm tentado fazer um trabalho com os alunos. Então, inclusive este ano já lançamos um projeto, né, o “Gravidez na Adolescência”, em parceria com o pessoal que vem de fora do curso de Enfermagem [...]. (Professora de Biologia).

Categoria ACES - [...] porque no meu projeto os adolescentes estão falando a respeito também, dentro do contexto, e aí eles conseguem fazer, ter identidade, daí ele se identifica com o grupo e começa a discussão também. Aí eles muito curiosos também com a questão da gravidez, então eu já passei algumas coisas sobre gravidez também, o desenvolvimento do bebê, como que ocorre, como que previne, também surgiu, também já trabalhei uma parte, quero trabalhar mais coisas, com mais detalhes, a gente já trabalhou alguma coisa a respeito também [...]. (Professora de Ciências).

Categoria ACES - [...] Eu fiz a escolha para desenvolver este projeto de educação sexual, que na verdade é Sexualidade na Adolescência o tema, é, porque lá eu percebi o problema da questão da gravidez na adolescência, relacionamentos instáveis, é, muitos problemas assim, em relação com a família, porque não há conversa sobre o assunto, e na escola as coisas extrapolam, então esse foi o que me motivou a fazer este projeto, eu poderia fazer um outro projeto, por exemplo, eu pensei em ter feito um projeto de feira de ciências, porque eu trabalho em outro período, eu fiquei em dúvida entre os dois: primeiro, pensei na feira de ciências porque eu já tinha o projeto desenvolvido, já tinha experiência na área, aí depois eu pensei, não, não é o prioritário na escola, na escola a prioridade é a educação sexual [...]. (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] Eu acho assim, que é interessante ter um projeto de sexualidade na escola, porque com a estrutura que a escola tem hoje, a gente não tem conseguido dar conta, então se você abre um espaço paralelo, é uma oportunidade, é uma forma que a gente tem encontrado, talvez, não sei se seja, não é a solução, porque tem que trabalhar em todas as disciplinas também, mas é um espaço que lá em casa não tem, que lá na rua é totalmente desvirtuado, que não tem nenhum respaldo teórico, nada disso [...]. (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] *todo o ano a gente tenta orientar da melhor maneira possível, passa vídeo, quer dizer, faz toda a informação, primeiro, toda a informação, né, fugindo da rotina de sala de aula [...].* (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] *Meu projeto propunha a utilização da metodologia de filmes para tratar de vários temas no âmbito da sexualidade, incluindo a autoestima, os valores, e não só a questão biológica, porque entendo que não tem que ficar restrito a estas questões [...].* (Professora de Ciências).

Categoria ACES - [...] *então já teve várias situações que tem em dinâmica de grupo que eu já trabalhei, tenho um livro sobre isso, que fala por exemplo de preconceito, ou né, como que um grupo consegue levar você pra algo que você não tinha ainda pensado, que não queria, daí aquele comportamento você adere, quero ser virgem, mas o grupo fica tanto instigando que eu acabo cedendo, então como conviver com o grupo e saber se impor, né, então isso fica muito forte no trabalho que eu faço no projeto, porque eu acredito que eles também gostam, é uma coisa nova que em casa eles não conseguem ter [...].* (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] *principalmente o projeto que a professora de Ciências está desenvolvendo com as turmas em que trabalha com textos e vídeos, a nossa preocupação é enorme com relação à gravidez na adolescência [...].* (Pedagoga).

Categoria AAES - [...] *destaco as dificuldades encontradas para a condução do meu projeto, que foi elaborado com maior dedicação por mim, e que foram alheias à minha vontade, como a restrição de algumas famílias para permissão de que seus filhos participassem do projeto e o fato da própria SEED não permitir que eu executasse o projeto por mim encaminhado para aprovação, porque sou efetiva [...].* (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] *Nós tivemos um projeto Viva Escola que foi escrito por uma professora que já havia feito o PDE sobre gravidez na adolescência. Ela fez o projeto e mandou para o Estado, aí quando veio, liberou pra professor contratado, não pra professor efetivo, então ela fez o projeto e não pôde assumir, aí isso foi terrível, porque a pessoa que faz o projeto é que tem que desenvolver, ela que desenhou aquilo, ela que sabe trabalhar, aí a professora que assumiu não foi legal, não teve um bom resultado [...].* (Diretora).

AAES - [...] *O projeto Viva a Escola, escrito pela professora mais dedicada que nós temos de Ciências contemplava o tema, só que não foi possível dela tocar o projeto, porque o Estado não autorizou. Daí quem pegou parece que não teve a ressonância adequada com os alunos, porque como não foi a mesma professora que escreveu, ela começou meio perdida e não teve o comprometimento que a outra professora teria, não alcançou o sucesso esperado, porque ela não queria, foi imposto, porque existia e alguém tinha que desenvolver [...].* (Pedagoga).

Categoria ACES - [...] *Então o meu projeto não pode deixar também de ser prazeroso porque senão ele fecha. Tem que ser prazeroso e cativante porque ele não é obrigatório, vai entrar como currículo do aluno também, o aluno vai ter todas as disciplinas na escola e mais esta disciplina do projeto que ele encaixou, ele vai ter nota e vai ter parecer, eu vou dar um parecer para cada aluno no final do ano, e ele vai ter no currículo dele esta disciplina a mais enquanto os outros não tem. Isso o governo já está implantando no sistema do computador deles lá do SERES que é o sistema de notas. Então é um projeto que é muito valorizado pelo governo do Paraná [...].* (Professora de Ciências).

Categoria RES - [...] *Então é tudo pra escola, tudo pra escola. Tem mãe que fala pra gente, que nós já ouvimos: “_ Ué, gente, vocês estão aqui, vocês não educam o meu filho?”, e não é papel nosso, né?. O nosso papel é a orientação, encaminhamento, mais que isso nós não podemos fazer não! [...].* (Diretora).

Categoria APES - [...] *em primeiro passo os alunos deveriam ser educados sobre sexualidade com a família e a escola deverá ser complemento [...].* (Pedagoga).

Categoria AAES - [...] *faz parte do papel social da escola [...].* (Professor de Espanhol).

Categoria AAES - [...] *A gente percebe assim, é função da escola é a gente tenta fazer de tudo pra solucionar este tipo de problema [...].* (Diretora).

Categoria APES - [...] *fica tudo para escola resolver. A escola tenta aconselhar, desenvolver as ações, mas às vezes fico surpresa com tamanha precocidade dos alunos, e a família que deveria ser a primeira não consegue cuidar [...].* (Pedagoga).

Categoria AAES - [...] *porque é direito do aluno saber sobre educação sexual, porque está na Lei Federal, Estadual e a sexualidade está no dia-a-dia da escola [...].* (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] *As atividades de educação sexual na escola são indispensáveis, muitos alunos necessitam de respostas a questionamentos básicos e pertinentes à adolescência [...].* (Professora de Língua Portuguesa).

Categoria APES - [...] *É importante a partir do princípio em que os pais não conseguem abordar de forma adequada o tema [...].* (Professor de Educação Física).

Categoria APES - [...] *o que a instituição escola pode fazer é trabalhar com a prevenção. Vamos fazendo assim, já que a instituição família, que deveria fazer, muitas vezes não tem controle, não tem domínio [...].* (Diretora).

Categoria AAES - [...] *fazemos a orientação e desenvolvemos atividades na escola, porque somos responsáveis pela educação sexual dos jovens [...].* (Pedagoga).

Categoria APES - [...] *a família que é responsável pela orientação e conversas sobre sexualidade com seus filhos. Aqui nós fazemos o apoio do que ainda fica faltando [...].* (Professor de Matemática).

Categoria APES - [...] *A educação sexual na escola ajuda os alunos sanarem suas dúvidas, pois muitos pais não sabem como proceder diante deste tema com seus filhos, e deveriam saber porque lá é que começa [...].* (Professor de Educação Especial).

Categoria APES - [...] *A educação sexual na escola é de fundamental importância, uma vez que hoje em dia, muitas das vezes, o sexo está comum no dia a dia de nossos alunos. Muitas das famílias não tratam do assunto com os filhos, por vergonha ou até mesmo falta de informação [...].* (Professor de Matemática).

Categoria APES - [...] *A educação sexual na escola é de extrema importância, pois os alunos precisam de informação, alguns ou melhor, muitos não recebem educação sobre o tema em casa [...].* (Professor de Artes).

Categoria APES - [...] *com a devida permissão dos pais poderia ser viabilizado um trabalho sério sobre a temática, porque a escola tem que perceber sobre o que os alunos precisam saber [...].* (Professor de Geografia).

Categoria APES - [...] *é necessário que se discuta este tema polêmico na escola, pois muitos alunos não têm outra oportunidade para tal assunto [...].* (Professor de Língua Portuguesa).

Categoria APES - [...] *Penso que jovens devem ser formados dentro da sua casa primeiramente, pois lá receberão os valores que sua família priorize, depois na escola [...].* (Professor de Inglês).

Categoria APES - [...] *Nós vimos que o nosso objetivo devagarinho está se implantando, mas ainda não totalmente alcançado, porque tem que começar lá na família e terminar com os jovens, porque às vezes a escola se torna contraditória àquilo que a família pensa e da forma com que a família age [...].* (Diretora).

Categoria APES - [...] *a educação reflete dentro da escola. Então, o que é que a gente vai fazer, cruzar os braços, não... [...].* (Diretora).

Categoria APES - [...] *porque a gente vê assim um tabu entre as famílias, não conversa sobre isso, então é aquilo, eu acho que a escola muitas vezes a gente critica muitas coisas na questão da educação e do ensino, mas as duas coisas estão ligada, não tem jeito [...].* (Diretora).

Categoria APES - [...] então a gente tem que dar educação sexual sim, além de ensinar, né, porque, dito segundo os estudos e os teóricos que a escola é pra ensinar, apenas ensinar, a educação vem do berço, mas eu acho que quando estamos à frente de alguma coisa interligada como educação e ensino, e se os pais não fazem a parte deles, a escola tem que fazer sim, porque nós não podemos receber estes filhos e deixar como estão, porque a intenção da escola é formar cidadão e se a gente vai formar, a gente tem que formar cidadãos educados e ensinados [...]. (Diretora).

Categoria AAES - [...] a gente tem conversado muito, e feito atividades que privilegiam o tema, porque nós tivemos muitos anos atrás uns casos, que eles tem aqui o seguinte, muitos acabam fugindo com 14, 15 anos, bem démodé, ou casando ainda e logo engravidam [...]. (Pedagoga).

Categoria APES - [...] porque infelizmente hoje o pai, ele manda pra escola e ele acha que aqui eles podem fazer tudo, resolver todos os problemas, inclusive este problema, que deveria ser um problema de família. Se os pais pudessem conversar, é, esclarecer primeiro, explicar pros filhos, não é, aí deixa tudo pra escola e a escola não dá conta de tudo isso, mas a gente faz orientações porque não vai deixar falho também [...]. (Diretora).

Categoria RES - [...] A falta de um pai botar o filho, a filha, ali sentar, e como diz rasgar o verbo: “_ O mundo é assim, a vida é assim!”. “_ As consequências são essas!”, né? Eu penso que ainda falta bastante ... Deixa tudo pra escola, ela faz, mas não dá conta de tudo, né?... Infelizmente!” [...]. (Diretora).

Categoria APES - [...] a educação sexual deve ser feita pela família e depois a escola faz atividades para reforçar [...]. (Professores de História, Matemática, Português e Inglês, Metodologia de Arte, Matemática).

Categoria APES - [...] Se eu sonego informação, eu tô fora da lei, não é isso? Eu sou obrigada a informar! A escola tem que oferecer atividades com seus professores, eu vejo desta forma [...]. (Pedagoga).

Categoria APES - [...] Eu acho assim, a dificuldade de falar também sobre menstruação com a própria filha, eu tive casos aqui de meninas que vem e a gente pergunta: “_ E sua mãe sabe disso?”. “_ Não, nem sabe que eu menstruo”, quer dizer, eu acho impossível uma mãe não saber que uma filha menstrua, eu acho que a mãe fecha o olho e faz que não vê, mas tem. Então você vê de tudo e não é porque aqui é uma escola rural, a gente tem conversado também com diretores de outras escolas e a coisa tá pior, aqui a gente ainda tem família por perto e por aí não. Tem escolas aí que os alunos “tão na ativa” dentro da escola, então tá ficando complicado cada dia mais, mas aqui, na medida do possível a gente tá tentando resgatar alguma coisa e vê se a gente põe sonhos, sabe, na cabecinha, no coração, no olhar, e vê se a gente consegue fazer dele um cidadão atuante [...]. (Diretora).

Categoria APES - [...] A realização da educação sexual para os alunos das escolas deveria ser função dos profissionais da área da saúde, e se isso não acontece, é porque houve má administração deste setor por parte do governo, que é o responsável, e por isso mesmo joga o problema para a escola, esperando que ela dê conta. O que ocorre é que a escola não tem condições de fazer este trabalho imediato, tem que ser depois dos pais [...]. (Pedagoga).

Quando as ‘Ações de ES vinham de fora da escola’ convencionamos chamar de subdimensão a realização de atividades de palestras e oficinas trazidas de fora da escola, fosse pelo convite de algum professor da escola ou fosse pela oferta de outras pessoas ou instituições de ensino e/ou saúde. Como critérios das categorias para a terceira subdimensão, vinculamos:

Categoria RES - Não quer ou não aceita ajuda externa: **haveria rejeição, recusa ou falta de interesse pelas atividades externas** oferecidas à escola, por não querer se comprometer ou se responsabilizar, acreditando que **não seria função da escola**.

Categoria APES - Às vezes aceita ajuda ou pede ajuda externa, sem muito envolvimento: **haveria aceitação ou solicitação** de ajuda externa para **executar ações eventuais** de ES. Poderiam ser provenientes de **alguma demanda dos professores da escola** ou resultar de iniciativas externas. O ponto fundamental é que os **docentes de escola não gostariam de ter muito envolvimento ou colaborar** na realização das atividades.

Categoria AAES - Tem algum envolvimento com as atividades externas: haveria a **disponibilidade e o envolvimento de professores na realização da atividade promovidas por agentes fora da escola**. Estas atividades estariam **abertas à participação dos familiares dos alunos** e seriam consideradas como contribuições de grande valia para eles.

Categoria ACES - Grande empenho para concretizar as ações externas propostas: haveria **empenho pessoal para organizar e concretizar sistematicamente** atividades diferenciadas, executadas por **profissionais externos à escola**, da educação e da saúde, e especializados em assuntos da sexualidade. Inclusive seria **promovida a participação dos familiares dos alunos**.

Abaixo seguem os trechos relacionados a esta subdimensão:

Categoria RES - [...] *porque em primeiro lugar são os conteúdos, porque quem é que passa isso pro aluno, não é, o conhecimento científico quem vai ensinar são os professores porque ninguém é capaz de, ninguém tem a formação pra fazer isso, é o professor mesmo que está aqui na escola pra isso, né, enquanto que **uma palestra sobre a educação sexual**, até por exemplo, **uma dona de casa instruída poderia fazer, né, uma pessoa por exemplo, que tá sempre ali trabalhando pra igreja, pra alguma outra instituição, né, organização, pode fazer [...]**. (Pedagoga).*

Categoria AAES - [...] *Até **palestra com padre, pastor**, pra ver a questão do valor. Então, **bastante coisa a gente faz [...]**. (Professora de Ciências).*

Categoria AAES - [...] *vamos ter **uma palestra com o pastor da igreja Presbiteriana do Brasil, com o tema Educar-se, para auxiliar ainda mais sobre o tema [...]**. (Pedagoga).*

Categoria AAES - [...] *Aí todo ano,... é tão difícil, a gente tenta orientar da melhor maneira possível, todo o ano a gente faz **palestras com médico, trás médicos [...]**. (Professora de Ciências).*

Categoria AAES - [...] *É, e nós chamamos pessoas pra dar palestras, sempre o Dr. Claudio contribui com a gente e a gente todo o ano promove alguma coisa [...]. (Diretora).*

Categoria APES - [...] ***quando há necessidade premente, recorremos às pessoas de fora**, mas quando dá pra contornar com os próprios professores de Ciências, de Biologia, a gente encerra o caso aqui [...]. (Pedagoga).*

Categoria AAES - [...] *em momentos oportunos, duas a três vezes por ano são realizadas **palestras com enfermeiros, médicos, com agentes da saúde [...]**. (Diretora).*

Categoria APES - [...] *O professor de Biologia, a gente pensa que ele é o mais preparado pra falar, normalmente até que ele fala, mas ele prefere trazer um palestrante de outra área para questão da reprodução e da sexualidade [...].* (Pedagoga).

Categoria AAES - [...] *porque às vezes eles têm mais liberdade de perguntar, de especular, quando é alguém de fora, que eles não têm contato nenhum, porque a pessoa veio pra falar sobre isso mesmo e então eles não têm medo de se expor, aí eu acho que eles têm mais liberdade, que quando vem as meninas fazerem palestra, como eles gostaram e fizeram perguntas que eles não fariam, eu vejo que assim eles abrem mais a guarda pra perguntar, pra especular [...].* (Diretora).

Categoria APES - [...] *É, há um tempo atrás também, quem vinha muito aqui era o Dr. Carlos. Também fazia esse trabalho de esclarecimento e fazia palestra e tinha uma boa comunicação com a moçada. Mas de uns tempos pra cá, não tem vindo mais [...].* (Pedagoga).

Categoria AAES - [...] *Acontecem inclusive com o pessoal de Enfermagem e Biologia, eles fazem palestras ótimas aqui, sabe, e quanto à palestra deles, nós nunca tivemos problema nenhum, não sei se é pela idade, né, porque de repente, a pessoa mais jovem também ela tem mais facilidade de falar com o jovem, então nunca nós ouvimos isso assim deles. Quando eram pessoas mais velhas, às vezes elas se restringem um pouco no vocabulário daí fica mais difícil, eles não entendem o que realmente você quer falar e o pessoal que vem fazer é muito bom, sabe, sempre vem uma equipe, nunca menos que 3, então eles ensinam os alunos a usar a camisinha, trazem a camisinha da mulher, tudo [...].* (Diretora).

Categoria AAES - [...] *as palestras que já estão incluídas no planejamento, eu ajudo na organização e contatos [...].* (Professora de Ciências).

Categoria APES - [...] *de vez em quando eles pedem uma palestra de alguma coisa, mas é meio difícil, porque parece que todo mundo anda muito ocupado [...].* (Pedagoga).

Categoria AAES - [...] *tem os grupos de trabalho lá da faculdade também, lá do curso de Enfermagem, que eles têm um projeto, né, de sexualidade, e o professor tá sempre pronto e sempre nos ajudam [...].* (Pedagoga).

Categoria AAES - [...] *aí alguém colocou na sala dos professores: “_ Vamos trazer alguém pra dar palestra sobre a sexualidade na escola”. Outro professor falou: “_ Há, mas porque é legal também trazer uma pessoa de fora, porque, né, sempre trás, não é, já é definido isso. Uma pessoa que tá aqui dentro, às vezes eles pensam, né, que não é bem assim, porque quem vem de fora fala, tal.” [...].* (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] *lógico que a gente tem se esforçado, e todos os anos, a gente trabalha o ano todo, mesmo com projetos, em parceria, em sala de aula, o professor de Ciências, pessoas da comunidade, do posto de saúde, que a gente sempre tá trazendo, a questão da prevenção da gravidez, prevenção da doença, mas mesmo assim há muito o que se fazer pela frente ainda [...].* (Diretora).

Categoria APES - [...] *tem a palestra anual feita pela equipe da Enfermagem, mas não sei direito como está funcionando [...].* (Pedagoga).

Categoria APES - [...] *para fazer um trabalho mais organizado e direcionado, como é o caso da palestra, prefiro aceitar o convite da equipe da Enfermagem [...].* (Pedagoga).

Categoria AAES - [...] *alguns alunos são aqueles que tem uma certa dificuldade de aprendizagem mesmo, então, estes tempos atrás ia ter uma palestra sobre sexualidade, aí pedi pra fazer umas perguntinhas sobre aquilo que elas tinham dúvida, pra por na caixinha pra no dia da palestra o pessoal responder. Só que aí, elas não sabiam nem elaborar o que elas queriam saber, tanto que o que eu fazia? Elas perguntavam pra mim, pra eu dar a dica, pra depois elas colocarem as perguntas [...].* (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] *O que a gente vê no dia-a-dia, que a gente percebe ainda quando vai uma palestra, ou um projeto assim, que o aluno ainda tem muita dúvida e muitas vezes tem vergonha de perguntar, né, então sempre que você trás uma palestra, alguma coisa*

diferenciada, você pensa que aquilo é óbvio e sabe e não é, então a gente percebe isso... [...]. (Diretora).

Categoria AAES - [...] *a direção tem o cuidado de que a informação pelas palestras chegue ao aluno de acordo com a faixa etária, com adequação da linguagem, porque para a adolescência normal é esperada a descoberta do corpo, que é um processo natural e isso a escola faz, ou seja, levar as informações para aqueles que estão no processo da descoberta [...].* (Diretora).

Categoria AAES - [...] *Daí eu falei: “_ Há, tudo bem!”. Só palestras não resolvem, a gente sabe disso, depois tem que dar continuidade, todos os professores, tem que ser um trabalho conjunto, né [...].* (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] *porque às vezes a gente, em sala de aula, você falando o assunto, parece que não é tão chamativo. Agora, uma pessoa de fora vindo, eles ficam assim, que o salão ali ficou cheio de aluno. Nós orientamos e colocamos três 1^{os} anos lá. Mas você não ouvia um piu [...].* (Professora de Biologia).

Categoria ACES - [...] *Convidei a enfermeira-chefe da saúde para fazer uma palestra na escola, mas como teve o problema grave da gripe suína em 2009, a enfermeira assumiu muitos compromissos e não foi possível a realização da palestra. Depois de tanto aguardar, consegui marcar com uma enfermeira da Regional da Saúde de Cornélio Procópio-PR e no dia em que a palestra estava marcada na escola as aulas foram suspensas por causa da gripe. Depois **entrei em contato com uma psicóloga de Palmital-SP** e consegui fazer palestras só com algumas turmas, mas também por causa da gripe, as demais foram suspensas. Eu tinha um calendário de programações e depois do mês inteiro de suspensão das aulas, ficou super tumultuado, não ficou legal, foi frustrante [...].* (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] *então o que a gente pode fazer, a gente tá abraçando a causa, na parceria com a UENP [...].* (Diretora).

Categoria AAES - [...] *O que nós temos trabalhado a prevenção à gravidez na adolescência, sexualidade, sempre no diálogo com a UENP [...].* (Pedagoga).

Categoria APES - [...] *realmente tenho conhecimento sobre os trabalhos das oficinas de sexualidade, mas nunca cheguei a conferir [...].* (Professor de Português).

Categoria ACES - [...] *posso dizer exatamente quais são as séries envolvidas em cada atividade de oficinas com o pessoal da Biologia, porque nós da equipe pedagógica da manhã divulgamos entre os professores as atividades [...].* (Pedagoga).

Categoria AAES - [...] *você viu no nosso PPP, não viu? Colocamos uma foto de um dos encontros, para mostrar os monitores e nossos alunos para ressaltar a parceria da escola com a UENP [...].* (Pedagoga).

Categoria APES - [...] *Há, eu sei. Até vi a equipe chegando no outro dia. A pedagoga tinha nos informado, mas na sala dos professores não tinha muita gente não. Não sei se ela repetiu pros outros professores... [...].* (Professor de Matemática).

Dimensão ‘Promover discussões internas entre os professores sobre a temática’

Ao investigarmos se nas escolas havia a ‘Promoção de discussões internas entre os professores sobre a temática’, convencionamos esta preocupação como dimensão, indicado pela figura 8, com as subdimensões e categorias que serão descritas na sequência:

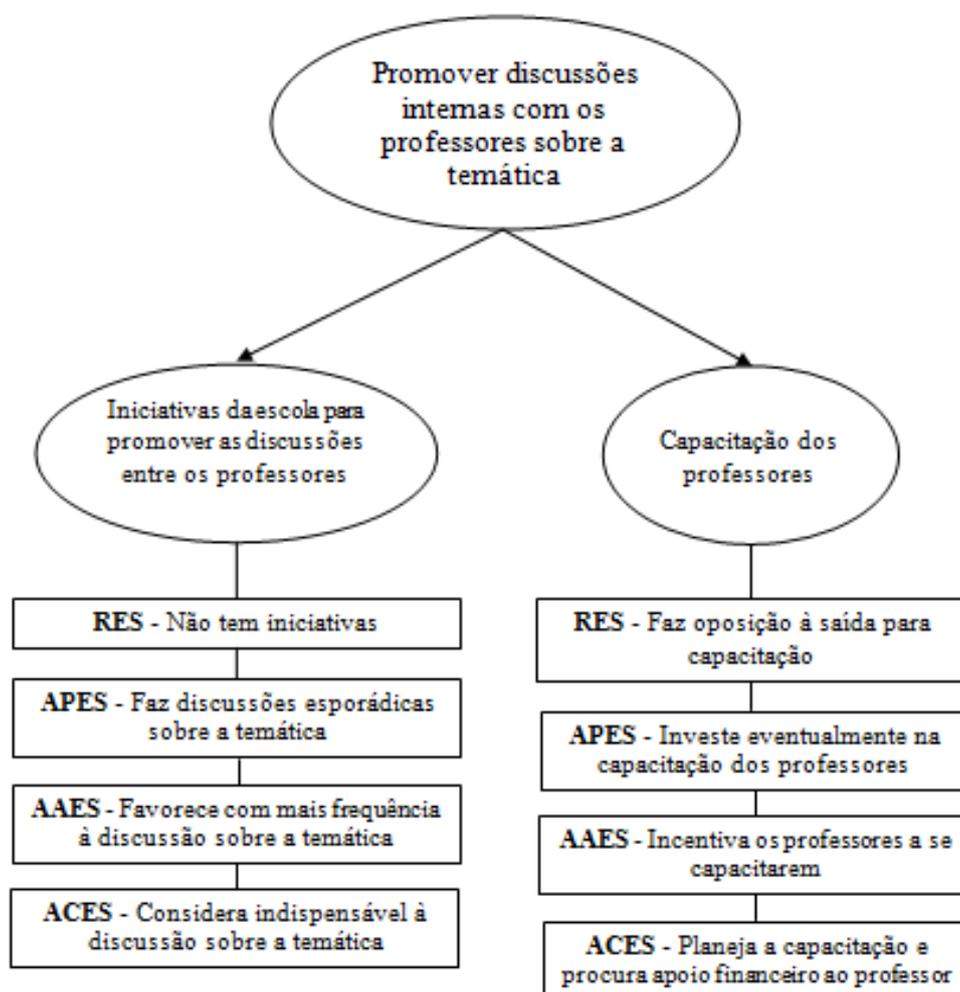


Figura 8 – ‘Promover discussões internas com os professores sobre a temática’ na escola

Gostaríamos de perceber as iniciativas da escola para ‘Promover as discussões internas entre os professores’, chamando de subdimensão. Relacionamos os critérios para as categorias desta subdimensão, ressaltando que nenhuma informação foi obtida a partir dos questionários para esta dimensão:

Categoria RES - Não tem iniciativas: **não haveria a iniciativa de discutir questões relacionadas à sexualidade** com os professores, porque nos encontros docentes privilegiaria outras preocupações.

Categoria APES - Faz discussões esporádicas sobre a temática: haveria **algumas iniciativas de discussão** entre os professores da escola; entretanto ela seria **eventual**, quando surgisse **um evento especial** que atraiu a atenção ou tentando **encontrar soluções para algum problema relacionado com a ES**.

Categoria AAES - Favorece com mais frequência à discussão sobre a temática: as iniciativas **seriam mais frequentes** e promovidas por professores **mais comprometidos e sensíveis ao contexto da sexualidade**, percebendo também as necessidades dos alunos.

Categoria ACES - Considera indispensável à discussão sobre a temática: as discussões sobre as questões da sexualidade **seriam indispensáveis no planejamento** anual da escola, incluídas nas **reuniões de professores e conselhos de classe**, promovidas **pela direção com o apoio dos professores engajados**.

Assim, temos as informações para esta subdimensão:

Categoria AAES - [...] *É trabalhado dia a dia, conforme surge as oportunidades [...].* (Diretora).

Categoria APES - [...] *Eu só queria retificar a questão que você perguntou sobre a discussão do planejamento, tem sim, mas os professores, principalmente de Ciências trabalham o tema na 7ª série trabalham com a reprodução humana, então a gente tem esta preocupação sim, que é muito oportuna [...].* (Diretora).

Categoria RES - [...] *Este ano nós não entramos sobre esse assunto, porque tem outros problemas que nós acabamos assim, não é que dando prioridade, mas acaba tomando mais o nosso tempo... [...].* (Pedagoga).

Categoria APES - [...] *porque muitas vezes aquilo que a professora tem pra passar e não tem tempo, que você sabe que a gente corre contra o tempo e contra o conteúdo, contra o extraclasse que aparecem, são palestras, são dispensa de aula, são tantas coisas, reuniões e quando você vê, os 200 dias letivos, de conteúdo é muito pouco, não que não discuta, mas é que não dá tempo de aprofundar [...].* (Diretora).

Categoria AAES - [...] *A gente tem procurado conversar com os professores para proporcionar um maior conhecimento científico para os alunos na área, reprodução, aparelhos, porque nós temos que estar sempre revendo, avaliando, e no ano que vem nós vamos entrar com projetos pra procurar trabalhar todas as áreas mesmo [...].* (Pedagoga).

Categoria RES - [...] *Olha, pra ser sincera, no planejamento, este tema, só se o professor de Biologia tiver... porque ó, a gente, acaba passando... a gente recebe o material de capacitação daquela primeira semana que antecede as aulas e este material de capacitação, ele vem pronto, né, vem todos os questionamentos, tudo, os textos, as análises, tudo mais. E*

aí, para um dia, para que o professor se junte por área pra ver qual é o conteúdo que vai ser trabalhado durante o ano. Então, na verdade, na verdade, vem pronto pra capacitação. Tanto de janeiro, quanto de julho, que em julho tem mais três dias, né, de preparação para o 2º semestre, e os textos dos últimos anos que tem a capacitação eles não abordam este tema de jeito nenhum [...]. (Diretora).

Categoria RES - *[...] Não á a orientação, quer dizer, é a orientação que nós temos, mas na hora do resultado final, você não consegue cumprir os conteúdos que você é obrigado a cumprir, você tem um tempo pra cumprir e levar essa formação do cidadão. Não tem como. Já inclusive uma vez, foi chamado uma vez a minha atenção porque eu tava saindo muito com aula prática com os alunos e isso podia atrasar o conteúdo. Sobre a temática, nem de perto a escola coloca para discussão [...]. (Professora de Ciências).*

Categoria APES - *[...] A escola não tem nenhuma meta no sentido de trabalhar com a inserção da temática nas discussões de professores. O que surgiu no último conselho de classe, por causa da situação da nota mesmo, tá, de até mesmo de atenção dentro da sala de aula, porque não há atenção nenhuma, a atenção é toda voltada para esta questão da sexualidade, foi a ideia de que já que eu estou trabalhando com um projeto sobre sexualidade, se eu também não poderia estender para a escola com um todo. Aí eu respondi: “_ Eu posso, a minha disciplina é de Ciências, eu estou lá com os alunos, eu posso ...”, mas não só eu!! Mesmo porque não vai aparecer só na minha aula ... Vai aparecer em todas as aulas! [...]. (Professora de Ciências).*

Categoria RES - *[...] que assim, uma preocupação nossa quando chamamos o Conselho Tutelar é quando o aluno começou a faltar, que você tem que fazer essa ficha FICA e encaminhar pro Conselho Tutelar, só que a gente encaminha e não tem retorno, o aluno também não retorna, dependendo do número de faltas, o aluno cai no abandono e reprova. Isso acaba com o Índice da escola, que a gente cai no IDEB por causa do abandono e da reprova e nós não temos notícia da gente encaminhar a ficha e o aluno voltar para escola, e aí é o Conselho que tem a função de buscar aquele aluno e trazer de volta para escola. Estas têm sido nossas discussões, e o abandono tem a ver com as meninas que engravidam e saem da escola, mas não se fala a este respeito [...]. (Diretora).*

Categoria RES - *[...] Eu falo, para resolver os problemas da escola, incluindo os relacionados à sexualidade, são as políticas de governo, tem que vir de cima [...]. (Diretora).*

Categoria RES - *[...] Porque a escola, infelizmente, tá vivendo uma fase muito difícil: uma fase de desvalorização, aonde tudo o que o professor fala é chato. A escola tinha a obrigação de ser muito divertida, muito legal, eles confundem as coisas, né, porque a escola não é divertida e nem é legal, é o contrário. E essa consciência não acontece, então o aluno vem e quer diversão, se o professor não oferece, ele nem vem pra aula mais. Então, a escola não tem muito o que fazer neste sentido, eu penso em parceria com outros professores quando a gente conversa nas reuniões. Ela pode colaborar num caso ou noutro, mas não é de fato quem vai resolver a educação sexual, não agora [...]. (Pedagoga).*

Categoria APES - *[...] Difícil ter discussões, heim? É, mas e aí, quando o professor, por exemplo, ele vai fazer o plano de trabalho docente, ele vai incluir dentro do currículo o que está posto, agora, igual eu falei, **quando tiver uma oportunidade, de um problema que aflorou em determinado momento mas que está ali, pontual, a gente faz, aproveita pra conversar [...]. (Pedagoga).***

Categoria RES - *[...] Porque agora, nesta última semana, é, o que a gente discute é que o governo tá muito preocupado com conteúdo, né, com conteúdo, com pensamento científico, então, a gente tem que partir por aí também, porque a escola, na verdade, tem que ensinar os conteúdos, a gente coloca estas questões, é, sei lá, porque a gente também pensa que a escola além de formar, tem que educar e formar, e ensinar, né, isso aí não dá pra fugir, né, então nós não podemos por exemplo tá trabalhando só projeto, projeto, em detrimento do conteúdo,*

né, porque em primeiro lugar são os conteúdos, porque quem é que passa isso pro aluno, não é, o conhecimento científico quem vai ensinar são os professores porque ninguém é capaz de, ninguém tem a formação pra fazer isso, é o professor mesmo que está aqui na escola pra isso, né [...]. (Pedagoga).

Categoria APES - [...] *O estado do Paraná, ele não trabalha os PCN's, é, você sabe disso, né, e nos PCN's tinha muito os temas transversais, então a gente montava projetos e fazia isso, hoje nós podemos também fazer muito isso, porque nós temos as Diretrizes pra seguir, né, e enquanto nós tivermos que seguir estas Diretrizes a gente procura, porque mesmo nestas Diretrizes existe momento que você vai poder se dedicar àqueles temas transversais que não são mais os nossos temas transversais, né, então é o que a gente não pode por exemplo é, no ensino, perder as oportunidades de tar ensinando os alunos pra serem cidadãos, né, de repente tem um problema sério na mídia e nós não vamos poder deixar de tratar porque faz parte dos PCN's, não é isso. O problema da sexualidade está posto, nós vamos ter que comentar, discutir entre os professores, até pra mudar a visão, né, das pessoas, enquanto cidadãos [...].* (Pedagoga).

Categoria APES - [...] *E outra, quando falamos com os professores temos a preocupação de orientar para que tenham cuidado, porque quando você vai falar de sexualidade dentro da sala de aula, alguns, a ignorância, alguns entendem que a escola tá induzindo o filho a fazer isso. E aí você já não tem estrutura pessoal pra trabalhar, por exemplo, à tarde nós temos uma pedagoga e de manhã uma e são quase 300 alunos, então não dá conta. Ainda pra trabalhar, mas a gente tenta conversar e tal, mas um trabalho de estudo de caso, por exemplo, nós não temos condições de fazer. Deveria, né, mas sem chance! [...].* (Diretora).

Categoria APES - [...] *sobre os problemas que a gente enfrenta eu proponho a discussão com os professores para tentar encontrar uma solução. O fato é que a escola não tem esse poder todo [...].* (Diretora).

Categoria APES - [...] *precisava ser alguma coisa mais firme, porque as escolas hoje jogam muito as coisas encima da Patrulha Escolar, mas eu não acredito na repressão, eu acredito na conscientização. Eu penso que um trabalho pedagógico dentro da escola, com uma equipe multidisciplinar a gente conseguiria caminhar e há necessidade, só que precisaria de mais envolvimento dos professores, discutir mais [...].* (Pedagoga).

Categoria APES - [...] *Acho que precisava de mais conversa, porque o que acontece é que dependendo do caso, nós chamamos o Conselho Tutelar, sem conversar com os colegas porque não tem tempo. Às vezes a gente recorre a amigos psicólogos, pede pra um pai o que é que a gente pode fazer, daí as professoras das áreas específicas tratam desses assuntos, abordam, mas os outros não, é mais um tipo de ajuda particular pras crianças tratarem desse assunto [...].* (Pedagoga).

Categoria RES - [...] *Porque já foi falado assim pela supervisão, então um dos problemas apontados pela escola é a questão da disciplina, é, o aluno, o desinteresse, não quer fazer e tal, não rende na sala de aula, então quem sabe se vocês ouvirem mais o aluno, né, e ainda mais do contexto social que ele saiu. Só que sobre a sexualidade ninguém quer conversar [...].* (Professora de Ciências).

Categoria APES - [...] *A gente vê aquela criança seguindo a origem familiar mesmo, aquela cultura que ela tem de, de repente, casar, ter filhos e manter a família. Para que essas situações se modificassem, e para que nós pudéssemos discutir ainda mais do que já discutimos como trabalhar com os professores na escola, precisaria ter uma mudança de cultura, com um trabalho direcionado aos pais, quando convocamos eles ou quando convidamos para algum evento aqui na escola, a gente tem trazido esta questão a tona e a gente percebe que pra ele se torna normal [...].* (Diretora).

Categoria APES - [...] *Eu fiz essa fala no conselho, colocando da questão também da palestra, que ela não pode ser de forma isolada e que tem que ser um trabalho conjunto, todo*

mundo teria que dar conta depois do problema, todo mundo vai ter que encarar e tá abordando, para o assunto, ocasionou um probleminha lá, para a aula e trabalha, vai né, e escuta os alunos também. A resistência deles eu penso que seja por conta de dar conta do conteúdo deles específico e por causa da falta de interesse em trabalhar, pode ser que pensem que não dominem o assunto, enfim, vários fatores [...]. (Professora de Ciências).

Quanto à subdimensão da ‘Capacitação dos professores’, estamos nos referindo à realização de um curso, um seminário, um trabalho de aperfeiçoamento em nível PDE ou uma pós-graduação, todas consideradas atividades de formação continuada dos professores, promovidas por algum órgão como a Secretaria de Educação ou uma instituição de ensino como a Universidade. Para tanto, os critérios relacionados às categorias são:

Categoria RES - Faz oposição à saída para capacitação: haveria a **oposição à saída dos professores** para realizar capacitação na área da sexualidade, por não considerar a importância do tema ou por não ser uma política adotada pela escola.

Categoria APES - Investe eventualmente na capacitação dos professores: haveria apoio e **investimento eventual** da escola para que os professores fizessem alguma capacitação na área da sexualidade, por considerar **a importância da mesma como limitada ou, ao menos, não prioritária**.

Categoria AAES - Incentiva os professores a se capacitarem: haveria o **interesse da escola** para que **seus professores se capacitassem na área da sexualidade**, com **incentivo e divulgação dos cursos oferecidos pela Secretaria de Educação** ou por outras instâncias, por considerar a importância dos mesmos.

Categoria ACES - Planeja a capacitação e procura apoio financeiro ao professor: devido à relevância do tema haveria **preocupação sistemática** em **reconhecer as possibilidades e empenho em favorecer a saída dos professores** para realizar capacitações na área da sexualidade, buscando inclusive a obtenção de apoio financeiro aos professores interessados.

As categorias e os trechos relacionados são:

Categoria ACES - [...] *Temos a nossa professora de Ciências que está desenvolvendo seu projeto PDE aqui na escola com a temática da gravidez e que faz parte de sua capacitação. Nós achamos ótimo seu empenho e ajudamos no que ela precisa [...].* (Diretora).

Categoria AAES - [...] *teve um outro encontro pra professores, aqui mesmo, nenhum quis ir fazer, porque não aceitou ainda, não abriu o coração, a gente sabe que tá aí, que você tem que conviver, tem que agir, mas a gente vê que as pessoas ainda não querem falar nisso. Aqui mesmo, nós convidamos cinco professores e eles não quiseram ir. “_ Eu não vou participar disso, dessa pouca vergonha!” Porque é o termo que é usado, mas é aquilo, cedo ou tarde vai ter que fazer parte disso [...].* (Diretora).

Categoria AAES - [...] *A gente, nas capacitações, a gente conversa, a gente fala, né, os professores ficam indignados quando outros da sala querem, é, fazer chacota com os ditos “diferentes”, tentam não permitir, já tem outro que acaba rindo junto com a chacota, sabe, então nós precisamos nos preparar melhor, com certeza [...].* (Diretora).

Categoria AAES - [...] *Da escola, alguns profissionais estão fazendo um curso chamado Gênero e Diversidade, ofertado a todas as disciplinas pelo Núcleo, e deveria interessar a todos os professores, pois são assuntos que independem da idade, independem da escola, porque está na sociedade, como violência, drogas, sexualidade. O que a gente vê é que a cada ano a coisa tá cada vez mais cedo acontecendo, e a escola tem de apoiar os professores a fazerem aperfeiçoamentos para estar aberta às mudanças [...].* (Diretora).

Categoria AAES - [...] *tanto a SEED quanto o pessoal da equipe pedagógica da escola querem abrir o diálogo para avançar na redução do preconceito e resistência. Os professores são convidados só que dificilmente estão dispostos [...].* (Diretora).

Categoria AAES - [...] *Acho que os professores tão abrindo porque teve capacitação, o itinerante, foi capacitado, há um mês atrás, tem-se trabalhado muito. Alguns professores participaram, teve várias oficinas, um dia e meio oficinas específicas, depois as outras horas foi a questão de gays, lésbicas, transexuais, bissexuais, violência na escola, informática. Não tem o que falar do atual governo, tem o portal para o professor acessar, tem filmes, tem o material do PDE [...].* (Pedagoga).

Categoria AAES - [...] *existem programas de preparação desenvolvidos pela SEED para tratar de temas como a sexualidade, diversidade, drogas, como já mencionado por outras professoras, porque foi divulgado na escola, mas que não permitem o acesso a todos, só um ou outro em cada escola. Estes programas de capacitação com limitação de vagas, além do calendário apertado, não possibilitam expandir para mais atividades [...].* (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] *a questão da sexualidade e essa questão das drogas, tudo isso o governo desenvolveu um programa de preparação de alguns professores. Aquilo que chega a nossa diretora repassa [...].* (Pedagoga).

Categoria AAES - [...] *Agora a gente tem trabalhado muito, inclusive no itinerante 2010 nós tivemos o curso de gays, lésbicas, transexuais e bissexuais e teve encontro, alguns professores participaram de encontro em Faxinal do Céu, alguns professores participaram de curso em Foz do Iguaçu e hoje o aluno também tem direito no livro de chamada a ter o nome social, isso a gente tem batido muito com relação ao respeito à diversidade e a Secretaria de Educação também tem trabalhado muito nesta linha [...].* (Pedagoga).

Categoria APES - [...] *Quando alguns professores dizem que precisam fazer cursos para tratar da temática, que não se sentem preparados, é desculpa, porque eu mesma nunca fiz curso e quando tem algum encontro ou palestra, são poucos professores que vão, embora fiquem sabendo, como no último curso oferecido pela Universidade de Ponta Grossa – UEPG, que contou com apenas oito professores da cidade no evento [...].* (Professora de Ciências).

Dimensão ‘Promover encontros com os familiares sobre a temática e as oficinas’

Ao considerarmos a importância da participação da família na escola para o processo de integração sobre os acontecimentos referentes à sexualidade, gostaríamos de saber se a escola teria interesse em promover essa participação, chamando como dimensão ‘Promover encontros com os familiares sobre a temática e as oficinas’. A figura 9 relaciona a dimensão, subdimensões e categorias:

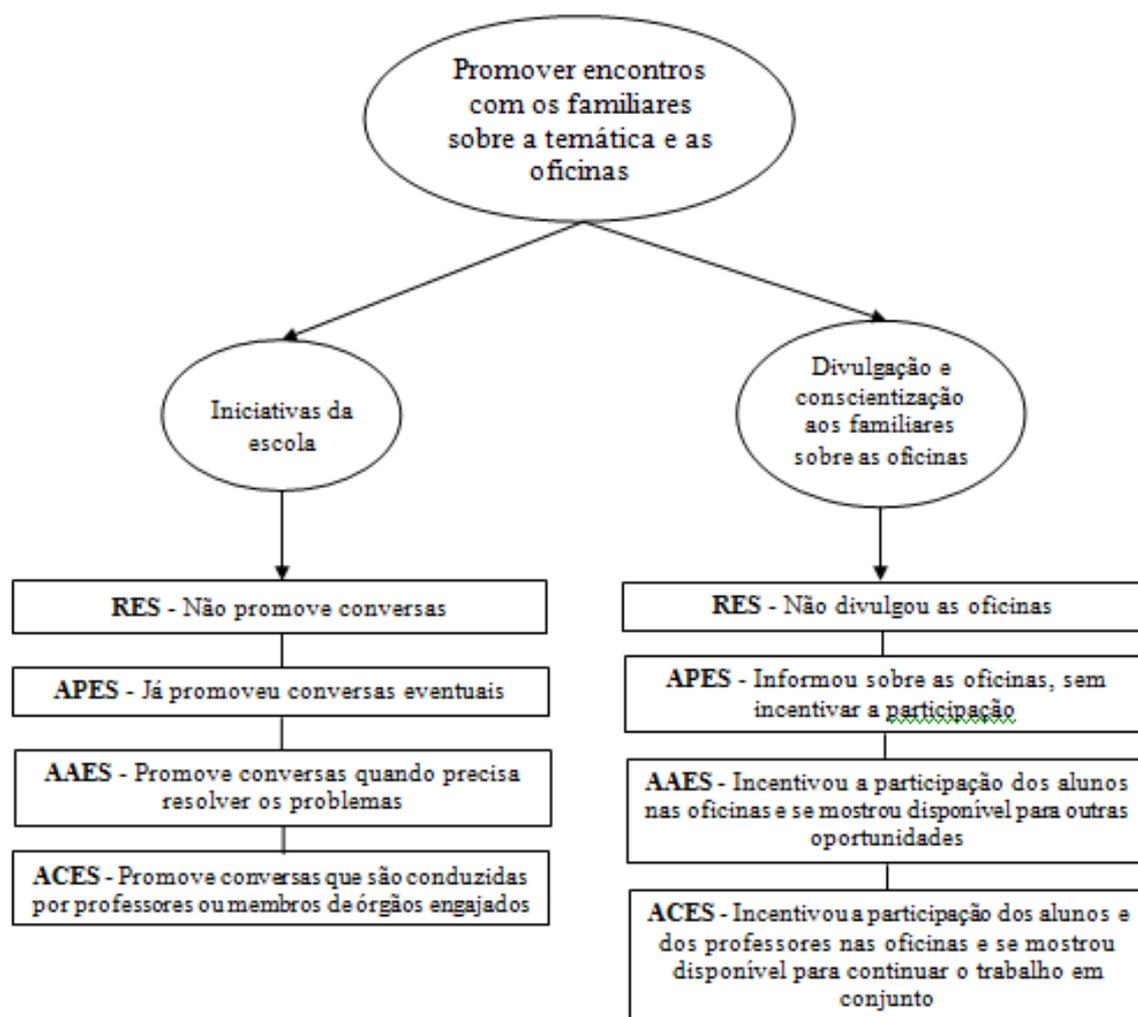


Figura 9 – ‘Promover encontros com os familiares sobre a temática e as oficinas’ na escola

Como propõe o esquema, consideramos dois aspectos (subdimensões). A primeira seria se a escola promovia encontros e conversas com os familiares sobre a temática – ‘Iniciativas da escola’; a segunda seria se a escola havia feito alguma divulgação das oficinas entre eles e estimulado a participação dos alunos e até professores – ‘Divulgação e conscientização sobre as oficinas’.

Quanto à primeira subdimensão os critérios para as quatro categorias são:

Categoria RES - Não promove conversas: **não promoveria conversas** sobre a temática com os familiares, por considerar que **outros assuntos seriam mais importantes** ou por **não querer tocar nos assuntos** referentes à sexualidade ou porque a escola estaria sobrecarregada.

Categoria APES - Já promoveu conversas eventuais: **promoveria conversas eventuais**, justificando tal atitude pela desmotivação com o fato de que **os familiares não corresponderiam como esperado**.

Categoria AAES - Promove conversas quando precisa resolver os problemas: **em todas as situações** nas quais a escola precisasse resolver problemas relacionados à sexualidade **haveria o convite aos familiares** para dialogar e encontrar soluções.

Categoria ACES - Promove conversas que são conduzidas por professores ou membros de órgãos engajados: **haveria a promoção de conversas com os familiares como pauta ordinária da escola**. Tal preocupação com a temática auxiliaria para apresentar **projetos e/ou promover debates**, que seriam **conduzidos por professores**, eventualmente em **parceria com membros de órgãos engajados**.

Segue a categorização das unidades de análise para esta subdimensão:

Categoria AAES - [...] *sobre os nossos vários problemas com gravidez de crianças de 12, 13 anos, prostituição e pedofilia, já chamei os pais para assembleias e também reuniões na escola para tratar desse assunto. Já tive que chamar o Conselho Tutelar, mas ainda enfrento esse problema e não está havendo o resultado positivo que se esperava [...].* (Diretora).

Categoria AAES - [...] *Sabe, nós já chamamos várias mães aqui, teve uma época que a gente tinha bastante, a gente chamou duas meninas, aí nós chamamos os pais, fizemos uma reunião com o Conselho Tutelar, os pais e as meninas, e só não afirmamos porque também você precisa de provas, como é que eu vou dizer que a tua filha tá indo lá se eu não tenho como provar? Eu sei que vai, mas, ... Aí conversamos com os pais e falamos: “_ Olha, vocês sabem que tem uma chácara, assim, ...”, contamos toda a situação, junto com o Conselho, já pra não ter problema com a escola [...].* (Diretora).

Categoria ACES - [...] *Olha, nós já tivemos aqui, pais que não sabiam o que era educação sexual. Então, o que fazer? Tinha que conversar com o aluno, tal, como fazer? Tinha que chamar o pai pra conversar, o que é que você faz? Aciona o Conselho Tutelar, tem dia que liga, tem muitos casos, aciona, conversa, chama o pai. O Conselho vai atrás. É Patrulha Escolar em alguns casos, então quer dizer, a escola tenta ajudar de todas as formas, né? Apoiar [...].* (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] Quando é um caso muito forte, chama-se a família para conversar [...]. (Pedagoga).

Categoria APES - [...] Quando os pais vem nas reuniões, eles já chegam entregando o problema pra você, sabe eu tenho muitos pais que chegam aqui falando assim: “_ Olha, eu vim ver o que a senhora pode com ele porque eu não posso mais!” Eu acho que já é a defesa dos pais, mesmo a gente chamando eles já chegam com essa fala, então eles não querem ouvir, eles já sabem tudo que o filho faz, **então eles não querem, então eles já jogam o problema pra nós, então é a escola que tem que dar jeito eles não.** Então é difícil, fica neste dilema, entendeu, **porque você quer o melhor pra eles, mas não tem como [...].** (Diretora).

Categoria APES - [...] Eu acho que assim, a escola pública tá difícil. Você chama a família pra conversar, a família não vem. Nós não tamo conseguindo atingir eles, sabe, aí cê fala assim, mas o caminho pra melhorar esses alunos inclusive no que diz respeito à sexualidade, é a conscientização com os pais, mas você não consegue chegar nestes pais, você faz uma reunião, chama esses pais e eles não vem [...]. (Diretora).

Categoria APES - [...] Hoje lidar com a criança, com o adolescente é difícil, mas lidar com os pais também não é fácil, porque eles não correspondem. Trabalhar com a comunidade é bem complexo [...]. (Diretora).

Categoria AAES - [...] da mesma forma que eles tratam as pessoas na rua, com falta total de respeito, eles tendem a tratar as pessoas também, os colegas, os funcionários da escola, sabe, são muito agressivos na maneira de falar e acaba refletindo na sexualidade também, e quando a gente procura a família é a mesma coisa. É certo, tá com problema, a gente tenta conversar, dizendo que está muito agressivo na escola, e as mães respondem que ele tem feito isso em casa, e a gente consegue entender que tá refletindo na escola, é direto mesmo, porque é a desestrutura [...]. (Pedagoga).

Categoria RES - [...] Eu acho que a escola não quer mexer no assunto porque pode ser que de início os pais vão apoiar, porque vai achar que são liberais, isso é evidente, mas depois eles vão ficar com um certo cuidado sobre esse conteúdo, mas também **desde que eu estou aqui, ninguém nunca tentou fazer alguma coisa neste sentido, com os pais, pra saber de verdade qual a reação deles [...].** (Professora de Ciências).

Categoria ACES - [...] Um dia eu tive que sair de outra escola pra poder ir lá e esclarecer pras turmas o que era meu projeto e mesmo assim foi difícil, porque os pais daí não escutaram e não sabiam o que era, daí ouvia falar o que era o projeto, não sabia explicar direito, o pai falava: “_ Não, meu filho não vai fazer isso!”, “_ Vamos estimular a namorar!”. Então, eu marquei uma reunião. Aí nesta reunião foram pouquíssimos pais, então resultado, os que foram até hoje permanecem os alunos, porque os pais sabem o que é que eles estão fazendo lá, e ouviram o que é que eu quero no projeto e sentiram como se eu fosse uma aliada deles dentro de casa porque, é, prevenção da gravidez na adolescência, é trabalhar com os conflitos, né, inter-relacionais, é, especialmente a relação pai e filho eu trabalho muito, o que é escutar o seu pai, o que é ver que ele quer o seu bem, que ele é o melhor amigo seu, né, e tá escutando assim mais a voz do professor e do pai e da mãe mesmo, enquanto amigo e não aquele que não quer que você faça como punitivo, né, que eles vêm desta forma, então eles sentiram que eu era uma aliada deles, que eu percebi os pais, e eles: “_ Não, mas você tem que fazer esse projeto!”, quando eles escutam: “_ Não, ele vai fazer!”. Então quem tem contato e escuta o que eu falo e alguns vieram até a sala, né, depois num outro horário, pra saber o que é que era o projeto, eles quiseram que o filho participasse, fizeram questão, tanto que uma mãe pediu que o filho tinha se inscrito e o irmão não, da 6ª série, porque eu priorizei 7ª, ela disse: “_ Ai eu gostaria que o meu outro filho também fizesse, será que você poderia encaixar os dois pra mim?”. Uma outra mãe também, tem duas filhas gêmeas, então assim, eles tentam encaixar, se eles puderem até mais, sinal de que eles valorizam [...]. (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] Teve uma época que veio um pai aqui falar pra nós que educação sexual quem dá é ele, não é a escola, sabe, então a gente tem que respeitar, vai fazer o quê, né, não podemos por exemplo, ir contra o princípio familiar, se é de casa tudo bem, não é, agora, tem muitos pais também que vem pedindo a colaboração da gente, né, então a gente tenta atender os dois lados [...]. (Pedagoga).

Categoria AAES - [...] quando convocamos os pais, junto com os professores, ou quando convidamos para algum evento aqui na escola, a gente tem trazido esta questão a tona a questão da prevenção da gravidez, prevenção da doença. Nós vimos que o nosso objetivo devagarinho está se implantando, mas ainda não totalmente alcançado [...]. (Diretora).

Categoria ACES - [...] O problema fica sendo da escola mesmo. E tem alguns pais que são alheios, não sabem. A escola tem mobilizado nós professores também pra conversar com os pais, mas o que os alunos falam, por exemplo assim, na sala, principalmente o que eles me falam na 8ª, é que muitos pais não conversam sobre sexo com os filhos [...]. (Professora de Ciências).

Categoria APES - [...] eles têm uma visão preconceituosa viu, é difícil, então tem pais que ainda não tem contato, que eu chamei certa vez junto com outra professora, com o apoio da direção, e não veio, por causa de trabalho, uma porção de coisas, e os alunos, assim, a gente percebe também que é difícil pra eles, tem alguns por exemplo, que desistiram, que pararam, né, e a gente vai conversar, e a mãe não quer deixar vir porque não sabe do que se trata. Eu penso que seja isso! [...]. (Pedagoga).

Categoria RES - [...] A APMF tem um papel meramente burocrático e existem membros da comunidade que estão na equipe por interesse político. Sobre este tema então, não tem a menor brecha para falar. As questões que se discutem são de ordem financeira [...]. (Diretora).

Categoria RES - [...] O que acontece é que o histórico em que o Conselho e a APM estão aqui pra intervir nas coisas graves, nas coisas gravíssimas e não na prevenção de coisas graves, né, talvez é esta visão que ainda falte pra nós, infelizmente [...]. (Diretora).

Quanto à segunda subdimensão acerca da ‘Divulgação e conscientização aos familiares sobre as oficinas’ que estavam sendo oferecidas, os critérios abaixo estão relacionados às categorias criadas:

Categoria RES - Não divulgou as oficinas: para as situações em que **não houve a divulgação das oficinas**, por **descaso ou falta de interesse** da escola.

Categoria APES - Informou sobre as oficinas, sem incentivar a participação: para os casos em que **os familiares foram informados sobre as oficinas**, mas **sem incentivos para a participação dos alunos** (devido a algum fator como falta de tempo ou pouca disponibilidade dos professores).

Categoria AAES - Incentivou a participação dos alunos nas oficinas e se mostrou disponível para outras oportunidades: para as situações em que **houve momentos para a divulgação das oficinas entre os familiares, com incentivo para que os alunos participassem**, mostrando-se disponível para outras oportunidades.

Categoria ACES - Incentivou a participação dos alunos e dos professores nas oficinas e se mostrou disponível para continuar o trabalho em conjunto: para os casos em que **houve a**

divulgação das oficinas entre os familiares com o incentivo para a participação dos alunos e dos professores, mostrando-se disponível para continuar o trabalho em conjunto.

As categorias e os trechos de entrevistas relacionados são:

Categoria AAES - [...] *Sabe mães o que eu acho legal, é que com as meninas do projeto os alunos não tem vergonha de perguntar o que para nós, como mãe, como professora eles tem. E assim, elas são novinhas, bem estudadas, então eles não tem vergonha. Eles tem mais facilidade porque se sentem mais próximos. Até a escola agradece a participação porque colabora muito. Porque assim, elas explicam o certo e o errado, e que a gente precisa se cuidar. Não é assim, começa a namorar e já vai sair transando, os malefícios que isso trás pro corpo da gente, pra menina principalmente, né? Então a escola em si, a gente acha bem legal e agradece, sabe, porque é uma boa parceria que pode acontecer mais vezes, coisa que de repente não dá pra gente fazer em sala de aula, né, porque cê tem que dar aula e tal [...].* (Diretora).

Categoria AAES - [...] *porque no início os pais vieram aqui preocupados, porque eles não tomaram como prevenção, eles tomaram como o ato em si, incentivo e nós tivemos um pouco de trabalhinho de tá conversando com os pais e mostrando o outro lado, qual era a intenção do projeto, já que se não tínhamos antes e o aluno era capaz de chegar lá na 8ª série com criança, alguns até ganhando bebê, a gente podia optar por tar prorrogando isso aí, mas assim, fizemos uma reunião e explicamos e deu tudo certo [...].* (Diretora).

Categoria AAES - [...] *Veio uma vó apavorada aqui estes tempos, que a neta dela tava fazendo, que chegou em casa e a neta dela tinha construído uma vagina na escola na massinha, a vó veio correndo no outro dia aqui na escola, que imoralidade era essa, que a neta tinha comentado, e deu um nome pra coisa, aí eu fui explicar pra ela que não tinha nada de errado naquilo, que muitas meninas “às vezes usam” e não conhecem seu próprio corpo, então era uma forma de conhecer também construindo. Daí acabou entendendo que a intenção era a das melhores, que era interessante que a neta participasse, porque a gente tem que orientar em qualquer momento que eles tiverem dúvidas [...].* (Diretora).

Categoria APES - [...] *quando a pedagoga passou nas salas fazendo o convite, muitas mães vieram aqui e as que não vieram ligaram, que negócio “dessa coisa” aí que eles tão falando? Não falavam o nome, “a coisa”, a gente sabia porque a gente tava envolvida, aí falavam: “_ Há, acho que isso aí não vai ser bom!”, porque na verdade eu acho que eles achavam que de certo a gente ia ensinar a fazer [...].* (Diretora).

Dimensão ‘Eventos escolares envolvendo sexualidade’

Durante nossa pesquisa, nas entrevistas e questionários, solicitamos aos professores que nos contassem episódios relacionados à temática da sexualidade no cotidiano escolar e o tratamento dado aos mesmos pelos membros da escola, para termos a ideia de como as diferentes escolas enfrentam as situações problemáticas. Assim, interessados acerca do ‘Eventos escolares envolvendo sexualidade’, convenciamos considerá-lo como uma dimensão de análise, como mostra a figura 10, com as subdimensões e categorias relacionadas. Após a figura apresentamos os critérios propostos para cada subdimensão:

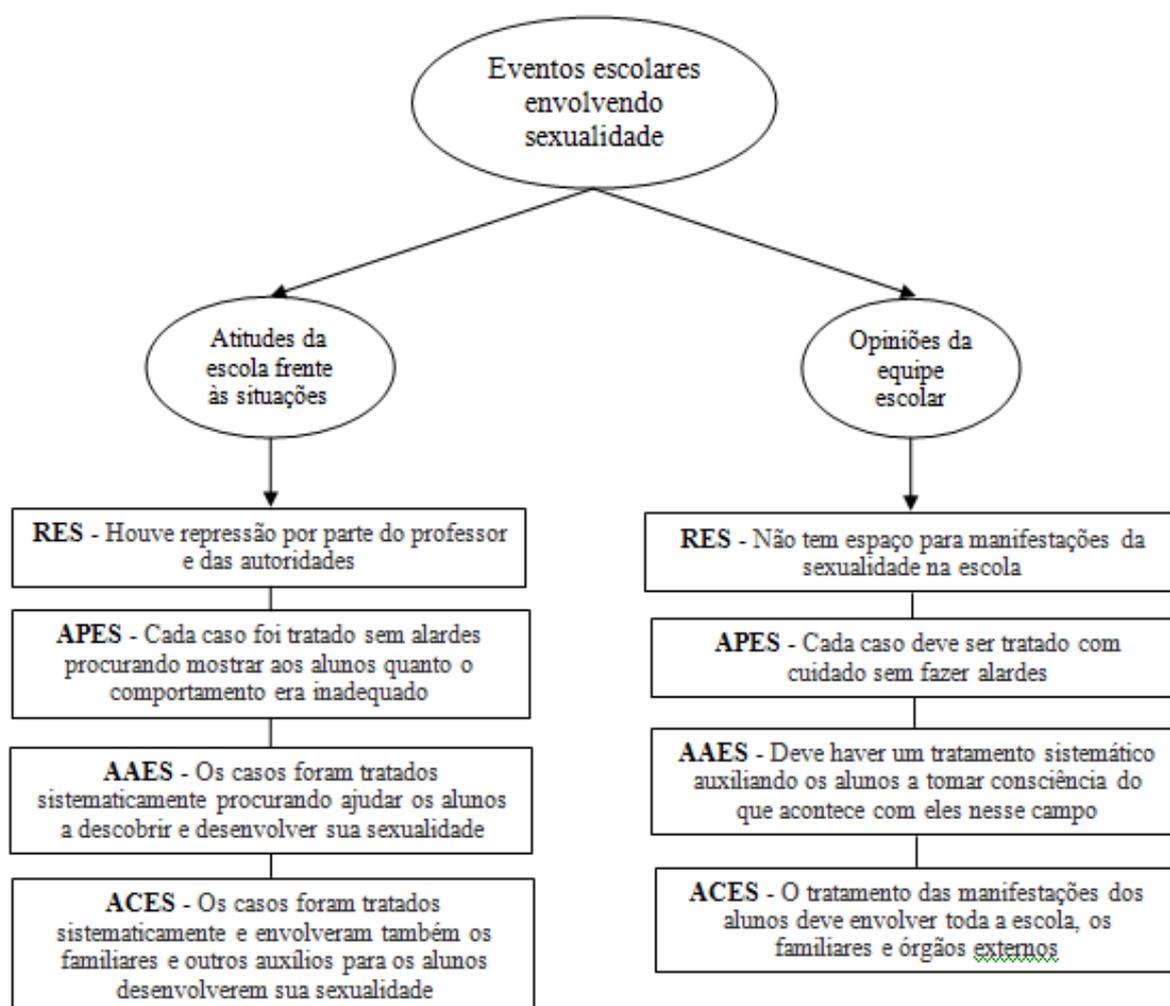


Figura 10 – ‘Eventos escolares envolvendo sexualidade’ na escola

Para esta dimensão apontamos duas subdimensões: a primeira refere-se às ‘Atitudes da escola frente às situações’ e a segunda subdimensão refere-se às ‘Opiniões da equipe escolar’ em relação a situações problemáticas sobre sexualidade dentro da escola. Para cada categoria da primeira subdimensão propusemos os seguintes critérios:

Categoria RES - Houve repressão por parte do professor e das autoridades: haveria **a repressão das situações problemáticas sobre a sexualidade no contexto escolar pelos professores e autoridades**, por acreditar que **tais fatos não deveriam ser admitidos na escola**.

Categoria APES - Cada caso foi tratado sem alardes procurando mostrar aos alunos quanto o comportamento era inadequado: **cada situação que aparecesse seria tratada sem alarde**, de preferência **entre o aluno e o professor**, que procuraria **mostrar quanto seu comportamento seria inadequado**, mas **sem deixar de oferecer ajuda**.

Categoria AAES - Os casos foram tratados sistematicamente procurando ajudar os alunos a descobrir e desenvolver sua sexualidade: haveria **atitudes sistemáticas de alguns professores em ajudar os alunos a descobrir e desenvolver sua sexualidade**, resolvendo os problemas, **mesmo percebendo as dificuldades inerentes**.

Categoria ACES - Os casos foram tratados sistematicamente e envolveram também os familiares e outros auxílios para os alunos desenvolverem sua sexualidade: haveria **o empenho e dedicação de professores comprometidos para tratar sistematicamente dos casos problemáticos na escola**, envolvendo **também os familiares e outros auxílios, como órgãos externos**, para ajudar os alunos a desenvolverem sua sexualidade.

Para esta subdimensão nominada de ‘Atitudes da escola’, temos os seguintes trechos relacionados às categorias que criamos:

Categoria RES - [...] *Temos até mães que são assim que a gente percebe, mãe que mora junto com uma mulher, cria os filhos, então os filhos têm problemas dentro da escola, são revoltados, não aceitam, né, então aí já também não é nosso problema, né, aí é problema da mãe e de quem vive com ela, da companheira, então que não traga problema pra escola [...].* (Pedagoga).

Categoria AAES - [...] *Nós tivemos um caso de uma menina de manhã que ela arrebitava a bunda ali, ela abria de propósito o botão e fingia que não sabia, sabe, daí ela abria o zíper, mas assim, menina, mas era muito sério, muito sério, de os meninos virem aqui e falar: “_ Eu não aguento mais, a fulana, ela faz assim e assado ...”. Aí nós tivemos que chamar alguém da Patrulha Escolar, tava aqui, de passar a mão na bunda, desrespeito e não sei o que, então eu contei tudo pra ele, ele conversou com ela algumas vezes, chamamos o irmão, chamamos a mãe, até a cunhada veio, várias situações, aí nós conseguimos, aí ela deu uma acalmada, sabe, mas de vez em quando você tem que dar um chacoalhão nela [...].* (Diretora).

Categoria APES - [...] *Muitos deles já acham que aquilo lá é normal, porque a mãe, ali tem os bailes, que eles bebem, e daí a mãe dorme com um, dorme com outro, perto dos filhos, e quando a pessoa tá um pouco alcoolizada, eu acho que ela não se dá conta, ela deve fazer*

barulho e elas escutam, então, desde pequenininhos, às vezes eles contam na sala de aula, a posição que eles vêem, meu pai “comeu” a minha mãe, que é bem assim vulgar mesmo, desse jeito, não sei o que, nós já tivemos um caso assim, **um menino que contava pra nós, sabe, daí a gente conversou, falou que não era assim, que essas coisas acontecem, que tem idade, que tem parceiros e tal, e tal,...** [...]. (Diretora).

Categoria AAES - [...] *Aí teve uma menina assim: “_ Professora, tudo o que eu tô aprendendo é aqui com a senhora, porque nunca, minha mãe não pode nem ouvir falar disso. Se ela ouvir falar sobre sexo, ela vai me bater, se eu for perguntar alguma coisa pra ela”. Então tem isso ainda, porque por mais que seja precoce, mas eles ainda não tem noção, não sabem, são imaturos. Fazem sexo, mas não tem uma educação, daí a escola tem que se propor a resolver os problemas e dificuldades desta área [...].* (Professora de Ciências).

Categoria RES - [...] *Teve uma vez que os meninos foram pro banheiro, cataram o celular, tiraram foto do pênis deles pra mostrar pras meninas e as meninas também foram pro banheiro e tiraram foto dos seios pra mostrar pros meninos. Daí o que a gente fez, pegamos o celular, demos aquela bronca, tal, clientela da tarde, tá! Depois teve uma outra vez que os meninos ficavam ali, na reta do banheiro das meninas, tudo combinado e as meninas entravam no banheiro, erguiam a blusa pra mostrar os seios. Tudo combinado. Mas eu acho que assim, muitas coisas é carência, falta de carinho, falta de atenção, porque muitas famílias são desestruturadas [...].* (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] *temos percebido o bullying relacionado a situações de homossexualidade e tomando como encaminhamentos reuniões e conversas com a equipe pedagógica e trabalho direto com os alunos [...].* (Professor de Ensino Religioso).

Categoria RES - [...] *o caso que é preocupante é um menino da 6ª série, ele tá com a mania de apertar o seio das meninas, apertar os testículos dos meninos até ele gritar de dor e pedir pra soltar, passar a mão, ele é o caso pior que a gente tem e que já vem de um histórico complicado. Este menino é acompanhado pelo Conselho Tutelar, nós estamos aguardando a visita do Conselho e enquanto isso ele levou suspensão, que só assim pra ver se melhora [...].* (Pedagoga).

Categoria AAES - [...] *Tenho uma aluna que trabalha em uma creche há algum tempo, e que me contou sobre uma criança que tinha o apelido, uma criança de 3 anos, eu tô tentando me lembrar o apelido, todo mundo chamava a criança dentro da creche, as crianças, né, uma chamava ela de, ai, não era “boquinha”, era uma coisa parecida com isso, porque disse que ela chupava o pênis das crianças e os meninos da vizinhança toda procuravam por ela. Os pais tratavam aquilo como uma coisa normal, e aí então a criança tava aprendendo isso desde muito pequena, por aí você imagina, e eu tento lidar com bastante clareza pra elas, tentar contextualizar aquela criança, da onde ela tá vindo, porque que ela tá fazendo aquilo, é, tendo determinadas atitudes, e o que eu costumo, é, dizer, é que a criança não nasce sabendo e nem é sexualizada, né, ela tem atitudes sexualizadas porque ela tá vendo em alguém, ela tá vendo com alguém aquilo. E aí a gente vai tentando, então fazer com que elas não se escandalizem com aquilo, porque se escandaliza daí não consegue nem lidar, né, então tem muitos casos muito sérios nas creches [...].* (Pedagoga).

Categoria AAES - [...] *Então quando eles não querem perguntar perto dos outros eles vem: “_ Professora, posso conversar com a senhora?”. Eles vêm, perguntam, então eu dou totalmente a liberdade. Então tem uns que às vezes quer perguntar, mas não sabe como, porque eles falam assim, inclusive este dias um aluno, é, ele esbarrou comigo no corredor e ele falou assim: “_ Tô precisando falar com a senhora!”, “_ O que aconteceu?”, “_ Uma coisa chata que eu quero perguntar ...”, Há, eu falei: “_ Coisa chata sobre o quê?”, “_ Tô achando que a minha namorada tá grávida!”, aí eu falei: “_ Tá, então vem cá, vamos conversar: “_ Porque que você tá achando?”, “_ O que é que aconteceu?” E a gente vai*

ajudando cada vez em maior escala, criando a cultura de que eles podem ter o acesso que a gente vai encontrar as soluções para os problemas juntos [...]. (Professora de Biologia).

Categoria APES - [...] *Aí o namorado não quis, assumiu, mas só pra ajudar a criar a filha, né, mas não assumiu ela. Então, assim, houve uma guerra muito grande assim, dentro dela. Então a gente viu assim que, no fundo ela se arrependeu de tudo o que ela fez, né, ela fala que só não se arrependeu mais, porque agora ela olha a filha dela, é uma prazer ver que ela deixou a filha nascer. Mas ela falou assim que foi uma guerra muito grande durante, principalmente quando a tia descobriu, que ela teve que contar pra tia, então eu falei pra ela que melhor era ela contar e não os outros [...]. (Professora de Biologia).*

Categoria AAES - [...] *então eu me envolvo demais, eu sei muito da vida deles, ai eles falam: “_ Há, a senhora é nossa mãezona, é nossa amiga!”, então sabe, eu tenho essa liberdade com eles e eles comigo, pra poder fazer uma orientação sexual mais próxima [...]. (Professora de Biologia).*

Categoria RES - [...] *um aluno pediu para outra aluna para usar o banheiro feminino. O caso foi encaminhado para a área pedagógica onde foi conversado sobre a opção sexual do aluno, que acabou pedindo transferência, porque a escola não correspondeu às suas expectativas [...]. (Professor de Educação Física).*

Categoria APES para a professora de Biologia e RES para a diretora e para a pedagoga - [...] *E uma das meninas, uma das piores alunas, em termos de comportamento, ela perguntou para o professor de Química, relação de hormônios com a sexualidade, se quando a menina tinha vontade de fazer sexo oral, era mais uma questão de hormônio ou mesmo atração. Aí o professor inclusive citou, partes, é, episódios da vida particular dele. Então ele falou, ele falou assim: “_ Há, eu acho que o sexo oral acontece quando a mulher tem vontade e o homem deixa e o homem pede. Hormônio tem a ver, é, com a sexualidade em geral, mas estas questões de sexo, diferentes assim, é da vontade. Se a mulher é sem vergonha ou não é sem vergonha aí faz sexo oral, faz sexo anal e qualquer coisa cê pergunta pra professora de Biologia, que ela explica melhor”. Inclusive daí, uma das alunas que estava ao lado, ela é evangélica, ela levou a mãe, falou: “_ Mãe, o professor ficou falando dentro da sala que ele fez sexo oral, porque a namorada, a 1ª namorada dele era uma sem vergonha, e ele achava isso tal...”, daí a mãe, que é uma professora, **levou pra direção e ele foi chamado à atenção**, que, mesmo que ele ache isso, ele não poderia falar, porque são adolescentes, 2º ano, então a faixa de idade é de 14, 15 anos.. e... ficou assim um certo, teve um certo desrespeito no ar, da sala para com o professor, tanto que a partir deste episódio, era já uma sala difícil, piorou o comportamento com esse professor. Piorou bastante... três semanas assim que dá pra ver a diferença quanto ao comportamento. Então assim, **pro professor, foi, a pedagoga e a diretora chamaram a atenção, pedindo pra usar, mudar ou termos, pedindo pra que quando for entrar nessas partes, passar pro professor de Biologia, que com certeza responderá as perguntas. Eu vou responder, mas a direção, por sua vez, não deu uma resposta para o aluno, foi só falado mesmo a nível de professor.** E a gente ficou sabendo da história porque o próprio professor contou, é, não foi um problema que chegou da parte da direção pra gente. Foi ele que contou porque achou que ele não falou nada demais, sabe, então ele veio desabafar, que é que a gente achava, se ele tinha feito errado ou não [...]. (Professora de Biologia).*

Categoria RES para a diretora e para a pedagoga - [...] *um dos alunos, ele é repetente e ele ficava no fundo da sala, isolado e com a mão no aparelho reprodutor. E ele ficava tirando os pêlos pubianos e jogando na cabeça, tipo no cabelo das meninas, tudo. Só que isso numa sala cheia, na hora da aula, você acaba achando que tá passando uma borrachinha, um papelzinho e no final da aula, uma aluna veio me falar, que daí eu percebi uma certa irritabilidade das meninas, **chamei a atenção do menino, coloquei ele na frente do meu lado, daí parou**; aí no final da aula a menina veio falar comigo, falou: “_ Olha professora,*

eu tô morrendo de vergonha de falar pra senhora, mas eu fui escolhida por todas as outras meninas, pra falar que, a determinada pessoa tava com a mão dentro da calça tirando os pêlos e jogando na gente, a senhora não viu?” Eu falei: “_ Não, eu vi que ele tava tacando alguma coisa em vocês, tudo, no começo da aula, mas eu achei que era um papelzinho, uma borrachinha”, que é o habitual, aí ela falou: “_ Não professora, era pêlo, se a senhora quiser vê a gente pode até pegar uns que tem no chão!” Aí eu falei: “_ Não, não precisa, eu vou levar o problema à direção”. Aí foi levado à pedagoga e a pedagoga chamou, não deu encaminhamento algum e eu fiquei nesse assunto, sem saber muito bem o que mais eu poderia fazer [...] (Professora de Biologia).

Quanto à segunda subdimensão ‘Opiniões dos professores’, apresentamos os critérios relacionados a cada categoria:

Categoria RES - Não tem espaço para manifestações da sexualidade na escola: julgaria **não haver espaço para manifestações da sexualidade na escola, reprimindo ou rejeitando os casos problemáticos** que surgissem.

Categoria APES - Cada caso deve ser tratado com cuidado sem fazer alardes: **os casos problemáticos deveriam ser tratados com cuidado sem divulgação na escola**, restringindo-se ao envolvimento com as situações de forma pontual, para **minimizar as inquietações dos alunos e ajudá-los a rever posturas inadequadas**.

Categoria AAES - Deve haver um tratamento sistemático auxiliando os alunos a tomar consciência do que acontece com eles nesse campo: **os casos problemáticos deveriam ser tratados sistematicamente com o envolvimento de alguns professores**, para **auxiliar os alunos a tomar consciência sobre suas manifestações da sexualidade** na fase da vida em que se encontram.

Categoria ACES - O tratamento das manifestações dos alunos deve envolver toda a escola, os familiares e órgãos externos: **as situações problemáticas percebidas** entre os alunos **deveriam ser tratadas com o envolvimento de toda a escola, dos familiares e de órgãos externos**, que procurariam formas mais integradas de auxiliar os alunos a tomar consciência sobre suas manifestações da sexualidade.

Abaixo os trechos com as categorias relacionadas a cada um:

Categoria APES - [...] *Nossa, será que isso é uma doença mesmo? Porque o caso dela é um caso específico assim sabe, desde que eu estou aqui nós nunca tivemos uma situação dessa, de tanto assanhamento. “_ Será que existe? Será que é doença? Será que isso é evolução? Porque, assim, cê vê, claro que isso é evolução, né? Mas aqui das meninas cada vez mais novas, será que é a ordem natural ou algum outro fator que a gente não tá atento e não tá sabendo como lidar? Porque tem que ter jeito e coversando de mansinho pra tentar entender” [...] (Diretora).*

Categoria APES - [...] *Aqui na escola tem casos de prostituição, tem casos de meninas que a gente sabe que é muito avançado, se eles fazem eu não sei, mas que eles comentam, comentam..., com animais, tira sarro um no outro, tem muita malícia, tudo pro lado do sexo,*

se uma menina fala alguma coisa: “_ Há, vô te pegá!”, “_ Há, que não sei o quê!”, então **a gente tem que tomar providências em conjunto para amenizar isto tudo [...]**. (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] Então o nosso papel aqui hoje é detectar problemas, tentar dar um monitoramento. Eu penso que é o que nos move. Tá certo que muitos dos problemas a gente não consegue, mesmo porque está num caso muito avançado e sem controle, mas eu acredito que **a gente pela instrução, com professores e funcionários envolvidos na educação, a gente consegue tocar e consegue salvar e recuperar muitos de nossos adolescentes ainda [...]**. (Diretora).

Categoria AAES - [...] Agora se você pega as diferenças num colégio, o que a gente procura sempre melhorar com intensidade com os alunos é esse respeito às diferenças, tanto na cor, quanto na raça, na opção sexual, no nível social, uma coisa puxa a outra [...]. (Diretora).

Categoria AAES - [...] até então, a gente ouvia falar em ficar, em beijinhos, hoje não, eu já via aqui na escola crianças de 11 a 12 anos que tem preocupado, porque a questão é sexo mesmo, tá tão liberal, que acho que a facilidade da informação tá chegando ou o contato que tá deixando comum, mas eu vejo hoje eles falando em sexo com a maior naturalidade, como se eles já fossem adultos assim, eu não vejo eles falarem na questão da prevenção, é o ato de se fazer. Por isso eu me preocupo com as questões de gravidez e penso que tem que trabalhar junto com os professores das melhores maneiras com os alunos pra evitar o pior [...]. (Diretora).

Dimensão ‘Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos’

Percebemos a ‘Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos’, tanto nas entrevistas com os professores quanto nos questionários respondidos. Em particular, a questão sobre a hipotética máquina que fizesse a distribuição de camisinhas no pátio da escola nos chamou atenção, e por isso consideramos a interferência dos valores morais e religiosos como uma dimensão de análise, como podemos observar na figura 11 abaixo, com a subdimensão e as categorias, cujos critérios serão apresentados após o esquema:

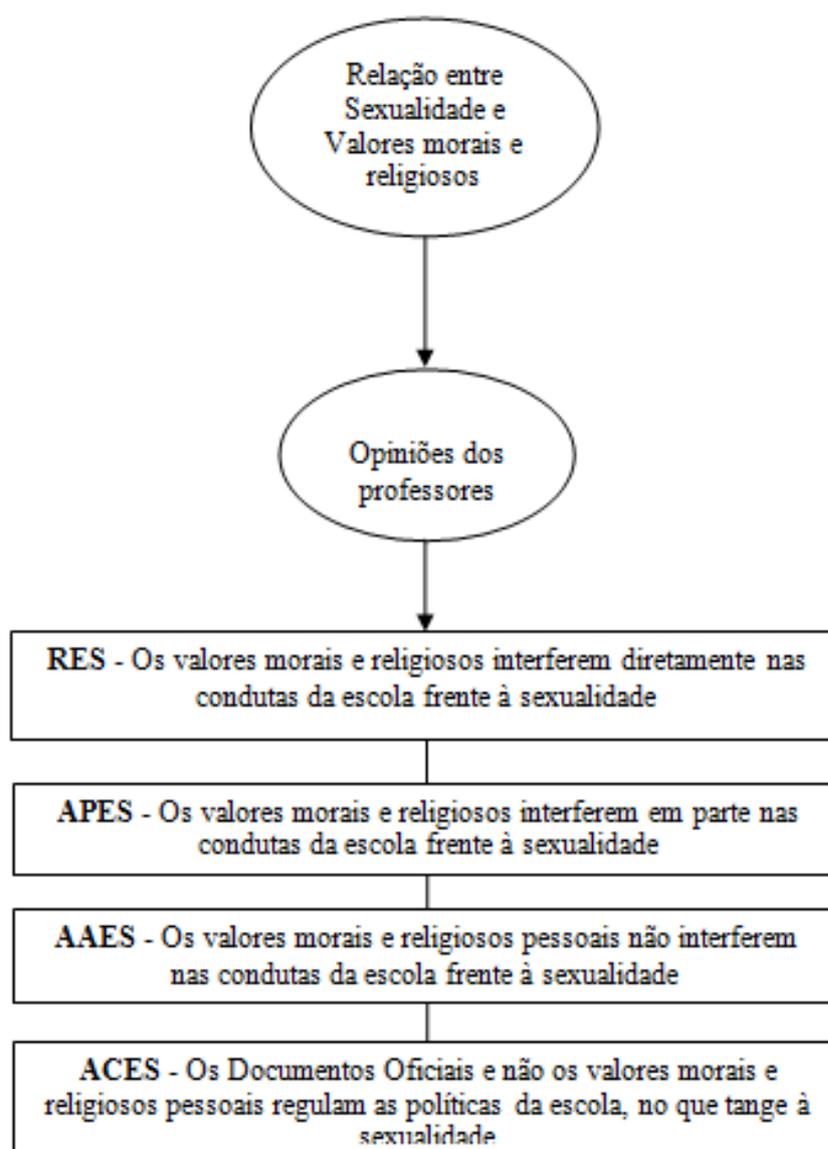


Figura 11 – ‘Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos’ na escola

Ao observar as ‘Opiniões dos professores’ estabelecemos as correspondentes categorias de acordo com os seguintes critérios:

Categoria RES - Os valores morais e religiosos interferem diretamente nas condutas da escola frente à sexualidade: **valores morais e religiosos teriam interferência direta e negativa nas condutas frente à sexualidade**, condenando iniciativas dos alunos ou da própria escola em favor da ES (no caso, a presença de uma **máquina de camisinhas** no pátio **seria considerada um escândalo**).

Categoria APES - Os valores morais e religiosos interferem em parte nas condutas da escola frente à sexualidade: **valores morais e religiosos teriam interferência parcial sobre as condutas frente à sexualidade**, de forma que seriam admitidas eventuais iniciativas dos alunos ou da própria escola em favor da ES (no caso, a presença de uma **máquina de camisinhas** no pátio **seria considerada inoportuna**).

Categoria AAES - Os valores morais e religiosos pessoais não interferem nas condutas da escola frente à sexualidade: haveria **a distinção entre os valores morais e religiosos pessoais e a política da escola sobre ES** (no caso, a **máquina de camisinhas** seria considerada **favorável à prevenção de doenças e à saúde reprodutiva**).

Categoria ACES - Os Documentos Oficiais e não os valores morais e religiosos pessoais regulam as políticas da escola, no que tange à sexualidade: haveria **a distinção entre os valores morais e religiosos pessoais e a política da escola, prevalecendo sempre às orientações dos Documentos Oficiais** nas condutas frente à sexualidade (no caso, a **máquina de camisinhas** seria recebida como **iniciativa capaz de conscientizar professores e alunos em prol da saúde reprodutiva e sexual**).

Temos então as categorias relacionadas aos trechos das entrevistas para esta subdimensão:

Categoria APES - [...] *eles são assim mais bagunceiros da farra do que assim, aquilo voltado pra preocupação pra sexualidade, pra educação sexual, porque eu cuido das 8^{as} e cuido do ensino médio, a gente vê esses namoricos, essa amizade entre eles tudo, mas nada assim que ofenda, digamos a moral, alguma coisa, eu penso assim [...].* (Pedagoga).

Categoria RES - [...] *a gente tenta mostrar os valores em relação a isso porque não é certo realmente, né, porque você tá aí transando com a primeira pessoa que vê, fugindo daquilo que teria que ser o ideal, né, do comportamento humano, fugindo a estas regras eu acho que não leva a lugar nenhum, pelo contrário, a gente procura mostrar que estas depressões, estes problemas de conflito do ser humano, já decorre disso aí, que a pessoa começa a projetar que a vida dele pode ser de um artista de novela, que pode ser do jeito que tá ali o vizinho ou a vizinha e nesse sentido não existe assim uma realidade que vá trazer harmonia pra si, né, pra própria pessoa, então nós procuramos mostrar esse lado mesmo [...].* (Pedagoga).

Categoria RES - [...] porque eu vejo assim, que eu quase não assisto novela, eu não gosto assim desse tipo, porque a minha educação foi muito rigorosa, né, então eu não gosto muito de ver, até a roupa, me incomoda ver as meninas de barriga de fora, aqueles decotes, né, aqueles colares exóticos, aqueles brincos, a gente sempre tá comentando, então sempre assim, fazendo um paralelo [...]. (Pedagoga).

Categoria RES - [...] Então a escola pelo menos trabalhar neste sentido, né, então eu até penso que tem um certo rigor, mas até por causa da minha educação, mas eu acho que os valores morais não mudam com o tempo. Aquilo que é correto, é correto, não é? [...]. (Pedagoga).

Categoria RES - [...] mas só que esta opção como qualquer que seja, que possa até ser heterossexual ou sexual só de um, mais que seja também dentro dos princípios, né, que ele vai, ele é uma pessoa que ali na sociedade e que tem primar, né, pelo bom comportamento e tal, nada de ficar ali se mostrando e exagerando, né, nos seus modos [...]. (Pedagoga).

Categoria RES - [...] quem tende pra este lado, mas faça assim de forma correta, dentro daquele valor assim, não assim debochando digamos, até de uma situação, né, então a gente tem assim enfrentado, mas eu acho que o caso da menina é pior, né, o caso de menina é pior, mas tudo assim dentro do limite, nada assim que extrapole, que vá criar problema assim pra nós, sabe [...]. (Pedagoga).

Categoria APES - [...] Eu acho que o ensino neste sentido deve estar sendo centrado assim, no respeito pelo outro, não é, tanto no sentido da religião, no sentido do sexo, de tudo aí, porque a partir do momento que a pessoa tem respeito pelo outro, as coisas acontecem naturalmente e de forma tranquila e feliz, né? [...]. (Pedagoga).

Categoria AAES - [...] até pra trabalhar com temas como o aborto, você tem que ficar a par da situação, **você tem só que colocar os prós e os contras, mas mostrar sua opinião real não**, porque ao se posicionar é que eles levam pra casa e contam: “_ A minha professora falou”. Porque quando você diz pro aluno que em certos casos o aborto é legal é necessário, ele não vai entender que em outros casos não é [...]. (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] porque o professor não pode ser a favor ou contra nada, o professor nunca pode dizer, eu pessoa física, sou contra o aborto, mas eu professora, posso mostrar os dois caminhos e todas as consequências que ele leva, é o que eu sempre digo pros meus alunos, eles brincam muito comigo, mas quando eles são adultos eles voltam e falam: “_ Você tinha razão!” [...]. (Professora de Ciências).

Categoria RES - [...] Porque não tem noção dos valores, o que vale é aquele momento, aquela hora e só o agora, não tem o respeito nem por ela própria, nem pela família, nem pela escola, principalmente pela própria pessoa, nada. Então esses valores estão perdidos, sendo impraticados e contribui para estas atitudes que aparecem sobre sua sexualidade [...]. (Diretora).

Categoria RES - [...] a gente sempre trabalha, mostra os valores, mas não é suficiente, né, é, sei lá, acho que é um problema que envolve um contexto grande, de cultura, de sociedade, de família, de tudo, a família hoje tá complicado, né, e aí deixa pra escola, esse valores que, tem que ter muito esclarecimento, muita ponderação, muita responsabilidade, né, dentro deste contexto, desta educação sexual [...]. (Diretora).

Categoria AAES - [...] em relação à religião, porque há um público assim mais voltado, mais dedicado, né, àqueles princípios religiosos que a família tem, tal, e eles passam isso como valores, então eu respeito às crenças deles para que não se sintam invadidos, mas não deixo de fazer orientação, porque não pode deixar a religião interferir no que é sério como prevenção da gravidez e doenças [...]. (Professora de Ciências).

Categoria AAES - [...] Agora, a questão religiosa, se é pecado, eu não entro muito em detalhe não, sabe, mas é na questão assim, de valorização mesmo, da hora certa, da

maturidade, de colocar assim os seus estudos, outras atividades, lazer, esporte, tanta coisa e que eles tem pouca infância, deixam de brincar [...]. (Professora de Biologia).

Categoria AAES - [...] Hoje na sala dos professores, até teve uma, eu nem lembro bem o que era, aí saiu a história do Cazuza e uma professora de Biologia falou: “_ Eu nem assisti o filme até o fim, porque onde já se viu, valorizar um sujeito como aquele!”, né, e isso e aquilo e tal, e eu fiquei quieta, mas daí falei: “_ Mas você deveria ter assistido até o fim, né, porque é uma coisa que tá existindo, gente! Não dá pra botar a cabeça num buraco e falar: _ Isso não existe, né?”. Existe e tem um desfecho, né, e as pessoas precisam estar alertadas pra isso. Mas por aí você vê, como é que tá a questão dos valores, princípios de cada um, que dirige essas coisas [...]. (Pedagoga).

Categoria RES - [...] Falar sobre sexualidade, ainda o professor tem uma certa inibição, apesar de que tem o problema da religião, aqui nós tivemos um caso de um colega nosso, professor e advogado, que era Testemunha de Jeová, ele fez tirar do livro as páginas sobre sexualidade, porque não era pra dar educação sexual pro filho dele [...]. (Pedagoga).

Categoria AAES - [...] Agora, o que eu vejo que nos dificulta muito são os princípios religiosos. É a mãe por exemplo, que ligou aqui e que quis brigar comigo, é, tinha um apoio de um padre, é, a outra tinha de um pastor e então, a religiosidade da pessoa, da forma que é colocada, eu vejo que impede que as pessoas vejam com clareza o que tá acontecendo. É por essas e outras que os professores não tomam iniciativas para falar sobre sexo e sexualidade com seus alunos [...]. (Pedagoga).

Categoria AAES - [...] Teve um caso que eu gostaria até de comentar, que eu tive, fiz a recomendação, não é recomendação, eu falei das coisas que podiam ser usadas pra evitar uma doença, ou evitar uma gravidez, pra uma turma de 2º ano. No dia seguinte, a mãe ligou possessa aqui na escola, dizendo que eu estava incentivando a prática sexual e que ela não admitia isso, porque a filha dela era uma pessoa muito ainda, é, infantil e que não deveria acontecer isso. Então essa é uma experiência que eu tive, é, mas eu não desisti também, porque eu penso que eu tenho consciência daquilo que eu tô fazendo, não estou absolutamente fazendo, é, nada que vá contra os princípios das pessoas, é só mesmo, a minha intenção seria esclarecer [...]. (Pedagoga).

Categoria AAES - [...] Sempre observo, tem uma turma que tem meninas, que elas são evangélicas e elas têm um certo, uma certa restrição. Mas elas ficavam na delas, não falavam, não faziam nenhuma reclamação sobre o assunto. Eu acho que até gostavam, tinham vontade de perguntar, gostavam do conteúdo, mas não tinham coragem, justamente pela criação dos pais que são evangélicos. Mas foi tranquilo, não teve nenhum constrangimento, e eu também não deixei de fazer a orientação por causa da religião das meninas. Claro, converso numa boa, não no sentido de incentivar ou de agredir ninguém, mas eu tenho que responder as dúvidas deles, porque sempre eles puxam este assunto [...]. (Professora de Biologia).

Categoria AAES - [...] Eu entendo que deveria ter maior liberdade na escola para falar de sexo e sexualidade do que em casa, isso é certo, porque a gente tem que ensinar, independente do que cada professor acredite. Essa questão de que em casa está com maior liberdade, eu acho que assim, pra sair, pra beber, pra fumar, agora falou em sexo, é o mesmo tabu de sempre, porque é o sonho da mãe, do pai, que a filha vai casar virgem, os valores que eles continuam seguindo, principalmente por se tratar de uma cidade muito pequena como a nossa, vai ser assim. Isso você escuta das próprias adolescentes, elas falam pra mim [...]. (Professora de Biologia).

Categoria APES - [...] A religião não influencia muito no aspecto da sexualidade na nossa escola. O fato dos alunos serem “quadrados” é por falta de cultura, falta de conhecimento, eu acho que tudo isso favoreceu pra esse tipo de vivência, de segmento [...]. (Diretora).

Categoria RES - *Não concordo com a distribuição de camisinhas, porque estaríamos liberando o sexo livre e a camisinha não é totalmente seguro e vai contra aos princípios cristão e temos muitos pais que educam seus filhos nos valores cristão que não aceitariam.* (Professor de Geografia).

Categoria RES - *Distribuir camisinhas na escola irá causar um certo tumulto e alguns problemas com a família, no que se refere aos valores e religião.* (Professor de Geografia).

Categoria RES - *A distribuição de preservativos na escola poderia tornar motivo de brincadeiras e inversão de valores.* (Professor de Matemática).

Categoria RES - *A máquina estaria abrindo para o liberalismo sexual na escola.* (Professor de Educação Física).

Categoria APES - *Os alunos poderão levar na brincadeira.* (Professor de Português).

Categoria RES - *Não é função da escola distribuir camisinhas, mas conscientizar e educar para uma vida sexual saudável e com responsabilidade não esquecendo dos valores morais.* (Professor de Química).

Categoria RES - *Com a máquina causaria um transtorno nas aulas, além dos alunos acharem que a escola estaria incentivando o ato sexual.* (Professor de Artes).

Categoria RES - *Com a máquina haveria banalização do sexo e da sexualidade.* (Professor de Sociologia).

Categoria APES - *Os alunos irão somente brincar e não levar nada a sério.* (Professor de História).

Categoria APES - *A população não está preparada e vai virar bagunça.* (Professor de História).

Categoria RES - *Tenho uma preocupação imensa com a possibilidade da instalação da máquina, uma vez que se fosse instalada a escola estaria condenada definitivamente ao incentivo à relação com liberalidade total, podendo ocorrer à libertinagem, a vulgarização do ato em si.* (Professor de Artes).

Categoria RES - *A distribuição de camisinhas pode ser um incentivo a prática sexual.* (Professor de Língua Portuguesa).

Categoria APES - *Não é o caso de haver distribuição na escola, pois a escola está assumindo funções que não cabem a ela, e deixa de fazer o seu papel primordial que é a transmissão dos conhecimentos produzidos pela humanidade.* (Professor de História).

Categoria RES - *Se distribuir camisinha resolvesse alguma coisa, já teríamos diminuído o número das DSTs e das mulheres (ou meninas) grávidas.* (Professor de Inglês).

Categoria RES - *Estaríamos normatizando esta ação irresponsável dentro da escola com alunos adolescentes.* (Professor de Geografia e Ensino Religioso).

Categoria APES - *Mesmo com muita instrução que deveria ser dada antes, isso ainda causaria problemas.* (Professor de Artes).

Categoria APES - *Traria sérios transtornos à escola.* (Professor de Educação Especial).

Categoria APES - *A distribuição de camisinhas deveria ficar a cargo dos postos de saúde. Não é o caso de haver distribuição na escola, pois não é sua função.* (Professor de Ciências).

Categoria APES - *Camisinha na escola? E os postos de saúde?? A escola não deve abraçar e ser responsável por tudo.* (Professor de Português e Inglês).

Categoria RES - *O uso e distribuição indiscriminada de preservativos vem favorecer a promiscuidade.* (Professor de História).

Categoria APES - *Não aconselho por esta máquina por causa das brincadeiras e palhaçadas dos alunos imaturos.* (Professor de Matemática).

Categoria RES - *Não sou a favor de distribuir preservativos a alunos ou a qualquer outra pessoa. Isso não é responsabilidade do governo nem da escola, é da saúde.* (Professor de Inglês).

Categoria RES - *A máquina aumentaria a prostituição dentro da escola. Sabemos que a camisinha não protege totalmente contra a AIDS, de acordo com pesquisa realizada somente 65%. (Professor de Língua Portuguesa).*

Categoria RES - *A máquina de camisinhas no pátio da escola para distribuição de preservativo é um absurdo. (Professor de Artes).*

Categoria APES - *Não concordo com a máquina na escola, pois a escola pode até trabalhar, mas isso é da área da saúde. Pois seria o mesmo que eu colocar livros de literatura nos postos de saúde e as enfermeiras se responsabilizarem com a leitura dos pacientes que esperam. Cada setor (educação/saúde/segurança) deve ser comprometido e responsável com sua função. (Professor de Português).*

Categoria RES - *A máquina é um estímulo à precocidade sexual dos alunos. (Professor de História).*

Categoria RES - *A máquina de camisinha daria abertura para o liberalismo. (Professor de Educação Física).*

Categoria RES - *A distribuição de camisinhas deveria ficar a cargo dos postos de saúde, porque se houvesse máquina de camisinhas na escola iria piorar o modo de pensar dos alunos, sem contar que viraria uma bagunça. (Professor de Inglês).*

Categoria RES - *A máquina de camisinha é um incentivo a começar cada vez mais cedo. (Professor de Física).*

Categoria APES - *Não concordo com a inserção da máquina de camisinha no pátio da escola, porque isto poderá se tornar brincadeira entre os alunos e também porque o posto de saúde já faz essa distribuição. (Língua Portuguesa).*

Categoria RES - *Acho que com uma máquina de camisinha no pátio seria muito liberal num ambiente escolar. (Professor de Física).*

Categoria RES - *A máquina de camisinha fere a moral e os bons costumes que devem nortear a formação do cidadão e isto é dever da escola. (Professor de Matemática).*

Categoria APES - *O local ideal para a instalação da máquina de camisinha seria no posto de saúde. (Professor de Língua Portuguesa).*

Categoria APES - *Não sei se as pessoas estão preparadas para tanta modernidade, principalmente os familiares. (Professor de História).*

Categoria APES - *A distribuição de camisinhas deve ser feita nos postos de saúde ou estar vinculada à saúde. (Professores de História, Educação Física e Matemática).*

Categoria RES - *Na minha concepção seria muito liberal. (Professor de Metodologia de Arte).*

Categoria RES - *As máquinas de preservativos acho dispensável as mesmas nas escolas. Penso que aí estaríamos estimulando os jovens para a prática sexual. (Professor de Estágio).*

Categoria APES - *A escola não tem a função de distribuir camisinha. Não se pode confundir camisinha, que é saúde pública, com educação acadêmica. (Professor de Sociologia).*

Categoria APES - *A máquina de camisinha na escola é um pouco de exagero. (Professor de Matemática).*

Categoria RES - *Jamais, isso tem que partir da área da saúde. (Professor de Matemática).*

Dimensão ‘Avaliação externa à escola’

Consideramos como dimensão a ‘Análise externa à escola’, na qual classificaremos as opiniões de alguns personagens sobre posicionamentos e intervenções das

escolas no que diz respeito à sexualidade. Consideraremos como subdimensões as opiniões de algumas alunas grávidas, dos licenciandos, que participaram das oficinas, de alguns alunos, também participantes das oficinas e da própria pesquisadora, conforme apresentado na figura 12. Para cada uma das subdimensões faremos o detalhamento nas próximas páginas:

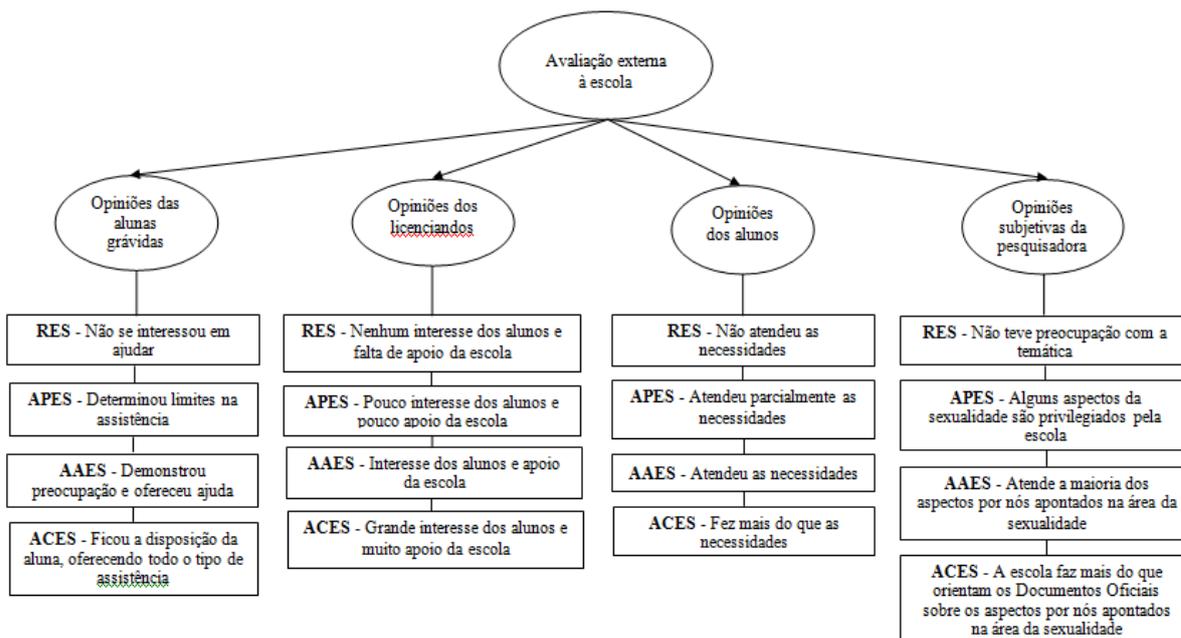


Figura 12 – 'Avaliação externa à escola'

Ao apontar a ‘Avaliação externa à escola’ como dimensão de análise, consideramos as opiniões de meninas que tiveram experiências de gravidez (‘Opiniões das alunas grávidas’) e, em suas entrevistas, avaliaram a atuação da escola quanto à receptividade, acompanhamento e auxílio efetivo, antes e após o nascimento dos bebês. Consideramos os seguintes critérios para as categorias:

Categoria RES - Não se interessou em ajudar: a escola **não se interessou pela situação de gravidez da aluna**, desprezando sua condição, pois **seria um assunto que não lhe daria respeito**.

Categoria APES - Determinou limites na assistência: a escola **teve uma compreensão parcial da situação da aluna**; entretanto, para não perder o controle sobre os alunos, **houve limitações na flexibilidade da assistência**, não permitindo saídas frequentes durante o período de gestação ou posterior a ele.

Categoria AAES - Demonstrou preocupação e ofereceu ajuda: a escola **teve uma preocupação plena com as alunas grávidas**, interessando-se pela condição e **oferecendo ajuda na medida das possibilidades da escola**.

Categoria ACES - Ficou a disposição da aluna, oferecendo todo o tipo de assistência: **além da preocupação a escola ofereceu assistência à saúde emocional e física das alunas**, com empenho de professores para fazer as parcerias com instituições ligadas à saúde.

As categorias que relacionamos aos recortes das entrevistas são:

Categoria AAES - [...] *A escola ajuda bastante, eles gosta de mim também, sabe, nossa eles são uns amor de pessoa, se preocupa comigo, pergunta se eu fui no médico, se eu tô conseguindo estudar... Porque eu era muito bagunceira, vinha aqui pra escola e fazia bagunça, aí fui criando juízo, depois que eu engravidei fui criando mais responsabilidade, sozinha mesmo, porque minha mãe e meus irmãos não ligam pra mim [...].*

Categoria APES - [...] *eu parei só um mês de vir pra escola, eu vim morar do lado da escola, e minha irmã ficava com ele pra mim, isso ele tava com 3 meses já, ela trazia ele na escola pra mim dar mamá pra ele, às vezes ele ficava sem mamar, porque não era toda a vez que eles deixavam sair pra dar mamá [...].*

Como segunda subdimensão, consideramos as ‘Opiniões dos licenciandos’ que, em duplas, desenvolveram atividades de oficinas nas escolas pesquisadas: eles avaliaram a participação dos alunos e o apoio da escola, que classificamos nas várias categorias com os critérios abaixo descritos:

Categoria RES - Nenhum interesse dos alunos e falta de apoio da escola: para os casos em que **o interesse dos alunos durante as oficinas foi muito limitado e associado a uma**

escassa participação da escola (falta de divulgação das oficinas, descaso dos professores e falta de apoio com a estrutura física).

Categoria APES - Pouco interesse dos alunos e pouco apoio da escola: para as situações em que **o interesse dos alunos foi limitado e associado a uma participação parcial da escola** (divulgação limitada, participação quase nula dos docentes, porém disponibilidade quanto ao uso da estrutura física da escola).

Categoria AAES - Interesse dos alunos e apoio da escola: para os casos em que **houve interesse dos alunos, associado a um apoio da escola** (com divulgação das oficinas, acompanhamento mais próximo de algum professor supervisor e disponibilidade da estrutura física da escola).

Categoria ACES - Extremo interesse dos alunos e total apoio da escola: para as situações em que **houve muito interesse dos alunos, associado ao total apoio da escola** (com grande divulgação das oficinas, com professores engajados e dispostos a acompanhar as atividades e com disponibilidade da estrutura física da escola).

Abaixo alguns trechos com os depoimentos dos licenciandos e as categorias associadas:

Categoria APES - [...] *Eu imaginava que causaria empolgação e interesse nos alunos das duas escolas que trabalhei, porém, me decepcionei quanto à turma atendida, que demonstraram grande interesse no primeiro dia e na segunda semana de oficinas já não compareceram. Um dia a diretora cruzou com a gente e perguntou o que estávamos fazendo naquela sala de aula porque tinha esquecido do dia do nosso encontro [...].*

Categoria APES - [...] *os alunos são mais ou menos interessados. Achei que alguns alunos fossem ser mais tímidos, porém também acreditava que eles fossem mais liberais do que alguns ao menos aparentam ser em assuntos como homossexuais, Aids. A escola deixou para o Grêmio organizar e não deu certo a organização, tivemos que adiar o início das oficinas e ainda sim, na primeira semana foi difícil arranjar sala para realizarmos as atividades, mas depois isso foi tranquilo [...].*

Categoria AAES - [...] *Das expectativas que eu tinha no início do projeto, em parte pude alcançá-las, porque assuntos relacionados à afetividade, os jovens e adolescentes pouco valorizam, tanto que a palavra sexualidade para muitos significa apenas sexo, ficando de lado a questão do friozinho na barriga, o amor, o apaixonar-se e viver de maneira carinhosa a paquera, antes de partir para o ato em si de ficar e fazer o sexo. A coordenadora sempre nos perguntava se precisávamos de alguma coisa e solicitava que a gente fizesse a chamada para ver se alguém não estava vindo certinho [...].*

Categoria AAES - [...] *Eu esperava alunos, como posso dizer, mais liberais, porque hoje em dia são assim e como sabia que era uma escola mais assim afastada do centro da cidade, achava que ia encontrar alunos com um certo conteúdo sobre o tema, mas claro, com o pensamento mais relacionado ao sexo. Porém, os alunos eram interessados e a pedagoga ajudava na orientação da entrada e saída das oficinas [...].*

Categoria AAES - [...] *Sinceramente, achei que fosse mais difícil, não conhecia o colégio e o que ouvia dizer é que era escola de favela, que era uma das piores de Bandeirantes, mas percebi que é bem o contrário, tem uma galera que é bagunceira e tal, mas são bem*

interessados, fazem perguntas na hora, até já sabem algumas coisas, o que me impressionou, porque acabei me saindo pior que eles. Sem contar que o pessoal da escola divulgou legal as oficinas e toda semana a coordenadora ou a diretora nos acompanha até a sala em que realizamos as atividades [...].

Categoria APES - [...] *Esperava que fosse uma temática que gerasse curiosidade e bastante interesse, que os alunos ficassem tímidos, a princípio, mas que depois fossem se soltando. Que o espaço oferecido e as oficinas deixassem eles a vontade para falar e perguntar, mas na nossa escola, especificamente, não houve muito interesse dos alunos e nem dos professores. Pelo menos não tanto quanto eu esperava. Alguns alunos continuam frequentando as oficinas e outros foram apenas uma vez [...].*

Categoria APES - [...] *Esperava encontrar um número maior de alunos. Especialmente um grupinho de alunas que permaneceu tem muita vergonha ao se tratar do tema sexualidade, muitas vezes parece mesmo que com as dúvidas elas não querem perguntar, nem mesmo na caixinha ou no e-mail. Além do que, pela realidade da escola, por existirem casos de gravidez e meninas que se prostituem, as meninas que participam são bem inocentes, o que mostra que os que mais necessitavam de orientação, não apareceram nas oficinas. Além disso, de vez em quando só que a diretora passa, fala oi e aponta a sala pra gente usar [...].*

Categoria RES - [...] *Uma pena não termos conseguido ir até o fim na escola em que estávamos, mas ao conversar com alguns, percebi que não foi falta de interesse pelo tema, ou pelo nosso método, foi preguiça deles ou da escola que não estimulou direito os alunos a participar [...].*

Categoria RES - [...] *A escola em que estive é que foi mais decepcionante, porque mais pro final do projeto não conseguimos muito sucesso de público, e vimos uma vez a diretora por lá, que nos perguntou se precisávamos de alguma coisa [...].*

Categoria AAES - [...] *Percebi que as crianças estão muito mais evoluídas que eu em matéria de sexo, mas no fundo, ainda tem atitudes infantis, precisam e querem chamar a atenção. Em particular, para um grupo de alunas que teve condições de conversar a sós comigo e com a outra monitora, acho que demos conselhos importantes sobre prevenção e pudemos atendê-las especificamente sobre o que precisavam saber, com o apoio da escola que monitorou a frequência dos alunos [...].*

Categoria APES - [...] *Talvez a maior dificuldade na minha escola tenha sido a necessidade de que houvesse maior presença e participação dos alunos, que por algum motivo ficaram desmotivados, apesar de que mais pro finalzinho tivemos um resgate surpreendente de alunos. Acho que o que atrapalhou e que perdemos alunos no meio do projeto foi o fato deles terem colocado aula de dança no mesmo horário que a nossa oficina. Como que a coordenação deixou passar este detalhe? [...].*

Categoria AAES - [...] *Não tivemos dificuldades no decorrer do projeto, pois os alunos foram passivos e interessados nas oficinas, foi difícil fazerem perguntas que causasse dúvidas em nós. Fizemos até confraternização com a presença de uma mãe e da diretora que toda semana observava nossa entrada e dos alunos [...].*

Categoria RES - [...] *Eu me decepcionei com a escola, que se manteve longe da gente, diferente do que eu achava que fosse acontecer. Gostaria que os alunos tivessem conversado mais conosco, dividindo experiências ou tirado mais dúvidas, pois acredito que eles as tinham, mas não compartilharam conosco. Acho que a maior dificuldade foi no sentido de interagir com eles, tentar entrar no mundo deles, na realidade deles, que acabou sendo bem diferente da minha. O nível socioeconômico era muito distinto e eles tinham muita deficiência de aprendizagem, o que dificultou em muito nosso trabalho [...].*

O contato com os alunos nas sessões de oficina revelavam nuances do contexto da escola, ou seja, os anseios dos alunos e seus comportamentos davam indícios da clientela da escola. A forma com a qual os alunos participavam das oficinas orientava também os monitores a direcionar determinados temas, adequando-os às necessidades dos alunos atendidos.

Como terceira subdimensão consideramos as ‘Opiniões dos alunos’ que participaram das atividades. No momento da realização das oficinas falaram acerca do atendimento da escola às suas necessidades em receber ES. Como critérios para as categorias, convencionamos:

Categoria RES - Não atendeu as necessidades: quando os alunos julgavam que **a escola não atendeu às necessidades de receber informações sobre sexualidade**, seja porque **nunca teve iniciativas relacionadas**, seja porque **os professores em suas aulas se negaram a tratar da ES**.

Categoria APES - Atendeu parcialmente as necessidades: quando os alunos julgavam que **a escola atendeu parcialmente às necessidades de conhecimentos sobre a sexualidade**, seja porque **a escola promoveu iniciativas eventuais relacionadas à ES**, seja porque **alguns docentes se dispuseram a dar informações e, eventualmente, sanar dúvidas e curiosidades**.

Categoria AAES - Atendeu as necessidades: quando os alunos julgavam que **a escola atendeu de forma sistemática às necessidades de receber informações sobre sexualidade**, tanto **com iniciativas coletivas**, quanto **com abordagens sistemáticas nas salas de aula**, debatendo temas de interesse e favorecendo a prevenção.

Categoria ACES - Fez mais do que as necessidades: quando os alunos julgavam que **a escola superou as expectativas ao atender as necessidades e dúvidas sobre sexualidade** (com a abordagem de temas como diversidade e gênero, favorecendo o diálogo, contando inclusive com o acesso a metodologias e recursos diferenciados).

Seguem alguns trechos das falas dos alunos e as categorias relacionadas:

Categoria APES - [...] *Nós queremos saber mais sobre esse assunto. Tem algumas professoras que a gente pode conversar e que da umas aulas em que vai falar de sexo ou coisa parecida [...].*

Categoria RES - [...] *A gente não pode ficar falando muito destas coisas pra professor porque depois eles escrafunham e quer chamar a mãe. Não dá pra contar as coisas porque dá problema, tem uns dedo-duro por aí [...].*

Categoria AAES - [...] *Aqui na escola tem professor que conversa com a gente sobre estes assuntos. Tem uma professora que conversa mais com a gente porque sabia que uma menina da nossa sala tinha abortado porque saía com homem casado. Foi o cara que pagou o aborto*

pra ela. Daí a professora aproveitou e fez uma conscientização sobre os perigos e o arrependimento que pode vir depois de acontecer uma coisa dessas [...].

Categoria RES - [...] *A professora crentinha falou que era pra eu fazer a oficina porque eu sou muito safada [...].*

Categoria APES - [...] *O nome da oficina já chama a atenção por quê? Porque fala sobre sexo. É difícil professor falar sobre isso na sala de aula. A professora de Ciências já falou e já teve palestra [...].*

Categoria RES - [...] *Eu acho que todos nós adolescentes estamos na fase de namorar, de ter paquerinha, então todo mundo tem que saber um pouco mais disso, aprender um pouco mais, porque é melhor pra cada um de nós. Na aula assim, **não me lembro do professor ter falado alguma coisa desses assuntos** [...].*

Categoria APES - [...] *Eu já perdi a conta de quantos eu fiquei. Por isso que eu vim, porque esses assuntos são muito interessantes. Na escola, se eu já ouvi falarem? É..., teve os estagiários que fizeram palestra e a professora de Ciências que comentou de gravidez e doenças [...].*

Categoria RES - [...] *Eu gosto de vir nas oficinas porque é interessante o assunto e eu quero aprender mais sobre isso. Tem professor que fica bravo se a gente fala de sexo ou vê a gente com um paquerinha ou namorado [...].*

Categoria AAES - [...] *Eu tenho vergonha de falar sobre esses assuntos com minha mãe, por isso quando a professora de Ciências falou de namoro, gravidez e doenças eu gostei de aprender, porque eu tava querendo saber e não sabia como eu ia fazer para descobrir [...].*

Categoria RES - [...] *A professora do outro projeto só dá filme pra gente assistir e é chato porque assistir filme a gente assiste em casa. Só no comecinho ela falava sobre sexo depois só passava filme e não comentava nada [...].*

Categoria APES - [...] *Eu aprendi que sem camisinha a gente pode pegar doenças sexualmente transmissíveis e a menina pode ficar grávida. A palestra que teve na escola também já tinha falado sobre isso [...].*

Categoria APES - [...] *Estamos aqui para aprender mais sobre a sexualidade. Minha mãe fala que se eu aparecer grávida ela mata eu, por isso eu presto bastante atenção quando a professora fala, porque eu ainda não sei bem destas coisas... [...].*

Categoria APES - [...] *Eu vim conhecer as oficinas porque minha amiga me convidou. A professora de Ciências é também é bem gente boa e já respondeu algumas das perguntas da sala e agora com as oficinas é bem legal [...].*

Categoria AAES - [...] *Há, uma coisa que eu gostei foi quando a professora de Ciências passou um filme sobre o aborto. Tipo, deu uma dó dos bebezinhos, eu não sabia que era feio daquele jeito, porque a menina tem que pensar em se cuidar mesmo, porque sobra pra ela, o menino às vezes não assume, quem vai cuidar? [...].*

Categoria RES - [...] *Eu vim aqui para saber mais sobre o assunto. Eu já peguei meu pai assistindo filme pornô na sala e daí, falei pra um amigo meu e a professora tava do lado e falou um monte, que era um absurdo e eu até assustei como ela ficou revoltada [...].*

Categoria APES - [...] *A gente veio aqui para aprender mais sobre o assunto. Tem professor que fala, explica,... Porque pra minha mãe nem adianta perguntar que ela não vai querer responder [...].*

Categoria RES - [...] *Quando a gente viu sobre o que ia ser estas oficinas, no que é que você acha que nós pensou? Em sexo, claro. O que a gente não pode falar em casa e tem professor que tem vergonha também [...].*

Categoria RES - [...] *Vim aqui para aprender mais e porque tenho curiosidade. Mas no começo eu ficava com um pouco de vergonha porque é um assunto meio proibido na minha família que é bem religiosa. Aqui na escola não lembro se a gente aprendeu sobre esse assunto... [...].*

Categoria APES - [...] *A gente quer tirar dúvidas e ter mais conhecimento. Eu sei que se eu tiver filho, lá em casa eu apanho. Teve um pessoal que veio aqui, lá da faculdade, e eles falaram de gravidez, tal, depois a professora de Ciências falou mais um pouco [...].*

Categoria AAES - [...] *Quando tem aula de sexualidade na escola eu conto pros meus pais e eles perguntam o que é que a gente aprendeu e eu falo que eu aprendi a me prevenir. Eu aprendi que tem que se prevenir das doenças, de gravidez [...].*

Categoria AAES - [...] *Eu cheguei em casa com a camisinha que ganhamos de uma atividade com a professora de Ciências e meus pais não são contra, eles são a favor que a gente receba estas orientações na escola [...].*

Categoria RES - [...] *A gente queria que tivesse oficina o ano inteiro. Os professores não se abrem para conversar com a gente sobre assuntos de sexualidade. Eu acho que na aula normal o professor poderia falar sobre esses assuntos, tem tempo pra isso [...].*

Categoria RES - [...] *Os homens pegam vinte meninas e na boca dos outros moleques fica que ele é o pegador e para as meninas fica que elas são biscate e vadia, mas é mais pra quem chega até o sexo. Mas e a menina também não pode querer fazer sexo? Não, não pode porque a nossa sociedade é muito machista. Mas isso não é discutido na escola, só que a gente sabe que é assim e que até professor fica sabendo de menina que tem má fama e eu acho que eles também comentam daí pega mal pra menina, né? [...].*

Categoria AAES - [...] *Um colega meu “come” um monte de menina por aí, e não usa camisinha não. É igual ele tem um monte. Eles deveriam aprender com vocês e com alguns professores que explicam certinho sobre gravidez e doença, para se conscientizar do que estão fazendo [...].*

Categoria APES - [...] *Tem professor que conversa com a gente desses assuntos, que são os professores mais jovens, que usa internet e tal. E a professora de Biologia fala com a gente mais quando chega os assuntos relacionados à reprodução. Eu sinto falta porque que nem, o ano passado tinha menina grávida na nossa turma, e se tivesse mais orientação na escola, talvez diminuiriam os casos [...].*

Categoria APES - [...] *Como que os homens querem casar com a menina virgem, se eles que forçam a isso? No fim das contas os direitos entre homens e mulheres não são iguais, porque a mulher também sente tesão e o homem pode ficar com quantos quiser, já a mulher não, porque daí já são vagabundas. O professor de Filosofia falou sobre isso assim na aula dele e a gente achou legal ele ter aberto para estas conversas [...].*

Como última subdimensão da ‘Avaliação externa à escola’ consideramos as ‘Opiniões subjetivas da pesquisadora’ sobre a relação da escola com a ES (sua percepção global quanto à receptividade da escola à pesquisa e às atividades de oficinas, às atitudes a respeito da sexualidade, ao envolvimento dos professores com a temática e ao atendimento às recomendações dos Documentos Oficiais). Os critérios relacionados às categorias estão descritos abaixo:

Categoria RES - Não teve preocupação com a temática: a escola **não apoiou a pesquisa e/ou as atividades de oficinas oferecidas e não manifestou preocupação com a temática da sexualidade em nenhum** dos aspectos delineados acima.

Categoria APES - Alguns aspectos da sexualidade são privilegiados pela escola: a escola apoiou somente em parte a pesquisa e/ou as atividades de oficinas oferecidas, privilegiando apenas alguns dos aspectos da sexualidade por nós apontados, sem levar em consideração as recomendações dos Documentos Oficiais.

Categoria AAES - Atende a maioria dos aspectos por nós apontados na área da sexualidade: a escola apoiou a pesquisa e/ou as atividades de oficinas oferecidas, preocupando-se com a maioria dos aspectos da sexualidade por nós apontados e levando em consideração algumas das recomendações dos Documentos Oficiais.

Categoria ACES - A escola faz mais do que orientam os Documentos Oficiais sobre os aspectos por nós apontados na área da sexualidade: a escola apoiou a pesquisa e/ou as atividades de oficinas oferecidas, preocupando-se com todos os aspectos da sexualidade por nós apontados, sendo ainda mais criativa e inovadora do que as recomendações dos Documentos Oficiais.

Minhas impressões sobre cada escola pesquisada:

Escola A = Categoria AAES – Nesta escola houve boa receptividade da direção, equipe pedagógica e professora de Ciências para com a pesquisadora e para com as atividades de oficinas e licenciandos. Houve ajuda da pedagoga para distribuição do questionário e colaboração dos professores em responder ao mesmo. Também esta foi a única escola que se propôs a convidar os familiares para divulgar o projeto de oficinas, e que contou com a participação da diretora e da professora de Ciências na reunião. A professora de Ciências mostrou relevante preocupação com a temática, pois desenvolvia sua capacitação em nível PDE e mostrou envolvimento com as atividades que propunha e ações externas de ES na escola. Nesta escola chamou a atenção os graves casos de pedofilia e prostituição infantil, e as tentativas de encaminhamento ao Conselho Tutelar como forma encontrada de resolver os problemas, bem como as tentativas de conversar com os pais, vindas da direção, da equipe pedagógica e de alguns professores, aconselhando-os e levando conhecimento científico quando necessário. A exposição dos problemas à comunidade externa foi um fator incômodo e de impacto negativo, pela gravidade dos episódios ocorridos na escola. Com relação às grávidas, a impressão foi de que são acolhidas, contudo, as condições socioculturais mantiveram sob julgamento, não somente para a gravidez como para outros aspectos e comportamentos relacionados à sexualidade. A escola mostrou dificuldade de lidar com as questões da homossexualidade. De forma geral entre os professores, há barreiras e limites para trabalhar a sexualidade, pela cultura local e valores religiosos, e haveria a necessidade de maior reflexão e discussão entre os professores, para atender mais às recomendações dos Documentos Oficiais.

Escola B = Categoria APES – Para esta escola houve pouca receptividade da diretora, que teve resistência em conceder a entrevista e embora tenha havido boa receptividade da pedagoga e da professora de Ciências, não houve divulgação das oficinas entre os professores e entre os familiares. As oficinas não se concretizaram nesta escola, pela desistência dos alunos e dos licenciandos. Não foi possível obter informações sobre todos os aspectos pontuados na pesquisa, pois não houve a disposição necessária para revelar os problemas enfrentados, com a sensação de que havia a omissão ao enfrentamento das questões da sexualidade. Embora a escola não rejeitasse receber as ajudas externas e tivesse

algumas ações e trabalhos sobre sexualidade desenvolvidos pela professora de Ciências, houve a percepção da baixa adesão à ES e da resistência dos professores relacionada aos valores morais, além de considerar não ser de competência da escola tais funções. A escola quer garantir a imagem do cumprimento das Diretrizes Estaduais, privilegiando os conteúdos e utilizando as ações externas para justificar os trabalhos complementares, contudo, haveria a necessidade da reflexão sobre as orientações no que concerne à sexualidade.

Escola C = Categoria APES – *Nesta escola houve dificuldade na recepção com a diretora e pedagoga, que não estavam prontamente dispostas a conceder entrevista. Ficou evidente que não há omissão às questões da sexualidade, contudo, são outros problemas mais incômodos que tem que ser resolvidos. A justificativa é de a ES não deveria ser função da escola, que já tem muitos atributos, além do fato de que o meio sociocultural dos alunos é determinante, e qualquer tentativa da escola de promover mudanças e conscientização não seria válida, porque as famílias não participam da educação escolar dos filhos. Contudo, a professora de Ciências se mostrou comprometida com a temática, pelas iniciativas criativas desenvolvidas e o atendimento aos alunos, sendo aperfeiçoado com a pós-graduação, que lhe proporciona meios para melhorar sua prática e discutir assuntos delicados como homossexualidade e diversidade sexual, com a expectativa de promover mais intervenções eficazes e duradouras na escola. Não houve divulgação das oficinas entre os professores e os familiares, havendo pouco apoio da escola na ocasião da realização das atividades, contudo, os trabalhos foram concretizados. A escola não manifestou preocupação em seguir as recomendações dos Documentos Oficiais.*

Escola D = Categoria APES – *Para esta escola houve resistência por parte da diretora em conceder entrevista, e em fornecer informações as quais considerava sigilosas, sobretudo nos aspectos de pedofilia, prostituição infantil e conseqüentemente, gravidez. Houve a sensação de que a escola não se julga competente para resolver os graves problemas enfrentados, justificada pelo fato de que a família e o meio ambiente tem maior poder de ação do que a escola. As concepções da pedagoga sobre os homossexuais mostraram o quanto a escola precisaria discutir e vencer as barreiras impostas pelos valores morais da sociedade, assim como foi percebido com as opiniões de outros professores nos questionários. Houve pouca divulgação das oficinas entre os professores e sob a forma de bilhetes aos familiares. Houve interação entre licenciandos e alunos, cumprindo as atividades propostas com êxito e participação de uma mãe em um dos encontros. A professora de Ciências se mostrou comprometida com a temática, apesar da pouca experiência. A escola não manifestou preocupação em seguir as recomendações dos Documentos Oficiais.*

Escola E = Categoria APES – *Nesta escola houve dificuldade em conversar com a diretora e pedagoga. Estas professoras estavam pouco disponíveis, de modo que alguns dos temas que pontuamos na pesquisa não foram atendidos pela inexistência dos casos ou omissão. Foi perceptível o pouco interesse com relação à sexualidade, verbalizado pelas dirigentes da escola, ao confirmar que as preocupações são de outra natureza e que o nível socioeconômico dos alunos condiciona os comportamentos observados. A professora de Ciências se mostrou envolvida, utilizando metodologias e recursos didáticos em suas aulas, aliando o conteúdo programático com a temática, além de ter executado ações de destaque, como um projeto sobre gravidez em que fez questão de comunicar os familiares e conscientizá-los sobre a relevância desta e de outras temáticas relacionadas à sexualidade. Houve a manifestação negativa dos professores no questionário, refletindo as concepções e valores pessoais pouco flexíveis sobre o tema. Não houve a divulgação das oficinas entre professores e familiares, contudo os licenciandos atenderam os alunos, cumprindo a proposta do projeto. Apenas a professora de Ciências fez menção aos Documentos Oficiais.*

Escola F = Categoria AAES – *Para esta escola houve grande receptividade da direção e pedagoga à pesquisadora, fornecendo as informações desejadas, oferecendo apoio às*

atividades de oficinas, com o atendimento aos familiares sobre dúvidas acerca do projeto e suporte aos licenciandos, além de estimular os alunos dos períodos matutino e vespertino a participar. Por se tratar de ser a realidade desta escola distinta das demais, uma das maiores preocupações era mudar a concepção das alunas e até de suas famílias, em engravidar e se casar aos 14 ou 15 anos, nos moldes da cultura local. Sobre os demais temas, a questão dos homossexuais foi percebida com reticência, bem como a inflexibilidade verificada com as respostas dos professores no questionário. A professora de Ciências foi mais restrita às informações fornecidas, contudo, se mostrou envolvida e preocupada em realizar a ES, ao relatar as atividades já desenvolvidas. Houve a manifestação em atender algumas das recomendações da Secretaria, sobretudo no quesito dos cursos oferecidos na área em questão.

Escola G = Categoria APES – *Nesta escola não houve dificuldades na recepção da diretora, pedagoga e professora de Ciências em participar da pesquisa, porém, o mesmo empenho não foi observado com relação à divulgação das oficinas aos professores e familiares. Houve decepção dos licenciandos com relação aos alunos desta escola que desistiram de participar das oficinas por motivos não informados. Foi percebida pouca preocupação em implementar programas efetivos de ES pela direção da escola, justificada pelo fato de que o material vindo da Secretaria de Educação para trabalho nas reuniões pedagógicas não abordava temas na área da sexualidade. A professora de Ciências se mostrou atenciosa e solícita às necessidades dos alunos, assim como a pedagoga, contudo não houve um rigor curricular nas ações. Temas como a pedofilia e a prostituição infantil foram apontados como inexistentes; para a gravidez poderia haver menos julgamento e mais apoio e a homossexualidade gerou impasse sobre a aceitação tal qual a heteronormalidade, e por isso mesmo poderia ser mais discutida entre os professores. As opiniões moralistas dos professores no questionário complementaram ainda mais as impressões negativas acerca da sexualidade. Não houve preocupação em seguir as recomendações dos Documentos Oficiais por nenhum dos professores que participaram da pesquisa.*

APÊNDICE H – Lista de Tabelas relacionadas à escola A

Tabela 7 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A

Dimensão Gravidez	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	3	0	1	0	-	-	1	0
Categoria APES	1	1	-	-	3	3	-	-
Categoria AAES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	0,3		0,0		1,0		0,0	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 8 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A

Dimensão Homossexualidade	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	4	0	-	-	-	-	1	0
Categoria APES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria AAES	-	-	-	-	-	-	2	4
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	0,0		-		-		1,3	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 9 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A

Dimensão Pedofilia / Prostituição infantil	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	6	0	-	-	2	0	-	-
Categoria APES	5	5	-	-	1	1	-	-
Categoria AAES	1	2	-	-	0	0	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	0	0	-	-
Média	0,6		-		0,3		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 10 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A

Dimensão Promover ações de ES	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	1	0	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	-	-	2	2	3	3	3	3
Categoria AAES	1	2	-	-	8	16	1	2
Categoria ACES	-	-	1	3	-	-	-	-
Média	1,0		1,7		1,7		1,3	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 11 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A

Dimensão Promover discussões internas com os professores	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	1	1	-	-	-	-	-	-
Categoria AAES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria ACES	1	3	-	-	-	-	-	-
Média	2,0		-		-		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 12 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A

Dimensão Promover encontros com os familiares sobre a ES	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	0	0	-	-
Categoria APES	-	-	-	-	0	0	-	-
Categoria AAES	2	4	-	-	0	0	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	2	6	-	-
Média	2,0		-		3,0		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 13 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A

Dimensão Eventos escolares envolvendo sexualidade	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	0	0	-	-	0	0	-	-
Categoria APES	2	2	-	-	1	1	-	-
Categoria AAES	1	2	-	-	1	2	-	-
Categoria ACES	0	0	-	-	0	0	-	-
Média	1,3		-		1,5		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 14 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola A

Dimensão Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	-	-	1	0
Categoria APES	-	-	-	-	-	-	1	1
Categoria AAES	-	-	-	-	-	-	0	0
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	0	0
Média	-		-		-		0,5	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 15 – Médias parciais por agentes da escola e média da avaliação interna da escola A

Dimensão	Avaliação Interna			
	Média Diretora	Média Pedagoga	Média Professora de Ciências	Média Professores de outras disciplinas
Gravidez	0,3	0,0	1,0	0,0
Homossexualidade	0,0	-	-	1,3
Pedofilia/Prostituição infantil	0,6	-	0,3	-
Promover ações de ES	1,0	1,7	1,7	1,3
Promover discussões internas com os professores	2,0	-	-	-
Promover encontros com os familiares sobre a ES	2,0	-	3,0	-
Eventos escolares envolvendo sexualidade	1,3	-	1,5	-
Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos	-	-	-	0,5
Média Parcial	1,0	0,9	1,5	0,8
Média Avaliação Interna	1,1			

Tabela 16 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação externa da escola A

Categorias	Avaliação Externa							
	Alunas Grávidas		Licenciandos		Alunos		Pesquisadora	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	1	0	-	-
Categoria APES	1	1	-	-	1	1	-	-
Categoria AAES	1	2	2	4	1	2	1	2
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média Parcial	1,5		2,0		1,0		2,0	
Média Avaliação Externa	1,6							

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 18 – Média final da escola

Escola	Avaliação Interna Média / Peso 2	Avaliação Externa Média (Peso 1)	Média Final
A	1,1 / 2,2	1,6	1,3

APÊNDICE I – Lista de Tabelas relacionadas à escola B

Tabela 19 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola B

Dimensão Gravidez	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	1	0	-	-	-	-
Categoria APES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria AAES	-	-	-	-	1	2	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	-	-	0,0	-	2,0	-	-	-

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 20 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola B

Dimensão Homossexualidade	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NR	T	NR	T	NR	T
Categoria RES	2	0	1	0	-	-	-	-
Categoria APES	-	-	3	3	-	-	-	-
Categoria AAES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	0,0	-	0,8	-	-	-	-	-

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 21 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola B

Dimensão Pedofilia / Prostituição infantil	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	-	-	-	-	1	1	-	-
Categoria AAES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	-	-	-	-	1,0	-	-	-

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 22 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola B

Dimensão Promover ações de ES	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	1	0	1	0	-	-
Categoria APES	2	2	2	2	4	4	-	-
Categoria AAES	-	-	1	2	2	4	1	2
Categoria ACES	-	-	-	-	0	0	-	-
Média	1,0		1,0		1,1		2,0	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 23 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola B

Dimensão Promover discussões internas com os professores	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	1	0	-	-	-	-
Categoria APES	1	1	1	1	-	-	-	-
Categoria AAES	1	2	-	-	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	1,5		0,5		-		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 24 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola B

Dimensão Promover encontros com os familiares sobre a ES	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	1	0	-	-	1	0	-	-
Categoria APES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria AAES	-	-	1	2	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	0,0		2,0		0,0		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 25 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola B

Dimensão Eventos escolares envolvendo sexualidade	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria AAES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	-	-	-	-	-	-	-	-

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 26 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola B

Dimensão Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NR	**T	NR	T	NR	T	NR	T
Categoria RES	-	-	5	0	-	-	7	0
Categoria APES	-	-	2	2	-	-	4	4
Categoria AAES	-	-	-	-	2	4	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	-	-	0,3		2,0		0,4	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 27– Médias parciais por agentes da escola e média da avaliação interna da escola B

Dimensão	Avaliação Interna			
	Média Diretora	Média Pedagoga	Média Professora de Ciências	Média Professores de outras disciplinas
Gravidez	-	0,0	2,0	-
Homossexualidade	0,0	0,8	-	-
Pedofilia/Prostituição Infantil	-	-	1,0	-
Promover ações de ES	1,0	1,0	1,1	2,0
Promover discussões internas com os professores	1,5	0,5	-	-
Promover encontros com os familiares sobre a ES	0,0	2,0	0,0	-
Eventos escolares envolvendo sexualidade	-	-	-	-
Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos	-	0,3	2,0	0,4
Média Parcial	0,6	0,8	1,2	1,2
Média Avaliação Interna			1,0	

Tabela 28 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação externa da escola B

Categorias	Avaliação Externa					
	Licenciandos		Alunos		Pesquisadora	
	*NI	**T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	2	0	-	-
Categoria APES	-	-	2	2	1	1
Categoria AAES	-	-	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-
Média Parcial		-		0,5		1,0
Média Avaliação Externa				0,8		

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 30 – Média final da escola

Escola	Avaliação Interna Média / Peso 2	Avaliação Externa Média (Peso 1)	Média Final
B	1,0 / 2,0	0,8	0,9

APÊNDICE J – Lista de Tabelas relacionadas à escola C

Tabela 31 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola C

Dimensão Gravidez	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	4	0	-	-	0	0	-	-
Categoria APES	1	1	-	-	1	1	-	-
Categoria AAES	-	-	-	-	1	2	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	0,2		-		1,5		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 32 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola C

Dimensão Homossexualidade	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NR	**T	NR	T	NR	T	NR	T
Categoria RES	2	0	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria AAES	1	2	-	-	-	-	1	2
Categoria ACES	-	-	-	-	1	3	-	-
Média	0,7		-		3,0		2,0	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 33 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola C

Dimensão Pedofilia / Prostituição infantil	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NR	**T	NR	T	NR	T	NR	T
Categoria RES	3	0	-	-	1	0	-	-
Categoria APES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria AAES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	0,0		-		0,0		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 34 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola C

Dimensão Promover ações de ES	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NR	**T	NR	T	NR	T	NR	T
Categoria RES	-	-	-	-	-	-	3	0
Categoria APES	-	-	2	2	-	-	2	2
Categoria AAES	3	6	1	2	4	8	1	2
Categoria ACES	-	-	-	-	4	12	-	-
Média	2,0		1,3		2,5		0,7	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 35 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola C

Dimensão Promover discussões internas com os professores	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NR	**T	NR	T	NR	T	NR	T
Categoria RES	2	0	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	-	-	1	1	1	1	-	-
Categoria AAES	-	-	-	-	1	2	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	0,0		1,0		1,5		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 36 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola C

Dimensão Promover encontros com os familiares sobre a ES	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NR	**T	NR	T	NR	T	NR	T
Categoria RES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	2	2	-	-	-	-	-	-
Categoria AAES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	1,0		-		-		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 37 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola C

Dimensão Eventos escolares envolvendo sexualidade	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NR	**T	NR	T	NR	T	NR	T
Categoria RES	-	-	-	-	1	0	-	-
Categoria APES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria AAES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	-	-	-	-	0,0	-	-	-

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 38 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola C

Dimensão Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NR	**T	NR	T	NR	T	NR	T
Categoria RES	-	-	-	-	-	-	2	0
Categoria APES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria AAES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	-	-	-	-	-	-	0,0	-

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 39 – Médias parciais por agentes da escola e média da avaliação interna da escola C

Dimensão	Avaliação Interna			
	Média Diretora	Média Pedagoga	Média Professora de Ciências	Média Professores de outras disciplinas
Gravidez	0,2	-	1,5	-
Homossexualidade	0,7	-	3,0	2,0
Pedofilia/Prostituição Infantil	0,0	-	0,0	-
Promover ações de ES	2,0	1,3	2,5	0,7
Promover discussões internas com os professores	0,0	1,0	1,5	-
Promover encontros com os familiares sobre a ES	1,0	-	-	-
Eventos escolares envolvendo sexualidade	-	-	0,0	-
Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos	-	-	-	0,0
Média Parcial	0,7	1,2	1,4	0,9
Média Avaliação Interna	1,1			

Tabela 40 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação externa da escola C

Categorias	Avaliação Externa					
	Licenciandos		Alunos		Pesquisadora	
	*NI	**T	NI	T	NI	T
Categoria RES	1	0	2	0	-	-
Categoria APES	2	2	1	1	1	1
Categoria AAES	-	-	1	2	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-
Média Parcial	0,7		0,8		1,0	
Média Avaliação Externa	0,8					

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 42 – Média final da escola

Escola	Avaliação Interna Média / Peso 2	Avaliação Externa Média (Peso 1)	Média Final
C	1,1 / 2,2	0,8	1,0

APÊNDICE K – Lista de Tabelas relacionadas à escola D

Tabela 43 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola D

Dimensão Gravidez	Diretora		Pedagoga		Professora de Biologia		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	1	0	-	-
Categoria APES	-	-	3	3	-	-	-	-
Categoria AAES	1	2	-	-	1	2	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	2,0		1,0		1,0		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 44 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola D

Dimensão Homossexualidade	Diretora		Pedagoga		Professora de Biologia		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	2	0	-	-	-	-
Categoria APES	-	-	2	2	-	-	-	-
Categoria AAES	1	2	-	-	2	4	3	6
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	2,0		0,5		2,0		2,0	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 45 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola D

Dimensão Pedofilia / Prostituição infantil	Diretora		Pedagoga		Professora de Biologia		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	4	0	1	0	-	-	-	-
Categoria APES	4	4	1	1	-	-	-	-
Categoria AAES	1	2	-	0	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	0	-	-	-	-
Média	0,7		0,5		-		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 46 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola D

Dimensão Promover ações de ES	Diretora		Pedagoga		Professora de Biologia		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	1	0	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	1	1	1	1	1	1	6	6
Categoria AAES	2	4	1	2	7	14	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	2	6	-	-
Média	1,3		1,5		2,1		1,0	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 47 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola D

Dimensão Promover discussões internas com os professores	Diretora		Pedagoga		Professora de Biologia		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	1	1	1	1	-	-	-	-
Categoria AAES	1	2	-	-	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	1,5		1,0		-		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 48 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola D

Dimensão Promover encontros com os familiares sobre a ES	Diretora		Pedagoga		Professora de Biologia		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	1	1	-	-	-	-	-	-
Categoria AAES	1	2	-	-	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	1,5		-		-		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 49 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola D

Dimensão Eventos escolares envolvendo sexualidade	Diretora		Pedagoga		Professora de Biologia		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	2	0	3	0	-	-	-	-
Categoria APES	-	-	-	-	1	1	-	-
Categoria AAES	2	4	-	-	-	-	1	2
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	1,0		0,0		1,0		2,0	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 50 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola D

Dimensão Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos	Diretora		Pedagoga		Professora de Biologia		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	1	0	1	0	-	-	5	0
Categoria APES	-	-	-	-	-	-	3	3
Categoria AAES	-	-	-	-	2	4	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	0,0		0,0		2,0		0,4	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 51 – Médias parciais por agentes da escola e média da avaliação interna da escola D

Dimensão	Avaliação Interna			
	Média Diretora	Média Pedagoga	Média Professora de Biologia	Média Professores de outras disciplinas
Gravidez	2,0	1,0	1,0	-
Homossexualidade	2,0	0,5	2,0	2,0
Pedofilia/Prostituição Infantil	0,7	0,5	-	-
Promover ações de ES	1,3	1,5	2,1	1,0
Promover discussões internas com os professores	1,5	1,0	-	-
Promover encontros com os familiares sobre a ES	1,5	-	-	-
Eventos escolares envolvendo sexualidade	1,0	0,0	1,0	2,0
Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos	0,0	0,0	2,0	0,4
Média Parcial	1,3	0,6	1,6	1,4
Média Avaliação Interna	1,2			

Tabela 52 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação externa da escola D

Categorias	Avaliação Externa					
	Licenciandos		Alunos		Pesquisadora	
	*NI	**T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	1	1	2	2	1	1
Categoria AAES	1	2	1	2	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-
Média Parcial		1,5		1,3		1,0
Média Avaliação Externa				1,3		

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 54 – Média final da escola

Escola	Avaliação Interna Média / Peso 2	Avaliação Externa Média (Peso 1)	Média Final
D	1,2 / 2,4	1,3	1,2

APÊNDICE L – Lista de Tabelas relacionadas à escola E

Tabela 55 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola E

Dimensão Gravidez	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria AAES	1	2	1	2	1	2	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	2,0		2,0		2,0		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 56 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola E

Dimensão Homossexualidade	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	-	-	1	0
Categoria APES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria AAES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	-		-		-		0,0	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 57 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola E

Dimensão Pedofilia / Prostituição infantil	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	-	-	-	-	1	1	-	-
Categoria AAES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	-		-		1,0		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 58 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola E

Dimensão Promover ações de ES	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	-	-	1	0
Categoria APES	-	-	1	1	-	-	2	2
Categoria AAES	1	2	-	-	8	16	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	5	15	-	-
Média	2,0		1,0		2,4		0,7	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 59 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola E

Dimensão Promover discussões internas com os professores	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	1	0	2	0	-	-
Categoria APES	-	-	1	1	2	2	-	-
Categoria AAES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	-		0,5		0,5		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 60 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola E

Dimensão Promover encontros com os familiares sobre a ES	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria AAES	-	-	1	2	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	1	3	-	-
Média	-		2,0		3,0		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 61 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola E

Dimensão Eventos escolares envolvendo sexualidade	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	1	0	-	-	1	0
Categoria APES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria AAES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	-	-	0,0	-	-	-	0,0	-

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 62 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola E

Dimensão Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	-	-	3	0
Categoria APES	-	-	-	-	-	-	1	1
Categoria AAES	-	-	-	-	1	2	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	-	-	-	-	2,0	-	0,3	-

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 63 – Médias parciais por agentes da escola e média da avaliação interna da escola E

Dimensão	Avaliação Interna			
	Média Diretora	Média Pedagoga	Média Professora de Ciências	Média Professores de outras disciplinas
Gravidez	2,0	2,0	2,0	-
Homossexualidade	-	-	-	0,0
Pedofilia/Prostituição Infantil	-	-	1,0	-
Promover ações de ES	2,0	1,0	2,4	0,7
Promover discussões internas com os professores	-	0,5	0,5	-
Promover encontros com os familiares sobre a ES	-	2,0	3,0	-
Eventos escolares envolvendo sexualidade	-	0,0	-	0,0
Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos	-	-	2,0	0,3
Média Parcial	2,0	1,1	1,8	0,3
Média Avaliação Interna	1,3			

Tabela 64 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação externa da escola E

Categorias	Avaliação Externa					
	Licenciandos		Alunos		Pesquisadora	
	*NI	**T	NI	T	NI	T
Categoria RES	1	0	2	0	-	-
Categoria APES	1	1	1	1	1	1
Categoria AAES	-	-	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-
Média Parcial	0,5		0,3		1,0	
Média Avaliação Externa	0,6					

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 66 – Média final da escola

Escola	Avaliação Interna Média / Peso 2	Avaliação Externa Média (Peso 1)	Média Final
E	1,3 / 2,6	0,6	1,1

APÊNDICE M – Lista de Tabelas relacionadas à escola F

Tabela 67 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola F

Dimensão Gravidez	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	2	-	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	1	1	1	1	-	-	-	-
Categoria AAES	1	2	3	6	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	0,8		1,8		-		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 68 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola F

Dimensão Homossexualidade	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	2	0	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	3	3	-	-	-	-	-	-
Categoria AAES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria ACES	1	3	-	-	-	-	-	-
Média	1,0		-		-		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 69 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola F

Dimensão Pedofilia / Prostituição infantil	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria AAES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	-		-		-		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 70 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola F

Dimensão Promover ações de ES	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	-	-	1	0
Categoria APES	5	5	-	-	-	-	-	-
Categoria AAES	2	4	5	10	1	2	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	2	6	-	-
Média	1,3		2,0		2,7		0,0	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 71 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola F

Dimensão Promover discussões internas com os professores	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	1	1	-	-	-	-	-	-
Categoria AAES	2	4	3	6	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	1,7		2,0		-		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 72 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola F

Dimensão Promover encontros com os familiares sobre a ES	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	1	1	1	1	-	-	-	-
Categoria AAES	3	6	-	-	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	1,8		1,0		-		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 73 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola F

Dimensão Eventos escolares envolvendo sexualidade	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria AAES	1	2	-	-	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	2,0		-		-		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 74 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola F

Dimensão Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos	Diretora		Pedagoga		Professora de Ciências		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	-	-	2	0
Categoria APES	1	1	-	-	-	-	-	-
Categoria AAES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	1,0		-		-		0,0	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 75 – Médias parciais por agentes da escola e média da avaliação interna da escola F

Dimensão	Avaliação Interna			
	Média Diretora	Média Pedagoga	Média Professora de Ciências	Média Professores de outras disciplinas
Gravidez	0,8	1,8	-	-
Homossexualidade	1,0	-	-	-
Pedofilia/Prostituição Infantil	-	-	-	-
Promover ações de ES	1,3	2,0	2,7	0,0
Promover discussões internas com os professores	1,7	2,0	-	-
Promover encontros com os familiares sobre a ES	1,8	1,0	-	-
Eventos escolares envolvendo sexualidade	2,0	-	-	-
Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos	1,0	-	-	0,0
Média Parcial	1,4	1,7	2,7	0,0
Média Avaliação Interna	1,5			

Tabela 76 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação externa da escola F

Categorias	Avaliação Externa					
	Licenciandos		Alunos		Pesquisadora	
	*NI	**T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	2	0	-	-
Categoria APES	-	-	1	1	-	-
Categoria AAES	2	4	2	4	1	2
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-
Média Parcial	2,0		1,0		2,0	
Média Avaliação Externa						1,7

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 78 – Média final da escola

Escola	Avaliação Interna Média / Peso 2	Avaliação Externa Média (Peso 1)	Média Final
F	1,5 / 3,0	1,7	1,6

APÊNDICE N – Lista de Tabelas relacionadas à escola G

Tabela 79 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola G

Dimensão Gravidez	Diretora		Pedagoga		Professora de Biologia		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	3	0	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	1	1	1	1	-	-	-	-
Categoria AAES	-	-	-	-	1	2	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	0,3		1,0		2,0		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 80 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola G

Dimensão Homossexualidade	Diretora		Pedagoga		Professora de Biologia		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	2	0	1	0	-	-	-	-
Categoria APES	1	1	1	1	1	1	-	-
Categoria AAES	-	-	1	2	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	0,3		1,0		1,0		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 81 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola G

Dimensão Pedofilia / Prostituição infantil	Diretora		Pedagoga		Professora de Biologia		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria AAES	-	-	1	2	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	-		2,0		-		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 82 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola G

Dimensão Promover ações de ES	Diretora		Pedagoga		Professora de Biologia		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	1	0	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	5	5	3	3	1	1	5	5
Categoria AAES	-	-	1	2	11	22	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	0,8		1,3		1,9		1,0	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 83 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola G

Dimensão Promover discussões internas com os professores	Diretora		Pedagoga		Professora de Biologia		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	1	0	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	1	1	1	1	-	-	-	-
Categoria AAES	1	2	1	2	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	1,0		1,5		-		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 84 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola G

Dimensão Promover encontros com os familiares sobre a ES	Diretora		Pedagoga		Professora de Biologia		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	1	0	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria AAES	-	-	1	2	-	-	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	0,0		2,0		-		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 85 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola G

Dimensão Eventos escolares envolvendo sexualidade	Diretora		Pedagoga		Professora de Biologia		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	-	-	-	-	-	-	-	-
Categoria APES	-	-	-	-	1	1	-	-
Categoria AAES	-	-	1	2	2	4	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	-		2,0		1,7		-	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 86 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação interna da escola G

Dimensão Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos	Diretora		Pedagoga		Professora de Biologia		Professores de outras disciplinas	
	*NI	**T	NI	T	NI	T	NI	T
Categoria RES	1	0	-	-	-	-	8	0
Categoria APES	-	-	-	-	-	-	3	3
Categoria AAES	-	-	3	6	1	2	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-	-	-
Média	0,0		2,0		2,0		0,3	

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 87 – Médias parciais por agentes da escola e média da avaliação interna da escola G

Dimensão	Avaliação Interna			
	Média Diretora	Média Pedagoga	Média Professora de Biologia	Média Professores de outras disciplinas
Gravidez	0,3	1,0	2,0	-
Homossexualidade	0,3	1,0	1,0	-
Pedofilia/Prostituição infantil	-	2,0	-	-
Promover ações de ES	0,8	1,3	1,9	1,0
Promover discussões internas com os professores	1,0	1,5	-	-
Promover encontros com os familiares sobre a ES	0,0	2,0	-	-
Eventos escolares envolvendo sexualidade	-	2,0	1,7	-
Relação entre Sexualidade e Valores morais e religiosos	0,0	2,0	2,0	0,3
Média Parcial	0,4	1,6	1,7	0,7
Média Avaliação Interna			1,1	

Tabela 88 – Médias por dimensão para os sujeitos da pesquisa integrantes da avaliação externa da escola G

Categorias	Avaliação Externa					
	Licenciandos		Alunos		Pesquisadora	
	*NI	**T	NI	T	NI	T
Categoria RES	1	0	1	0	-	-
Categoria APES	1	1	2	2	1	1
Categoria AAES	-	-	1	2	-	-
Categoria ACES	-	-	-	-	-	-
Média Parcial	0,5		1,0		1,0	
Média Avaliação Externa	0,8					

*NI – Número de indicações para as categorias

**T – Total para as categorias

Tabela 90 – Média final da escola

Escola	Avaliação Interna Média / Peso 2	Avaliação Externa Média (Peso 1)	Média Final
G	1,1 / 2,2	0,8	1,0